

Deusa do Havai

Donna Anders

Série Havai – Vol. 1

Clássicos da Literatura Romântica

Copyright © 1991 by Donna Anders
Publicado originalmente em 1991 pela
Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Título original: **MARI**

Tradução: Marcília Britto

Copyright para a língua portuguesa: 1992

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410

São Paulo — SP — Brasil

Caixa Postal 9442

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

PROJETO REVISORAS

***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

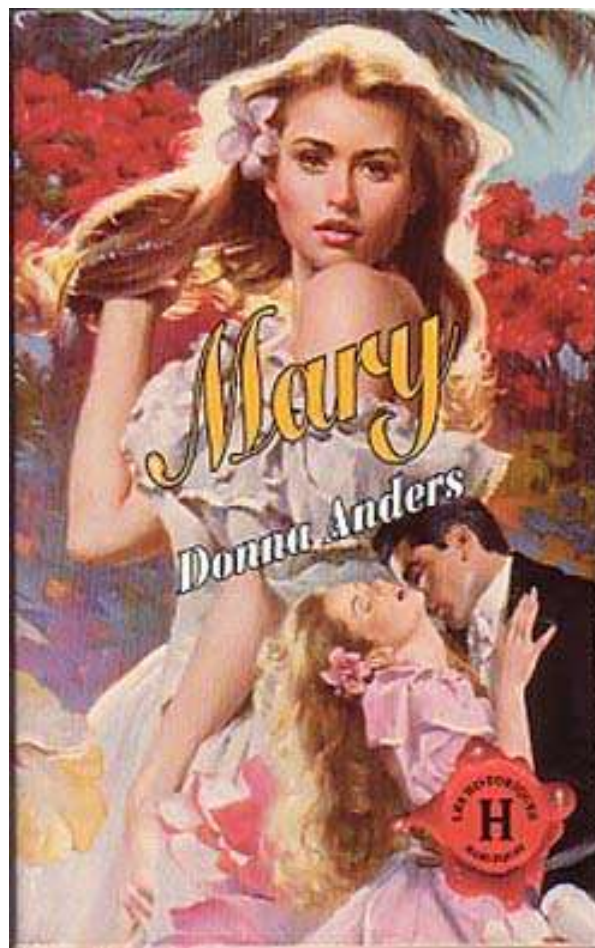
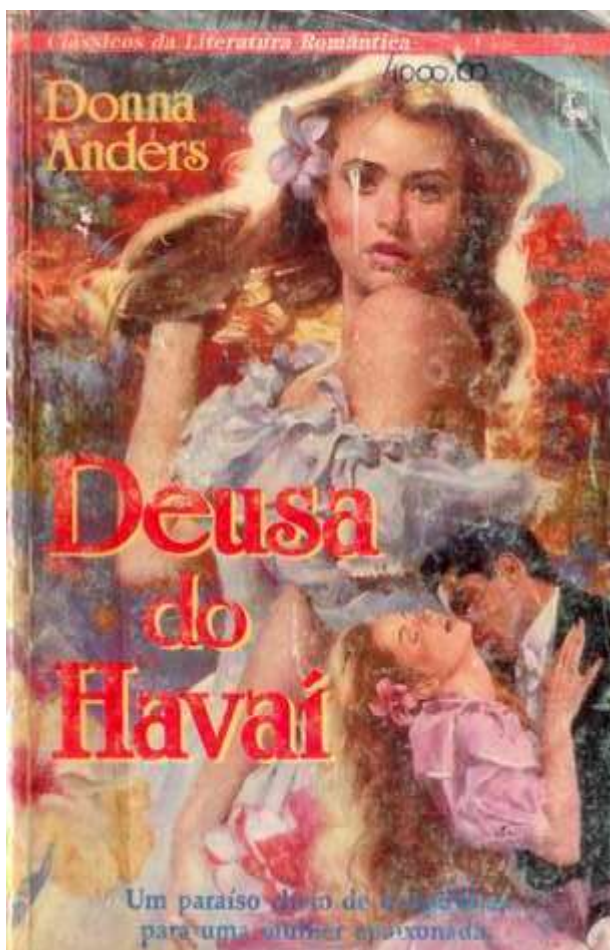
Disponibilização: **NutriRosangela**

Apoio: **contribuintes da caixinha**

Digitalização: **Palas Atenéia**

Revisão: **Cynthia**





CÉU E INFERNO HABITAVAM AS ILHAS DO HAVAÍ. A SENSUALIDADE PERMEAVA O AR, E O FOGO ENVOLVIA AS ENTRANHAS DA TERRA FAZENDO OS VULCÕES EXPLODIREM EM LAVAS SEM O MENOR AVISO PARA PUNIR QUEM PROVOCAVA A IRA DOS DEUSES.

Ninguém podia quebrar os velhos tabus. A tórrida paixão entre o poderoso proprietário rural, Adam Foster, e a estrangeira Mari Webster era vista como uma ameaça por todos que acreditavam nas antigas crenças pagãs. Ainda tinham vividos na memória o impacto fatal dos castigos sofridos por outros amantes que ignoraram os desígnios sagrados e profanaram os antigos templos.

Mari e Adam não podiam consumir seu pecado. Ou iriam receber a maldição dos deuses e o ódio de toda uma comunidade enfurecida!

No exótico esplendor do Havaí do século passado, um romance que desafia todas as crenças e leis!

SÉRIE HAVAÍ

1. Deusa do Havaí

2. O paraíso de Luana – Clássicos da Literatura Romântica

Obs.: o livro "O paraíso de Luana", conta a história da filha do casal protagonista de "Deusa do Havaí".

O PARAÍSO DE LUANA

Donna Anders

Luana Foster voltava ao Havaí com o coração ferido. Depois de ter sido traída pelo noivo, ela ansiava apenas por um pouco de paz. Porém sua querida terra natal também atravessava uma crise e lhe reservava grandes surpresas. A falência econômica acirrava os ânimos da população e gerava desavenças até mesmo entre amigos...

Criada com mimo e longe de problemas, Luana agora se deixava arrastar pelo turbilhão caótico à sua volta. Não era o momento de se apaixonar outra vez... e enfrentar uma situação mais difícil que o fim de seu noivado. Mas acabou envolvida com um homem cujo passado estava marcado pela desonra. John Stillman representava uma sombra negra na vida dos pais de Luana!

**John e Luana se amaram
com loucura, além dos limites
da compreensão humana!**



A autora

Donna Anders gosta de todas as etapas que envolvem a criação de um livro, especialmente a pesquisa. Sua aguda curiosidade levou-a a viver as mais inusitadas experiências. Certa vez, acabou perdida em uma erma paragem do México, onde só havia um único lugar para passar a noite: um bordel!

Quando a inquieta escritora não está escrevendo um romance, dirigindo um curso de literatura ou organizando eventos, ela aproveita seu precioso tempo livre lendo, pintando ou dando longas caminhadas.

CAPÍTULO I

— Eu devia ter nascido homem!

Mari Webster parou de caminhar pela sala vazia a fim de admirar seu quadro favorito sobre a lareira. Era uma marinha que a lembrava de seu pai, um pescador de baleias que vivia em plena liberdade, cruzando os oceanos. Se ela não tivesse nascido mulher também poderia partir para o mar em busca de aventuras.

Ela virou-se tão rapidamente para a janela que o branco alvo de suas anáguas brilhou na sala sombria. Toda a sua agitação tinha um motivo bastante válido. Mari estava apreensiva com o que ocorrera no cais no dia anterior.

Os avós, com quem morava, não permitiam que ela fosse sozinha até as docas de New Bedford, mas Mari conseguia escapar às escondidas, em busca de notícias do pai, sempre que aportava um novo navio. Vivia na esperança de que ele enviasse um mensageiro com o dinheiro da passagem e a chamasse para encontrá-lo em sua ilha do Pacífico.

Então, lembrando-se do que ocorrera no dia anterior, Mari enrubesceu, revivendo a humilhação.

Um marinheiro, com uma cicatriz no rosto curtido pelo sol, aproximara-se dela, sorrindo.

— Uma mocinha não vem sozinha às docas, a não ser que esteja procurando diversão!

Mari tentara ignorá-lo mas o homem agarrou-a pelo braço e fez um comentário obsceno com outro marujo. Ela havia lutado com todas as forças para soltar-se e finalmente conseguira abalar o equilíbrio do marujo, atirando-o para dentro da água. Ao ouvir seus gritos indignados, fugiu do cais, enveredando pelas ruelas estreitas até sentir-se em segurança.

O vento soltara seus longos cabelos loiros e ela foi obrigada a erguer as saias, numa atitude pouco elegante, para correr com maior liberdade. Mari chegou em casa ofegante e pedindo a Deus que o avô não ouvisse falar desse incidente.

Agora, Mari permanecia imóvel diante da janela, surpresa com o colorido dourado do jardim. Ainda na manhã anterior, as folhas estavam verdes e, em sua aflição, não notara a chegada do outono. Será que a notícia

de sua malfadada aventura no cais já se espalhara? Logo saberia porque, dentro de alguns minutos, percorreria seu trajeto de todos os dias, descendo a interminável ladeira que ligava sua casa, no alto da colina, ao estaleiro nas docas de New Bedford.

Por um momento, sentiu saudades dos tempos em que estudara na Academia Prichard para Moças. Esse período alegre de sua vida fora interrompido quando o avô pedira-lhe que se encarregasse dos arquivos do estaleiro e trocara a companhia das colegas pela dos funcionários da empresa, partilhando a sala escura, cheirando a tinta e poeira. Felizmente, com a chegada dos dias mais frios, o ambiente já não parecia tão opressivo.

O coração de Mari quase parou ao ouvir os passos do avô entrando na sala. Durante o café da manhã, ele a avisara que tinham assuntos a tratar mas, embora prevenida, assustou-se ao vê-lo parado à porta com seu costumeiro terno preto, abotoado até o pescoço.

Ele jamais aceitaria seu modo de ser. Estava morando com os avós há oito anos, logo após a morte de sua mãe. Seu pai, Russell Webster, tinha partido em 1859 e, em seu desespero por ter perdido a esposa, não pensara na filha que deixava com apenas dez anos.

Russell era baleeiro desde a juventude e partira para o oceano Pacífico, do outro lado da Terra. Os avós tinham se horrorizado com o choro desesperado da menina que não se conformava em se separar do pai. Eles haviam se preparado para receber em seu lar uma criança dócil, que adaptariam a seus hábitos severos. Estavam sempre prontos a criticar a origem modesta da nora, a irresponsabilidade do filho e a insistir que Mari devia ser uma moça respeitável a fim de arranjar um bom marido.

Ela, porém, estava determinada a lutar, até seu último alento, para que o seu marido não fosse escolhido pelos avós!

O avô indicou-lhe uma cadeira e permaneceu em pé, junto da lareira. Continuava em silêncio para aumentar a aflição da neta, mas Mari conhecia as táticas do velho e ergueu o queixo num gesto de desafio, uma atitude que o enfurecia porque revelava o mesmo orgulho de sua mãe irlandesa.

Nunca deixara de sentir a reprovação dos avós, mesmo quando os obedecia sem questionar as ordens. Tinham-lhe dado um lar mas jamais demonstrado carinho. Ridicularizavam a religião de sua mãe, obrigando-a a freqüentar a igreja deles. Mari sempre fora uma excelente aluna e sua única distração, extremamente rara, tinha sido cavalgar ou nadar, acompanhada por tio George. Então, terminara os estudos, aos dezoito anos, e as regras domésticas haviam se tornado ainda mais rígidas.

— Você envergonhou a família, Marianne! — exclamou ele, assustando-a com sua voz trovejante. — Como explica ter ido às docas como uma... uma prostituta?

— Eu não fiz nada errado — ela procurou manter a calma. — Foi o marinheiro que...

— Silêncio! Eu decido o que é certo ou errado, mocinha! — o velho aproximou-se com uma expressão ameaçadora — Se você não se importa de envergonhar a família, é hora de resolvermos sua vida de uma por todas! Vamos acabar com essas noções absurdas que seu pai enfiou em sua cabeça.

— Não são...

— Marquei seu casamento com o viúvo Barnes para janeiro.

— O senhor falou em casamento? — ela não conseguia acreditar. — Não quero me casar. Ainda sou muito jovem para...

— Já é hora de você ter uma vida respeitável — ele ergueu a mão, exigindo silêncio. — Esse homem a honrou com a proposta e chegamos a um acordo quanto ao dote. É bem maior do que deveria ser, graças ao seu deslize de ontem.

Por um momento, Mari olhou espantada para o rosto pálido do avô, onde se sobressaíam os olhos azuis sem calor humano. A sala sombria aumentava sua sensação de sufocamento e as palavras ecoavam em sua mente. Ela amparou-se na mesa para não cair. Ele nunca se preocupara com seus desejos e só a tolerava por causa da avó. Afinal, era apenas padrasto do pai.

— O Sr. Barnes é velho! — ela exclamou quando recuperou a voz. — Tem filhos quase da minha idade!

Mari se arrepiava ao lembrar dele na igreja, com seu rosto gordo e suado, o olhar guloso pousado nela. Costumava falar pomposamente à congregação, mas as pessoas se chocariam se conhecessem a verdadeira natureza desse homem! Os filhos, um rapazinho e uma mocinha, solenes e antipáticos, passariam a sua responsabilidade, caso não escapasse de um casamento com o horrível Barnes.

— Não! Eu não me casarei. Não posso, ele é repulsivo... e estúpido! Não agüento quando me olha, não suportarei se me tocar!

— Chega! — gritou o avô. — Você fará o que eu mandar e evite esses pensamentos pecaminosos. Com o passado de sua mãe no bairro da prostituição do cais, é uma sorte receber essa proposta, vinda de um homem honesto, mocinha!

— Não admito que fale mal de minha mãe ou de meu pai! — A raiva,

controlada por tanto tempo, vinha à tona com violência — O senhor é um velho frio, odioso! Não vou me casar com um homem mais velho que meu pai. Um hipócrita! Pretendo ir ao encontro de papai, naquela ilha do Pacífico, logo que ele mandar me buscar. Espero uma notícia a qualquer momento.

— Seu pai não pretende chamá-la, ou já teria feito isso há muito tempo — ele respondeu igualmente irritado. — Ouça bem! Proíbo-a de voltar às docas sozinha. E se insultar o Sr. Barnes com uma recusa e ele retirar a proposta, eu a porei na rua, Marianne, o lugar de uma verdadeira vagabunda!

Mari continuou parada, vencida pela frustração e pela raiva, enquanto o avô apanhava o chapéu e saía da sala. Nunca, em toda a sua vida, sentira tanto medo nem um ódio tão intenso.

A tarde radiosa ainda conservava o calor do verão quando Mari saiu do estaleiro do avô. A caminho de casa, reparou num navio de casco escuro entrando no porto. Ela continuava aborrecida com a discussão com o avô pela manhã mas, como ele não tornara a insistir no assunto, voltava a ter esperanças.

Sempre havia uma grande quantidade de barcos no cais de New Bedford, alguns prontos para zarpar e outros chegando. Quase todos eram baleeiras, mas Mari reconheceu o navio que se aproximava, um cargueiro que transportava óleo de baleia de Honolulu.

Ela curvou-se na amurada, sem se preocupar em sujar o vestido cinzento de gola branca. As abas do chapéu de palha branca sombreavam o rosto e ela, quando tirou-o impulsivamente para ver melhor, soltou os cabelos que caíram sobre os ombros como uma nuvem sedosa. Certamente o avô reprovaria sua falta de recato mas estava eufórica.

Aquele navio só podia ser o *Sea Wind*.

O capitão Sloan era amigo de seu pai e já lhe trouxera algumas cartas dele.

Entusiasmada, esqueceu-se do incidente com o marujo e das ameaças do avô. Ergueu as saias e correu, ansiosa pelas notícias do pai, já sonhando com a viagem para aquela ilha de som exótico... Havaí!

Mari procurou ser paciente enquanto aguardava que o navio atracasse. Já fora vista pelo capitão Sloan e ouvira suas ordens, aos gritos, com um acentuado sotaque irlandês.

— O que a trouxe ao *Sea Wind*, menina? — perguntou ele ao aproximar-se, os olhos azuis brilhando no rosto curtido de homem do mar.

— Vim dar-lhe as boas vindas, capitão Sloan. — Mari sorria,

esperançosa. — E também saber se trouxe alguma carta de meu pai.

Disfarçando a ansiedade, ela esperava pela resposta daquele homem de expressão austera mas que sempre sorria ao falar de seu pai e que conhecera bem sua mãe.

Kathleen chegara da Irlanda em 1848, junto com toda a família que fugia da grande fome da batata. Alguns meses depois, seus pais morreram de tuberculose e ela foi obrigada a trabalhar como garçoneiro numa taverna do porto. O pai de Mari a conhecera, se apaixonara e decidira casar-se, contra a vontade da família.

Infelizmente, Mari guardava apenas algumas vagas lembranças da mãe, que também morrera de tuberculose. Russell, que até a morte da esposa fizera apenas viagens curtas pelo Atlântico, engajou-se em uma baleeira do Pacífico, passando anos longe em cada viagem. Mas não era hora de pensar nas intermináveis ausências do pai nem no ultimato do avô.

Sloan percebeu que ela estava ansiosa e infeliz. Mari tinha se transformado numa linda moça, com as feições delicadas da mãe irlandesa. Os enormes olhos escuros contrastavam com os cabelos de um loiro muito claro, iguais aos do pai. Era uma jovem cheia de vivacidade, apesar da roupa severa que os avós a obrigavam a usar. Maldito Russell Webster! Nunca procedera bem com a mulher ou com a filha. Como podia deixar aquela mocinha encantadora morando na casa que abandonara?

Agora seria obrigado a explicar que não trouxera nenhuma carta de Russell! Entretanto, não tinha coragem de contar que ele iniciara uma vida nova e nem lembrava da existência da filha.

— Eu não encontrei seu pai dessa vez... ele... se mudou para outra ilha e não tive tempo de procurá-lo.

Mari não conseguiu disfarçar o desapontamento.

— Nem chegou a vê-lo? — insistiu ela, com voz trêmula, quase em lágrimas. Procurava afastar da lembrança o viúvo horrível enquanto o capitão cofiava a barba, pouco à vontade. — Meu pai não está bem? Por favor, capitão Sloan, diga a verdade. Não aconteceu nada com ele, não é?

— Não houve nada, menina. Depois da última carta, seu pai abandonou o mar porque a pesca de baleias já não é um bom negócio. Ele está bem, cuidando de suas terras... e tão ocupado que não encontra tempo nem para ir até Honolulu.

— Terras? — Mari sabia que o pai procurava um lugar para se estabelecer e a esperança renasceu. — É uma notícia maravilhosa, capitão! Agora tenho certeza absoluta de que a carta de papai já está a caminho, em

um outro navio... junto com o dinheiro da minha passagem para o Havaí.

O capitão Sloan ficou ainda mais constrangido. Ele tinha piorado muito a situação, pois era evidente que Mari não soubera da mudança do pai. Ou mentia para ajudar o maldito Russell ou falava a verdade, magoando a garota.

— Ele fez sociedade com outro homem em uma fazenda de gado — disse o capitão, fiel à verdade, mas omitindo que Russell comprara as terras bem antes de mandar a última carta. — É na grande ilha do Havaí.

Mari deu um sorriso de felicidade e o capitão Sloan susteve o fôlego, encantado com a beleza da jovem. Sem perceber a admiração que provocava, ela pensou na passagem e estremeceu de medo. Chegaria a tempo? A viagem pelo Pacífico demorava meses!

Ela conversou mais alguns minutos com o capitão, fazendo perguntas sobre as ilhas do Havaí. Apesar do entusiasmo, uma vozinha em sua mente teimava em dizer que o dinheiro não chegaria a tempo e ela seria forçada a um casamento sem amor. Erguendo o rosto, avistou as casas do bairro mais rico de New Bedford, no alto da colina, entre as quais se sobressaía a dos avós, uma das maiores. Todas aquelas mansões eram ocupadas por gente severa e hipócrita.

Ao despedir-se, o capitão Sloan mencionou que ficaria vários dias no porto até descarregar e adquirir os suprimentos para a viagem de volta. Queria estar em Honolulu no começo da primavera, antes dos baleeiros retornarem ao porto.

Os olhos de Mari brilharam de expectativa. Se tivesse o dinheiro da passagem, também partiria a bordo do *Sea Wind*.

O capitão observou a jovem que se afastava, admirando a cabeça erguida e os movimentos graciosos do corpo esguio. Mari merecia uma chance. A mãe não descansaria em paz diante da infelicidade da filha, negligenciada vergonhosamente por Russell. Inferno! Aquela garota merecia uma oportunidade!

Depois da conversa com o capitão Sloan, a idéia foi se delineando na mente de Mari. Poderia viajar com ele para o Havaí! Reinava uma atmosfera pesada na família Webster e o clima só iria melhorar se pedisse desculpas ao avô por desafiá-lo. Para sua surpresa, ele não tornara a falar em casamento nos três dias seguintes. Quem sabe, conjecturou Mari, tivesse compreendido como aquela aliança seria infeliz. Talvez, se lhe oferecesse outra solução, sugerindo ir ao encontro do pai, ele concordasse. Afinal, era uma alternativa para livrar-se de uma responsabilidade que sempre o desagradara.

Mari afastou-se da janela depois de observar durante algum tempo a atividade incessante da baía. Naquela tarde o capitão Sloan lhe dissera que o trabalho estava adiantado e que o *Sea Wind* poderia zarpar antes da data prevista.

Santo Deus, pensara Mari, não podia perder aquela oportunidade!

Talvez fosse sua única chance de reencontrar o pai. Entretanto precisaria conversar com o avô antes de desaparecer de sua casa. Não podia simplesmente fugir. Apesar de não viver em um lar feliz, devia gratidão a quem a havia acolhido. Além disso, precisava de dinheiro para a passagem.

Não comentara seus planos com o capitão Sloan e nem ousava pensar se ele a aceitaria a bordo. Seu avô certamente o aprovaria como responsável por ela durante a viagem por ser o capitão um homem muito respeitado entre os pescadores de baleias de New Bedford.

— Você está muito séria — disse o tio George, da porta. — Não me diga que papai a aborreceu, Mari.

Apesar da preocupação, Mari retribuiu o sorriso. O tio era um homem suave, muito gordo e totalmente dominado pelo pai e o único amigo que ela possuía na família. Ele e a esposa Frances viviam na ala oeste da casa. George, meio-irmão de Russell, herdaria toda a fortuna dos Webster.

Mari se cansara de ouvir que Russell fora deserdado por causa de sua irresponsabilidade mas nunca ignorara a verdade, bem simples. Seu pai era apenas o enteado do velho Webster e, se ele não tinha motivos para permanecer em New Bedford, tampouco ela possuía algum. A avó evitava se aproximar muito da neta, temendo a desaprovação do marido.

Mari quase contou ao tio o que a preocupava. De nada adiantaria. Ele sempre se submetia à vontade do pai. Apenas Mari tinha coragem de enfrentar o velho. Certamente uma ironia do destino. A única que se igualava a ele em força de personalidade não possuía laços de sangue.

Subitamente, compreendeu a inutilidade de tentar um acordo com o avô. Ele jamais aprovaria uma viagem longa sem outras mulheres no navio. Apesar da determinação em partir, lágrimas de desespero lhe vieram aos olhos. Os avós preferiam vê-la casada com um homem detestável a prolongar a convivência com ela. Não importava que Barnes não a amasse e só a quisesse para aquecer a cama, cozinhar e cuidar de seus filhos. Não, preferia morrer a ter este destino.

Aproximando-se dela, George sentou-se ao seu lado. Ele já devia saber do infeliz projeto de casamento, pensou Mari, sentindo-se grata pelo carinho que demonstrava.

— Sei que vovô não permitirá que eu vá para o Havaí! — disse ela, aos prantos — Ele vai me obrigar a casar com aquele homem horrível... e eu não posso... não posso! — concluiu com um soluço, tentando conter as lágrimas.

Enquanto George procurava acalmá-la com palavras de conforto, o avô aproximou-se por trás.

— Você anda sob péssimas influências, Marianne. Vai se casar com o homem que escolhemos e receberá as nossas bênçãos. Não quero ouvir mais nenhuma palavra sobre o assunto. É a vontade de Deus, e quanto mais cedo for obedecida, melhor.

A avó, ao lado dele, parecia um pássaro assustado. Por um momento, Mari imaginou ter visto afeição em seu olhar, mas a assustada senhora sacudiu a cabeça demonstrando que a neta estava enganada.

— Não seja ingrata com seu avô — ela voltou a repetir a velha ladainha em tom suave, como se quisesse evitar problemas com o marido. — Ele só quer o seu bem. Será muito respeitada pelo senhor Barnes.

— E a senhora se importa? — Mari retrucou furiosa, incapaz de se controlar e certa que os avós não mudariam de idéia. — Ou essa é a única saída que encontraram para se verem livres de mim? Para tirar desta casa a criança que nunca quiseram, nunca foram capazes de amar?

O rosto queimava, o coração batia, mas apesar do medo Mari os desafiou.

— Eu não vou me casar com ele e não podem me obrigar! É muita... muita maldade até sugerirem uma coisa dessas!

Seguiu-se um longo silêncio. Pela primeira vez, opunha-se tão diretamente à vontade dos avós que pareciam ter perdido a fala de espanto. Ela voltou-se impetuosamente, farfalhando o vestido de seda enquanto corria para o quarto no segundo andar. Nunca sentira uma raiva tão grande. Odiava todos eles, até tio George, tão covarde que não a defendera.

Mari atirou-se na cama e afundou no colchão de penas, imaginando que não controlaria o choro. Mas os olhos secaram com a firmeza de sua decisão. Nunca se casaria com um homem que não amava. Teria de confiar em si mesma, em mais ninguém.

A lua já quase tocava o horizonte quando Mari saiu de casa silenciosamente. Faltava apenas uma hora para o amanhecer e as calçadas, cobertas de folhas úmidas, estavam escorregadias quando ela desceu o morro. Procurava ocultar-se entre as árvores para não ser vista pelos raros transeuntes.

Quando chegou à frente da prefeitura, onde prendiam os cavalos, ela

parou um pouco e trocou a valise de mão, cobrindo melhor o vestido cinzento de casimira com o longo casaco preto. Prosseguindo o trajeto até as docas, passou pela igreja, pelo sapateiro e por todas as lojas que freqüentara enquanto vivera em New Bedford. Todas elas, escuras e silenciosas, pareciam lhe dar um triste adeus. Tudo seria tão diferente se a mãe não tivesse morrido ou, ao menos, os avós a amassem. Mas Mari não olhou para trás, sabendo que nunca mais voltaria.

Quando chegou ao porto, hesitou ao ver o *Sea Wind* quase pronto para a partida. Admirou as linhas graciosas da proa larga e do cordame contra o céu ainda escuro. O capitão Sloan iria mesmo levá-la a bordo? Havia sonhado ou tio George tinha, de fato, lhe dado o dinheiro da passagem?

Apertando a bolsinha contra o corpo, Mari sentiu as moedas que o tio lhe entregara quando a encontrou arrumando a bagagem durante a noite. Estava decidida a implorar ao capitão que a levasse de graça, mas George previra a fuga da sobrinha e finalmente tomara uma atitude.

— Não posso deixá-la casar-se com aquele devasso — ele explicou, contando que tinha falado com o capitão para levá-la até o Havaí.

O navio ia partir ao romper da aurora e os dois conversaram aos murmúrios como dois conspiradores. Na despedida, ela abraçou-o carinhosamente, cheia de gratidão. George era um homem fraco, mas encontrara forças para agir contra o pai, por amá-la.

George saíra de casa mais cedo com a mala maior e ela o seguira pouco depois. Fizeram caminhos diferentes e nunca mais se veriam.

Mari endireitou os ombros, ergueu o queixo e aproximou-se depressa do navio. Não queria demonstrar medo ou tristeza.

O capitão Sloan a esperava e perguntou-se, por um instante, porque tinha concordado com aquele plano insensato. Mas compreendeu o motivo quando a ajudou a subir a bordo e viu a esperança em seu olhar. A menina precisava de uma chance e quando George Webster explicara a situação, ele não fora capaz de recusar. Ainda não queria pensar na reação de Russell quando a filha perdida batesse à sua porta, mas já era tempo daquele miserável assumir a responsabilidade!

Mari ia agradecer, mas ele fez um gesto para silenciá-la.

— Teremos muito tempo para conversar mais tarde. Agora estamos com toda a carga a bordo, prontos para partir — ele disse sorrindo e tirou o boné.

Ela sentiu-se mais animada e o imediato levou-a até uma pequena cabine, ao lado dos aposentos do capitão. Ao entrar, encontrou a mala aos pés do beliche.

Mais tranqüila, Mari tirou o chapéu, o casaco e experimentou o colchão. Quando deitou-se e relaxou o corpo, o navio começou a ranger, afastando-se vagarosamente da beira do cais. Ela pensou em levantar-se para ver a saída da baía mas desistiu.

O *Sea Wind* foi ganhando velocidade e ela fechou os olhos. Quando as grandes velas se enfunaram ao vento e o navio começou a percorrer a costa do Atlântico, subitamente surgiu em sua mente a imagem do pai.

Procurou imaginar como seria um rancho em uma ilha tropical. Com um sorriso nos lábios, pensou que finalmente criaria raízes, seria amada e sentiria segurança. Nunca mais se sentiria sozinha.

CAPÍTULO II

Um forte calor envolveu o navio ao longo da costa leste da Flórida. Mari, como os marinheiros, achava difícil dormir à noite. Os ventos tropicais trouxeram alívio e enfunaram as grandes velas brancas quando a embarcação atravessou o Equador e começou a costear a América do Sul.

Mas bem ao sul, quando se aproximaram do cabo Horn para entrar no oceano Pacífico, o tempo mudou e uma forte tempestade caiu. Ela se fechou na cabine, temendo que o casco do navio não agüentasse a fúria das águas e os mastros quebrassem com o vento.

— Meu Deus — rezava apavorada, imaginando-se nas profundezas do mar. — Não deixe o navio naufragar.

Quando a tempestade amainou, Mari recebeu cumprimentos do capitão e dos marinheiros que haviam admirado sua coragem. Passara por seu batismo de fogo e nem sequer enjoara.

O navio ancorou em Lima, no Peru, para renovar o suprimento de água potável, frutas e verduras. Mari observava a atividade do porto, ansiosa para pisar em terra firme.

— Este porto não é um lugar seguro para uma mocinha loira — disse o capitão quando ela pediu licença para descer.

No dia seguinte, tornaram a partir e um vento noroeste carregou a embarcação pelo Pacífico, na direção das ilhas Sandwich.

— Honolulu será nossa próxima parada — o capitão anunciou poucas semanas depois.

Quando o vigia no cesto do alto do mastro anunciou terra à vista, na tarde seguinte, a tripulação comemorou, com entusiasmo, a chegada bastante próxima.

Mari correu para a murada e viu uma mancha verde no horizonte. Era a ilha de Oahu e, à medida que se aproximavam dela, surgiram os rochedos cercados pela rica vegetação e as praias de areias alvas.

Mari sentiu uma ligeira melancolia ao se aproximar o fim da viagem. Havia visto paisagens de sonho e vivera dias inesquecíveis. Longe das rígidas normas de sua casa, em New Bedford, observava tudo com prazer crescente e com os sentidos atentos aos novos sons e cores.

O *Sea Wind* entrou pela baía de Honolulu, muito perto dos altos picos da

ilha de Oahu. Como o capitão previra, o porto estava apinhado de barcos e pássaros exóticos voavam sobre eles. O capitão gritava ordens do tombadilho superior, constatando em voz alta que havia menos baleeiras naquela primavera. O imediato corria para cima e para baixo, assegurando-se de que as ordens fossem obedecidas.

Mari encostou-se a um canto, para não atrapalhar ninguém. Pensou no pai e sentiu seu estômago se contrair. Reanimou-se, imaginando que ele a tomaria nos braços, feliz por rever a filha.

Então porque não se livrava da dúvida que a atormentara durante toda a viagem? Porque ele não tinha mandado o dinheiro na última carta? O capitão lhe dera respostas muito vagas, agravando sua inquietação. Só se sentiria segura quando visse o pai e se convencesse de que era amada e bem recebida.

Então, lembrou-se que ainda faltavam alguns dias para chegar à ilha onde Russell se estabelecera. O capitão revelara que era maior que Oahu e possuía uma grande área de pasto para o gado. Prometera comprar a passagem do barco que a levaria até a Ilha Grande.

Enquanto observava a tripulação tomar as providências para o *Sea Wind* atracar, Mari percebeu que seus vestidos escuros e muito fechados seriam insuportáveis para aquele clima quente. Não havia vento, o sol ardia na pele e ela sentia o suor brotando pelo rosto e pelo corpo. Felizmente, aproveitara as horas de lazer durante a viagem para reformá-los.

Ela pretendia usar o mais bonito, branco e de tecido leve, para o reencontro com o pai. Perdera muito tempo tirando a pala, as mangas compridas e ajustando a cintura. Também aumentara o decote e o resultado, embora ousado para seus padrões de recato, fora surpreendente. Mari quase não se reconheceu na imagem graciosa refletida pelo espelho grande que havia no camarote do capitão.

— Está animada? — o capitão Sloan perguntara ao ver o sorriso da jovem.

— Estou um pouco amedrontada! E se meu pai...

— Afaste essas dúvidas da cabeça, menina — ele a interrompera. — Será uma surpresa e tanto, sem dúvida! Mas quando o susto passar, Russell vai ficar muito feliz com sua chegada. Qualquer homem sentiria orgulho de uma filha como você — concluiu abraçando-a.

A lembrança desse e de tantos outros momentos compartilhados com o capitão trouxe-lhe lágrimas aos olhos. Havia passado tantas noites conversando e jogando xadrez, tantos dias aprendendo sobre o mar e a vida naquelas paisagens exóticas com esse homem sereno e amoroso que chegou a

desejar que ele fosse-seu pai. Através dele, soubera mais sobre a mãe, a Irlanda e a aventura dos imigrantes que vinham para a América em busca de liberdade e sonho.

O capitão Sloan lhe dera um presente de valor inestimável: um passado do qual podia se orgulhar, uma visão de sua família muito diferente da versão desdenhosa dos Webster. Sentiria saudades do velho homem do mar...

— Vá até a cabine e procure uma roupa mais fresca, menina. Essa é muito quente e pesada. Vamos desembarcar. Logo você sentirá sob os pés a terra firme de seu novo lar. A não ser que Madame Pele resolva sacudi-lo um pouco para lhe dar as boas vindas.

— Como? — Mari ficou intrigada.

— Estou falando dos terremotos, menina. Há muitos tremores de terra nestas ilhas. Madame Pele é uma deusa da mitologia local que vive em um vulcão na ilha de seu pai. Os nativos juram que ela realmente existe e quando se irrita por qualquer motivo, faz um vulcão entrar em erupção — ele se divertia com o espanto de Mari. — Nessas ocasiões, as havaianas com suas saias de palha atiram uma jovem virgem na cratera. É um sacrifício aos deuses para aplacar a ira divina, pondo um fim ao fogo e à lava antes que sejam destruídas aldeias e plantações.

— Ora, pare de me assustar. Eles são pagãos, não é?

— Sim, são pagãos.

Inexplicavelmente, Mari desejou pertencer à terra de flores coloridas e de homens dourados pelo sol, com seus torsos nus brilhando ao sol, de brisas suaves e perfumadas, e até dos vulcões, cuja beleza se originava na própria violência da natureza. Fechou os olhos, sonhadora, mas a voz de Sloan rompeu seu devaneio.

— Agora ponha seu melhor vestido e um chapéu. Quando estivermos na ilha eu falarei mais sobre os costumes desse povo.

Observou-a afastar-se, animada e feliz. Mari o cativara, definitivamente. Do fundo do coração esperava que tivesse encontrado seu lugar no mundo. Ali, com certeza, poderia criar raízes e desabrochar para a vida. Sorriu ao vê-la retornar, vestida de branco e pronta para comemorar.

— Espere, Adam Foster! — o capitão gritou.

Ele e Mari estavam parados na ponte de desembarque, no canto da baía, tendo chegado pouco antes no barco de um nativo. Quando começaram a procurar um transporte para Mari chegar à Ilha Grande, logo ao desembarcar do navio, alguém os informara que Adam Foster, da fazenda Foster, havia

contratado um barco e ia partir para a costa Kona, perto das terras de Russell.

O havaiano alto que supervisionava a chegada dos suprimentos carregados pelos nativos voltou-se ao ouvir o chamado. Ele usava uma calça de algodão enfiada nas botas de cano longo e um chapéu de feltro de abas largas sombreava seu rosto. Mari achou-o elegante demais para ser um marinheiro.

Ao vê-los, ele ergueu o chapéu da testa e observou melhor o capitão. Depois desviou o olhar para Mari. Com indisfarçável admiração, examinou-a da cabeça aos pés, de um modo que chocaria a sociedade de New Bedford.

— *Aloha* — disse por fim com voz grave. — Estão me procurando?

— Estamos, sim — o capitão respondeu. — Quando vai partir? Será possível levar alguém?

— O senhor? — Adam Foster saltou do barco e aproximou-se.

Mari calculou que ele devia ter no máximo vinte e cinco anos e mais de um metro e oitenta de altura. Apesar da pele bronzeada, dos olhos castanhos e do cabelo negro, tinha traços de um americano ou de um europeu.

O capitão negou com um gesto e colocou a mão sobre o ombro de Mari.

— É para esta menina. Ela veio comigo de Nova Inglaterra para encontrar o pai, que vive numa fazenda em sua ilha.

Adam Foster lançou um olhar tão intenso a Mari que ela susteve a respiração.

— Sou Mari Webster — ela conseguiu dizer finalmente, sentindo que diminuía a tensão entre eles. — Meu pai é Russell Webster e tem uma fazenda na Ilha Grande.

— O *haole* — ele murmurou e sua expressão alterou-se quase imperceptivelmente — Sim, eu conheço seu pai. Ele e o sócio são nossos vizinhos.

— O que quer dizer *haole*? — ela perguntou, intrigada.

Ele tirou o chapéu e o cabelo negro reluziu ao sol. Mari esforçou-se para não demonstrar o impacto que sua figura imponente lhe causava. Aquele havaiano a desconcertava e não pretendia deixar-se intimidar. No entanto, até o silêncio era carregado de emoção. O capitão batia o pé impaciente, já arrependido de ter procurado Adam Foster.

— Significa estrangeiro — Adam respondeu finalmente.

— E você desaprova os *haoles* que vivem aqui? — ela ergueu o queixo orgulhosamente.

Ele sorriu, mostrando os dentes perfeitos e muito alvos. Que homem fascinante e perturbador!

Mari baixou os olhos, constrangida. Nunca havia conhecido um homem tão atraente. Na verdade, rapazes bonitos só tinham existido em suas fantasias. Comparou o rapaz à sua frente ao tipo que aparecia em seus sonhos, os mesmos sonhos que a levaram a rejeitar Barnes e desafiar o avô.

— Nós, havaianos, não temos nada contra os estrangeiros. Somos um povo hospitaleiro e amigo dos *haoles*. Eles, às vezes, tentam abusar de nossa boa vontade.

— É por isso que não simpatiza conosco? — provocou ela.

— Então quer encontrar seu pai. — ele mudou de assunto, ignorando a pergunta de Mari. — Vamos partir, ao romper do dia, para a costa Kona. Será bem-vinda a bordo mas, como vê, o barco é pequeno e não há conforto.

— Queremos pagar a passagem — o capitão adiantou-se e os dois ficaram aturdidos, porque tinham esquecido sua presença.

— Não, não é preciso. Faríamos esse favor a qualquer vizinho. — Adam tornou a pôr o chapéu.

Parecia um pirata, pensou Mari, com um pouco de medo. Seria seguro viajar com ele? Afinal, era um estranho de uma ilha perdida no Pacífico... Seu rosto refletia sua apreensão e, para tranquilizá-la, Adam sorriu.

— Também temos nossas crenças e tradições nesta ilha, sabe? E nosso código de honra. Não seduzimos jovens inocentes.

— Não, mas as atiram no vulcão, sacrificando-as a Madame Pele! — ela retrucou sem pensar.

— Esteja aqui antes da madrugada — ele disse friamente — porque não vamos esperá-la.

Mari decidiu encontrar um outro meio de ir para a Ilha Grande mas, quando ia comunicar sua posição, o capitão estendeu a mão para Adam.

— Esta menina só tem o pai no mundo e considero um grande favor se puder conduzi-la até ele em segurança. Mari chegará na hora certa.

O capitão pegou Mari pelo braço e afastou-se sob o olhar perplexo do havaiano.

Mari Webster tinha despertado nele um sentimento novo, perturbador e proibido. Ela era uma *haole* e ele um havaiano, apesar do pai estrangeiro.

Adam Foster passeou os olhos pela baía, cheia de baleeiras e outros tipos de embarcações. Depois observou as montanhas, uma espantosa obra da natureza e base da crença materna nos antigos deuses. A mãe vivia repetindo que ele não devia tentá-los como ela mesma havia feito ao se casar com um norueguês. Ele morrera ao cair de um cavalo, fato que continuava vivo na

memória da família. Apesar de ter se casado por amor, a mãe considerava a morte prematura do marido um castigo por ter desobedecido aos velhos costumes de seu povo.

Ele sacudiu a cabeça, procurando afastar os pensamentos conflitantes. Não podia aceitar que a queda do pai de um cavalo impetuoso fosse um castigo dos deuses ou que os tremores de terra pudessem ser ameaças divinas. Não acreditava que Madame Pele exigisse sacrifícios porque se irritava com estrangeiros em seu solo sagrado.

Mas acreditava o suficiente para dominar a atração instantânea que sentira por Mari Webster. Seu destino era continuar o trabalho do pai na direção da fazenda da família, uma dos maiores da ilha, para depois casar-se com uma moça havaiana a fim de não contrariar a mãe. Sabia o quanto ela ainda sofria pela morte do pai e o quanto tinham se amado.

Voltou ao trabalho, procurando não pensar mais em Mari Webster. De qualquer forma, tornaria a vê-la... se ela aparecesse.

Mari sofreu ao despedir-se do capitão Sloan, que se transformara em um grande amigo durante a viagem desde a Nova Inglaterra. Além de protegê-la da tripulação, tinha lhe dado a liberdade que gozava pela primeira vez na vida. Sua personalidade, reprimida durante tantos anos, tinha desabrochado, deixando-a mais consciente e madura.

No cais banhado pela luz baça da madrugada, imóvel diante dele com a bolsa ainda na mão mas a mala no barco de Foster, ela não conseguiu reprimir as lágrimas e abraçou-o carinhosamente.

— Eu não queria me separar do senhor, capitão Sloan. Vou sentir muito sua falta — confessou ela, emocionada.

— Não estamos dizendo adeus — respondeu ele, também sem disfarçar a emoção. — Sempre que eu aportar por aqui, vou visitá-la. Talvez resolva me aposentar e ficar morando nestas ilhas tropicais... Um dia, quem sabe.

Mas Mari sabia que ele economizava cada centavo para se aposentar e ir viver na Irlanda, a terra natal que tanto amava. Provavelmente nunca mais se encontrariam.

Sloan partiu depois de trocar algumas palavras em particular com Foster, e ela sentiu-se só e abandonada num ambiente estranho. Se ao menos seu pai a amasse como o querido capitão.

Adam foi gentil, mas distante ao ajudá-la a embarcar. Quando partiram, Mari ficou no tombadilho apreciando a beleza da ilha que acabavam de deixar. Procurava afastar as lembranças do passado e as preocupações com o

futuro, sentindo apenas a brisa refrescante do mar dos trópicos. A cada ilha que passavam, seu entusiasmo aumentava e a beleza da paisagem ajudou a devolver-lhe a serenidade. Tudo acabaria bem. Seu pai teria uma grande surpresa mas ficaria feliz ao reencontrar a filha que não via há tantos anos.

Quando se aproximaram da ilha do Havaí, ou Ilha Grande, como a chamavam, a apreensão de Mari retornou com intensidade redobrada. Apesar de bela e exótica, parecia impenetrável por trás da faixa litorânea, as altas montanhas aparentemente desabitadas e as planícies cobertas de lava vulcânica. Ao desembarcar na pequena localidade de Kawaihae, rezou para que encontrasse felicidade ali!

Então, ao pisar no solo da Ilha Grande, Mari sentiu que o chão fugia sob seus pés e teria caído se Adam não a amparasse. Um ruído estranho e surdo crescia, vindo da terra e do céu. Aterrorizada, ela escondeu o rosto no peito de Adam.

— Terremoto! Terremoto! — gritavam os homens pelo porto, lutando para não cair.

O tremor cessou subitamente seguido por um silêncio quase palpável. Erguendo a cabeça, Mari surpreendeu-se ao ver que tudo permanecera no mesmo lugar. Só ela continuava tremendo e as pernas não a sustentariam se Adam a soltasse.

— Foi apenas um tremor — ele tentou acalmá-la.

Ela ergueu os olhos. O hálito quente acariciava seu rosto e a emoção de estar tão perto dele fazia seu coração bater mais rápido.

Os dois se entreolharam, ainda presos à súbita atração. Como que hipnotizada, Mari não conseguia desviar o olhar daqueles olhos escuros que falavam de uma paixão que ela ainda era incapaz de entender.

O porto voltava à vida e os comentários chegavam até eles.

— É a terceira vez, hoje! A erupção do Mauna Loa vai começar!

— A coisa ainda é pior! — gritou outro. — Do lado do Hilo, dizem que a cratera do Kilanea também está fumegando!

— Acabou — Adam soltou-a e deu um passo atrás. — Você vai se acostumar com os abalos, se ficar vivendo na ilha.

Ele afastou-se e Mari aguardou perto da mala. Depois de uma vida insossa, as surpresas se sucediam com uma rapidez que não conseguia assimilar. Sentou-se para esperar pelo retorno de Adam. Ele se prontificara a procurar uma pousada para que Mari pernoitasse e, na manhã seguinte, a acompanharia até a fazenda Webster.

Enquanto esperava, Mari aspirou o ar perfumado. A profusão de flores

exóticas e multicoloridos pássaros marinhos voando sobre as águas calmas propiciavam uma paisagem encantadora. Os picos distantes, negros como ônix, contrastavam com o verde vivo da vegetação da planície. Pareciam pacíficos, incapazes de explodir em fogo e causar tantos transtornos. A calma idílica do lugar tornava quase inacreditável crer no tremor de instantes atrás que fizera as palmeiras dançarem e grandes ondas quebrarem na areia.

Adam voltou poucos minutos depois. Sem dar nenhuma explicação, conduziu-a até um conjunto de cabanas e pequenas casas de madeira. Permanecia frio e distante, como se não tivessem experimentado uma emoção forte, como se nada tivesse acontecido.

Mari procurou não pensar na estranha atitude de Adam. Encantada, pôs-se a observar um grande pássaro de brilhantes plumas negras e amarelas, que pousara em um arbusto frágil mas recoberto por flores vermelhas. Um dia, ela saberia o nome de todas aquelas aves e saberia reconhecer todas aquelas flores! Um dia, sentiria que pertencia àquele lugar, segura ao lado do pai e amparada por seu carinho. Como seria longa a espera até o dia seguinte!

— Como pode ver, os missionários deixaram sua influência em nossa ilha. — Ele apontou uma igreja com a cruz no topo da pequena torre.

Adam continuou a falar sobre sua ilha e contou que, embora aquele vilarejo fosse minúsculo e de aparência primitiva, ficava bem perto da residência de verão do rei Kamehameha V. O palácio real, em Honolulu, era muito mais luxuoso, com uma opulência sem rival nas cortes européias.

— Eu imaginava que os reis destas ilhas distantes fossem chefes tribais, com adereços de penas e ...

Mari calou-se, censurando-se por ser tão impulsiva. Certamente o ofendera novamente com seu comentário grosseiro.

Mas Adam sorriu, achando graça na ignorância de Mari. Admirou os longos cabelos loiros, quase prateados, a beleza do corpo esguio porém sensual, e se encantou com a inocência refletida pelos enormes olhos castanhos. Por um fração de segundo, esqueceu-se de seus deveres e desejou ser o homem que realizaria seus sonhos de virgem inocente.

Forçando-se a encarar a realidade, explicou calmamente que a corte do rei mantinha estreitos laços de comunicação com o resto do mundo e que os rapazes das famílias ricas costumavam estudar na Europa.

— E você? — perguntou Mari, curiosa.

— Passei um ano na França.

Os dois caminharam em silêncio até uma pequena casa de madeira. Parando em frente ao portão, Adam comunicou-lhe que o dono concordara

em recebê-la. Ao avistar a porta de veneziana que se abria para um jardim bem cuidado, Mari tranqüilizou-se e insistiu que queria pagar pelo quarto.

— Como já lhe disse antes, os havaianos são um povo hospitaleiro — comentou ele, num tom de censura. — O casal que mora nesta casa conhece seu pai e tem prazer em recebê-la para passar a noite.

Adam hesitou ao perceber que a menção do pai a perturbara.

— Russell deve estar muito ansioso para vê-la. Há quanto tempo espera por sua chegada?

Mari baixou os olhos em silêncio, incapaz de revelar sua insegurança.

— Ele está esperando você, não é? — insistiu ele e, ao ver que Mari negava com um gesto de cabeça, não controlou o espanto. — Quer dizer que veio de tão longe e seu pai nem sabe que irá chegar?

Mari não queria dar explicações a um desconhecido mas seu nervosismo aumentara demais e mencionou vagamente a promessa do pai e um problema insolúvel que provocara sua fuga.

— Que problema? — ele não conteve a curiosidade, mesmo sabendo que era indiscreto.

— Não queria me casar com o homem que meu avô escolheu para meu marido — respondeu ela, contrariada.

— Compreendo — disse Adam um tanto contrariado. — Então, seu pai terá uma grande surpresa amanhã!

O tom do comentário provocou novas dúvidas em Mari. Adam estaria escondendo algo sobre seu pai? Não, não deixaria que pensamentos angustiantes perturbassem sua noite de sono. Tinha uma longa viagem pela frente, com muito calor e poeira até chegar ao rancho paterno. Já fora avisada para vestir uma roupa bem fresca e usar um chapéu de abas largas para não queimar a pele.

Naquela noite, Mari deitou-se pela primeira vez numa cama de verdade, desde sua partida de New Bedford. Adormeceu imediatamente.

A manhã nascia sobre o topo relvado da ilha, ainda coberto pelo orvalho da noite. Ao lado de Adam, Mari admirava o céu de um azul intenso, o oceano Pacífico brilhando a distância e o Mauna Kea, iluminado pelo sol e dominando as alturas. Mais ao sul elevava-se o Mauna Loa com igual esplendor.

O tálburi percorria as terras altas, um planalto coberto por flores do campo e apenas o som das patas dos cavalos quebrava o silêncio. Mari tinha a impressão de que retornara no tempo e a uma ilha primitiva, habitada apenas

pelos fantasmas dos antigos polinésios com suas crenças pagas.

Depois de relatar as tradições e os feitos dos antigos reis, que tinham vivido e lutado naquelas planícies, Adam calou-se. Mari também se contagiara pelo silêncio quase sobrenatural da natureza e sentiu a ansiedade e a expectativa retornarem. Logo reencontraria seu pai.

Ela quase não dormira e sua insônia não fora causada apenas pela tensão. Acordara com o ruído já familiar de um novo abalo, mas o tremor fora muito breve e o silêncio voltara a reinar. Entretanto, o seu sono não retornara e, bem antes do sol nascer, colocou o vestido azul, uma fita da mesma cor nos cabelos. Já estava pronta e à espera de Adam quando ele chegou.

— Falta apenas uma hora de viagem — disse Adam. Mari não desviou o olhar do rosto másculo, admirando a segurança daquele homem que combinava tão bem com a natureza indomada do Havaí. A roupa de montaria acentuava a virilidade de Adam e a camisa de algodão branco realçava o tom dourado de sua pele.

— São vaqueiros da fazenda de seu pai — explicou apontando dois cavaleiros a distância — Provavelmente já me reconheceram, mas devem estar imaginando quem é você.

Mari sentiu o estômago se contrair. Não conseguia acreditar que finalmente estava a poucos passos de seu destino. Fixando os olhos nas mãos sobre seu regaço, deixou que a aba do chapéu ocultasse seu rosto. Não queria que Adam percebesse seu descontrole emocional.

— Tudo vai dar certo, Mari. Será uma grande surpresa para seu pai, mas ele ficará feliz com a vinda de uma filha como você.

Ela preferiu não responder e o silêncio voltou a reinar entre os dois. A medida que o rancho do pai se aproximava, o medo de Mari aumentava. Como seria recebida? Na verdade, mal o conhecia. Tinham trocado tão poucas cartas! Cumpriria sua promessa de oferecer-lhe sua casa?

Após uma curva fechada Mari avistou, finalmente, a propriedade do pai. Havia um agrupamento de casas, cabanas, várias construções de madeira e um estábulo. Mais ao fundo, ficava um grande terreiro cercado, o pomar e o jardim de onde se descortinava uma vista magnífica da costa e do oceano.

Ao se aproximarem do sobrado, cercado por uma ampla varanda nos dois andares, um cão começou a latir, anunciando a chegada de visitantes. Logo depois, um vulto feminino surgiu à porta, com um vestido azul que contrastava com as flores vermelhas e alaranjadas da trepadeira. O menino agarrado a sua saia correu para os braços do homem alto que surgiu de trás

da casa.

Enquanto Adam parava o tálburi, Mari controlava-se para não correr ao encontro do pai. Russell estava mais magro e mais velho, com alguns fios brancos na vasta cabeleira loira, mas ainda era o herói de sua infância.

— Boa tarde, Adam.

A frieza e a formalidade de Russell indicavam claramente que ele não simpatizava com Adam. Então, ele tirou o chapéu e cumprimentou Mari com toda a cerimônia.

Seu pai não a reconheceu! Ela perdeu a fala, de choque e constrangimento. Foi salva pelo menino, que nesse momento levou um tombo, chamando a atenção de todos.

— Não chore como um bebê, meu filho — reclamou Russell, pegando o menino e entregando-o à moça magra, poucos anos mais velha que Mari. — Entre com ele, Agnes. Não posso receber os visitantes com uma criança chorando ao meu lado. Desculpem, minha esposa vai cuidar dele.

Mari assistia à cena, profundamente chocada. Sua primeira reação foi de que havia sido traída, abandonada e... muito humilhada. O pai estava casado, tinha um filho e nem se dignara a dar-lhe a notícia!

O capitão Sloan comentara que seu pai tinha iniciado vida nova ao deixar o mar, mas não criara coragem de contar-lhe que não haveria lugar para ela no mundo de Russell Webster. Provavelmente, só a trouxera por causa de sua situação em New Bedford. Como desejava estar a bordo do *Sea Wind*!

Transtornada, tentava encontrar uma saída enquanto Adam se ocupava com a bagagem, mantendo-se longe para não interferir no encontro dela com o pai.

Então, Mari endireitou os ombros e deu um passo à frente com a mão estendida. Não havia outra escolha, tinha que enfrentar a realidade.

— Alô, papai? — disse ela, a voz firme e clara. — Sou sua filha... Marianne.

CAPÍTULO III

Russell quase perdeu o controle, mas conseguiu dominar a contrariedade. Ouviu em silêncio as explicações hesitantes de Mari, que tentava justificar sua vinda para o Havaí.

— Então resolveu fugir de New Bedford?

Ele não conhecia a própria filha mas tinha de admirar a coragem da jovem que desafiara o velho Webster. Também não suportara a rigidez e a disciplina daquele velho puritano!

Mari tinha se transformado numa linda jovem, parecida demais com a mãe. Ele amara Kathleen de todo o coração e sua morte quase o destruía. Abandonara Marianne porque a garotinha de olhos enormes o lembrava de um amor tragicamente perdido. Agora a filha viera à sua procura... para reviver todas as tristezas e as recordações abafadas com a passagem dos anos.

— Não me restava outra opção. Eu não suportaria casar com o senhor Barnes — declarou ela, pouco à vontade na poltrona da sala de estar, diante do pai e sua esposa.

Depois do choque inicial, Russell abraçara Mari, lembrando-se da garotinha que se desesperara ao vê-lo partir. Após a partida de Adam, apresentou-a a Agnes, que se esforçara para não demonstrar surpresa diante da existência de uma filha adulta. O pequeno Seth, seu meio irmão, sorria timidamente.

— Sinto muito se os assustei com minha chegada — disse Mari. — Mas não havia tempo de enviar uma carta porque vovô estava com pressa de me casar com aquele homem horrível. Se eu soubesse que papai possuía uma nova família, não teria vindo. Peço-lhe desculpas por invadir sua casa, Agnes. Mudarei daqui tão logo seja possível.

Mari tentava controlar o pânico. Tinha pouco dinheiro e não conhecia ninguém no Havaí, além de Adam Foster. Para onde poderia ir?

— Não, não faça isso! — Agnes sorriu pela primeira vez, ficando quase bonita. Olhou para o marido, esperando aprovação. — Você é filha de Russell e é muito bem-vinda nesta casa.

Emocionada com a sinceridade de Agnes, Mari custou a controlar a emoção.

— E você, papai? Também quer que eu fique em sua casa?

— Claro que sim! Já passamos muito tempo afastados e eu quero conhecê-la melhor, filha.

Ao levá-la para um dos quartos de hóspede, Russell admirou o porte gracioso da filha, tão parecida com a mãe. Percebera que Adam Foster também se impressionara com a beleza de Mari e foi envolvido por uma onda de raiva.

Logo ao chegar à ilha, Russell antipatizara com o pai de Adam, um norueguês que também tentava se estabelecer como fazendeiro de gado. Criara-se uma intensa rivalidade entre os dois *haoles* e ele perdera; Foster fora aceito pelos nativos enquanto Russell permanecera sempre um forasteiro.

Antes de seguir o pai, Mari demonstrou sua gratidão a Agnes. Toda a situação era muito diferente de suas fantasias de adolescente, mas teria um teto sobre sua cabeça.

Russell não se dignara a lhe explicar porque não enviara uma carta contando que formara uma nova família. Apenas dissera que precisava de um filho homem para dirigir a fazenda quando ele morresse. Ficara muito evidente que ele não a incluía em seus planos de futuro.

Quando finalmente ficou sozinha, Mari jogou-se na cama, física e emocionalmente esgotada. Mais uma vez estava em uma casa estranha. Viera para junto do pai... mas não encontrara um lar de verdade. Talvez, com o tempo, sentisse que pertencia a essa família.

Nos dias que se seguiram, Mari continuou se sentindo uma intrusa. Seu pai e Agnes também não estavam à vontade, apesar de se esforçarem para agradá-la. Tinha certeza de que só o tempo ajudaria a desfazer a barreira de formalidade que existia entre eles. Então, tentaria descobrir porque ele não cumprira a promessa, mandando buscá-la em New Bedford.

Mari não estava acostumada à ociosidade. Gostava de seu quarto, pequeno mas aconchegante, porém não podia passar o dia todo fechada entre quatro paredes. Ela se oferecera para ajudar Agnes nos serviços domésticos e percebera, pela negativa categórica, que a madrastra ainda não se habituara com a presença, em sua casa, de uma enteada quase da mesma idade. Sem nenhuma ocupação fixa, Mari tinha tempo de sobra para conhecer a região vizinha à fazenda. O pai dera-lhe toda a liberdade de sair e passear pela redondeza, avisando-a apenas para ter cuidado com os touros selvagens que se deslocavam pelas pastagens da ilha.

Naquela manhã, Mari sentou-se sobre uma rocha elevada de onde se descortinava o oceano para pensar sobre sua vida. Qual seria seu futuro no

Havaí? Apesar de seus esforços, continuava a pensar em Adam Foster. Quando o veria de novo? Também se preocupava com sua intromissão no lar paterno. Precisava encontrar um meio de ajudar o pai na fazenda, depois que fosse aceita pelo sócio de Russell.

De costas para as construções da fazenda, Mari sentia-se isolada de tudo. A seus pés, estendiam-se as planícies cobertas de lava vulcânica, negras ou em tons de ocre e marrom, conforme a época em que haviam sido expelidas pelo Mauna Loa, o vulcão ao sul da ilha. Felizmente, o Mauna Kea, ainda mais alto e mais próximo das fazendas, estava inativo há muito tempo.

A paz do ambiente contagiou Mari. Aos poucos, começava a se adaptar a sua nova vida. Logo criaria raízes naquela ilha de beleza exótica, pensou. Descansando o queixo sobre os joelhos, ouvia o sussurro da brisa, murmurando que ela encontrara seu lar e logo encontraria seu destino e a felicidade...

A magia daquele momento foi rompida por um leve tremor de terra e a visão de um vaqueiro a cavalo, galopando no alto de uma colina bastante próxima. Mari voltou à realidade, censurando-se por agir como uma adolescente romântica. O ruído surdo do tremor cessou abruptamente, antes que ela se levantasse de seu lugar.

Sorrindo, Mari admitiu que começava a se acostumar às mudanças de humor daquela terra.

— Já perdeu o medo? — perguntou Adam, surgindo a cavalo por trás da rocha.

Assustada, Mari saltou da pedra onde se sentara e tentou compor as longas saias de musselina que prendera entre as pernas para mover-se com mais liberdade.

— Não percebi que era você — exclamou ela, embaraçada. — Pensei que fosse um *paniolo*.

— Eu *sou* um vaqueiro.

Erguendo a aba do chapéu com a mão enluvada, Adam a fitava com um olhar penetrante. Ele realmente se parecia com os *paniolos*, usando um lenço colorido amarrado à cintura, um poncho de lã e botas. E certamente tinha a mesma habilidade dos vaqueiros pois continha seu garanhão impaciente com uma ligeira pressão dos estribos.

— E então? — ele insistiu, irônico. — Não me pareço com um *paniolo*?

— Não foi polido em chegar sem se anunciar — retrucou Mari, tentando disfarçar sua perturbação.

O sorriso de Adam se ampliou, mas ele permaneceu em silêncio. Uma

estranha tensão se criava entre eles e Mari sentiu uma inexplicável necessidade de fugir desse homem fascinante em seu garanhão selvagem. Entretanto, algo a prendia junto dele.

Repentinamente o cavalo empinou, fornecendo a Adam a oportunidade que desejava para se afastar. Precisava controlar as emoções que Mari despertava em seu coração.

Por que não podia aproximar-se dessa mulher sem desejar beijá-la com ardor? Desde a chegada dela à fazenda Russell, Adam tentava se convencer que só se sentira atraído pela jovem loira, de cabelos brilhantes como fios de prata, porque ela representava um ideal de perfeição física muito diferente da beleza das havaianas.

Viera ao encontro dela apenas para confirmar essa teoria e para saber se Russell a recebera bem.

Em seu íntimo, Adam reconhecia que não descansaria enquanto não possuísse a jovem de olhos castanhos e desafiadores, que espelhavam seu orgulho e coragem. Subitamente, soube que Mari não manteria a expressão combativa quando a estreitasse em seus braços e se apoderasse de seus lábios...

Não! Não podia nem devia esquecer-se que ela era uma *haole* e ele, além de ser um havaiano, era também o único responsável pela mãe e pela fazenda da família.

Mari percebeu a sutil alteração na expressão de Adam e, sentindo a frieza dele, ficou ainda mais perturbada. Precisava escapar dessa situação constrangedora, mas era estreita a passagem entre o cavalo e a rocha.

— Já se habitou à nova vida? — perguntou Adam, dando-lhe passagem.

— Estamos começando a nos conhecer... Logo seremos uma família de verdade.

— Ótimo! Desejo-lhe felicidades.

Adam tocou a aba do chapéu numa despedida ao estilo de Boston, não do Havaí, e desapareceu entre as rochas como se tivesse evaporado em pleno ar.

Mari permaneceu imóvel mas seu olhar pousou sobre a imponente cadeia de montanhas a sudeste, coroada por um halo de nuvens alvas. Ela já havia notado que os picos mais altos ficavam sempre envoltos por uma neblina difusa, só que ainda não aprendera a ler os sinais da natureza naquela ilha tropical e tão distante da pacata Nova Inglaterra.

Enquanto caminhava de volta à fazenda, Mari voltou a pensar em Adam. Tinha certeza de que não fora a única a se sentir atraída, no entanto... e se

fosse apenas uma fantasia passageira? O pensamento era assustador... e excitante.

Quando Mari entrou em casa, encontrou o pai e um outro homem tomando café enquanto observavam um mapa aberto sobre a longa mesa de *koa*, uma madeira típica das ilhas e muito usada principalmente para móveis por sua bela aparência de mogno polido.

— Este é Ev Pitney, Mari — disse Russell, apresentando a filha ao seu sócio na fazenda.

Agnes movia-se como uma sombra em seu vestido marrom, um penteado severo e o rosto pálido. Era evidente a sua devoção ao marido, que não lhe dava a menor atenção. O pequeno Seth brincava a um canto em silêncio, longe dos adultos. O garotinho não se parecia em nada com o pai. Devia ter herdado os traços da família da mãe, filha de um casal de missionários da ilha.

Ev, que aparentava ter mais de sessenta anos, ergueu o rosto sorridente e levantou-se para estender a mão a Mari.

— Então, esta é a Mari! Veio de longe, da Nova Inglaterra! Que coragem, mocinha!

Ela sentiu uma imediata simpatia por ele e sorriu ao apertar-lhe a mão. Eram as boas-vindas mais calorosas que recebera no Havaí e esperava ter encontrado um amigo.

Ele vivia em uma casa do outro lado do pátio e fazia as refeições no sobrado, com a família do sócio. Mari ficou curiosa para conhecê-lo melhor porque, ao contrário do pai, não a reprovava por sua viagem.

O fato de Russell não ter feito nenhum comentário significava reprovação ou indiferença. Entretanto, ele não escondia sua preferência por filhos homens e talvez algumas das críticas do avô tivessem um fundo de verdade. Mari se ressentia pela falta de interesse do pai, pela falta de sinceridade quanto a sua mudança de vida.

— Não temos homens suficientes para levar o gado com rapidez — declarou Russell, voltando a examinar o mapa com o cenho franzido.

— Se a montanha acordar — respondeu Ev, no mesmo tom preocupado — perderemos mais cabeças do que nossas finanças podem suportar. Temos que tentar.

— Se fosse possível contratar mais gente...

Mari aproximou-se e estudou o mapa enquanto Agnes servia mais café a todos.

— Posso ajudar de algum modo? — ofereceu ela, hesitante. — Aprendi a

montar. Tio George acha que eu ando a cavalo bastante bem.

— Isso não é trabalho para uma moça — declarou Ev, suavizando a recusa com um sorriso de admiração. — Foi muita gentileza sua, mas é tarefa para homens.

— Você sabe mesmo montar, menina? — Russell a olhava com interesse crescente. — De verdade?

Pela primeira vez, desde a chegada, Mari reparou que o pai a olhava com interesse. Talvez porque estivesse se oferecendo para ajudar? Logo afastou essa suspeita, pois o oferecimento partira dela. Queria fazer parte do rancho, ser aceita pelo pai e sua nova família.

— O senhor se lembra do Midnight? — perguntou Mari, referindo-se a um dos cavalos do avô.

— Foi um dos animais mais ariscos que já montei. Pensei que o velho Webster tinha vendido esse animal.

— Vendeu mesmo, mas antes cruzou-o com uma boa égua e nasceu Blackie. Ficou arisco como o pai, só que cuidei dele desde o nascimento e ele me deixava montar. Vovô o manteve em seus estábulos para o meu uso, em uma demonstração muito rara de consideração por mim.

— A sua situação era muito difícil? — perguntou Russell baixinho, sem desviar os olhos do mapa.

Mari examinou o rosto do pai, surpresa com sua expressão de pena e arrependimento, talvez.

— Às vezes... eu me desesperava — murmurou ela, a voz embargada pelas lágrimas. — Eles eram muito severos...

Um silêncio pesado reinou na sala durante alguns instantes. Então Agnes, aproximando-se, surpreendeu Mari com uma demonstração de compreensão e afeto.

— Não pense mais nesse período de sua vida, Mari — disse Agnes, abraçando-a. — Agora você tem um novo lar entre nós...

— Você estava contando que sabia montar — interrompeu Russell, desviando o assunto. — Acha mesmo que pode ir para o campo com uma das turmas? É evidente que não irá trabalhar com o gado, mas poderia supervisionar o trabalho dos homens, como eu e Ev costumamos fazer.

— Ficou louco, Russell? Não poderíamos deixar uma jovem fina cavalgar na companhia *de paniolos* rudes! — exclamou Ev, chocado — E ainda mais sendo sua filha. Os homens não aprovariam... e nem eu.

— Mas eu gostaria de ajudar — insistiu Mari, ignorando os olhares horrorizados de Agnes e Ev. — Sei que é muito importante e urgente levar o

gado para uma região segura e tenho certeza de que sou capaz de executar esse trabalho... acho até que vou gostar.

Mari procurou controlar o entusiasmo para não escandalizar Agnes, mas adorava a idéia de montar novamente e cavalgar pelos campos em plena liberdade. Além disso, sabia que sua oferta não seria recusada se ela fosse homem. Era uma boa oportunidade de mostrar ao pai que uma filha tinha o mesmo valor de um filho.

— Russell, você não está falando sério... — Agnes o censurou com suavidade. — Não seria apropriado e você sabe disso. Todos vão comentar. Meus pais não aprovariam e os *paniols*...

— Chega! — Russell esmurrou a mesa, enfurecido. — Os *paniols* são orgulhosos e Mari estará segura entre eles. Vão tratá-la como a filha do patrão. Além disso, quem toma as decisões neste rancho sou eu, não minha mulher. O que há de errado se Mari quer nos ajudar em uma situação de emergência como a que enfrentamos agora? A desaprovação das pessoas e a censura de seus pais... não têm o menor valor para mim.

Mari chocou-se com a explosão do pai e com a palidez de Agnes. Ia retirar o oferecimento, quando Russell prosseguiu em tom mais brando, percebendo que fora grosseiro demais.

— Peço-lhe desculpas, Agnes. Mas você sabe que é vital levar o gado para um lugar seguro. Trata-se do futuro de nossa fazenda, do futuro de nossos filhos.

Mari tentou controlar uma onda de ressentimento. Seu pai ignorava deliberadamente que tinha uma filha, e em seus planos para o futuro só existia o filho homem. Então, sentiu-se vingada por Agnes, que demonstrou não ser tão subjugada pelo marido quanto ela imaginara.

— Não estou preocupada com o futuro. Mari é uma moça fina, bem educada e não acho certo que se misture com os *paniols*.

— E eu concordo com Agnes — atalhou Ev friamente, fazendo menção de ir embora.

— Mas só quero ajudar — Mari insistiu, tentando demonstrar calma. — Não tive intenções de causar problemas. Por que não fazemos um acordo que satisfaça ambas as partes? Eu colaboraria só até que passasse o perigo. Os vizinhos não entenderiam a minha participação nessas circunstâncias?

Em silêncio, Ev evitava revelar sua irritação com a cegueira de Russell. Mari tinha todas as qualidades que faltavam a Seth. Apesar de ser um bom menino, o garoto vivia agarrado às saias da mãe e era tímido e medroso.

Subitamente, Ev mudou de idéia. Não impediria Mari de cavalgar com a

tropa, pois Russell não mentira ao dizer que ela estaria segura entre os *paniols*. Além disso, era evidente o quanto aquela jovem corajosa desejava trabalhar para o pai.

— Então está combinado — disse Russell, olhando a mulher e a filha. — Vou procurar roupas de montaria que sirvam em você, Mari. Mandarei entregar em seu quarto.

Enrolando rapidamente o mapa, ele saiu da sala, acompanhado por Ev.

— Esteja no estábulo na hora do sol raiar, Mari — avisou Russell, já na varanda.

Contrariada, Agnes foi com Seth para a cozinha. Mari ficou sozinha na sala, analisando seu relacionamento com todos da casa. Sem dúvida alguma, a realidade contrariava os sonhos que alimentara mas, no decorrer do dia, seu entusiasmo renasceu. Adorara os magníficos cavalos que vira no estábulo e também parados no pátio em frente à casa.

Curiosa, perguntava-se o que os *paniols* iriam pensar de sua participação. E Adam Foster? Desaprovaria sua atitude?

Naquela noite, Mari sonhou com um *paniolo* alto e moreno que a fitava com um olhar de intenso desejo, despertando nela sensações desconhecidas e inquietantes. Só não compreendera porque o fascinante Adam Foster trazia sempre uma expressão triste no rosto e se afastava toda vez que estavam próximos em vez de tomá-la nos braços.

Quando Mari acordou, a roupa de montaria estava sobre a cadeira do quarto. Ela vestiu-se imediatamente e prendeu o cabelo no alto da cabeça, cobrindo-o com um chapéu. Com um poncho colorido e calça escura por dentro das botas de couro, ninguém notava suas curvas femininas. Apenas os cílios longos e os traços delicados do rosto poderiam indicar que ela era uma mulher.

Ela começou a rir e a dançar na frente do espelho. Estava livre das saias e também dos preconceitos e da disciplina puritana da Nova Inglaterra! Sempre seria grata ao pai por permitir-lhe a liberdade de se transformar em um *paniolo*.

Então, Mari caiu em si, recusando-se a viver uma ilusão. Russell só havia concordado com a ajuda por necessidade, não para dar à filha a liberdade que ela tanto almejava. O pai precisava de alguém para defender seus interesses e não dispunha de recursos para contratar mais homens...

Lutando contra a melancolia, Mari cruzou a casa silenciosa e parou na varanda, encantada com a paisagem banhada de rosa pelo sol nascente. Ao respirar profundamente o ar puro da manhã, lembrou-se de seu encontro

com Adam no dia anterior. Por que esse homem surgia cora tanta freqüência em seus pensamentos?

Logo a excitação pelo dia de trabalho que a esperava, suplantou as outra preocupações. Ao se aproximar do estábulo, viu que os *paniolo*s selavam seus animais. Ev e Russell, que davam ordens aos vaqueiros, aproximaram-se para recebê-la.

— Bom dia, Mari — disse Russell.

Todos os vaqueiros desviaram os olhos, constrangidos, enquanto ele fez as apresentações. Russell insinuou que ela era quase uma menina, mas montava bem e poderia ajudá-los com o gado naquela emergência.

Mari sentiu o rosto em fogo. O pai falava como se ela tivesse catorze anos!

— Não se preocupe — Ev murmurou-lhe no ouvido. — Seu pai está certo. Se os homens acharem que você é mais jovem vão tratá-la como menina e não como mulher.

— Mas eles já me viram de vestido e sabem que não sou uma criança.

— Não importa. Eles respeitam muito seu pai e já entenderam a mensagem.

— Que mensagem?

— “Tirem as mãos dela!” — Ev sorriu e ergueu os ombros, embaraçado. — Bem... você perguntou, achei que gostaria de ouvir uma resposta sincera. O Havaí é muito conservador e seu povo mantém as antigas crenças pagãs. Seu pai pode ter idéias diferentes das minhas, mas só está pensando no seu bem, Mari.

Ela sabia que o pai só se preocupava em construir um império para Seth e os outros filhos homens que certamente pretendia ter, mas dominou o impulso de dar uma resposta malcriada. Precisava mostrar-se capaz de executar um bom trabalho porque desejava viver naquela terra. Começava a amar o Havaí e não queria voltar para New Bedford. Nunca mais!

— Depois que Madame Pele adormecer novamente e a situação se acalmar, vou apresentá-la à Kilia, minha sobrinha. — Ev colocou o braço sobre os ombros de Mari, num gesto paternal.. — Ela é quase da sua idade e acho que vão se dar muito bem.

— O nome dela é Kilia? Ela é...

— Havaiana — concluiu Ev. — Minha mulher, com quem vivi tantos anos de intensa felicidade, era havaiana. Infelizmente, perdi-a muito cedo e ela está enterrada em Waimea com nossos filhinhos.

Comovida, Mari estendeu-lhe a mão.

— Sinto muito, Ev.

A conversa foi interrompida pelo pai, que a chamava para lhe mostrar sua montaria e Mari se encantou com o cavalo, vigoroso e sereno. Depois de ouvir atentamente as explicações paternas, ela montou e um sorriso de felicidade se formou em seus lábios.

Mari passou o dia todo na companhia dos *paniolo*s. O mais velho dos vaqueiros, que a tomara sob sua proteção, ensinou-lhe cada passo daquele trabalho primitivo. Nos intervalos entre as explicações, o *paniolo* lhe contou a história de seus ancestrais mexicanos e havaianos.

Fascinada, Mari ouvia Juan relatando de um modo pitoresco a chegada dos primeiros polinésios às ilhas, depois de cruzarem mares desconhecidos em frágeis canoas abertas. Depois haviam vindo os primeiros exploradores, o capitão Cook, que descobrira a ilha para os ingleses, o capitão Vancouver que tinha trazido as primeiras cabeças de gado e por fim os vaqueiros, que vinham do México e do sudoeste americano, e eram chamados de *paniolo*s.

As horas corriam enquanto Mari cruzava as florestas muito verdes das encostas do planalto e circundava as moitas de cactos nas terras baixas. Eram declives nivelados pela lava que escorrera do Mauna Loa até o mar em antigas erupções.

No fim do dia, Mari sabia que nunca mais partiria daquela ilha encantada. Queria se casar, formar um lar ao lado de um homem...

A imagem de Adam surgiu inesperadamente em sua mente. Reviu os olhos castanhos, de uma intensidade perturbadora, revelando desejos que aceleravam as batidas de seu coração.

Inquieta, Mari deu rédeas livres ao cavalo que galopou através do planalto, em direção à fazenda. Mas o costumeiro prazer de cavalgar não afastou de sua mente a visão do homem atraente que pertencia a um outro mundo. Precisava lutar contra as fantasias românticas e impossíveis.

CAPÍTULO IV

Seth já adormecera há horas e Agnes lutava contra o cansaço e a vontade de se deitar. Seu dia era sempre muito longo e ainda precisava arrumar a cozinha e preparar a mesa do café da manhã seguinte. Kee, o cozinheiro chinês, se retirara para o alojamento, mas acordaria bem antes da madrugada para iniciar os preparativos da primeira refeição do dia.

Parada junto à janela, Agnes via o pátio fronteiro mergulhado na escuridão da noite. Não havia um sopro de vento e ar parado sempre provocava nela uma estranha inquietação. Se ao menos Russell chegasse e, tomando-a nos braços, lhe dissesse que tudo estava bem!

Ela começou a lavar os pratos, pensando no marido, o homem por quem se apaixonara à primeira vista, desde o dia em que o vira na igreja do pai, em Hilo. Russell não era religioso, mas queria causar uma boa impressão nos vendedores da fazenda que ele queria comprar e os acompanhara ao culto do domingo.

Agnes, que nunca tivera nenhum namorado, sentiu-se imediatamente fascinada pelo homem sofisticado e atraente, com uma expressão de rebeldia em seu rosto de traços másculos. Cansada de viver presa às restrições dos pais missionários, ela sonhou com o sedutor desconhecido, mas surpreendeu-se quando Russell retribuiu seu interesse e começou a frequentar sua casa, até pedi-la em casamento.

Naqueles dias distantes e românticos, Russell lhe dissera que havia finalmente encontrado a mãe ideal para os seus filhos. Ele mencionara, superficialmente, que a primeira mulher, morta há muitos anos, nunca fora aprovada por sua família na Nova Inglaterra.

As explicações de Russell sugeriam um casamento infeliz, mas Agnes fora obrigada a reconsiderar após a chegada de Mari. Seu marido jamais mencionara a existência de uma filha e, embora não tivesse mentido, também não agira com toda a honestidade, ocultando-lhe um fato tão importante.

— Posso ajudar?

A voz de Mari, vinda da porta da cozinha, assustou Agnes. Ao voltar-se, tornou a admirar a beleza da filha do marido. Mesmo tendo passado o dia todo cavalcando entre os *paniolas*, o rosto da jovem continuava corado e seus olhos castanhos brilhavam de energia. Ela sentiu-se gasta e sem beleza,

apesar de terem quase a mesma idade.

Agnes não se ressentira com a chegada de Mari. Simpatizara com aquela jovem de olhar meigo e tentara evitar que ela fosse trabalhar entre os vaqueiros. Sempre vivera nas ilhas e sabia que essa atitude provocaria comentários desagradáveis. De nada adiantara explicar a situação ao marido. Russell recusava-se a ouvir o que não lhe agradava.

— Já estou terminando mas... agradeço sua boa vontade. — Sorrindo, Agnes enxugou as mãos.

Ela queria falar com Mari, explicar-lhe que o trabalho entre os *paniolos* e o uso de roupas de montaria masculinas feriam as convenções sociais da ilha e que precisaria mudar de atitude se quisesse se casar e se estabelecer no Havaí.

— Gostaria de tomar chá?

— Oh, eu adoraria.

Mari sentou-se à mesa da cozinha, feliz por ficar a sós com Agnes. A madrastra estava nitidamente exausta e, como sempre, havia uma sombra de melancolia em seus olhos doces. Russell a tratava quase com descortesia e talvez ela não tivesse coragem de enfrentar o marido, exigindo que suas opiniões e sentimentos fossem respeitados.

Depois de preparar e servir o chá, Agnes sentou-se para saboreá-lo e começou a explicar, timidamente, porque Mari não devia trabalhar com os *paniolos*.

— Você começou há apenas uma semana e os rumores já estão correndo pela ilha. Nossos vizinhos comentam que Russell cometeu um grande erro e que você não devia se misturar aos homens. Sei que neste momento a sua ajuda é de importância vital, mas esse trabalho, embora temporário, arruinará sua reputação para sempre. Ele não avalia a mesquinhez das pessoas e, por falta de malícia, criou uma situação que a prejudicará muito.

— Mas todos sabem que pode haver uma erupção a qualquer momento e o gado...

— É exatamente esse o problema! — Agnes a interrompeu, aflita. — O vulcão continua calmo e os missionários julgam que pode continuar assim por muito tempo. Segundo a opinião de meu pai, o povo das ilhas aprendeu a conviver com as erupções repentinas e costumam dizer que a deusa Pele está irritada com a constante chegada de homens brancos no Havaí e outras tolas crenças pagãs. Infelizmente, muitos paroquianos de meu pai também acreditam em tolices assim e essas pessoas não aprovam que uma moça se comporte como um homem.

— E em que você acredita, Agnes? — Mari procurava disfarçar a contrariedade. — Que sou uma mulher perdida porque quero ajudar meu pai?

— Claro que não, Mari — exclamou Agnes, preocupada. — Só quero que você tenha um futuro feliz, que se case com um homem decente como... Adam Foster, por exemplo.

Mari enrubesceu. A atração entre eles seria tão evidente? Mas Agnes continuou a comentar os costumes da ilha, mostrando que citara o nome dele apenas como exemplo.

— Não feri seus sentimentos, não é, Mari? — perguntou Agnes, temendo a reação da enteada.

Ela não queria que Agnes se preocupasse por ter sido sincera, mas nada a impediria de continuar ajudando a reunir o gado. Não pretendia abandonar o prazer de cavalgar pelos campos. Era um trabalho pesado mas adorava cada minuto de excitação e aventura. Pensava em Adam enquanto observava os *paniols* cercando as reses, imaginando que ele estava em algum lugar da ilha, também ocupado em levar as manadas para um lugar seguro.

Mari anotava cada animal que chegava ao curral e se alegrava ao ver quase todo o gado em segurança no caso de haver uma erupção.

Então, voltando à realidade, admitiu que devia dar mais explicações a Agnes. No Havaí, como em New Bedford, não seria possível escapar da prisão criada por mentalidades estreitas que nunca mudariam. Estava repetindo que a situação era apenas temporária quando, repentinamente, a casa estremeceu.

As canecas começaram a deslizar sobre a toalha, as cortinas balançaram e os copos e os pratos se entrechocaram no guarda-louças. Assustada, Mari saltou da cadeira, agarrando-se à mesa para manter o equilíbrio. Agnes saiu correndo, preocupada com Seth. Como sempre, o abalo terminou tão abruptamente quanto começara, deixando apenas um silêncio sinistro, ainda mais assustador.

Instantes depois, o choro assustado de Seth ecoou no andar de cima da casa e, naquele momento, Mari pressentiu que os missionários tinham errado em sua avaliação. O pior ainda estava para vir.

Na manhã seguinte, quando Mari foi ao encontro do pai e de Ev no estábulo, os cavalos já estavam selados.

— Hoje você vai com Ev — avisou Russell. — A cerca do curral caiu ontem à noite, durante o tremor de terra, e grande parte do gado fugiu para a

montanha.

— Vaqueiros estúpidos! — exclamou Ev. — Nem perceberam que os animais estavam escapando.

— Precisamos reunir os desgarrados — lamentou-se Russell, com ar muito cansado. — Graças a Deus, mais de um quarto do rebanho permaneceu no curral. Precisamos da ajuda de todos pois a erupção pode começar a qualquer momento... se é que já não começou.

Seguindo o olhar do pai, Mari avistou o Mauna Loa, atrás do Mauna Kea e notou que os dois picos tinham uma estranha auréola de nuvens cinzentas. Se o rancho estivesse localizado mais no alto, perto do Waimea, o gado não teria se espalhado tão ao sul, bem no centro da zona vulcânica.

Ela montou rapidamente o cavalo, saindo junto com os homens liderados por Russell. Ao chegarem à trilha que seguia por um extenso vale entre as duas montanhas, todos se separaram em grupos menores. Mari ficou com Ev e mais dois vaqueiros, a fim de procurar o gado desgarrado na região cortada pela estrada que percorrera com Adam para chegar à fazenda.

A distância, vinha uma charrete. Mari percebeu que os passageiros eram mulheres.

— Bom dia, Ev — cumprimentou o cocheiro. — Vocês não estão indo na direção errada?

— Infelizmente, não. Durante o abalo de ontem à noite, parte de nosso gado fugiu do curral e queremos reunir logo o que for possível. — Só então ele reparou nas duas moças que estavam no banco de trás. — Kilia! Com os diabos! O que está fazendo aqui?

Mari se encantou com a beleza das havaianas. Uma mulher, mais velha e de expressão severa, viajava no banco da frente, com o cocheiro e, aparentemente todos se conheciam.

— Vamos para a fazenda Foster, tio Ev. Todos estão com medo do vulcão e meus pais me enviaram com Jane e sua mãe. É mais seguro ficar na parte norte e mais elevada da ilha. Elas chegaram de Honolulu e foram convidadas a fazer uma visita.

— Nenhum lugar da ilha está livre de terremotos — respondeu Ev. — Entretanto, fico contente em saber que você se afastou do ponto mais perigoso. Kilia... eu gostaria de lhe apresentar Mari, a filha de Russell que chegou da Nova Inglaterra, há poucos dias. Já conversamos sobre você e, como têm quase a mesma idade, acho que se darão muito bem. Devem se conhecer melhor.

Mari estava distraída, pensando no que a moça havia dito. Por que a

família de Adam tinha convidado Jane e a mãe? Eram só amigos ou existiria outro motivo? Nesse momento, ela reparou que todos a olhavam.

— Muito prazer — respondeu ela, tirando rapidamente o chapéu.

Os grampos haviam se soltado e os cabelos longos e prateados reluziram ao sol. Um silêncio carregado de perplexidade tomou conta do pequeno grupo até ser rompido pela risada cristalina de Mari. O *paniolo* se transformara numa mulher diante dos olhares surpresos das três mulheres.

— Você é mesmo uma moça? — perguntou Jane, horrorizada. — Que vulgaridade! Pensei que fosse um *paniolo*.

— Jane! — interrompeu Kilia, tentando conter a amiga.

— Jane tem razão — a mulher mais velha interferiu, com expressão reprovadora. — Monta como um homem, veste-se como um vaqueiro... certamente não é um comportamento adequado para moças de boa educação. Vamos embora. Chega de perder tempo com tolices...

— Ei, espere um pouco, senhora! — Ev ergueu a mão, irritado. — A Srta. Mari Webster é das damas mais dignas que já conheci. Ela está apenas ajudando o pai e tem motivos de sobra para se orgulhar de sua colaboração. Não admito que seja insultada. Espero que se desculpe imediatamente!

— Não se preocupe, Ev. — Mari fitou a mulher mais velha com um olhar altivo. — A aprovação dessa... senhora não tem a menor importância para mim. Prefiro ajudar meu pai a fugir do perigo como uma covarde.

— Oh, sinto muito por tudo — interrompeu Kilia, antes que uma de suas companheiras de viagem recuperasse o sangue frio e pudesse responder.

Agnes tinha toda a razão! Agora Mari percebia que a madrastra realmente se preocupava em preservar sua reputação. Esse primeiro contato, bastante desagradável, era consequência de seu trabalho junto com os vaqueiros.

— Também sinto muito. — Curvando-se no cavalo, Mari dirigiu-se apenas a Kilia: — Gostaria de conhecê-la melhor. Ev a elogia muito.

— Eu também gostaria...

O cocheiro estalou o chicote e a charrete desapareceu numa nuvem de poeira.

— Que velhota pretensiosa! — resmungou Ev, furioso. — Não sei como Kilia agüenta essa criatura insuportável, apesar de ter sido colega dessa menina mimada desde pequena.

— Também não sei — concordou Mari, recolocando o chapéu.

Ela simpatizara com Kilia, que parecia ser uma boa moça. Provavelmente fora obrigada a obedecer os pais, que queriam vê-la em lugar seguro e a haviam forçado a viajar na companhia daquelas duas mulheres de

mentalidade estreita.

Enquanto saíam da floresta, entrando na região árida das rochas e dos cactos e penetrando cada vez mais na zona perigosa dos antigos derrames de lavas, Mari só pensava em Adam e nas convidadas que passariam algum tempo em sua fazenda. Seriam apenas amigos da família Foster ou ele tinha um interesse especial em Jane?

Ela sentiu o coração se apertar e justificou-se, pensando que só se preocupava com Adam. Não era possível, ele nunca se envolveria com uma moça tão fútil! Então, lembrou-se que mal o conhecia!

Subitamente, sentiu medo da opinião dele sobre seu comportamento pouco convencional. Adam também a julgaria mal por estar ajudando o pai e cavalgando junto com os *paniols*? Se a notícia ainda não tivesse alcançado seus ouvidos, saberia de tudo assim que Jane e a mãe chegassem à fazenda Foster!

No fim da tarde, Mari e Ev se encontraram com Russell e o resto dos homens. Os dois sócios decidiram fazer um acampamento para passar a noite, longe da fazenda, a fim de ganharem tempo na manhã seguinte.

Ocasionalmente, ouvia-se um ruído surdo, lembrando a todos que a montanha continuava a ameaçá-los. Entretanto, Mari jamais acampara antes e ela esqueceu-se do perigo, entusiasmada em preparar seu cantinho para dormir a céu aberto. Embora tivesse sido avisada que existiam cobras e aranhas venenosas naquela região, estava tão exausta que adormeceu ao encostar a cabeça no chão duro.

Antes mesmo do nascer do sol, todos já estavam montados em seus cavalos e prontos para trabalhar. Ao meio-dia, depois de se separarem em pequenos grupos, Mari, Juan e os dois vaqueiros percorriam a área que Russell considerava a mais segura em caso de perigo.

No início da tarde, enquanto os homens laçavam os bois fugitivos, ela avistou, ao longe, outros cavaleiros. Juan informou-a de que eram *paniols* da fazenda Foster. Algumas horas depois, o gado fora todo reunido e os grupos retomaram o caminho de volta.

Repentinamente, alguns animais começaram a correr. Era um estouro da boiada e Mari não tinha tempo de sentir medo porque pretendia acompanhar os vaqueiros, a fim de ajudá-los a reunir os animais. Os gritos dos *paniols*, o latido dos cachorros e o mugir dos bois quase suplantavam um rumor surdo que vinha das profundezas da terra.

Então começou o terremoto... e dessa vez não foi apenas um tremor breve que cessa tão repentinamente quanto começa.

CAPÍTULO V

Uma nuvem de poeira se erguia, cobrindo a paisagem com uma cortina de cinzas. Mari teve a impressão de que um vendaval gigantesco soprava sobre a ilha para limpar a natureza das camadas de lava expelidas através dos anos pelo Mauna Loa.

— Fique perto de mim, Mari! — gritou o velho Juan, segundos antes de desaparecer, tragado pela monstruosa nuvem de poeira e cinzas.

Ela não prestou muita atenção ao aviso do experiente *paniolo*. Precisava de toda a sua concentração para continuar montada pois o cavalo tentava, desesperadamente, manter-se em pé sobre o solo que oscilava. O gado se espalhava em todas as direções, mas o rugir do terremoto, num crescendo alarmante, suplantou todos os outros ruídos.

Mari entrou em pânico. Cega pela poeira, não conseguia ver Juan nem os vaqueiros e seu único pensamento racional era manter-se sobre o cavalo e longe do gado. Se perdesse a montaria, certamente seria pisoteada pelos animais em fuga.

Naquele momento, Mari entendeu porque os nativos acreditavam em seus mitos. A ilha do Havaí estava prestes a se desfazer e ser tragada pelo mar! Os havaianos não diziam que Pele, a deusa do fogo, queria se livrar de todos os *haoles*?

O cavalo conseguia, aos poucos, se afastar do gado em debandada, mas Mari agora preocupava-se com o terremoto que aumentava de intensidade. O animal ergueu-se nas patas traseiras tão inesperadamente que ela perdeu o equilíbrio e foi atirada ao solo. Atordoada, permaneceu imóvel, sentindo a terra tremer sob seu corpo. Já não havia mais nenhuma dúvida: ela ia morrer!

Então, os abalos começaram a diminuir e restou apenas um ligeiro tremor, acompanhado por um ruído surdo, vindo das entranhas da terra. Mari tentou sentar-se e seu movimento provocou uma dor violenta no tornozelo, prova de que torcera a perna ao cair. Só pedia a Deus para não ter quebrado um osso! Olhando à volta, viu que o gado se distanciara e não havia sinal dos vaqueiros ou de seu cavalo. Ela lutou contra o pânico, contra um pavor irracional que a impedia de reagir.

Nesse momento, um ruído ainda mais sinistro ecoou na ilha. Tentando identificar o novo som, Mari sentou-se, com grande esforço, e seu pânico se

avolumou. Uma torrente de lava jorrava do Mauna Loa, formando um jato de fogo e rocha fundida para o céu.

Embora estivesse distante do vulcão, Mari se encontrava no vale, entre a cratera em erupção e o Mauna Kea. Compreendeu, com um terror crescente, que caíra sobre o leito de um antigo rio de lava. Talvez a nova torrente de fogo fosse seguir o mesmo caminho! Precisava fugir daquele local perigoso pois só encontraria segurança em um ponto mais elevado da ilha.

Arranhada, ferida e com muita dor no tornozelo, Mari procurava correr o mais rápido possível. Não era fácil locomover-se naquele terreno fofo, coberto de cinzas e o solo continuava a tremer ligeiramente, às vezes sacudido por um abalo mais forte.

Finalmente a poeira começou a assentar e ela avistou o gado a distância. Uma parte do rebanho seguia o velho rio de lava em direção ao mar. Outros animais fugiam para as terras altas onde ficavam as fazendas. Alguns, mais desorientados, subiam a encosta do vulcão em erupção.

Assustada, Mari calculou que o dia chegava ao fim. Como passaria a noite? Que rumo tomaria a lava ao descer da montanha? Também não sabia se viriam outros terremotos ou se um mar de lama cobriria a ilha. Continuava a caminhar com as pernas trêmulas, ignorando o próprio terror. Voltavam a sua mente as terríveis histórias contadas por Juan, como a de uma antiga erupção, em que uma face da montanha havia se fendido, liberando um mar de lava rubra e incandescente que soterrara vilas e povoados do vale. O vulcão era uma força da natureza imprevisível e cruel. Os nativos tinham razão... era a vontade de Pele que determinava quem devia morrer.

Mari tentou controlar sua histeria crescente. Afinal, não acreditava nos deuses pagãos! Infelizmente, a vibração sinistra da terra sob seus pés tornava difícil não sentir a presença cruel das antigas crenças ainda participantes na vida da ilha.

Ofegante e respirando com dificuldade, Mari parou de correr. Estava em outro antigo leito de lava, transformado pelo tempo em estranhas formações rochosas. Embora seu corpo tremesse de exaustão, sabia que era preciso prosseguir. Se parasse, ficaria paralisada, em estado de choque. Então olhou para o sul e, mais uma vez, não acreditou no que via.

A distância, o mar se encapelava e as ondas, sempre maiores, se erguiam com violência.

— Oh, Deus! É um maremoto!

Rezando para que os moradores do litoral conseguissem fugir a tempo, prosseguiu a caminhada refazendo o trajeto que havia percorrido antes do

terremoto. Mas a noite chegou repentinamente, como uma imensa capa negra sobre a terra devastada. Ela encostou-se em uma rocha, incapaz de dar um único passo a mais.

Onde estariam Juan e seus companheiros? Teriam se salvado ou... Ela conseguira fugir da planície e não via sinais de que a lava fosse se espalhar por aquele lado da montanha. Não havia outra opção a não ser esperar pela manhã seguinte. Subindo nas rochas, acomodou-se em um vão entre as pedras para descansar.

A lua cheia surgiu no horizonte, clareando a noite. Sua luz prateada revestia a paisagem com uma sensação de irrealidade. Mari tinha a impressão de ser o único ser vivo em um planeta desabitado. Talvez nunca mais visse o pai nem voltasse para a fazenda.

Ocasionalmente, um ligeiro tremor e um ronco surdo, como o estremecer de um animal agonizante, rompia o silêncio sobrenatural. Algumas chamas ainda se elevavam no topo da montanha, mostrando que Pele continuava a comandar a natureza. Era quase possível sentir a presença cruel da deusa. Desde que pisara nas ilhas, Mari se conscientizará da força das divindades pagas, adoradas pelos nativos. Convencera-se, porém, de que tudo não passava de produto de sua imaginação. Agora já não tinha mais certeza de nada.

Talvez seu grande erro tivesse sido não acreditar nos mitos primitivos. Talvez alguma divindade paga a houvesse atraído para a aventura e para o Havaí apenas para que encontrasse a morte.

No fundo, Mari reconhecia que estava prestes a ter uma crise de histeria e que perdia o controle dos nervos. Entretanto, a presença sinistra dos espíritos e da deusa ficava muito real diante de um cataclismo que podia significar a morte.

As chamas no alto da montanha pareciam as longas madeixas de fogo que formavam a cabeleira da deusa Pele. Então Mari pensou no avô, em New Bedford, certa de que ele a consideraria paga. Então, apesar dos temores, sentiu as energias renascerem. Não se arrependia de nada! Não tinha mais dúvidas de que o Havaí era o seu destino.

— Mari! Mari!

Uma voz ecoava na escuridão.

Sonolenta, ela sentou-se, sem saber se sonhara ou realmente ouvira alguém chamando seu nome. A lua já desaparecera, mas a noite continuava iluminada pelo fogo na cratera do vulcão.

— Estou aqui! — Mari conseguiu erguer-se, apesar da violenta dor no

tornozelo. — Estou aqui, entre as duas pedras mais altas!

A luz das chamas do vulcão iluminava a silhueta atlética do *paniolo* que se aproximava. Seu rosto másculo refletia preocupação e temor. Então, Mari reconheceu seu salvador. Era Adam!

Ele permaneceu em silêncio enquanto os dois se entreolhavam, emocionados e prisioneiros de uma força tão primitiva quanto a que devastara a ilha. Adam a fitava, como se não acreditasse que realmente a houvesse encontrado.

— Que bom que você veio — murmurou ela, num fio de voz. — Senti tanto medo...

Com um movimento rápido e inesperado, Adam a tomou nos braços. Como se enfurecera ao saber que Russell tinha transformado a filha em um *paniolo*. Sua fúria fora suplantada pelo medo, durante o terremoto e a erupção. Ao se juntar aos outros homens da ilha para procurarem os vaqueiros de Russell, ele não tivera grandes esperanças de encontrá-la viva.

Então Mari surgira entre as rochas, os cabelos refletindo a luz rubra das chamas como a deusa Pele. Por uma fração de segundo, Adam sentiu-se atordoadado e sem forças diante da beleza daquela jovem que o atraía desde o primeiro olhar. Abraçou-a com volúpia, unindo mais seus corpos que tremiam de desejo.

— O dia vai raiar dentro de duas horas — disse, mantendo Mari em seus braços. — É melhor esperarmos para voltar com a luz do sol.

Afastando-a com delicadeza, Adam amarrou o cavalo em um tronco de árvore próximo e pegou um cobertor que estava preso à sela. Então, tirou o próprio agasalho para cobrir os ombros de Mari.

O suave roçar dos dedos de Adam em seu corpo trouxe Mari de volta à realidade. A presença dele ao seu lado significava segurança e afastava todos os seus temores. Mas um novo abalo sacudiu o solo, seguido por uma explosão muito brilhante, que iluminou a noite.

— Oh, Deus! A terra nunca mais parará de tremer? — perguntou Mari, novamente em pânico. — Talvez a ilha inteira desmorone. Talvez o mar cubra tudo e...

— Calma, Mari...

Novamente nos braços de Adam e com o rosto encostado em seu peito amplo, Mari ouvia o som das pedras rolando pelo vale, ecoando como trovões. Homem algum poderia competir com o poder do vulcão e da deusa Pele, contudo sentia-se protegida pelo calor do corpo dele junto ao seu.

— Você prefere voltar agora mesmo? — perguntou Adam, com os lábios

muito próximos do rosto de Mari. — Nós perderíamos menos tempo se esperássemos o dia nascer porque a claridade iluminaria nosso caminho. À noite, cada passo será uma aventura no desconhecido.

— Então vamos esperar...

Mari não tinha dúvidas de que a volta seria mais fácil durante o dia, mas temia a noite ao lado de Adam. A proximidade dele despertava reações inquietantes e o medo de perder o controle sobre suas emoções a forçava a se lembrar do puritanismo do avô. Uma jovem solteira jamais deveria ficar sozinha com um namorado ou noivo e muito menos com um homem estranho e irresistivelmente atraente.

Julgando que o tremor de Mari fosse provocado pelo frio e pelo choque, Adam começou a conduzi-la para o cobertor que colocara no chão, ao abrigo das rochas.

Ela hesitou, pressentindo que o gesto de Adam tinha um significado mais profundo do que uma simples preocupação por sua saúde. Não confiava em suas próprias emoções, tão alteradas pela proximidade daquele homem atraente quanto a natureza abalada pelo terremoto.

— Você está gelada até os ossos — explicou ele, ao perceber-lhe a hesitação. — Precisa se agasalhar... o cobertor...

— Não... não posso!

Mari estava prestes a perder o controle. Não teria forças para ficar tão perto de Adam e temia pensar no significado desse receio incontrolável. Esquecendo-se do tornozelo machucado, tentou afastar-se e foi amparada pelos braços dele.

— Meu Deus, você está ferida! Por que não me disse nada?

Curvando-se, Adam examinou a perna, procurando descobrir se havia algum osso quebrado.

— Eu estou bem, não foi nada! Apenas torci ligeiramente o pé... quando o cavalo me atirou no chão.

— Você caiu do cavalo? — exclamou ele, ainda ajoelhado ao lado de Mari. — Por que não me disse logo? Talvez tenha batido a cabeça e por isso está tão nervosa! Não foi só o medo causado pela erupção, não é?

Mari não conseguia fugir do olhar de Adam que a fitava fixamente enquanto a carregava até o cobertor e a cobria com a manta. A noite, banhada pela luz rubra das chamas, criava um elo de total intimidade em que não havia lugar para mentiras.

— Não — confessou ela, sem revelar toda a verdade. Seu descontrole não fora causado apenas pelo medo mas também não era o resultado de uma

pancada na cabeça. Certamente não poderia revelar que o principal motivo de sua perturbação era um homem atraente demais chamado Adam Foster!

— Seu pai merecia um tiro! — comentou ele em voz baixa, como se falasse consigo mesmo. — Como pode deixar a própria filha acompanhar os *paniols*, sabendo que ia haver uma erupção?

Ela não compreendia porque Adam estava tão furioso mas, apesar de não ter uma ligação muito íntima com o pai, ressentiu-se com as palavras de crítica.

— Você não tem o direito de falar assim de meu pai! Fui eu que me ofereci para ajudar... porque o futuro da fazenda estava em perigo.

— Mas não havia necessidade de mandar uma moça fazer o trabalho de um homem! Aparentemente, seu pai não sabe distinguir entre o certo e o errado. Sinto-me obrigado a ter uma conversa muito séria com ele. Nós, os fazendeiros desta ilha, somos em número bastante reduzido e precisamos preservar os nossos valores e nosso código de honra. As mulheres devem ser tratadas com respeito! A reputação de uma jovem é seu maior tesouro...

— Como ousa insinuar que minha reputação foi arruinada? — interrompeu Mari, indignada. — Você não tem o direito de me julgar!

Seus rostos estavam muito próximos e ele sentiu renascer o mesmo desejo incontido do primeiro encontro. Sentia-se irresistivelmente atraído pela beleza dessa mulher, por sua sensualidade à flor da pele. Mas também admirava sua lealdade e sua coragem. Seria quase impossível controlar a paixão que crescia a cada momento, privando-o de lucidez.

— Eu ousou, *ku'uipo*. Ouso porque creio que *aloha au ia'oe*.

O olhar de Adam refletia uma ternura desconhecida e tão intensa que Mari não teve coragem de perguntar o significado daquelas palavras. Ainda não estava pronta para a resposta.

Envolvida pela claridade sobrenatural das chamas, Mari pressentiu que Adam ia beijá-la. Reinava um silêncio absoluto e a noite parecia ter se imobilizado, à espera do momento de maior impacto, como se a violência anterior da natureza fosse apenas um prelúdio da paixão incontrolável que estava prestes a vir à tona.

Mari entreabriu os lábios para pedir a Adam que a levasse de volta para a fazenda ainda naquela noite. Então, o solo voltou a tremer e ela perdeu a batalha contra uma atração intensa demais para suas forças. Semicerrando os olhos, entregou-se ao prazer de sentir-se desejada.

Protegida pela sombra sinistra das rochas banhadas pelo fogo do vulcão, Mari descobriu a força do ritual primitivo da paixão. Os lábios de Adam se

apoderaram possessivamente de sua boca trêmula, roubando-lhe a energia para resistir. Os dedos dele percorriam seu corpo, despertando sensações inebriantes e de uma intensidade que a surpreendia e chocava.

Existia em seu íntimo uma mulher ardente que ansiava pela consumação de um desejo ainda impreciso. A sua sensualidade adormecida vinha à tona com uma força inesperada e, ávida por carícias, Mari arqueava o corpo, inconscientemente oferecendo-se para uma posse total.

Adam a deitou sobre o cobertor e, com dedos trêmulos de ansiedade, começou a desabotoar a blusa de algodão macio. Apenas o tecido leve do corpete cobria os seios palpitantes e, à luz rosada da noite, ele viu os mamilos se enrijecerem, pedindo carícias.

— *Olu'olu...* eu te desejo — sussurrou ele, deslizando os dedos sobre a pele macia exposta pela abertura do corpete. — Seja minha mulher, Mari. Eu a quero... agora.

A voz de Adam, carregada de paixão, refletia a mesma ânsia que se apoderara de Mari. Ela, no entanto, sabia que não podia entregar-se. Tentou se afastar, mas não resistiu às carícias de Adam. Os lábios e as mãos possessivas exigiam o abandono das inibições, devassando seu corpo, descobrindo suas curvas suaves e despertando um prazer incontável. Os gemidos de volúpia rompendo o silêncio da noite escapavam de seus lábios que se entreabriam para mais um beijo delirante.

Mas... o que aconteceria com ela quando voltassem à civilização? Seria vista como uma mulher sem pudor que se entrega a um desconhecido sem dar valor à virgindade? Seria desprezada também pelo homem que a possuía num momento de insensatez e de fraqueza diante da paixão dos sentidos?

— Não, Adam — sussurrou ela, tentando se libertar da magia que a envolvera. — Não posso... não podemos...

Então, Adam ergueu a cabeça e Mari reconheceu o desejo que brilhava nos olhos escuros como a noite de uma ilha tropical. Ela sentia a própria boca trêmula, ansiando por mais um beijo, sentia o corpo estremecer, pedindo a consumação da paixão. Sem forças para reagir, não conseguiu pedir que respeitasse sua inocência...

Ele tornou a beijá-la e sentiu que Mari finalmente se entregava aos sentidos. Não restava mais nenhum obstáculo entre o homem e a mulher que ansiavam pela fusão de seus corpos ardentes.

Então Adam afastou-se subitamente, momentos antes do cavalo relinchar e escavar o chão, inquieto.

— O que... o que aconteceu? — murmurou ela, chocada com a sensação de abandono que sentia longe de Adam.

— Alguém está chegando, ouça o tropel dos cavalos — sussurrou ele. — Talvez sejam os homens de seu pai.

Sem perda de tempo, ele ajudou-a a sentar-se e foi até uma rocha mais afastada, controlando-se rapidamente.

Menos de um segundo depois, Russell apareceu acompanhado de Ev e Juan.

— Está ferida, Mari? — perguntou Ev, ajoelhando-se perto dela.

Adam tomou as rédeas da situação, explicando que ela sofrera uma queda do cavalo e machucara o tornozelo. Contou que tinha chegado há pouco e a encontrara tremendo de frio e em estado de choque.

Indignada, Mari via um homem frio que conseguira apagar todos os traços da paixão que o consumira instantes atrás. Adam mantinha-se imperturbável e com pleno controle da situação! Sentindo ódio dele, jurou que esqueceria os momentos de magia, interrompidos pela chegada de seu pai.

Os homens a enrolaram na coberta, ajudando-a a montar no cavalo que haviam trazido.

— Acho que Mari devia voltar na garupa de alguém — sugeriu Adam, com ar de reprovação. — Ela já sofreu tensões demais para uma única noite e não está em condições de conduzir o cavalo sozinha.

Russell percebeu uma nuance de inquietação na voz de Adam e uma suspeita se infiltrou em sua mente. Um homem e uma mulher, sozinhos em meio à natureza, desejando celebrar a alegria da sobrevivência... O que teria acontecido entre eles antes de sua chegada?

Jamais permitiria que a filha se apaixonasse por um mestiço. Além disso, todos na ilha sabiam que Adam pretendia casar-se com uma havaiana e nunca com uma *haole*. Ele observou a filha durante algum tempo, procurando sinais de uma noite de amor, mas Mari parecia apenas cansada e abalada pelo terror do terremoto e da erupção vulcânica.

E ela teria de suportar um pouco mais de cansaço! Mari não quebrara a perna e, se fizesse a viagem de volta na garupa de alguém, todos levariam horas para percorrer o longo caminho até a fazenda. Também não queria aceitar a sugestão de Adam, o pretenso árbitro de todas as questões na ilha.

— Acha que pode montar sozinha, filha?

Mari estava quase a ponto de desmaiar, mas não queria demonstrar fraqueza perto de Adam. Ele tentara seduzi-la, sem preocupar-se com seus

sentimentos.

— Tenho certeza que posso, papai — respondeu ela, erguendo o queixo num gesto de desafio.

Russell sorriu, satisfeito, mas Adam e Ev continuavam preocupados. Todos montaram em silêncio e iniciaram o caminho de volta ao rancho.

Adam seguia logo atrás de Mari, pronto a ampará-la se ela caísse ou desmaiasse. Ele mal controlava a raiva por não poder interferir na decisão de Russell. Queria apenas o melhor para essa mulher que se apoderara de suas emoções.

O sol coloria a linha do horizonte de dourado, mas Mari estava concentrada demais em seus pensamentos para prestar atenção à paisagem. Ela jurou a si mesma que faria Adam arrepender-se por ter fingido tão bem! Incapaz de ser racional ou de controlar uma inexplicável irritação, não admitia que qualquer outra atitude seria ainda mais reprovável. Seu único sentimento era a desolação. Estava novamente abandonada.

CAPÍTULO VI

Mari dormiu por quase vinte e quatro horas. Após chegar à fazenda, no início da manhã, tomou um longo e repousante banho na enorme tina de madeira que ficava num cubículo, atrás da cozinha. Depois, entregou-se aos cuidados de Agnes. A jovem madrasta tratou de seu tornozelo e dos arranhões que sofrera. Ela deitou-se ainda antes do almoço e só acordou bem tarde na manhã seguinte.

Custou a levantar-se da cama mas alegrou-se ao constatar que o tornozelo estava menos inchado e já não doía tanto. Então, lembrando-se da erupção do dia anterior, vestiu sua roupa de montaria e apressou-se em ir até a cozinha.

Desde o momento em que abria os olhos, Mari lutava, em vão, para não se lembrar de Adam. Os momentos de paixão permaneciam gravados em sua mente. De alguma forma, teria de apagá-los porque sentia-se frágil e insegura. O homem que despertara seu desejo com certeza não sabia respeitar seus sentimentos.

— O sono fez muito bem a você — comentou Agnes. — O seu mingau de aveia ainda está quente. Deixei-o sobre o fogão a lenha, pode servir-se. Os homens já tomaram seu desjejum e saíram há muitas horas.

— É tão tarde? Como consegui dormir tanto?

Agnes limpou as mãos sujas de farinha no avental branco que protegia seu vestido de um cinza desmaiado. O rosto, suado por causa do calor do forno, e o coque desfeito, preocuparam Mari. A pobre mulher estava exausta! Certamente trabalhara muito enquanto ela dormia como uma princesa.

Um novo abalo sacudiu os pratos no armário e Mari foi até a janela. Agnes, com ar conformado, apenas sacudiu a cabeça.

— Ainda não acabou? — perguntou Mari, incapaz de acreditar no que via.

No dia anterior, ela não avaliara bem a extensão dos danos causados pelo terremoto. Agora percebia que devia ter chegado à fazenda em péssimo estado. Não havia notado que nenhuma cerca permanecera em pé, que as árvores estavam tombadas e que até os pequenos arbustos floridos mostravam suas raízes. Apenas a casa e o estábulo mantinham-se intactos.

Mari tinha a impressão de que um gigante invisível, como o dos contos

infantis, decidira destruir a ilha. Ou seria madame Pele, a deusa vingativa, quem se voltara contra seu próprio povo?

— Foi realmente terrível, Mari. Só espero que o pior tenha passado.

— A minha obrigação seria ajudá-los mas...

Ela recomeçou a comer o mingau de aveia, apesar de detestar o sabor. Precisava recuperar as forças se pretendia ser útil ao pai. Resignada, procurou não pensar no tornozelo que voltava a doer.

Após servir o café, Agnes sentou-se diante de Mari.

— Russell... o seu pai... disse que você não devia sair com os *paniols* esta manhã. Precisa ficar perto de casa por causa do tornozelo. — Percebendo que a enteada ia protestar, Agnes insistiu: — Ele tem razão, Mari. Não pode dispensar ninguém para tomar conta de você...

— Mas eu poderia ajudar. Eles precisam tanto!

— Russell acha que o pior já passou e que os vulcões acalmaram.

— Vulcões! Então houve mais de uma erupção?

— O Mauna Loa e a cratera Kilauea entraram em erupção, ao mesmo tempo. Os tremores de terra foram tão numerosos que até os havaianos entraram em pânico. Achavam que a ilha ia explodir e afundar no oceano. E todo mundo acreditou no que eles diziam. — Agnes limpava as mãos no avental, ainda aflita. — E também houve o maremoto... Só Deus sabe quanta gente morreu! Uma gigantesca onda de lama, na face sul do Mauna Loa, soterrou uma vila inteira. E ainda não sabemos como está o povo de Hilo, do outro lado da ilha.

— É onde moram seus pais, não é?

— Russell mandou um vaqueiro a cavalo para saber o que aconteceu. Mas ele ainda não voltou...

— Eles estão bem, tenho certeza. — Mari afagou a mão da madrastra.

Agnes tomou um gole de café e procurou controlar-se, mas quando voltou a falar a voz ainda estava trêmula.

— Oh, Mari! Foi tão bom você não ter saído com os *paniols* hoje! Sinto-me tão aliviada por não estar sozinha em casa.

Desconcertada, Mari reparou, pela primeira vez, que Agnes era muito jovem e muito solitária. Sentiu uma onda de raiva contra o pai, contra o marido indiferente que não dava atenção à esposa, como também não ligava para a filha.

Provavelmente Russell tinha se casado com uma mulher bem jovem porque seu único desejo era ter filhos homens e, depois de conseguir realizar seu intento, a ignoraria como pessoa. Seu pai só pensava nas metas que

pretendia atingir, sem dar importância ao preço a ser pago ou ao sacrifício de sua família.

Mari sentiu o estômago se contrair diante daquela revelação terrível. Russell se parecia demais com o velho Webster! Ele e o padrasto só pensavam em si mesmos e só faziam o que lhes convinha!

— Também estou contente por ter ficado, Agnes. Nunca me senti tão apavorada como ontem. Tinha certeza de que iria morrer.

— Eu também. — Agnes abraçou-a, emocionada. — Pensei que a ilha fosse se desfazer em pó e desaparecer no oceano. E o pobrezinho do Seth quase morreu de medo. Só conseguiu dormir quando não agüentou mais ficar de olhos abertos. Não o acordei para que ele durma até estar bem descansado.

— Ele vai dormir bastante. O meu sono foi tão pesado que nem os abalos me acordaram.

O som de uma charrete se aproximando, interrompeu a conversa e as duas correram para a porta.

— Kilia! — exclamou Agnes ao avistar a recém-chegada.

Mari reconheceu a moça havaiana que encontrara na estrada. Por que Kilia viera visitá-las? Teria acontecido algo grave na fazenda Foster? Adam estaria ferido? Lutando contra uma inexplicável tontura, ela encostou-se na porta para não cair.

Tranqüilizou-se ao ver Kilia sorrir. Tudo devia estar bem!

— Felizmente a estrada não ficou bloqueada! Fiquei preocupada com tio Ev e decidi vir até aqui. — Ela ergueu a saia ampla do elegante vestido de organdi azul pálido para subir os degraus da varanda.

— *Aloha*. Como está passando, Mari? Adam contou que você machucou o tornozelo durante um dos primeiros tremores.

— Já estou bem — respondeu Mari, notando que a preocupação da moça era genuína. — Eu só precisava de uma boa noite de sono. O meu tornozelo ainda dói um pouco mas...

Agnes as conduziu para a cozinha e, depois de trocarem informações sobre todas as famílias da região, conversaram sobre outros assuntos. Mari ouviu novas histórias sobre o Havaí e também contou sobre sua vida, na Nova Inglaterra. Naquela dia de estranha calma após a tragédia, nascia uma intensa afeição entre as três jovens.

Na tarde seguinte, Mari acompanhou Kilia até charrete, triste por perder aquela companheira alegre. A jovem tinha passado a noite com eles e a conversa com Ev se alongara até de madrugada. Depois de retornar à fazenda

Foster, ela voltaria, com Jane e a mãe, para Kailua-Kona.

Enquanto estavam paradas ao lado da charrete, Mari observou as montanhas que desciam suavemente até o mar. O sol poente ainda iluminava o oceano com sua luz rosada, mas o dia chegava ao fim. Ela temia que a noite caísse antes de Kilia alcançar a fazenda Foster. Tentou convencê-la a partir só na manhã seguinte.

— Oh, não se preocupe. — Kilia sorriu, tranqüila. — A estrada estava em boas condições, quando vim para cá, e não aconteceu mais nada de grave desde ontem.

Mari observou a estrada que seguia para o alto da montanha até alcançar um imenso planalto... uma vasta extensão de terra envolta por um estranho silêncio e talvez povoada pelos espíritos dos antigos polinésios.

— Você não tem medo de uma nova erupção?

O sorriso de Kilia desapareceu e ela encarou Mari com expressão muito séria.

— O pior já passou. Pele agora está em paz.

— Em paz? O que você quer dizer? — perguntou Mari, sentindo um arrepio percorrer sua espinha.

— Falo dos ritos tradicionais, dos sacrifícios necessários para acalmá-la.

O tom reverente de Kilia indicava que ela acreditava nas antigas crenças pagas, apesar de ser uma moça inteligente e instruída. Para os havaianos, a deusa Pele não era apenas um mito.

— Meu povo pediu clemência, oferecendo alimentos e terra como sacrifício. Agora a deusa do fogo está em paz.

Mari hesitava, com medo de esclarecer uma dúvida. Não queria fazer um papel ridículo, demonstrando que acreditava em qualquer história contada pelos *paniolo*s. Mas Kilia abordara o assunto e ela criou coragem.

— Você não vai passar pelo Caminho dos Reis? E não tem medo dos Caminhantes da Noite?

— Você já ouviu falar neles, Mari?

Ela concordou, lembrando-se dos casos que Juan Ihe contara, mas arrependeu-se de ter feito a pergunta. Kilia e o velho cocheiro haviam ficado nitidamente inquietos com suas palavras. Essas duas lendas seriam um tabu que os *haoles* deviam desconhecer?

— Contaram-me que os Caminhantes da Noite são espíritos de antigos guerreiros e, se alguém os encontra em seu caminho, é um mau sinal. Essa pessoa pode morrer... ou sofrer um horrível desastre — explicou Mari, ansiosa por aliviar a tensão.

— Eles são espíritos do mal — resmungou o velho, sacudindo a cabeça num gesto de contrariedade. — Não se deve falar neles... trazem má sorte! Kilia riu, descontraidamente, enquanto subia na charrete.

— Não se preocupe com os Caminhantes da Noite, Mari. Não conheço ninguém que tenha encontrado nenhum desses espíritos. Talvez seja apenas uma história contada pelos velhos anciãos que ainda se lembram dos tempos antigos. De qualquer forma, eles não desejariam me roubar. Não sou um rei e nem mesmo uma sacerdotisa.

— Mas você não é parente do rei Kamehameha V?

— Oh! Ainda bem que você tocou nesse assunto! Eu ia me esquecendo de algo muito importante. Gostaria de levá-la a uma festa no palácio de verão do rei, no próximo mês. É a primeira que ele oferecerá, quando chegar de Honolulu. Quero que seja minha convidada.

Mari não sabia o que responder. Ignorava como podia chegar à costa Kona e também se o pai permitiria sua ida a essa festa. E, ainda que ele não fizesse nenhuma objeção, não possuía um vestido apropriado para usar.

Naquele momento, Mari desejou, ardentemente, ter um sofisticado vestido de estilo europeu para mostrar a Adam que ela não era apenas uma pobre coitada tentando ser *um paniolo*.

Não tinha dúvidas de que Adam estaria nessa festa! Tinha ouvido dizer que ele era parente de Kamehameha V, e toda a família real sempre comparecia às recepções oferecidas pelo rei.

— Agradeço seu convite, Kilia. — Ela molhou os lábios, com os olhos brilhando de entusiasmo ao pensar na festa. — Mas acho que não será possível...

Era evidente que Kilia esperava maiores explicações. Talvez se arriscasse a ser considerada pouco sincera, mas aquela jovem de família rica não compreenderia seus motivos.

— Você acha que essa festa se realizará, mesmo depois de tudo o que aconteceu... o terremoto, as erupções?

— Principalmente agora. Todos precisam ver que a vida continua, que sempre é tempo de cantar e dançar.

— Eu gostaria muito de ir... adoraria... — Mari decidiu ser franca, contando à amiga o que a preocupava.

Kilia deu uma gargalhada alegre e Mari, fascinada com a beleza da jovem, pensou que ela combinaria com Adam Foster. Porque ele não a escolhera para noiva?

— O seu vestido de domingo servirá perfeitamente bem — esclareceu

Kilia, ainda sorrindo. — Não se esqueça que estamos no Havaí, Mari. Não temos a pompa das cortes européias e nem mesmo a formalidade das reuniões sociais na temporada de inverno em Honolulu. Você pode ficar em nossa casa. Não dê uma resposta agora, converse primeiro com seu pai.

— Falarei com ele hoje à noite — respondeu Mari, mais animada. Ev não exagerara ao elogiar a sobrinha!

— Ótimo, porque conheço um jovem californiano, muito rico, e quero apresentá-lo a você. — Quando a charrete entrou em movimento, ela voltou-se, sorrindo. — Espero notícias suas. Lembre-se que não aceito um não como resposta.

Mari permaneceu na varanda até que a charrete desaparecer no horizonte. Quando entrou em casa, ainda pensava nas lendas e nos mitos da ilha. A viagem de Kilia seria segura, porque, inexplicavelmente, ela sentia que reinava a paz naquela terra primitiva e violenta...

Paz por algum tempo apenas.

Russell chegou tarde, pouco antes da hora do jantar. O cozinheiro preparara bifes com *pia*, um prato local feito de batatas doces e pão caseiro, dois petiscos especiais para agradar o dono da casa. Mari pretendia mencionar o assunto da festa mas o pai avisou-a, no início da refeição, que queria conversar com ela mais tarde, em particular. Depois de tomarem café, Mari deixou Agnes lavando os pratos e seguiu o pai até o pequeno escritório. Russell estava muito sério e nitidamente contrariado.

— Quero agradecer a ajuda que nos prestou — declarou ele, surpreendendo-a. — Como vai o tornozelo?

— Está bem melhor.

Russell recostou-se na cadeira e começou a bater a caneta na mesa, sem tirar os olhos de Mari. Ela percebeu que o pai pretendia prolongar a conversa e esperou com um sorriso nos lábios. Estava tão feliz com o agradecimento paterno!

— O período mais grave já passou, os vulcões acalmaram... — ele hesitou um pouco. — Graças a Deus não perdemos muitas cabeças de gado. Como minha fazenda fica bem ao norte, não foi muito atingida pela lava. Ainda há muita gente desaparecida... possivelmente morta.

Mari concordou com um gesto de cabeça, sem desviar os olhos das mãos em seu colo. Não queria que ele notasse seu nervosismo!

— Não posso deixar você continuar saindo com os *paniolas* — declarou Russell, desistindo de fazer rodeios. — Pelo menos durante algumas semanas. Só Deus sabe o quanto preciso de sua ajuda, mas os vizinhos não

me poupariam! Eles não aprovariam se você voltasse logo ao trabalho. Acho tudo uma grande tolice, mas as pessoas ficaram furiosas. Moças não devem trabalhar junto com os vaqueiros, vivem dizendo. Nem ficar na zona de perigo.

Infelizmente, Russell só tomara essa decisão porque tinha medo da opinião alheia e não por preocupar-se com sua segurança. Mari disfarçou a mágoa e a contrariedade enquanto o pai comentava a destruição ocorrida na fazenda, falando das construções e cercas que precisavam de reparo e sobre suas esperanças para o futuro.

Como ela desejava participar daquele mundo! Como queria pertencer ao Havaí, ser realmente parte da família e da fazenda Webster!

— Na próxima semana, precisaremos de seu auxílio — prosseguiu Russell. — Pelo menos durante algumas horas por dia.

— Compreendo — murmurou Mari, seca.

Sem dúvida, ela era considerada apenas um vaqueiro, contratado para realizar seu trabalho e depois dispensado no período de calmaria. Seu pai nunca cumprira a promessa de mandar-lhe o dinheiro da passagem para que pudesse viver em seu verdadeiro lar. Mas pretendia conquistar um lugar no coração paterno, mostrar-lhe que valia tanto quanto um filho homem! Além disso, preferia trabalhar nos campos do que nos detestáveis serviços domésticos!

Ele fez menção de levantar-se e Mari lembrou-se do convite para a festa.

— Eu gostaria de discutir ainda um assunto — disse Mari, de cabeça erguida para não dar a impressão de que pedia um favor.

Exausto, Russell inclinou a cabeça em silêncio. Mari sentiu pena daquele homem que não se parecia em nada com o jovem alegre de New Bedford.

— Kilia me convidou para uma festa, no mês que vem. Será oferecida pelo rei Kamehameha em seu palácio de verão. Acha que posso ir?

— No palácio do rei, é? — Ele sorriu, subitamente animado. — Claro que pode ir, menina! Ninguém recusa um convite para ir ao palácio!

Mari surpreendeu-se com aquela reação inesperada, mas depois comentou com o pai que não tinha um vestido adequado.

— Mas esse convite é muito importante, é uma ótima oportunidade para todos nós. — Ele sorria, eufórico. — Nunca fui convidado, sabia? E você, mal acaba de chegar de New Bedford, e já vai à primeira festa! Preciso contar a Agnes.

Russell parou à porta do escritório e dirigiu-se à filha:

— Escreva logo a Kilia dizendo que aceita o convite. Ev pode levá-la até

Kona, quando chegar o dia. Vamos encomendar um vestido novo para você. Quero que todos os homens fiquem boquiabertos quando a virem. Já é hora de procurar um marido, Mari. E essa festa é o melhor lugar para começar a escolher.

Minutos depois, quando Mari entrou no quarto, sorriu pensando em Adam. Ele era o único homem que pretendia fascinar com sua beleza!

Nos dias que se seguiram, Mari levou uma vida monótona e sem nenhum interesse. Russell a proibira de afastar-se do rancho e ela sentia saudades da brisa do oceano em seus cabelos, enquanto galopava pelas planícies.

Os tremores de terra tinham diminuído de intensidade e frequência e logo chegou a notícia de que os pais de Agnes estavam a salvo, em Hilo. Apesar de tantas mortes e toda destruição, a vida na ilha voltava ao normal. Os havaianos sempre haviam convivido com terremotos e erupções vulcânicas, mas o povo comentava com espanto a violência dos últimos acontecimentos. Mari suspeitava que a catástrofe de 1868 iria ficar na história do Havaí.

Naquela manhã, enquanto esperava o pai e os *paniols* selarem seus cavalos, Mari permaneceu na varanda, pensando na conversa que ouvira pouco antes, durante o café. Russell a avisara de que precisaria de sua ajuda e Agnes interviera, reprovando-o com suavidade.

A madrastra comentou também que Adam tinha conversado com Russell na tarde do terremoto, declarando que as saídas de Mari com os vaqueiros eram impróprias e perigosas. Além disso, as mulheres da comunidade estavam chocadas porque Mari usava calças de montaria, como um homem, e deixava o cabelo solto sem se preocupar com as conveniências.

Eram todos hipócritas! Inclusive Adam! Ele não tinha o direito de discutir aquele assunto com seu pai. Não devia se intrometer em sua vida!

Infelizmente, não se livrara da tirania da etiqueta nem das “mulheres bem-comportadas”... Elas eram muito ativas também no Havaí! Agnes não costumava julgar ninguém, mas certamente se preocupara com os comentários críticos.

Quanto a Adam Foster... ia lhe dizer algumas verdades bastante duras na primeira oportunidade!

Então, ela reviu o rosto bronzeado, de traços perfeitos e o olhar que desnudava sua alma. Não! Não queria se lembrar daquela noite de delírio. Perdera o controle de suas emoções e se oferecera sem pudor a carícias voluptuosas. Aquele beijo...

— Acha que está em condições de montar a cavalo? — a voz do pai tirou-a do devaneio.

— Já estava sentindo falta. Penso nisso todas as manhãs. Ele olhou-a fixamente por alguns instantes, como se estivesse vendo outra pessoa. Então sacudiu a cabeça, lutando para afastar uma lembrança penosa.

— Ah, Mari... — Sorriu tristemente. — Você é o retrato de sua mãe. Ela era a moça mais linda da Irlanda! E eu a amei tanto...

Mari o seguiu até o estábulo enquanto ele prosseguia, em outro tom:

— Preciso que você vá até a fazenda Foster. Eles estão sem pregos e eu tenho de sobra. Prometi que mandaria levar hoje cedo.

— Eu... eu prefiro não ir. Se houver mais alguém...

— Não posso dispensar ninguém, todos estão ocupados. — Ele apontou para o cavalo com o saco de pregos já preso na sela. — Gostaria que você fosse... imediatamente.

Mari não podia recusar e seguiu pela estrada percorrida por Kilia na tarde anterior. A serenidade da natureza a contagiou e ela foi invadida por uma sensação de paz. Por um momento, esqueceu-se de seu próximo encontro com Adam e lembrou as palavras do pai.

Os olhos de Russell tinham refletido o amor que ele sentira pela primeira esposa, a encantadora jovem irlandesa que morrera tão cedo. Infelizmente, ele nunca se importara com a filha, fruto dessa união apaixonada e breve.

Talvez a convivência despertasse seu afeto. Por um instante, Mari percebera o calor da afeição no olhar do pai, apesar da atitude severa e das ordens ríspidas.

Ao redor de Mari estendiam-se as terras que os havaianos acreditavam ser habitadas pelos espíritos dos antigos guerreiros e por seus deuses pagãos.

A esperança brotou timidamente no coração de Mari. Talvez ela descobrisse por que o destino a trouxera até o Havaí.

CAPÍTULO VII

Mari não estava preparada para a beleza da fazenda Foster. O imponente e gracioso sobrado, rodeado por amplos terraços, fora construído sobre uma suave colina, de onde se descortinava uma vista magnífica das planícies e do mar sempre azul. Todos os outros edifícios estavam impecavelmente cuidados; cavalos de raça corriam num pasto muito verde, rodeado por cercas brancas, e nos canteiros do jardim havia flores em profusão.

Evidentemente, a família Foster tinha alcançado um sucesso bem maior com a criação de gado do que seu pai!

Não havia ninguém à vista pois os *paniolos* já deviam estar nas pastagens. Como o solar também parecia deserto, Mari decidiu deixar o pacote de pregos no terraço e voltar antes que alguém a visse. Era um grande alívio não ter de falar com Adam.

Até a brisa da fazenda Foster tinha um perfume mais doce! Intrigada, Mari olhou à sua volta e viu os pessegueiros floridos num pomar com as mais variadas árvores frutíferas. Encantada com os requintes daquela propriedade, Mari começou a soltar o pacote da sela quando alguém abriu a porta de entrada. Era uma senhora, de sangue havaiano, esguia e com alguns fios prateados na cabeleira muito negra, presa num coque severo. O vestido de musselina azul-marinho fechado até o pescoço realçava sua aparência aristocrática.

— *Aloha* — disse a senhora, chegando até a balaustrada do terraço.

Mari notou os olhos cheios de vida, os cílios muito longos e tão semelhantes aos... Só podia ser a mãe de Adam! Ela retribuiu o cumprimento, constrangida por estar com suas roupas de *paniolo* e os cabelos soltos. Devia ter pensado na eventualidade de um encontro!

— Sou a Sra. Foster. E você deve ser Marianne Webster, não? Já ouvi falar a seu respeito.

Os Foster eram sempre uma surpresa. A Sra. Foster, como o filho, tinha uma voz musical que refletia uma educação refinada. Com uma expressão alerta no rosto inteligente, ela examinava a recém-chegada, disposta a tirar suas próprias conclusões, sem dar ouvidos a comentários.

— Espero que tenham falado bem a meu respeito — brincou Mari, embaraçada. — Sou Marianne Webster mas, por favor, me chame de Mari.

Vim trazer o pacote de pregos que meu pai prometeu. Posso deixá-los aqui no terraço?

— É claro que sim. Você deve estar com sede, depois desse longo trajeto. E com fome também. Não quer entrar e tomar um chá com biscoitos?

Mari tomara o café da manhã horas antes e esquecera de trazer um cantil com água. Estava com sede, com fome e uma irresistível vontade de entrar naquele magnífico solar. Não queria encontrar Adam mas certamente ele só voltaria do campo junto com os *paniolas*, na hora do jantar. Havia tempo de sobra.

— Obrigada. Eu adoraria um chá — disse Mari, sorrindo pela primeira vez.

— E eu adorarei sua companhia, Mari.

A mãe de Adam conduziu Mari através de um amplo vestíbulo para a sala de estar. Na verdade, era um luxuoso salão, com as paredes forradas de tecido e com inúmeras janelas que se abriam para um jardim interno. As cortinas de veludo em tons dourados filtravam a claridade do sol, acentuando o estilo requintado dos móveis.

Depois de pedir à criada que trouxesse o chá, a Sra. Foster sentou-se de frente para a convidada. Como o filho, ficara impressionada com a beleza da jovem loira. Não ignorava que a filha de Russell Webster cavalgava com os *paniolas*, adorava a liberdade dos campos e estava sendo criticada pela sociedade local por suas afrontas à etiqueta social. Agora que a conhecera, entendia melhor essas atitudes de rebeldia.

Ela percebia que a aparência puritana daquela jovem escondia uma ânsia incontida de liberdade, uma impulsividade latente que lutava para vir à tona. E apesar da coragem destemida, Mari Webster era delicadamente feminina.

A luz do sol acariciava os cabelos quase prateados, transformando-os em uma auréola brilhante... como a flame-jante cabeleira da deusa Pele, que amava e dominava as ilhas do Havaí.

Todos os mortais se curvavam aos caprichos da deusa. Como seu filho conseguiria resistir à beleza de Mari Webster?

Adam teria de encontrar forças, precisava se casar com uma moça havaiana! O filho não podia repetir o erro da mãe!

Ela amara perdidamente o marido e sabia que o perdera muito cedo por uma vingança dos deuses. Não respeitara as tradições de seu povo ao desistir de ser uma grande sacerdotisa, um direito de nascença e um dever para com os costumes e as tradições do Havaí. Não se arrependia de sua decisão, mas agora se tratava da segurança de Adam.

Ele precisava de uma esposa de puro sangue havaiano. Seu povo, que nunca aceitara totalmente o pai de Adam — embora ele tivesse adotado os hábitos das terras — abrira os braços para seu filho, recebendo-o como um igual. Até o rei o favorecia! Mas um futuro brilhante seria destruído se ele casasse com uma *haole*.

Os velhos tabus de seu povo não podiam ser desrespeitados. Ela desafiara as tradições ancestrais e seu marido fora punido com a morte. Seu filho não seria também sacrificado pelos deuses; para evitar a cólera divina ele se uniria a uma mulher havaiana.

A criada trouxe o chá em uma bandeja de prata e o serviu em delicadas xícaras de porcelana. Enquanto saboreava deliciosos biscoitos, Mari respondia às perguntas da mãe de Adam sobre sua infância em New Bedford e a longa viagem contornando o cabo Horn.

— Você teve uma vida muito interessante, querida — comentou a Sra. Foster sorrindo.

Temendo uma censura, Mari voltou-se para ela mas não viu sinal de reprovação. Embora a mãe de Adam demonstrasse uma certa reserva, não agia com excessiva frieza diante de uma *haole*.

Ela lembrou-se que Adam se referira à dor e ao complexo de culpa da mãe. Apesar da fina educação que recebera e de ter-se casado com um *haole*, a Sra. Foster ainda acreditava nas velhas crenças, o que demonstrava a força das tradições havaianas.

— As aventuras só começaram depois que saí de New Bedford. Fui criada seguindo costumes muito rígidos porque meus avós eram religiosos e... — ela hesitou, baixando os olhos.

— Fanáticos? — a Sra. Foster voltou a sorrir.

— Sim, acho que é isso — Mari também sorriu, embora sentisse receio de parecer uma neta ingrata.

— Eu compreendo, querida. Esse tipo de problema também existe no Havaí.

Mari ia prosseguir quando seu olhar pousou sobre o quadro em cima da lareira. A pintura retratava um homem alto, de ombros largos, com o poncho típico dos havaianos. O rosto queimado de sol contrastava com os cabelos muito loiros e os olhos azuis como o mar que banhava aquelas ilhas tropicais. Impulsivamente, ela se aproximou para estudá-lo melhor. Devia ser o pai de Adam porque os traços eram muito semelhantes.

— É meu marido, querida — murmurou a Sra. Foster, emocionada. — Eu o amei mais do que a própria vida.

Sempre seguindo os impulsos, Mari abraçou a frágil senhora. — Posso imaginar. Sei como é terrível o abandono e a solidão.

As duas ainda estavam abraçadas quando alguém abriu a porta de entrada. Os passos cruzaram o vestíbulo e se detiveram sob o arco que se abria para a sala. Adam permaneceu imóvel, evidentemente surpreendido pela cena.

— *Aloha*, meu filho. Não quer tomar chá conosco?

Uma estranha expressão surgiu no rosto de Adam e foi logo substituída pelo habitual controle. Agora Mari avaliava melhor a mistura de sangues naquele homem fascinante. Ele herdara a postura aristocrática e o olhar altivo da mãe e o físico perfeito do pai. Uma combinação decididamente irresistível!

— Trouxe os pregos que papai prometeu — balbuciou Mari, apenas para quebrar o silêncio tenso. — Deixei na varanda...

— Eu já vi — respondeu Adam, com frieza.

— Bem... agora preciso ir embora. Moro longe e não quero passar pelo Caminho dos Reis durante a noite.

— Ainda falta muito tempo para anoitecer — interrompeu ele, contrariado. — Por favor, eu não tive intenção de perturbar vocês duas. Parece que minha chegada abreviou a sua visita.

— E não se preocupe, Mari, o Caminho dos Reis é seguro — comentou a Sra. Foster.

— E os Caminhantes da Noite? — Mari arrependeu-se imediatamente de ter aberto a boca.

— Você se ambientou com uma surpreendente rapidez, Mari Webster — zombou Adam. — Não estará conversando demais com os *paniols*.

Mari mal controlava a irritação. Adam a censurava por todos os motivos e ela só não aproveitaria para lhe dar uma boa resposta por respeito à Sra. Foster!

Mas a experiente senhora desviou o olhar dos dois jovens que não conseguiam esconder uma intensa atração mútua. Mari seria, sem dúvida, a mulher ideal para seu filho. Infelizmente, não tinha sangue havaiano.

Nesse momento, a mãe de Adam lembrou-se de um velho mito. Um deus benevolente aceitava um *haole* como havaiano quando o estrangeiro era mais corajoso do que os nativos diante do perigo. Observando a jovem que se parecia tanto com a deusa Pele, a Sra. Foster teve certeza de que ela devia evitar um encontro com os Caminhantes da Noite.

Mari agradeceu a acolhida e despediu-se deles ainda no terraço, fazendo questão de soltar o cavalo e montar sozinha. Para sua surpresa, Adam

alcançou-a a cavalo, quando se aproximava do portão da fazenda.

— Vou acompanhá-la até metade do caminho — avisou ele, em um tom que não admitia recusa.

Dando um último adeus à Sra. Foster, Mari fixou o olhar no caminho à sua frente. Sentia-se profundamente embaraçada por estar sozinha com Adam depois dos momentos de descontrole emocional da noite do terremoto.

— Aquelas são as ruínas de Puukohola Heiau, um templo construído pelo primeiro rei Kamehameha como tributo ao seu deus de guerra.

Adam apontou uma colina bastante baixa, junto à cosia. Ao saírem das terras da fazenda, ele enveredara por uma estrada muito estreita, quase uma trilha entre as samambaias, a fim de mostrar a Mari o local de onde se descortinava o mais belo panorama de toda a ilha.

Mari adorava as histórias sobre o antigo Havaí e ouvia com grande interesse os problemas que esse primeiro rei tinha enfrentado, antes de vencer seus/inimigos. Adam estava sendo excepcionalmente gentil e ela ficara mais à vontade depois que os dois haviam desmontado para apreciar a vista.

— O rei construiu o templo, dedicado ao deus da guerra, acreditando que ele lhe daria o *mana*, isto é, o poder de derrotar seus inimigos e conquistar todas as ilhas do Havaí.

— E o rei conseguiu?

Ela procurava ver melhor as ruínas na linha da costa. Gostaria de visitar aquele local pitoresco e talvez até pudesse nadar um pouco.

— Sim, claro.

O olhar de Adam era tão intenso que Mari começou a se arrepender de ter parado naquele ponto isolado do planalto. — Mas só conseguiu depois de ter sacrificado um rei rival e mais algumas pessoas — prosseguiu Adam, sorrindo.

— Você quer dizer que ele usava... seres humanos para...

— Eu descendo dos guerreiros havaianos; Mari. Como meus ancestrais, sou teimoso e até obcecado quando desejo algo. Nós perseguimos os objetivos sem nunca desistir...

Ignorando a prudência e o bom senso, Mari enfrentou Adam, com um olhar desafiante.

— E qual é o seu objetivo, Adam?

— Você, Mari. — Os olhos de Adam brilhavam de desejo. — Não se lembra de minhas palavras na noite em que os vulcões explodiram em fúria?

Mari estremeceu. Adam se aproximava e era preciso fugir daquela atração perigosa. Mas as pernas não obedeciam à sua vontade e ela sabia que,

desta vez, ninguém surgiria para salvá-la de suas próprias emoções.

A ternura de Adam ao tomá-la nos braços roubou-lhe a última gota de lucidez. O tempo deteve sua marcha, a paisagem se transformou em um borrão luminoso e sem contornos, enquanto seus corpos se colavam com paixão. Mari descobriu, naquele momento, o prazer de pertencer a um homem.

Ela reconhecia que estava sendo impulsiva e precipitada, mas Adam a transformava em uma criatura vibrante e ávida por desvendar os mistérios da paixão..

— *Aloha au ia'oe* — sussurrou ele, antes de afastá-la com suavidade. — Agora você precisa ir, *wahine*. Ou terá que cruzar o Caminho dos Reis à noite.

Uma onda de rubor cobriu o rosto de Mari. Ele a subjugara através do desejo e, ao senti-la entregue à paixão, a mandava embora! A raiva e sua capacidade de reação retornaram ao mesmo tempo. Ela correu para o cavalo que pastava um pouco adiante.

Mari galopou através do Caminho dos Reis, retornando à estrada principal para voltar à fazenda. Fugia como se os fantasmas dos antigos polinésios a perseguissem.

Não temia os Caminhantes das Noite. Até os desafiaria se aparecerem à sua frente.

— Maldito Adam Foster! — resmungava ela, entre os dentes. — Maldito!

Ela entrou depressa demais no pátio e o cavalo empinou quando sentiu o puxão da rédea. Mari só percebeu que Seth cruzava sua frente quando ouviu o grito de pavor. Russell surgiu na porta do estábulo e Agnes saiu correndo de dentro de casa.

— Você está ferido, filhinho? — Agnes quis saber, abraçando o menino que soluçava descontroladamente.

— A culpa foi minha — Mari apressou-se a dizer. — Ele assustou-se com meu cavalo.

Seth tremia e chorava, ainda muito assustado.

— O menino não se machucou — interferiu Russell, irritado. — Pare já de chorar, Seth!

— Vou levá-lo para dentro — disse Agnes, vendo que o choro do menino tornava-se mais desesperado.

— Esse maricás precisa aprender a ser homem — explodiu Russell, segurando Agnes pelo braço. — Um filho meu não pode ter medo de cavalos. Afinal, ele irá dirigir a fazenda algum dia.

Quando Agnes tentou desculpar o comportamento de Seth explicando

que ele ainda era pequeno demais, o marido a interrompeu novamente aos gritos, culpando-a pela covardia do filho.

— Não descarregue sua raiva na pessoa errada, papai! — Mari revoltou-se com a injustiça paterna. — Eu não fui cuidadosa e poderia ter ferido Seth. A culpa é só minha.

Russell a fitava com uma expressão chocada e Mari reconheceu que fora excessivamente agressiva. Contudo, não recuou. O pai era um homem duro e alguém precisava enfrentá-lo.

— Seth é apenas um garotinho. Qualquer criança se assustaria se quase fosse atropelada por um cavalo. Não percebe que ele se lembrará dessa cena penosa quando crescer? — Mari tornou a tomar fôlego, incapaz de conter-se. — Não seja tão duro com a pobre criança!

Assustada com o próprio desabafo, ela entrou correndo na casa e foi trancar-se no quarto. Depois de acalmar-se um pouco, trocou de roupa e lavou o rosto. Estava cansada demais e decidiu não descer para o jantar. Nem queria imaginar qual seria a reação do pai.

Não se surpreenderia se ele aparecesse no quarto mais tarde, disposto a mandá-la de volta para New Bedford. Pois Russell teria uma nova surpresa. Nem seu pai nem Adam conseguiriam afastá-la do Havaí!

Envolvida pelo calor aconchegante das cobertas, Mari percebeu que estava sonolenta demais para se preocupar com os homens de sua vida. E, naquele exato momento, nenhum deles merecia sequer um pensamento!

CAPÍTULO VIII

Os últimos raios do sol poente coloriam as águas tranqüilas da baía de Kailua-Kona, realçando as silhuetas escuras dos barcos que se desenhavam de encontro ao céu alaranjado do crepúsculo.

Do terraço de seu quarto, no segundo andar, Mari acompanhava o movimento das ondas que batiam no muro de pedras do quintal da casa de Kilia. Encantada com a paisagem, ela ainda não começara a se preparar para a recepção daquela noite no palácio Hulihee.

O acre perfume do mar invadia o terraço, trazido pela brisa da tarde. Os barcos ancorados no porto lembraram Mari do afetuoso capitão Sloan. Tanto acontecera em tão pouco tempo, desde que o vira pela última vez no porto de Honolulu! O velho marujo devia estar voltando à Nova Inglaterra com sua carga de óleo de baleia, talvez acabando de dobrar o cabo Horn. Ela sentia saudades daquele amigo leal que a tratara com o amor de um verdadeiro pai durante os longos meses de viagem.

Mari ainda se surpreendia com as flores exóticas que desabrochavam no jardim da casa de Kilia e com os contrastes do Havaí. As planícies costeiras eram áridas, cobertas de rochas formadas pelas lavas dos vulcões, muito diferentes das verdes pastagens e das florestas do planalto, onde ficavam as grandes fazendas, ou das áreas montanhosas.

Era difícil acreditar que maio ainda não findara e que ela chegara há apenas dois meses ao Havaí.

E a recordação de sua chegada estava indissolivelmente ligada a Adam Foster. Mari não conseguia controlar a sensação de expectativa. Ele iria à festa e Mari pretendia demonstrar uma calma indiferente. Ainda se envergonhava por ter se entregado com tanto abandono a cadeias íntimas demais. Naquela noite, rodeados por outros convidados em um salão de baile, seria menos difícil resistir à sedução daquele homem que roubava seu recato e sua sensatez.

Dois homens pescavam a pouca distância da casa. Era Ev, acompanhado pelo pai de Kilia, que era casado com a irmã e sua falecida esposa. As duas mulheres pertenciam à casa real e a família sempre comparecia aos eventos da corte.

Um pássaro vermelho pousou em uma palmeira, quase ao alcance das

mãos de Mari. Suas plumas eram da mesma cor dos laços de seu vestido para aquela noite. Agnes o fizera em pouco tempo, trabalhando até de madrugada. Ela também ficara acordada, fazendo companhia à madrastra e se encantando com a beleza de seu primeiro traje de gala.

Russell comprara a seda do capitão de um navio chinês e conseguira encontrar fitas, rendas e até os sapatos de cetim combinando com o traje. Ela sorriu, lembrando-se do entusiasmo do pai e de Agnes com seu comparecimento em uma festa no palácio real.

A carta de Kilia com o convite oficial tinha chegado uma semana depois da discussão sobre Seth. Para sua surpresa, Russell não voltara a tocar no assunto. Era evidente que ele esperava demais do pequeno Seth e, se Agnes não tivesse logo outro filho, a pressão sobre o menino se tornaria ainda mais forte.

Mas Mari não se permitia interferir nos assuntos da nova família do pai, apesar de gostar muito da madrastra. Russell agia como se pudesse contar apenas com um filho e, apesar de ter lhe prometido um dote, não a incluía em nenhum plano futuro para a fazenda.

E era ela quem compartilhava com o pai um imenso amor pela terra, sonhando com uma propriedade próspera. Mari não tinha dúvidas de que seria uma excelente administradora... apesar de ser mulher!

Suspirando, Mari voltou ao quarto e sentou-se diante da penteadeira. Ao lado da escova, estava o corante vermelho para os lábios de Kilia. Imaginando a cólera do avô se soubesse que a neta se pintara como uma mulher perdida, ela não resistiu ao desejo de se enfeitar. Apesar de sua inexperiência, conseguiu arrumar os cabelos em cachos ao redor do rosto e prendeu-os com uma delicada tiara de rubis e brilhantes que a amiga lhe emprestara.

Mari colocou o vestido e, ao sentir o frescor da seda sobre a pele, virou-se para o espelho e não reconheceu a imagem refletida.

O decote profundo, como ditava a moda, revelava a curva dos seios e o tecido, muito leve, moldava sua cintura, fina mesmo sem o artifício do espartilho. Os delicados babados de renda, na barra e no decote, eram entremeados por fitas de veludo do tom exato dos sapatos de cetim. O trabalho dela e de Agnes, costurando o vestido todo à mão, durante tantas madrugadas, tinha valido a pena!

Apesar de se sentir elegante, Mari não controlava o nervosismo. Ia encontrar Adam! Teria de falar com ele como se nunca houvessem se beijado, procurando não lembrar o prazer de suas carícias. Acima de tudo, precisava

se concentrar na importância daquele momento de sua vida.

Mari Webster iria a uma festa no palácio real! Não podia continuar pensando em Adam. Kilia continuava a falar no outro rapaz que pretendia lhe apresentar naquela noite, um americano da Califórnia, chamado Stuart Morgan. Talvez o achasse atraente e conseguisse se esquecer da existência de um homem perturbador que a beijava com volúpia.

Mais confiante, Mari apanhou o delicado leque de marfim e saiu do quarto.

A sala da casa de Kilia exibia os mesmos requintes de um luxuoso ambiente europeu, com uma lareira de mármore, tapetes orientais, cortinas de veludo e móveis franceses. Mari parou junto à porta no mesmo instante em que Kilia chegou do terraço, usando um sofisticado vestido de organdi amarelo e flores da mesma cor enfeitando seus cabelos negros.

Logo depois entraram Ev e os pais de Kilia e todos pararam, como se não reconhecessem Mari.

— *We Wahine u'i.* — exclamou Ev, o primeiro a romper o silêncio.

— Meu tio está dizendo que você é uma mulher linda! — explicou Kilia, abraçando a amiga. — E ele tem razão.

— Por Deus, pode acreditar nas minhas palavras! É a mulher mais linda que já vi! — Embaraçado, Ev lembrou-se de Kilia. — Tão linda quanto a minha querida sobrinha.

— *Pono, pono* — concordaram os pais de Kilia no dialeto havaiano, apesar de falarem inglês muito bem como todos os comerciantes do Havaí.

— Realmente! Aposto que ninguém viu tanta formosura reunida em uma sala! — prosseguiu Ev, entusiasmado. — Uma beleza loira e outra morena, o brilho da noite no aveludado da noite. Vocês se completam.

— Obrigada, Ev. — Mari beijou-o o rosto, rindo nervosamente. — Você está muito poético! Nem imagina como eu precisava de um elogio para ficar mais confiante. Acabo de chegar de New Bedford e nunca fui a nenhum tipo de festa, a não ser as quermesses da igreja...

Quando a conversa se desviou para as jóias que Kilia usaria, Mari se distraiu com seus pensamentos. Ev significava muito em sua vida. Ele a recebera calorosamente desde o instante em que chegara à fazenda, tratando-a com um afeto paternal... como o capitão Sloan a tratara e como ela gostaria que seu verdadeiro pai a tratasse!

Aquele vaqueiro grisalho, de aspecto simples e fala serena, tinha se casado com uma aristocrata havaiana, pertencente à família do rei Kamehameha. Mari descobrira, em muito pouco tempo, o que os parentes

dele já sabiam há anos: Ev era um dos melhores homens na face da Terra!

— Mamãe e eu gostaríamos que você usasse este colar — a voz de Kilia interrompeu seus pensamentos. — As pedras combinam com a tiara e com os laços de seu vestido.

— Eu não posso... — Mari susteve a respiração ao ver o colar de magníficos brilhantes e rubis. — Não... é valioso demais...

— Deixe de bobagens — a mãe de Kilia a interrompeu, com um sorriso carinhoso. — Os havaianos não dão nenhum valor a bens materiais e adoram partilhar tudo o que possuem com seus verdadeiros amigos.

Aproximando-se, a gorducha senhora, elegante em um vestido de brocado azul, prendeu o colar no pescoço de Mari.

— É a mais pura verdade, Mari — Ev tranqüilizou-a. — Os havaianos são o povo mais generoso do mundo!

— Agora estamos prontas! — exclamou Kilia, dando o braço para Mari.

As duas seguiram o casal mais velho até a carruagem, mas Ev parou na varanda.

— Você não vai? — perguntou Mari, aflita.

— Nunca vou a festas. — Ev sacudiu a cabeça, sorrindo. — Sou um velho marinheiro que resolveu virar vaqueiro. Não me sinto bem em lugares formais. Divirta-se menina. Amanhã, quando voltarmos para a fazenda, você vai me contar tudo sem esquecer nenhum detalhe.

— Essa é a igreja Mokuaukua, erguida pelos missionários no início deste século, na mesma época em que o palácio foi construído — Kilia explicou quando desceram da carruagem.

A singela igreja ficava em frente a uma praça ampla e com árvores frondosas. O palácio, situado à beira da baía e voltado para o mar, tinha imensos portões de ferro que se abriam para a mesma praça.

— É lindo — disse Mari, fascinada com a beleza exótica do palácio que agora via de perto.

Construído com pedras vulcânicas, dividia-se em duas alas entre as quais ficava um esplêndido jardim. A brisa suave, vinda do mar, balançava as folhas das palmeiras que sussurravam ao vento. A aléia principal era ladeada por canteiros floridos e, entre os arbustos, haviam sido colocadas tochas que iluminavam o caminho com sua luz rubra. Ao longe, a cadência ritmada dos tambores nativos se mesclava ao barulho das ondas na praia de areias cor de rosa.

Mari sentia-se transportada para uma ilha mágica, vivendo em um clima de fantasia, em místico contato com uma cultura que ansiava por

compreender.

Ela subiu a imponente escadaria de pedra que levava ao amplo vestíbulo, seguindo a família de Kilia. O som melodioso da bela música havaiana emocionou-a profundamente, aumentando suas expectativas.

O interior do palácio, embora luxuoso, era menor do que Mari imaginara. Mas as grandes portas que se abriam para o terraço e para os jardins permitiam a entrada da natureza no salão de baile. E, por toda parte, grupos de pessoas elegantes e com magníficas jóias, conversavam com toda a liberdade e sem a pompa formal de recepções oficiais.

Mari estava tão encantada com o ambiente que nem percebeu a comoção causada por sua chegada. Todos os olhares se voltaram para a jovem de cabelos platinados.

Um senhor de casaca contou ao pai de Kilia que o rei não se sentira bem e se recolhera a seus aposentos no andar superior, depois de dar ordens para que a festa prosseguisse sem a sua presença. Portanto, não havia nenhum protocolo a seguir e após o jantar haveria um baile.

Mari foi apresentada a inúmeras pessoas. Ela já não conseguia relacionar os nomes com os rostos quando percebeu que um rapaz alto e loiro a observava do outro lado da sala. Ele não disfarçava a admiração e sorriu com excessiva familiaridade.

Kilia não perdeu tempo em conduzi-la até Stuart Morgan, o californiano sobre quem tanto falara. Mari alegrou-se por encontrar um conterrâneo embora o considerasse um pouco insolente. Avistara a Sra. Foster, mas ainda não vira Adam e não sabia se estava aliviada ou profundamente decepcionada.

— Gostaria de lhe apresentar minha amiga Mari Webster — Kilia anunciou quando se aproximaram do rapaz. — Ela é a moça de quem lhe falei, lembra-se?

— Muito prazer. — respondeu ele, curvando-se para beijar a mão de Mari. — Então, a senhorita é a filha de Russell Webster, não é?

Ela curvou a cabeça, concordando em silêncio. Havia algo impreciso e indefinível no comportamento de Stuart Morgan que a inquietava. Sem dúvida, era um homem atraente, muito bem vestido e certamente tivera uma excelente educação. Mas, além de constrangê-la com sua excessiva admiração, tinha um brilho fugidio em seu olhar.

— O que o trouxe ao Havaí, Sr. Morgan? — perguntou Mari, ainda incapaz de olhá-lo nos olhos.

— Açúcar, senhorita. Resolvi investir em uma plantação, em Hilo.

Pretendo me estabelecer por lá, pelo menos durante algum tempo, até poder...

A conversa foi interrompida por um havaiano alto e atraente que murmurou algumas palavras no ouvido de Kilia, provocando um intenso rubor no belo rosto da jovem. Com os olhos brilhando de felicidade, ela apresentou-o dizendo que se chamava Makini, ou Martin, o homem escolhido por seus pais para ser seu marido.

Surpresos, Mari e Stuart não encontraram nada para dizer. Ansiosa por ficar a sós com o homem amado, Kilia pediu licença e os dois se afastaram rapidamente.

— Eu tinha me esquecido que esse é um costume havaiano, ainda mais freqüente quando os jovens pertencem às famílias da aristocracia — comentou Stuart. — Os casamentos são arranjados entre os pais e os noivos concordam com a escolha.

Stuart sorria, nitidamente esforçando-se para ser simpático. Mari, porém, continuava em dúvida. Via-o como um enigma que não lhe fornecia nenhuma pista para desvendá-lo, apesar de responder a todas as perguntas. Ficou sabendo que perdera os pais há alguns anos, que freqüentara os melhores colégios da costa leste, e saía-se muito bem no negócio de açúcar.

Depois de algum tempo, Mari olhou ao redor, procurando uma desculpa para se afastar. O jantar acabara de ser anunciado e quando Kilia reapareceu para acompanhá-la ao salão, mal disfarçou o alívio.

O banquete foi muito demorado e com uma inacreditável quantidade de pratos típicos e também da cozinha francesa.

Apesar do requinte, Mari mal tocou na comida. Entreteve-se conversando com um senhor ao lado e não conseguiu ver todos os convidados reunidos na longa mesa. Reparou em Stuart, que estava próximo demais e a fitava com um olhar indiscreto. O casal de missionários à sua frente não disfarçava a curiosidade e, no meio do jantar, a esposa do ministro criou coragem para falar com ela.

— A senhorita é a moça que monta a cavalo com os *paniols*.

Quando houve a confirmação, a puritana senhora virou o rosto, evitando Mari durante o resto da refeição. Mari conhecia bem demais essas pessoas hipócritas que censuravam qualquer manifestação de espontaneidade. Existiam muitas em New Bedford e, infelizmente, também havia algumas no Havaí...

Será que nunca se livraria desse tipo de gente?, perguntava-se aborrecida.

Quando a música começou a tocar, todos se levantaram e Mari subiu ao primeiro andar, seguindo as mulheres que iam retocar os penteados enquanto comentavam o jantar. Ela se decepcionara com a festa e decidiu esperar por Kilia em um terraço que vira ao subir as escadas.

Do segundo andar, a vista era magnífica e ela apreciou o belo jardim e o mar iluminado pelo luar, escondida à sombra de uma pequena palmeira. Mari não queria ser vista por ninguém e, em especial, por Stuart Morgan.

— Você está muito bela esta noite, Meleana.

Mari virou-se e deparou com Adam, os olhos escuros brilhando intensamente. Nunca o achara tão belo nem tão sedutor. Por que ficava sem forças e sem defesa diante dele?

Os dois permaneceram em silêncio, saboreando o prazer de sentirem seus corpos muito próximos. Então Adam deslizou os dedos pelos braços de Mari e ela assustou-se com a intensidade de sua reação. Arrepiou-se toda ao sentir as mãos morenas acariciando sua pele...

Adam mal controlava o desejo. Nem mesmo a divina Pele podia ser tão linda quanto Mari. Os cabelos, brilhantes como fios de prata, formavam uma auréola de luz em torno do rosto perfeito. Os olhos profundos guardavam o mistério do universo e cintilavam mais do que as jóias que a adornavam. A pele macia e alva parecia marfim.

Ele nunca desejara tanto uma mulher! Pela primeira vez na vida, queria tomá-la para si, afastá-la de todos os olhares. Notara o interesse de Stuart Morgan e só não o desafiara por respeito ao lugar e às pessoas presentes.

Mari reparou que a expressão de Adam passava da admiração à raiva mas não compreendeu o motivo. Por instinto, deu um passo atrás, temendo ser beijada novamente. Não podia permitir que ele a tocasse, especialmente ali, onde podiam ser vistos por qualquer pessoa.

— Por que me chamou de Meleana? — perguntou ela, aflita.

— Porque é o seu nome em havaiano, Mari. — Ele endireitou o corpo, lutando para controlar o desejo.

Mari molhou os lábios e desviou o olhar. Tinha achado Stuart um enigma mas Adam Foster era um mistério ainda maior! Percebera seu interesse mas não compreendia suas reações. Por que ele não lhe dizia nada? Por que não a namorava abertamente? Por que só tentava amá-la quando se encontravam a sós?

O encontro foi interrompido por vozes que se aproximavam. Mari aproveitou a aparição de um grupo de mulheres e fugiu para o salão de baile.

A lua já se aproximava do horizonte, cedendo seu lugar à luz rósea da

aurora quando Mari saiu do baile com Kilia e seus pais. Estava cansada de conversar, rir e dançar. Tinha dançado apenas uma valsa com Stuart.. Ele a apertara demais e se recusara a afrouxar o abraço.

Adam havia se aproximado várias vezes, mas Mari se esquivara, aceitando o primeiro convite que surgia, apenas para não dançar com ele. A proximidade de seus corpos seria excitante e perigosa demais. Os olhos negros a seguiram pelo salão, tocando-a de forma invisível porém quase palpável.

Logo no início do baile, Mari descobrira que ele estava acompanhando Jane, a antipática amiga de Kilia. Alguém comentou que, sem dúvida, a jovem dama se casaria com Adam por ser a esposa ideal para ele.

Mari fizera um grande esforço para continuar sorrindo.

Quando o grupo parou para despedir-se dos últimos amigos, Adam aproximou-se, sem disfarçar sua raiva.

— Você me evitou a noite toda — disse ele, baixinho. — Porque se finge de indiferente, quando sabe o que existe entre nós?

As palavras de Adam enfureceram Mari. O controle que mantivera por toda a noite foi por água abaixo.

— Quem você pensa que eu sou? Acha que todas as mulheres querem se jogar em seus braços? Jane não é suficiente? — explodiu afinal. Imaginou que ele ficaria furioso e, para sua surpresa, viu-o sorrir.

— Você está sentindo ciúmes de Jane?

— E você? Por acaso está com ciúmes de Stuart Morgan?

— Ela ergueu o queixo desafiadoramente.

— Jane é apenas uma amiga da família. — O sorriso de Adam desapareceu. — O que Stuart significa para você?

— Não é de sua conta! — disse ela, correndo para a carruagem onde Kilia a esperava.

Mari ergueu as saias para correr com maior liberdade, sem se importar se Adam estava vendo seus tornozelos.

Ele certamente a censuraria por essa falta de recato. Desde o início, ele desaprovava seu trabalho com os *paniolos* e talvez tivesse a mesma opinião da missionária que a considerava uma mulher perdida.

Talvez Adam não a achasse merecedora de respeito, como Kilia ou Jane. Por isso tentava seduzi-la quando estavam a sós!

Ao chegarem em casa, Mari agradeceu aos pais de Kilia pela festa e, diante dos comentários de todos sobre sua palidez, retirou-se imediatamente. Sentia-se exausta mas, ao encostar a cabeça no travesseiro, o sono

desapareceu. Passou a noite toda acordada, com os olhos fixos no teto, incapaz de relaxar e dormir.

Quando o sol entrou em seu quarto, Mari tinha chegado a uma conclusão muito importante para sua vida. Nunca se casaria com um homem que não a respeitasse. Também não aceitaria um marido que não amasse.

CAPÍTULO IX

O doce perfume das flores e som das ondas quebrando na areia despertou em Mari um intenso desejo de passear pela praia em vez de ficar sentada na igreja de Mokuaikaua, ouvindo aquele sermão monótono. Ela não conseguia acomodar-se no duro banco de madeira nem ouvir as palavras do missionário no púlpito. Embora estivesse de costas, pressentia o olhar profundo de Adam pousado em sua nuca.

Maldito Adam Foster!

Quando Ev decidiu voltar à fazenda só na manhã de segunda-feira, Mari tivera de acompanhar seus anfitriões ao culto de domingo, sabendo que Adam também estaria presente... com Jane!

A família de Kilia e a de Jane chegaram exatamente no mesmo momento. Adam viera acompanhado pela mãe e todos, amigos de longa data, pararam nos primeiros degraus da escadaria da igreja para conversar.

Mari procurou disfarçar o constrangimento e a raiva quando Adam perguntou-lhe se gostara do baile. Não se rebaixaria a demonstrar que continuava irritada.

— Foi muito interessante — comentou ela, com frieza. — E também muito educativo. A realidade, vista de perto, causa muito mais impacto do que os comentários.

A expressão de Adam permaneceu impassível e Mari afastou-se, convencida de que ele compreendera sua mensagem.

Ora, amigos de família! Essa fora a desculpa de Adam para acompanhar Jane ao baile. Mas os olhares que Jane lançava a Mari indicavam uma situação bastante diferente. Os traços da bela havaiana refletiam raiva, ciúme e uma incontável antipatia.

Naquela manhã, Mari sentiu com maior intensidade a distância que existia entre elas. Jane fora para a igreja com um modelo requintado em seda verde enquanto Mari usava um singelo vestido de algodão indiano.

Quais seriam as verdadeiras intenções de Adam? Como podia beijá-la tão apaixonadamente e demonstrar um desejo in-contido e urgente, se estava realmente comprometido com Jane... a amiga da família? E Mari não conseguia se livrar das recordações. Lembrava o calor das mãos dele em seu corpo, o prazer sensual quando seus lábios se tocavam e os murmúrios

melodiosos e excitantes em havaiano.

Mari só voltou à realidade quando todos se levantaram. O culto terminara e Ev, segurando-a pelo braço, a conduzia para a praça em frente à igreja.

Enquanto voltava para a casa de Kilia, sob o sol da manhã, ela continuava a pensar em Adam. Os dois haviam se fitado longamente antes de seguirem seus próprios caminhos e o olhar dele, intenso e cheio de desejo, a deixara trêmula e ansiosa por um novo encontro a sós.

Sem a menor dúvida, Adam explicaria suas intenções e talvez confessasse seu amor.

Ela também teria muito a dizer!

— Não sei por que essa insistência em ir embora hoje mesmo! — teimou Jane, contrariada. — Você nunca encontra tempo para as distrações e reluta em se afastar de sua querida fazenda.

Adam disfarçou sua irritação da jovem beldade, sentada ao seu lado na carruagem. Jane sempre seria uma mulher muito bonita, mas o esnobismo arrogante a transformava em uma criatura maçante. A família dela era uma das mais ricas da ilha e, por ser filha única, os pais lhe faziam todas as vontades. Tinham uma esplêndida mansão em Honolulu e passavam os meses mais quentes na residência de verão, como a família real.

Sua mãe se hospedara na casa dos pais de Jane, em Kailua-Kona, porque as duas famílias sempre tinham sido amigas e nutriam a esperança de que os filhos se unissem através do casamento. Adam até desconfiava que sua mãe só aceitara o convite para o baile para forçá-lo a acompanhar Jane à festa.

Embora o desagradasse acompanhar Jane, ele decidira fazer um sacrifício pela mãe. Ela se afastara da sociedade desde a morte do marido e precisava sair de casa e se divertir depois de um período tão longo de luto.

Ele tentou controlar a irritação causada pela insistência de Jane e evitar que a raiva transparecesse em sua voz.

— Estou apenas seguindo os passos de meu pai. Além disso, sinto prazer em realizar o meu trabalho. Sou um *paniolo* de coração, nasci para cuidar da fazenda. Não posso imaginar outro tipo de atividade em minha vida.

— Um *paniolo*? — Ela o fitou com desprezo. — Certamente seu objetivo na vida não é ser vaqueiro para sempre! Você e sua mãe deviam se mudar para Honolulu, encarregando um administrador de dirigir a fazenda. Uma família rica como a sua não precisa fazer economia e viver no campo!

Adam sufocou uma exclamação de raiva. Apegada a hábitos luxuosos e impressionada demais com as aparências, Jane jamais seria uma esposa

adequada para um fazendeiro. As suas famílias teriam de se resignar a essa realidade!

— E falando de *paniolos*... Marianne Webster é uma afronta a nossa sociedade! — prosseguiu ela, com ar de profunda reprovação. — Uma jovem bem educada não trabalha como um vaqueiro! Tenho pena dos Webster pois, apesar de serem rústicos e sem qualquer destaque social, não mereciam que a filha desgraçasse seu nome!

— Não exagere, Jane — murmurou Adam, mal controlando a fúria — Ela prestou uma grande ajuda ao pai e a Ev num momento de crise. Como ela monta a cavalo muito bem, os dois aceitaram seu auxílio mas apenas durante uma emergência.

Inquieta, Jane percebeu que não estava atingindo seu objetivo. Adam era o melhor partido das ilhas e seria, sem sombra de dúvida, o seu marido! Não pretendia perder essa batalha, permitindo que uma *haole* interferisse em seus planos.

— Admiro Mari porque ela é uma boa filha — declarou Adam, secamente. — Além disso, sabe trabalhar e ama a terra de verdade.

— Então aprova a atitude imprópria dessa moça?

Mesmo não aprovando a escolha de Mari, Adam não admitiria esse fato diante de ninguém, muito menos para uma jovem esnobe. Considerava Russell muito egoísta por permitir que a filha corresse riscos tão grandes. Quando ela desaparecera durante a erupção, ele sentira uma angústia inesperadamente intensa.

Ao imaginá-la morta, Adam se conscientizou de que não sentia apenas uma irresistível atração física por Mari. Ele se encantara com a beleza única daquela jovem loira mas também admirava sua coragem e sua ousadia em desejar dirigir seu destino, agindo de acordo com seu próprio julgamento e sem aceitar interferências de ninguém.

Ele sorriu ao lembrar-se da imagem que permanecia gravada em sua mente... os olhos castanhos que brilhavam a cada novo desafio, o longo cabelo loiro, quase prateado, como fios de seda tocando os ombros delicados, o corpo esguio e a aparente fragilidade que encobriam uma sensualidade primitiva.

Mari era um mistério profundo e um livro aberto ao mesmo tempo. A todo instante relembrava os lábios macios que se entreabriam para um beijo apaixonado e sentia o desejo dominá-lo. Queria amá-la em plena liberdade da natureza, possuí-la por completo até trazer à tona a mulher sensual e primitiva que se ocultava sob uma aparência puritana.

— Pois eu acho que ela está agindo como uma mulher sem princípios — declarou Jane, enfurecida com o ar sorridente de Adam. — Marianne Webster ofende a sociedade com seus hábitos imorais. Ela não será recebida na casa de nenhuma família decente. Por isso acho que você também deve evitar essa amizade, Adam. Para o seu próprio bem!.

Quando seus olhares se cruzaram, Adam chocou-se com a intensidade do ódio da jovem que, evidentemente, sentia-se ameaçada por Mari. Ele deu o assunto por encerrado pois haviam chegado em casa. Ao cruzarem o pátio, porém, Jane o segurou pelo braço, forçando-o a se deter.

— Esqueça Marianne Webster, Adam — declarou Jane, enciumada — Ela é uma *haole* e proibida para você. A sua obrigação é obedecer as tradições de seu povo e curvar-se à vontade de sua mãe.

As palavras de Jane perturbaram Adam mais do que ele desejaria. Aquela jovem mimada e voluntariosa estava decidida a afastá-lo de Mari. Mas, além disso, ela refletia a visão estreita e os preconceitos rígidos da sociedade das ilhas.

Queria partir logo para o planalto, coberto por campos de relva. Lá reencontraria a paz. Era hora de pegar seu cavalo e rumar para o norte...

Sua mãe decidira prolongar a visita, o que o alegrava porque ela precisava esquecer a morte do marido e recomeçar a vida. Adam, porém, já não agüentava mais as maldosas insinuações de Jane a respeito de Mari. As insistentes admoestações da jovem havaiana o forçavam a encarar uma realidade que preferia ignorar.

Tinha a obrigação de respeitar as tradições familiares, de dedicar-se à fazenda... e escolher a esposa certa. Sua mãe confiava plenamente em sua decisão de só casar-se com uma jovem de sangue havaiano, mesmo que não concordasse com a escolha e preferisse outra que não Jane.

Enquanto caminhava para a cavalaria, Adam pensava nos sentimentos da mãe. Cega pela dor da perda do único homem que amara, ela ainda se culpava pela morte do marido. Certamente, essa convicção irracional era apenas um efeito do sofrimento. Com certeza o tempo traria de volta a serenidade e mudaria seu modo de analisar o acontecimento funesto.

Quando a mãe conseguisse aceitar a realidade, Adam poderia tomar para si a loira *haole* que se apoderara de seu corpo e de seu coração. Confiava no futuro... tudo acabaria dando certo...

A viagem de volta à fazenda, através das planícies costeiras foi longa e entediante. A charrete subia lentamente as encostas que levavam ao planalto, dominado pelo majestoso Mauna Kea. Eles chegaram muito tarde e, depois

de servir a Ev o jantar que Agnes deixara sobre o fogão, Mari foi dormir sem encontrar ninguém da casa.

Ela acordou bem cedo, revigorada e disposta a reiniciar seu trabalho no campo.

Russell chamou-a ao escritório ainda antes dos *paniols* partirem com o rebanho. Mari ficou preocupada, sem entender o motivo daquela atitude. Então lembrou-se que não vira Agnes desde sua chegada.

— Aconteceu alguma coisa? Agnes... está bem?

— Não muito bem... ela perdeu o bebe que estava esperando. Eu nem sabia que Agnes estava grávida.

— Meu Deus! — exclamou Mari. Sabia o quanto a madrastra ansiava ter mais filhos. — O que aconteceu?

Russell passou a mão no rosto nitidamente contrariado.

— Ela sofreu uma hemorragia muito forte. Podia ter morrido se os *paniols* não tivessem encontrado o médico perto daqui, em Waimea. Como você estava na costa, preferi não lhe enviar um recado para não estragar a sua festa.

— Posso ajudar de alguma forma? Seth...

— Seth está no quarto com Agnes — disse Russell, antecipando-se à pergunta de Mari. — Não se afasta dela, está muito assustado. Já não me restam dúvidas... ele será sempre um maricás, agarrado à saia da mãe!

— Papai! Você é muito severo com Seth. Ele ainda é muito pequeno e nessa fase as crianças precisam do carinho materno. Agnes é uma mãe dedicada e sensata. Não estragará o filho por excesso de amor.

Para surpresa de Mari, Russell não se irritou com seu comentário agressivo. Ele apenas cobriu o rosto com as mãos, deixando-a mais alarmada.

— E Agnes? Está mesmo bem? Não corre mais perigo? Ele ergueu a cabeça e olhou-a, procurando reanimar-se.

— Ela está melhor — declarou, tentando se controlar. — O doutor disse que ela vai ficar boa em uns dois dias.

Mari sentiu um alívio tão grande que deixou-se cair pesadamente sobre uma cadeira. Não tinha avaliado o quanto gostava da madrastra, até temer por sua vida.

— Mas o médico também me avisou que ela nunca mais poderá ter filhos — prosseguiu Russell, num tom profundamente angustiado.

— Eu sinto muito...

Ela não ignorava o quanto o pai desejava ter filhos, os herdeiros que, algum dia, cuidariam da fazenda. E, por não acreditar que Seth fosse se

transformar em um homem capaz de enfrentar a lida do campo, desesperava-se diante da morte de suas esperanças.

— Sinto-me como se tivesse sido apunhalado — lamentou-se ele, inconformado. — Se todos os homens podem ter filhos, por que não eu?

— Não seja tão mal agradecido, papai. Agradeça a Deus pelo que lhe foi concedido. Afinal, tem uma esposa maravilhosa, um filho saudável... e uma filha.

— É inútil explicar! — explodiu ele, levantando-se da escrivaninha. — Você nunca entenderá que os homens têm necessidade de gerar filhos homens!

Russell caminhou para a porta, profundamente irritado.

— Compreendo melhor do que você imagina, papai — ela o interrompeu, com amargura. — Mas, no momento, Agnes é a nossa principal preocupação. Como posso ajudá-la? Sem a menor dúvida, ela é quem está sofrendo mais com o que aconteceu.

— É... acho que está certa, Mari. — Seria bom se você cuidasse dela e de Seth durante alguns dias. Eu iria mais tranquilo para o campo sabendo que tenho alguém de confiança dirigindo a casa.

Suspirando, Mari encaminhou-se para ao quarto de Agnes. O pai chegaria a reconhecer seu valor? Algum dia a aceitaria?

Agnes levantou-se da cama depois de uma semana de repouso, ainda muito magra e abatida. Embora Mari se alegrasse ao vê-la recobrando as energias, começava a se ressentir com o confinamento dentro de casa. Tentava se distrair rememorando sua viagem com Ev a Kailua-Kona, lembrando-se da festa do rei e de seu último encontro com Adam.

Tinha de esquecer o fascinante havaiano que roubava sua paz de espírito. Precisava recomeçar o trabalho pois, cavalgando pelos campos com os *paniolas*, ficaria ocupada demais para pensar nele.

Mari sentia-se extremamente confusa e indecisa. Queria o amor de Adam? Queria ser sua esposa? Sabia que existia uma intensa atração mútua e um desejo potente mas... ele estaria disposto a assumir um compromisso mais sério?

Finalmente, Agnes reassumiu as tarefas caseiras e Mari pôde sair a cavalo sozinha para dar um passeio. Ela se dirigiu às ruínas de Puukohola Heiau, o templo dedicado ao deus da guerra pelo primeiro rei Kamehameha. Lembrava-se sempre do local que Adam lhe mostrara e onde avistara uma pequena baía, discreta e ideal para a natação.

O percurso até a costa foi bem mais longo do que ela imaginara, mas

valeu a pena. Mari encontrou uma diminuta enseada, uma faixa de areia rosada semi-oculta pelas rochas.

Sentindo-se em segurança naquele local isolado e protegido de olhares por formações vulcânicas e coqueiros, ela começou a se despir. Não havia nenhum sinal de que alguém freqüentava a pequena praia e, retirando a camisa e as calças de montaria, Mari abriu os braços para que o sol cálido acariciasse sua pele.

A água do mar, transparente e muito fria, afastou as tensões de seu corpo. Flutuando de costas, Mari admirava as nuvens que o vento soprava no céu muito azul e sentia uma profunda paz.

Mesmo depois de sair do mar e se vestir, ainda conservava a sensação de estar renovada. Pretendia voltar à enseada muitas vezes e, antes de retornar, sempre se sentaria na areia cálida, à sombra de uma palmeira.

Mari não saberia dizer por quanto tempo dormiu. Adormeceu enquanto observava o cavalo pastando junto a uma suave elevação. Ao reabrir os olhos, teve a sensação de que estava ainda mais perto do templo em ruínas, num plano mais elevado do que a praia.

Naquele templo pagão homens tinham feito, no passado, sacrifícios de sangue humano ao deus da guerra.

Subitamente, Mari não resistiu ao desejo de entrar nas ruínas do tempo e descobrir onde se realizavam as cerimônias. Entre as pedras, estava o lugar em que virgens eram sacrificadas ao deus da guerra.

Ela já estava quase no alto da trilha estreita quando uma voz masculina rompeu o silêncio da natureza.

— Não continue. O templo é proibido para os *haole*.

Mari ergueu a cabeça, certa de que encontraria um havaiano, tão belo e perigoso quanto o deus da guerra. Ela não havia se enganado. Adam estava à sua espera nos degraus do templo.

CAPÍTULO X

A surpresa de Mari foi logo suplantada pelo medo. O *paniolo* de olhos negros que a fitava com desejo simbolizava o perigo. A simples presença de Adam era uma ameaça para suas emoções, tão facilmente domináveis.

Ele a olhava com um sorriso nos lábios, como se adivinhasse seus pensamentos tumultuados. Sentindo-se desafiada, Mari endireitou os ombros e ergueu o queixo, para demonstrar que não se intimidara.

— Por acaso está me seguindo? — perguntou, na defensiva.

— Por que tanta irritação? Não se acalmou com o banho de mar... nem com o sono tranqüilo à sombra da palmeira?

Rubra de vergonha e indignação, Mari não teve mais dúvidas de que Adam a espreitava há um longo tempo. E como descobrira que ela estava ali? O lugar era tão deserto, aparentemente tão bem protegido de olhares indiscretos...

— E por que eu a seguiria, Mari? — prosseguiu ele, implacável.

— Eu... eu não sei...

Mari preferiu mentir para fugir daquele assunto perigoso. Tensa, só não desviou os olhos para não dar mostras de fraqueza.

— Acredita que eu a segui para podermos ficar a sós, não é? Para concluir o que começamos na noite da erupção?

A voz sussurrante a excitava como um carinho físico. Mari sentiu o sangue correr mais rápido nas veias. As palavras de Adam tinham um sentido muito claro e não seria capaz de resistir ao desejo quando ele a tomasse nos braços. Precisava fugir para não ser vencida por seus próprios sentimentos conflitantes.

Ela teria alcançado o templo se Adam não a segurasse fortemente pelo pulso, impedindo-a de dar os últimos passos.

— Eu já lhe disse que o templo é proibido. Se você entrar, poderá atrair o *mana* do mal, a não ser...

— Que eu tenha sangue havaiano nas veias, não é? — explodiu ela, descontrolada.

— Não provoque poderes que não conhece, Mari. — Segurando-a pelos braços, ele puxou-a para mais perto. — Existem forças que você não pode controlar.

— Como você, por exemplo?

Mari arrependeu-se imediatamente de ter desafiado a cólera de Adam. Ele era descendente dos antigos polinésios que sacrificavam seres humanos ao deus da guerra entre as paredes daquele templo.

Finalmente admitiu que o desejo físico a impelia para os braços de Adam e ficou ainda mais confusa. Como podia desejá-lo se não o amava? Em seu íntimo, sabia que não podia apaixonar-se por Adam. Fruto de um casamento inter-racial, ele se apegara às origens maternas e só se casaria com uma havaiana.

— Não me provoque, Mari Webster. — Ele se aproximou mais. — Não garanto que possa me controlar, minha adorável puritana de New Bedford.

O rosto de Adam estava quase colado ao seu mas, embora se sentisse trêmula e sem forças, ela não desistiu da luta.

— E Jane? — perguntou, encarando-o com firmeza. — Já precisou se controlar com Jane?

Adam inspirou profundamente para acalmar-se e Mari, reconhecendo o perigo, preparou-se para enfrentar as conseqüências. Ele a beijara com uma intimidade indesculpável, acariciara sua pele com a Volúpia de um amante que anseia pela consumação do desejo... e depois acompanhara Jane à festa do palácio!

Por que ele não definia claramente suas intenções? Mari pretendia exigir isso quando, para sua surpresa, Adam soltou-a, dando um passo atrás.

— Nós dois precisamos ter uma longa conversa... sobre vários assuntos — declarou, friamente. — Mas este não é o lugar apropriado. Pretendo lhe falar sobre Jane que, como lhe disse, é apenas uma amiga da família e não a mulher com quem pretendo me casar.

Mari não respondeu e ele, esforçando-se para controlar o desejo de tomá-la nos braços, afastou-se.

— E saiba que não a segui até aqui. Eu estava a caminho do porto Kawaihae, onde embarcamos nosso gado, quando a avistei perto das ruínas. Seria um grande erro... talvez tão perigoso quanto se afastar das águas protegidas da enseada e ser atacada por um tubarão.

Ele saltou sobre o cavalo, pronto para partir.

— Nós conversaremos muito em breve. Desapontada, Mari viu-o encontrar-se, ao longe, com dois

paniols. Adam não viera sozinho e só por isso não tentara seduzi-la.

E o que teria acontecido se ele a houvesse tentado? Teria ela encontrado forças para resistir à paixão ou se entregaria a um homem que apenas queria

o seu corpo?

O momento da decisão novamente era adiado.

Os convites para o casamento de Kilia chegaram por um mensageiro especial, um para Ev e outro para a família Webster. Mais uma vez, Mari surpreendeu-se ao ganhar um novo corte de tecido, demonstrando a importância que o pai dava à sua vida social.

— Porque você e papai não podem ir também? — perguntou Mari, enquanto ela e a madrastra escolhiam o modelo do vestido.

— Alguém precisa ficar cuidando da fazenda — explicou Agnes sorrindo. — Além disso, você é a jovem solteira que precisa conhecer os possíveis pretendentes.

— Agnes! — exclamou Mari, indignada. — Irei ao casamento porque ela é minha amiga e sobrinha de Ev.

— Mas Kilia não lhe escreveu, avisando que Stuart Morgan também foi convidado? Ele não é aquele rapaz que ficou tão impressionado com você na festa do rei?

— Sim, Stuart Morgan irá ao casamento... como um convidado a mais. Não estou interessada nele.

— Ev nos contou que esse rapaz da Califórnia é muito distinto e rico.

— Acho que sim, Agnes. — Mari não escondia a contrariedade. — Mas há algo em Stuart Morgan que me desagrada profundamente. Não confio nele.

— Então existe alguém mais, Mari? Está interessada em um outro homem?

Mari demorou para responder. A pergunta de Agnes trouxera à sua mente a figura atraente de Adam e ela concentrou-se em disfarçar sua emoção dos olhos alertas da madrastra.

— Eu não poderia estar interessada em ninguém. Desde que cheguei só tive contato com os *paniols*, você sabe disso.

— E isso eu desaprovo! — declarou Agnes. — Nesta região, o único bom partido é Adam Foster e ele certamente se casará com aquela moça que se hospedou na fazenda.

Agnes teria provocado intencionalmente aquele assunto para preveni-la sobre a impossibilidade de ela amar Adam? Mari não acreditava que a madrastra, tão doce, fosse também maliciosa. Sem dúvida, falara sem segundas intenções e ignorando o quanto a magoava.

— Por acaso deixou alguém querido em New Bedford? — insistiu Agnes.

— Não deixei ninguém que merecesse meu afeto em New Bedford!

Aliviada, Mari tentou sorrir para Agnes que a questionava apenas por amor. Ela ainda não podia falar de Adam porque seus sentimentos continuavam tumultuados. Era difícil até pensar nesse homem que lhe despertava um desejo inquietante.

Viesse momento, Seth chegou reclamando de fome.

— Meu Deus, esqueci completamente da hora! — exclamou Agnes, sobressaltada. — Preciso ver o que Kee está preparando para o jantar.

Mari ajudou-a a guardar rapidamente as costuras e as duas arrumaram a mesa. Apesar de estar bem mais forte, Agnes continuava melancólica e não escondia a tristeza por ter perdido o bebê. Inconformada, pretendia consultar outros médicos para tentar algum tratamento que lhe devolvesse a capacidade de procriar.

— Você não gostaria de ir até a costa Hamakua comigo e com Seth? — perguntou Agnes quando as duas entraram na cozinha. — Poderíamos partir logo depois que você voltasse do casamento de Kilia. São apenas duas horas de viagem e é um lindo passeio. A paisagem e a natureza são completamente diferentes do outro lado da ilha.

— Eu adoraria, Agnes — respondeu Mari, entusiasmada. Ela já ouvira elogios sobre a beleza do litoral do lado leste da ilha, das montanhas Kohala, com grandes quedas de água, das praias de areias quase negras e das extensas plantações de cana. O único problema seria hospedar-se na casa dos pais de Agnes, porque eram missionários e Mari não ignorava que eles tinham uma visão muito estreita. Mas também soubera que se esforçavam para ensinar as crianças nativas e mantinham uma escola na missão.

As suas perspectivas para as próximas semanas eram excitantes. Iria levar o gado até Kawaihae, depois a um casamento e, após retornar à fazenda, visitaria a costa Hamakua.

Mas o seu coração só batia mais forte ao pensar que veria Adam novamente no casamento de Kilia.

Os dias voaram enquanto Mari e Agnes se ocupavam com o vestido de tafetá verde claro, enfeitado de rendas e fitas de cetim. Quando começaram a dar os últimos retoques, Agnes anunciou que decidira ir ao casamento. Soubera que um famoso médico de San Francisco também fora convidado e seria uma ótima oportunidade para ouvir uma outra opinião.

— Quero ter mais filhos, Mari — declarou ela, com inesperada firmeza. — E seu pai concorda que eu lute por isso.

Elas começaram imediatamente a fazer o vestido de Agnes, tarefa que as ocuparia até as vésperas do casamento.

O primeiro acontecimento importante foi o embarque do gado, que decepcionou bastante Mari. Quando restavam apenas alguns animais no cercado da praia, ela suspirou de alívio. O processo, bastante monótono e demorado, tinha sido interessante só no começo.

Depois de enfrentar dias de sol e poeira levando o gado até o embarque, ela só pensava em um bom banho e em uma noite de sono. Então, notou que Ev estava pálido, sentado sob uma palmeira.

— Você está se sentindo bem, Ev? — perguntou Mari, ajoelhando-se ao lado dele.

— Só um pouco cansado, menina. Acho que estou velho demais para ficar uma noite sem dormir.

— Tem certeza? — perguntou ela, impressionada com a fraqueza da voz de Ev.

— Além da falta de sono... o excesso de sol... — Ev tentava disfarçar seu mal estar.

— Tome um gole para se reanimar, amigo.

Era Adam que chegava de surpresa, como sempre, e estendia um frasco para Ev. Mari ouvira dizer que ele estava em Kawaihae, mas não o vira até aquele momento.

Enquanto Ev tomava alguns goles de uísque, ela não resistiu, retribuindo o olhar de Adam. Não adiantava fingir para si mesma que a proximidade desse homem sedutor não a afetava.

— Obrigado, meu filho — agradeceu Ev, tornando a atrair a atenção dos dois.

Apesar de estar se sentindo realmente muito mal, com uma fina dor no peito e os braços inertes e pesados, Ev não era cego. Existia uma atração intensa entre os dois jovens. Ele disfarçou um sorriso, certo de que mais uma *haole* sucumbia à magia primitiva dos havaianos. Só esperava que Mari não estivesse indo ao encontro de mais sofrimento. A pobre garota já sentira a mágoa da rejeição quando Russell a abandonara em New Bedford e agora merecia ser feliz.

Então, a dor no peito ficou mais forte e ele soltou um gemido.

— Ev! O que você está sentindo? —

Adam ficou tão preocupado quanto Mari ao perceber que o grave estado de Ev.

— Só preciso me deitar um pouco — a voz de Ev estava um pouco mais forte. — Não estou com nada que um pouco de descanso não cure. E, na semana que vem, iremos ao casamento de Kilia. Tenho que me recuperar

logo...

— Nós não iremos se você estiver doente! — declarou Mari, rezando pela recuperação de Ev.

— Foi por esse motivo que vim procurá-los — explicou Adam, muito próximo de Mari. — Minha mãe ainda está hospedada em Kailua-Kona e pretende voltar após o casamento. Portanto, eu irei com a carruagem para trazê-la de volta com mais conforto. Por que não vêm comigo?

Mari baixou os olhos, com medo de revelar seus sentimentos. Seu maior desejo era viajar ao lado de Adam, mas as convenções sociais, e também seu orgulho, a proibiam de aceitar o convite em nome de todos.

— Agnes vai conosco portanto seremos três — disse Ev, antes que Mari se manifestasse. — E eu quero voltar logo depois da recepção.

— Então está ótimo, porque eu também não posso ficar longe da fazenda por muito tempo. — respondeu Adam, sorridente.

— Se Mari e Agnes concordarem, estamos combinados.

— Eu concordo com o que você decidir, Ev. Agnes também não fará nenhuma objeção.

— Então estamos combinados! — exclamou ele, piscando maliciosamente para Mari.

Mortificada, ela sentiu-se enrubescer. Ev descobrira seus sentimentos!

Apesar de protestar, Ev voltou à fazenda de charrete. Mari seguia a cavalo, sem se afastar dele durante todo o trajeto. Só se tranqüilizou quando o deixou deitado em sua cama e dormindo com a respiração mais tranqüila.

Então, teve tempo de tomar banho e preparar-se para dormir, cheia de expectativa. O casamento de Kilia seria o momento mais importante de sua vida!

Mas o seno não vinha porque continuava a pensar no sedutor *paniolo* de seus sonhos. Um desejo muito intenso a envolveu e Mari sentiu, pela primeira vez, que seu futuro estava no Havaí. Talvez ao lado de Adam... o seu *paniolo*.

CAPÍTULO XI

Mari perdeu a paciência e jogou o chapéu de abas largas para longe. Não conseguia colocá-lo na cabeça sem desmanchar o lindo penteado que levava horas para fazer. Agora não havia mais tempo pois o dia começava a nascer e ela já ouvira o som da carruagem de Adam parando em frente à varanda.

Ele queria partir logo para a costa Kona e saber que já começava a se atrasar, aumentava seu nervosismo. Acordara muito antes do nascer do sol para preparar a bagagem e ficar pronta para a chegada de Adam. E, depois de tantos preparativos, não conseguia pôr o chapéu! O sol seria muito forte durante o trajeto e poderia queimar muito o rosto mas... o penteado era tão lindo!

Os cachos presos como uma auréola em volta de seu rosto realçavam o tamanho de seus olhos que pareciam maiores. Até seu singelo vestido de viagem, de algodão lilás, ficava mais fino!

Com as faces coradas e os olhos brilhantes, Mari antecipava o prazer de viajar ao lado de Adam até Kailua-Kona. Apenas Agnes iria com eles, porque Ev, infelizmente, não compareceria ao casamento da sobrinha.

Russell chamara o médico de Waimea e o diagnóstico fora coração cansado. Ev teria de ficar em completo repouso e estava proibido de montar ou mesmo andar de carruagem, pelo menos por duas semanas. Mari se alarmara com a passividade do velho vaqueiro diante das ordens médicas. Ele queria, tanto ir ao casamento de Kilia! Como se conformava em perdê-lo sem esboçar o menor protesto?

— Eu preciso descer! — resmungou Mari enquanto tirava todos os grampos que prendiam o penteado e escovava os cabelos.

Tanto esforço à toa! Proteger o rosto do sol inclemente era muito mais importante do que um belo penteado. Apanhando o chapéu caído ao chão, Mari saiu do quarto correndo para não se atrasar mais.

A casa estava em silêncio. Ouvira Agnes dando instruções ao cozinheiro e sua mulher sobre os cuidados que deviam ter com Seth e imaginara que o pai fosse esperar pela partida delas para ir ao campo. Onde estariam todos? Então, ela praticamente caiu nos braços de Adam que surgira inesperadamente das sombras do vestíbulo.

— Oh! Não sabia que você já estava aqui... espero não ter me atrasado

muito...

O sorriso de Adam era tão fascinante que Mari segurou-se à balaustrada da escada para recuperar a firmeza das pernas. Teria sempre essa reação de adolescente ao vê-lo?

— Cheguei há apenas alguns minutos. As mulheres sempre deixam os homens esperando, não é verdade? Mas vale a pena, principalmente quando a mulher é linda como você.

Adam estava decididamente de ótimo humor e a viagem seria ainda mais agradável do que ela previra. Talvez conseguissem estabelecer relações cordiais e tranqüilas, sem os desentendimentos do passado. Talvez a presença de Agnes diminuísse a tensão entre eles.

Adam não estava preparado para a espontaneidade do sorriso de boas vindas de Mari. Por uma fração de segundo, teve a sensação de que ela não escondia mais suas emoções, deixando — as vir à tona, sem censura.

Parada nos últimos degraus da escada, Mari recebia os primeiros raios de sol que se infiltravam pela porta entreaberta. Ela permanecia imóvel, tentando parecer uma jovem puritana. Mas o suave lilás de seu vestido realçava o brilho dos olhos e a cabeleira prateada, iluminada pela luz da aurora, a transformavam em Pele, a deusa do fogo e da paixão.

Naquele instante suspenso no tempo, Mari realmente se transformara numa deusa... que lhe fazia promessas deliciosas. Adam controlou-se para não tomar nos braços a virgem que deixava transparecer uma sensualidade vibrante.

Então ela se moveu, rompendo a magia.

— Vamos partir? — perguntou ele, suavemente.

Mari concordou com um gesto de cabeça, com medo que sua voz traísse o tumulto de suas emoções.

— Eu também estou pronta — anunciou Agnes, vindo do fundo da casa. — Seth ainda está dormindo. Já lhe expliquei tudo a ele ontem à noite e sei que ficará bem com que Kee e sua mulher. Imaginem! Os dois estão ensinando a ele algumas palavras em chinês e meu filho adora aprender!

Adam ouvia as informações sobre a criança com interesse enquanto se dirigiam para a carruagem. Mari os acompanhou, com um sorriso melancólico. Os dois nunca ficavam a sós. Talvez fosse o destino ou talvez ainda não tivesse chegado o momento.

O pai apareceu para se despedir e ajudou-a a sentar-se na frente, ao lado de Adam. Agnes ia com a bagagem no banco de trás.

Os planaltos verdes antes logo ficaram para trás e a estrada começou a

cruzar as áridas planícies do litoral. O Mauna Kea erguia-se de encontro ao céu e, a seus pés, o oceano brilhava como uma pedra preciosa. Nuvens alvas corriam velozes, levadas pelo vento que soprava do mar. Era um dia perfeito para uma viagem e Adam as distraía, contando histórias de erupções passadas.

— O monte Hualalai teve a última erupção no começo deste século — informou ele, mostrando o vulcão, uma versão menor do Mauna Loa.

Mari o ouvia com o coração acelerado. Durante todo o caminho, Adam a fitara com um olhar ardente e ela desejava continuar indefinidamente ao lado dele, ouvindo a voz grave e acariciante. Mas a vegetação já se tornava mais viçosa, estavam chegando a Kailua-Kona. A viagem fora rápida demais...

Quando Adam ajudou-as a descer na casa de Kilia, onde ficariam hospedadas por insistência dos pais da jovem, Mari notou que ele também se entristecera.

— Voltaremos a nos ver no casamento — disse ele ao ficarem a sós por um momento. — Quero dançar com você... a primeira valsa e talvez todas as outras.

Mari se despediu, já antecipando o prazer do reencontro. Subitamente lembrou de um detalhe perturbador. Onde Adam se hospedaria? Na casa de verão de Jane, junto com a mãe?

Kilia se aproximava, de braços abertos, para recebê-la. Com esforço, Mari tentou acalmar o ciúme. Afinal Jane era apenas uma amiga da família.

Adam não se cansara de afirmar que não havia nada a temer? Não insistira em dizer que a jovem havaiana não significava nada para ele?

Durante os dois dias que antecederam o casamento, Agnes e Mari procuraram não perturbar os preparativos na mansão. Estavam hospedadas em um chalé para convidados cercado de palmeiras e bem junto da amurada na beira da praia. Ev tinha insistido para que elas aceitassem o convite pois a família de Kilia, como todos os havaianos, era muito hospitaleira e se ofenderia se ficassem em outro lugar.

Como tinham muito tempo livre, elas puderam conversar bastante e se conhecer melhor. Pareciam duas moças em férias passeando pela praia, descobrindo cidade e trocando confidências. Mari se conscientizou da sorte do pai ao se casar com Agnes. Só esperava que Russell também reconhecesse que fora abençoado com uma esposa perfeita.

Na manhã do dia do casamento, Agnes consultou o famoso médico americano. Nervosa e cheia de esperanças, ela abraçou a enteada e foi para o palácio onde o médico se hospedava por ser um convidado especial do rei.

O casamento se realizaria no final da tarde e ainda era muito cedo para se preparar, Mari resolveu passear pelo jardim. Ela finalmente sentou-se num banco perto do tanque onde ficavam os peixes já pescados em mar aberto e que depois seriam servidos à mesa da família. Estava tão distraída observando-os que não reparou na aproximação de Kilia até ouvir sua voz.

— Eu a vi e como sabia que era a última chance de conversarmos como moças solteiras... — Kilia riu nervosamente. — Aconselharam-me a dormir um pouco, mas sinto-me ansiosa demais. Hoje será minha noite de núpcias e estou com medo...

— Eu também estaria aflita. — Mari abraçou-a, carinhosamente. — O casamento é um passo um tanto assustador na nossa vida.

— Tenho andado muito... tensa. Sinto medo, não sei se estou tomando uma decisão certa ou...

Recuando, Mari observou a amiga. Kilia estava realmente muito nervosa e os longos cabelos negros acentuavam sua palidez.

— Você ama Martin?

— Oh, muito! Mais do que tudo no mundo!

— Então, tudo vai dar certo. — Mari sorriu. — Você está apenas com o nervosismo natural de todas as noivas. Com tantos preparativos, esqueceu-se do principal. Você ama Martin e quer ser mulher dele.

— Tem razão, Mari. Obrigada pelo conselho. — Kilia também sorriu. — Eu precisava que alguém me lembrasse da importância de meu amor por Martin.

Mari também estava surpresa. Teria ficado mais sábia da noite para o dia?

— Agora estou bem, graças a suas palavras animadoras. — Kilia começara a se afastar, mas parou. — Oh! Como pude me esquecer? Stuart Morgan disse que quer acompanhá-la ao baile. Levará você e Agnes. Eu aceitei em seu nome. Ele é tão bonito, um excelente partido!

Quando a amiga entrou na casa, Mari soltou uma exclamação contrariada. Por amizade, Kilia a colocara em uma situação difícil. Agora, como poderia dançar a primeira valsa com Adam?

Depois da cerimônia religiosa do casamento, Mari e Agnes voltaram ao chalé a fim de se prepararem para o baile na residência de Kilia. Ela queria impressionar Adam e, quando se olhou no espelho, quase não reconheceu a própria imagem. O rosto delicado e os longos cílios eram valorizados pelos reflexos do magnífico colar de esmeraldas que Kilia tinha lhe emprestado. O cabelo, penteado para o alto, deixava uma madeixa cair livremente pelo

pescoço, dando graça à silhueta. Agnes também se transformara em uma outra mulher. O vestido azul realçava sua silhueta esguia e o rosto delicado refletia satisfação com sua própria aparência. Mari se entristeceu pela ausência do pai. Se ele as visse naquele momento sentiria orgulho da esposa e também da filha.

— Estamos realmente elegantes! — exclamou a madrastra, tentando controlar o entusiasmo. — Meus pais se chocariam profundamente se me vissem com meias de seda, os sapatos de cetim e este vestido decotado, o mais lindo que já tive!

— Já que estão do outro lado da ilha, não vamos nos preocupar com censuras paternas, Agnes. Hoje quero me divertir muito.

— Eu também. — Agnes riu. — É a primeira vez que vou a um baile de casamento. Gostaria tanto que Russell estivesse aqui! Ele ficaria muito bonito nessas roupas formais.

— E eu gostaria que ele a visse tão bonita !

— Obrigada. — Corando de prazer, Agnes abraçou impulsivamente a enteada. — Ah! É tão bom ter você morando conosco, Mari! Sempre senti falta de uma irmã com quem conversar e agora encontrei uma. Estou muito feliz e... ansiosa para contar a novidade a Russell!

— Então a sua consulta teve bons resultados?

Mari respeitara a intimidade de Agnes, contendo sua curiosidade durante a cerimônia do casamento.

— Bem, eu queria que Russell fosse o primeiro a saber, mas não agüento esperar! O médico disse que posso ter mais filhos!

— E filhas também? — brincou Mari.

— Sim... é claro. — respondeu Agnes, perplexa. — É que Russell deseja tanto ter mais filhos homens!

— Você o ama muito, não?

— Sim... muito, Mari — respondeu Agnes, pensativa, olhando pela janela.

Agnes lembrou-se da cerimônia realizada pouco antes na igreja Mokuaukua e do belo sermão sobre o amor conjugal.

Agnes tinha relembrado seu próprio casamento e pensara no marido, às vezes tão difícil de tratar. Como o amava e como precisava que ele retribuísse seu sentimento!

Nesse momento, alguém bateu à porta, interrompendo o devaneio de Agnes. As duas jovens mulheres se entreolharam e Mari não disfarçou a contrariedade. Só podia ser Stuart Morgan, que viera buscá-las para irem ao

baile.

— Quer que eu atenda à porta? — perguntou Agnes, percebendo a hesitação da enteada.

Mari, porém, já se dirigia à porta com passos firmes. Ao abri-la, encontrou Stuart, elegante como sempre, o retrato de um cavalheiro europeu.

Stuart também permaneceu em silêncio, fascinado com a beleza de Mari. Bastava um olhar para desejar aquela jovem de inconsciente sensualidade. Sim, ela seria a esposa ideal!

— Boa noite, Sr. Morgan. Esta é Agnes, a minha madrastra.

—Prazer em conhecê-la, Sra. Webster — cumprimentou Stuart, imediatamente desviando o olhar para Mari.

Ela irritou-se com a falta de atenção de Stuart, que praticamente ignorara a presença de Agnes. Voltou a sentir a mesma antipatia do primeiro encontro. Mas não houve tempo para analisar seu sentimento de repulsa porque, depois de conversarem sobre banalidades, como exigia a etiqueta, saíram para o jardim iluminado por tochas.

Os convidados se espalhavam pelos gramados muito verdes e pairava no ar o perfume inebriante dos colares de flores. A cada dia que passava, Mari se encantava mais com aquele paraíso tropical, sentindo-se envolver pela magia do Havaí. Nunca sentira antes um apelo tão forte aos seus sentidos.

— Então pretende visitar a costa Hamakua, Mari? — perguntou Stuart ao se encaminharem para o salão do baile.

Mais uma vez, Mari tentou descobrir o motivo de sua inexplicável aversão por Stuart Morgan. Por que sentia um estranho arrepio de repulsa quando ele estava presente? Afinal, era um homem excepcionalmente atraente e de educação impecável!

— Sim — respondeu ela, lacônica.

Certamente, Agnes devia ter mencionado a visita aos pais, que moravam na mesma região em que Stuart tinha sua plantação de cana. Mari sentiu uma profunda irritação; preferia que ele ignorasse seus planos.

Por sorte, a multidão de alegres convidados tornou impossível uma conversa íntima. Todos erguiam brindes ao casal de noivos e já se ouviam os primeiros acordes da valsa de abertura do baile.

Apenas os noivos dançavam no amplo salão mas Mari não os via. Esquecera-se da presença de Stuart e da existência de todos os convidados, pensando em Adam e na promessa da primeira valsa. Onde estaria ele?

Quando os casais começaram a se formar para a valsa seguinte, Stuart curvou-se diante dela. Antes que Mari pudesse pedir licença para o

cavalheiro que a acompanhara ao baile, Adam surgiu à sua frente.

Sem uma palavra ou um olhar para Stuart, Mari se entregou à sedução do homem mais fascinante que já conhecera.

Eles valsaram em silêncio, sentindo apenas a sensualidade da melodia e o prazer da proximidade de seus corpos. A música terminou rápido demais e ambos relutaram em se afastar. Mas, ao soarem os acordes da nova dança, Adam a tomou novamente nos braços.

— Você é a mulher mais linda deste baile e de todo o Havaí — murmurou Adam, apertando-a de encontro ao peito. — Ah, minha pequena Mari. *Aloha au ia'oe...*

— O que significam essas palavras?

Ela ergueu a cabeça e sentiu o ardor do olhar de Adam, tocando seu rosto com a intimidade de uma carícia.

— Algum dia, você compreenderá o idioma e os costumes dos havaianos. Então entenderá minhas palavras — respondeu ele, sorrindo enigmático.

Mari gravou as palavras para repeti-las a Kilia. Quando a valsa terminou, ele a levou até Agnes, que permanecera junto ao jardim. A madrastra não notou a expressão raivosa de Stuart nem o olhar que Adam lhe lançou, como se o prevenisse para se manter longe de Mari.

A noite foi tão breve quanto um sonho e tão maravilhosa quanto suas fantasias românticas. Até a presença de Jane no grupo de Adam não diminuiu a felicidade de Mari. Ela sabia que era a única a receber todos os olhares e pensamentos do homem mais atraente do baile.

Mas no final da festa, quando a madrugada apagou os vestígios da noite, já não havia lugar para sonhos adolescentes. Por que Adam nunca a acompanhara a nenhum programa social? Por que nunca se apresentava ao seu lado diante da família e dos amigos?

Insone, Mari passou horas pensando sem encontrar uma resposta para essa pergunta perturbadora.

CAPÍTULO XII

Apenas uma semana depois do casamento, Mari e a madrastra partiram para uma nova viagem. Agora iriam visitar os pais de Agnes do outro lado da ilha. Aparentemente, não teriam o mesmo tempo magnífico que os acompanhara durante todo o casamento. Elas já estavam quase chegando quando ficou evidente que não conseguiriam escapar de uma tempestade.

O céu começara a escurecer, desde que haviam deixado a região das montanhas Kohala para iniciar a descida em direção ao lado leste da ilha. Nenhum sopro de ar afastava o calor pesado e úmido, nenhuma brisa agitava a folhagem. A natureza se imobilizara à espera da tormenta e até os pássaros tinham emudecido. O silêncio inquietante dos bosques só era rompido pelo ruído das rodas da charrete sobre o chão pedregoso.

Amedrontado, o pequeno Seth encolheu-se no banco, aconchegando-se à mãe, enquanto Mari apressava a parelha de cavalos.

Infelizmente, o garotinho não era o único a sentir medo. As duas mulheres olhavam a todo instante para as nuvens negras que se aproximavam com rapidez. Então os raios se sucederam, iluminando o céu, seguidos por trovões ensurdecedores. Uma árvore enorme explodiu em chamas a poucos metros da charrete. Seth gritou de medo, escondendo o rosto no colo da mãe, enquanto Mari instigava os cavalos.

Os animais estavam nervosos mas Mari ainda conseguia dominá-los. Ela os incitava a galopar, certa de que seria mais perigoso se parassem sob uma árvore. Mesmo na estrada, eles eram um alvo perfeito para os raios! Então, viu as curvas à sua frente e gelou de medo.

Subitamente, o pesadelo tornou-se pior. A chuva caiu, dificultando sua visão, e os cavalos dispararam. Mari ouvia ao longe o som de um galope que se aproximava e rezou para que fosse Adam!

— Estamos correndo muito! — gritou Agnes, desesperada. — Não conseguiremos acompanhar as curvas da estrada! Pelo amor de Deus! Vá mais devagar, Mari!

Não havia tempo para responder. Mari empregava toda sua força tentando controlar as rédeas dos cavalos em disparada. Por que concordara com aquele maldito passeio à costa Hamakua? Na semana anterior, depois do casamento de Kilia, Stuart Morgan fora visitá-la e tinha sido apresentado a

Russell. O pai não escondeu o quanto havia apreciado o rico californiano que insistiu em ir procurá-las na casa dos pais de Agnes, vizinha ao seu canavial.

Quando o cavaleiro se aproximou, Mari reconheceu Stuart mas não havia condições de se comunicarem. As curvas eram fechadas demais e à beira do abismo. A descida continuava muito íngreme e, e questão de instantes, a estrada se transformara em um perigoso lamaçal. Os três estavam ensopados, em pânico, e ouvindo o ranger sinistro da charrete que parecia prestes a se desfazer em pedaços ou a despencar entre os rochedos. Os cavalos galopavam sem controle, os raios riscavam incessantemente o céu e não havia sinal da tempestade amainar.

Aos poucos, Stuart passou à frente da parelha da charrete e conseguiu agarrar a rédea de um dos animais em disparada. Com um esforço sobre-humano, agarrou a do outro, obrigando-os a parar. Todos tremiam de susto e frio sob a chuva torrencial.

O alívio dos ocupantes da charrete foi tão grande que ninguém conseguia falar. Por fim, Seth caiu no choro, a mãe começou a consolá-lo e só então Mari agradeceu a Stuart, que desmontara do cavalo mas ainda segurava as rédeas da charrete.

— Você está bem? — ele perguntou finalmente, procurando avaliar o estado de Mari.

Ela tremia mas estendeu as mãos para que Stuart lhe devolvesse as rédeas.

Stuart nunca encontrara uma mulher tão linda nem tão excitante. O algodão molhado do vestido moldava os seios rijos que pediam para ser acariciados com paixão. Ele tivera a sorte de salvá-la e talvez fosse recompensado com um beijo. Queria ser o primeiro a despertar a mulher sensual que se escondia sob o exterior contido e a aparência puritana.

Ele sorriu, procurando tranqüilizá-la e, ao mesmo tempo, esconder seus verdadeiros sentimentos. Decidira conquistá-la depois de saber que Kilia e Jane, as moças mais ricas do Havaí, não se casariam com um forasteiro, um *haole*. A fazenda Webster não era desprezível e certamente Russell daria um bom dote à filha. Além disso, Mari se relacionava com a família real, o que só lhe traria benefícios no futuro. Stuart estava sem um centavo e a plantação de cana, seu único bem, talvez tivesse sido destruída por essa maldita tempestade!

— Eu agradeço muito, Stuart — disse Mari. Agnes endossou suas palavras com um gesto. Ainda estava muito emocionada para falar e ocupada em reconfortar Seth que choramingava baixinho.

— Fico feliz por ter podido ajudar — declarou ele, adorando seu papel de salvador.

Não pretendia contar que saíra disposto a encontrá-la pois sabia que elas viajavam naquele dia. Tivera mais sorte do que poderia prever. Conseguira chamar a atenção de Mari, que até agora o ignorara por causa de um maldito havaiano... um mestiço! De acordo com os últimos rumores, Adam Foster ficara noivo de Jane e essa esplêndida notícia chegava em boa hora. Seria bem mais fácil conquistar Mari agora!

Um outro raio caiu perto deles e a chuva ficou ainda mais forte. Stuart aproximou-se e fez um gesto para ela firmar as rédeas.

— Mantenha-os imóveis! — gritou ele, enquanto subia no banco da charrete. — Será melhor que eu dirija os cavalos. Os animais ainda estão em pânico e precisam sentir que há um homem mantendo as rédeas.

Mari não discutiu. Stuart estava certo. Agradecida, tentou rever sua primeira impressão sobre esse homem, sentado a seu lado e nitidamente preocupado com a segurança de todos. Talvez a atração que sentia por Adam fosse tão forte que a cegara, impedindo-a de reconhecer o valor do corajoso californiano.

O final da viagem foi feito em silêncio e sob uma chuva torrencial. Quando chegaram a um pequeno vilarejo com uma igreja, um senhor idoso correu para recebê-los. Era o reverendo Henry, pai de Agnes. Ele pegou Seth no colo e correu de volta ao terraço da igreja.

Stuart saltou charrete, amarrou as rédeas em um poste e ajudou-as a descer e chegar até o terreno enlameado. Enquanto Agnes os apresentava, a chuva parou, tão repentinamente quanto tinha começado.

O céu tornou-se novamente azul, como se não tivesse sido coberto por nuvens negras, e o sol voltou a brilhar. Que terra imprevisível! Por um momento, Mari lembrou-se da noite da erupção vulcânica e dos terremotos que abalaram a ilha num aviso contundente de que Pele ainda não havia adormecido.

— Vamos entrar — convidou o reverendo. — Todos precisam trocar essas roupas molhadas.

Mari foi pegar as sacola na charrete e notou que até as poças de água da chuva já estavam quase secas sob o sol muito forte. Então, seguiu rapidamente o pai de Agnes, para não dar tempo a Stuart de segurá-la pelo braço. Esperava que ele não permanecesse ali por muito tempo.

Os Henry foram hospitaleiros com Stuart mas, como eram pessoas de natureza reservada, não o convidaram para jantar. Mari percebeu que os pais

de Agnes não aprovavam suas maneiras sofisticadas. Ele era um cidadão do mundo, como diria seu avô.

E o que os pais de Agnes tinham achado dela? Se soubessem de suas cavalgadas com os *paniols* certamente não aprovariam. Não queria nem pensar no que diriam se soubessem de sua reação apaixonada aos beijos de Adam!

Ela estava, como sempre, rememorando o prazer daquelas carícias e assustou-se ao ouvir a voz de Stuart, muito próxima. Esquecera-se da existência dele!

— Eu disse que espero revê-la brevemente — repetiu ele, disfarçando a irritação. — Seu pai me convidou para conhecer o rebanho e talvez os visite na próxima semana. Isto é... se a chuva não tiver destruído meu canavial — concluiu em tom preocupado.

Incapaz de pensar numa resposta apropriada, que não fosse rude nem encorajadora, Mari apenas concordou com um gesto. Só quando Stuart partiu, sentiu-se mais tranqüila e pôde apreciar a casa dos pais de Agnes. O sol brilhava intensamente sobre a folhagem tropical, numa paisagem completamente diferente naquele lado da ilha.

A Sra. Henry, gordinha e sorridente, emprestou-lhes roupas secas para usarem enquanto as molhadas eram estendidas ao sol. Depois de vestidos, foram com os Henry à igreja, onde o reverendo dirigiria o culto noturno. Vendo Agnes e Seth sentarem no primeiro banco, Mari suspirou. Era o lugar que sempre ocupara em New Bedford e sempre o achara muito pouco confortável.

A Sra. Henry tocava piano quando o marido dava o sinal e todos cantavam os hinos. Para sua surpresa, os participantes gostavam do serviço religioso, muito menos formal e cansativo dos que assistira na infância.

Mas foi Seth quem mais a surpreendeu. Ele sentava-se como um homenzinho, querendo agradar o avô, a quem aparentemente adorava. O reverendo Henry se entendia às mil maravilhas com o neto, que saíra mais parecido com a família da mãe.

Desde a chegada, o garoto seguia cada passo do avô e ouvia atentamente tudo o que ele dizia. O reverendo também não escondia o amor que sentia pelo neto, demonstrando ser carinhoso e paciente diante dos medos do pequeno Seth. Se Russell fosse menos duro e mais afetuoso, talvez conseguisse conquistar o filho.

O tempo passou depressa e, logo após o serviço, várias mulheres serviram café e bolo. Pela primeira vez na vida, Mari sentira-se feliz por ter

ido à igreja. Quando voltaram para casa, sob o céu estrelado, todos os sinais da tempestade já haviam desaparecido e ela acompanhava, em silêncio a conversa entre Agnes e o pai.

— Eu gostaria muito de contar com a sua ajuda — disse o reverendo, como se considerasse a aceitação de seu pedido uma obrigação filial. — A escola da missão precisa de alguém do outro lado da ilha, pelo menos uma vez por semana. Como gosta de crianças, pensei em você, Agnes.

— Eu não tenho tempo, papai — respondeu ela suavemente para abrandar a recusa. — Russell também precisa de mim. Sou eu quem cuida da fazenda, quando ele está fora com os *paniolos*. Como você sabe, o nosso único cozinheiro prepara a comida de todos e, se não tiver ajuda...

— Bem... tentarei encontrar uma outra solução — disse o reverendo após um longo silêncio. — Como você sabe, a educação dessas crianças nativas é um serviço de Deus... É realmente muito importante, Agnes.

— Talvez eu possa ajudar — interrompeu Mari. Aquele trabalho a interessava porque se encantara com as crianças nativas desde os primeiros dias de sua estada no Havaí. Olhavam-na com os olhos cheios de curiosidade e provavelmente se pareciam com Adam quando era pequeno.

O reverendo a estudou durante alguns instantes, sem saber se devia aceitar a oferta. Depois de algumas perguntas a respeito de sua infância e sobre o lugar da religião em sua vida, abraçou-a, surpreendendo e emocionando as duas moças.

— São realmente misteriosos os desígnios de Deus — exclamou ele, sorrindo. — Aceito sua oferta, Marianne Webster. Mas não esqueça, espero que mantenha a palavra e não me deixe sem ninguém de uma hora para outra.

— Não se preocupe, reverendo.

Embora entusiasmada, Mari sentiu medo de ter se envolvido por impulsividade. Estaria preparada para um trabalho de tanta dedicação? Então, lembrou-se dos rostinhos das crianças e as dúvidas acabaram. Estava realmente precisando de uma atividade porque já não ia para o campo com os *paniolos*, todos os dias. Empregaria seu tempo de uma forma mais gratificante ensinando os nativos.

Além disso, era a melhor maneira de aprender o havaiano. As crianças a animariam com seus olhares alegres e a ajudariam a decifrar os mistérios do idioma nativo. Sim... fora o destino que a enviara à costa Hamakua!

CAPÍTULO XIII

As crianças, que tinham permanecido tão sérias e atentas durante a aula, desapareceram pela estrada ensolarada entre risos e brincadeiras.

— Elas são adoráveis! — exclamou Mari, eufórica.

— Você acha que poderá lidar com elas? — perguntou o reverendo, sorrindo do entusiasmo da jovem. — Às vezes é preciso ter muita paciência...

— Pois acho que vou adorar esse trabalho. Elas são encantadoras, tão curiosas e interessadas em aprender!

O reverendo voltou à igreja, onde também dava aulas em sua classe improvisada.

Pensativa, Mari analisava sua nova responsabilidade. Teria de ensinar noções de inglês e matemática a crianças espertas e ávidas de conhecimento. Isto exigia de sua parte muito estudo, pois não tinha a menor experiência com métodos e didática de ensino. Enfim, não seriam apenas as crianças que iriam aprender. Junto com elas, Mari aprenderia muito.

Além de sentir-se feliz com o trabalho, também se alegrava com a idéia de poder montar, pelo menos uma vez por semana, pois o percurso da fazenda até lá levava mais de uma hora.

Finalmente, seguiu o reverendo até a igreja para ouvir as últimas instruções. Ele explicou que talvez não aparecessem muitos alunos no início, porque os havaianos não gostavam de professores *haoles*. Mas o importante era persistir pois sua classe aumentaria com o passar do tempo.

Ao cair da noite, todos se reuniram para o jantar de despedida. Ela foi dormir mais cedo, disposta a acordar ao romper do dia seguinte para arrumar a bagagem na charrete.

De manhã, quando todos se despediam, Stuart Morgan apareceu anunciando que as acompanharia até a fazenda, uma vez que já havia tomado as providências necessárias em sua plantação de cana.

Agnes, muito alegre, lançava olhares a Mari e Stuart, procurando ser muito cordial com ele. Ela não percebeu a irritação da enteada que se esforçava por compreender o motivo de sua inexplicável desconfiança.

Subitamente, Mari lembrou-se do rosto gordo e suado do viúvo Barnes, o homem escolhido pelo avô para ser seu marido. Sentiu um arrepio percorrer o corpo, apesar do calor da manhã. Sabia que o Sr. Barnes era um hipócrita

mas... Stuart também seria? A madrastra com certeza o considerava um bom partido. Durante todo o caminho de volta, enquanto Stuart cavalgava ao lado da charrete, Mari procurou descobrir o que tanto a desagradava no homem que só a fitava com olhares de admiração.

Mari continuou a procurar uma resposta, mesmo depois de chegarem à fazenda. Russell o recebera com tanto entusiasmo que ela pediu licença para se retirar, alegando estar cansada da viagem. Da solidão de seu quarto, ouviu as vozes de Stuart e do pai na varanda por um longo tempo.

Por que Stuart não fora dormir? O que desejaria de seu pai? Sem dúvida, queria algo e ela estava incluída em seus planos! Afligia-se com a inocência do pai, tão facilmente manipulado pelo esperto californiano. Russell não passava de um brinquedo nas mãos daquele homem em quem Mari jamais confiaria.

Respirando fundo, tentou não pensar Stuart Morgan nem que ele aceitara o convite do pai para passar uma semana conhecendo a fazenda Webster!

— Ouvi dizer que você era a nova professora e vim conferir pessoalmente — declarou Adam, saltando do cavalo.

A praça da igreja ficava um pouco afastada da estrada principal mas Mari o vira se aproximar a galope. Mal tivera tempo de recompor-se e não conseguira evitar o rubor nas faces, intensificado pelo tom rosa do vestido. Por sorte, Adam não chegara enquanto ela pulava corda com seus nove alunos!

Era o primeiro dia de aula e Mari sentira um grande alívio ao se afastar de Stuart, que continuava hospedado na fazenda. Ele e Russell estudavam a possibilidade de plantar um canavial nas terras baixas da propriedade dos Webster.

Ao chegar à escola, Mari encontrou várias crianças acompanhadas pelos pais. Reconheceu entre eles alguns *paniols* e duas mulheres, que trabalhavam como cozinheiras. Quando ficaram sozinhas, as crianças perderam a espontaneidade e Mari resolveu começar o ensino através de brincadeiras. O resultado foi maravilhoso pois, mesmo se comportando como uma amiga, ela conseguira manter a disciplina.

— E então? O que queria ver por si mesmo? — perguntou ela finalmente, controlando-se para não arrumar o cabelo.

— Eu queria vê-la, Mari. — Ele a fitou intensamente. — Você está presente em meus sonhos. Sempre.

Mari perdeu a voz. Aquele homem sedutor a envolvia com seu encanto e

ela não conseguia fugir da magia sensual que a transformava em uma mulher vibrante. Queria sentir os braços musculosos e bronzeados ao redor de seu corpo e ansiou pelo contato dos lábios ardentes.

Adam a fitava com um sorriso provocador, como se lesse seus pensamentos.

— Por acaso você também sonha comigo? — perguntou ele, abruptamente.

Ainda sem voz, Mari negou com um gesto.

— Não sonhou nenhuma vez comigo? Acho que está mentindo...

— Talvez eu tenha sonhado com você... uma ou duas vezes. — Mari recuou, temendo a aproximação de Adam.

Ele continuava a sorrir maliciosamente e Mari perdeu a calma. Estaria achando graça porque a encontrara despenteada ou porque a vira pulando corda com as crianças?

Atrás dela, as crianças começaram a cantar uma cantiga de ninar que lhes ensinara há pouco.

— Meus parabéns, Mari. Seus alunos já estão aprendendo. Vão falar inglês muito antes do que você pensa.

— Eles já sabem algumas palavras — respondeu ela, aliviada por a conversa tomar um rumo diferente. — Achei que era melhor mostrar-lhes o sentido das palavras. Quando eu era criança, preferia essas demonstrações a explicações em livros entediantes.

— Ah! Então prefere as demonstrações? — Ele se aproximou mais, soltando a rédea do cavalo que se afastou em busca da relva.

Mari pressentiu que ele a tomaria nos braços mas uma das crianças os interrompeu, salvando-a de uma situação embaraçosa.

— É sua *wahine*. — perguntou a garotinha a Adam. Ela sabia que *wahine* significava mulher ou esposa e enrubesceu. Sorrindo para a menina, Adam começou rapidamente a falar em havaiano.

— O que disse a ela?

— Você terá que aprender logo a nossa língua, Mari. Assim não ficará tão desconfiada.

— Então vocês estavam mesmo falando de mim?

— Pergunte a ela — insistiu Adam, com um sorriso malicioso.

Ela irritou-se. Estava ali para ensinar e não para ser alvo de brincadeiras!

— Reconheço que você tem muito jeito para lidar com crianças — observou Adam, com sinceridade. — Pretende ter filhos... algum dia?

— Sim... quero ter muitos filhos. — Ela desviou os olhos. Sempre havia

sonhado fazer parte de uma grande família e compartilhar seu amor com todos. Distraidamente, ela arrumou os cabelos, o olhar perdido no mar.

— Não fique triste, Mari. Algum dia, terá essa grande família de seus sonhos. — Ele puxou-a para mais perto e aproximou o rosto, murmurando: — Nós teremos uma grande família.

Subitamente, Mari deixou de ouvir a algazarra das crianças que brincavam, o murmúrio do vento e os sons da cidade próxima. As palavras de Adam permaneciam no ar e ela antecipava uma declaração de amor.

— Mas como nós...

— Não diga nada. Ainda não chegou o momento. Preciso resolver alguns detalhes antes... assuntos de família.

Sem a menor dúvida, Adam a desejava e, embora ainda não pudesse colocar em palavras, estava lhe dizendo que não se casaria com Jane.

— Você me pertence, Mari. Muito em breve, assim que chegar a hora certa, toda a ilha vai saber.

Tomando-a nos braços, Adam apoderou-se de sua boca com avidez. Mari ouvia vagamente as crianças aplaudindo e gritando à sua volta e admitiu que perdera o controle sobre suas emoções. E também sobre os alunos... Mas, naquele momento, seu corpo e sua mente pertenciam a Adam, ao desejo que os envolvia. A paixão de seus beijos significaria uma prova de compromisso?

— Até a vista, minha *wahine*. — Recuando, ele a fitou com os olhos ainda cheios de desejo. — Preciso ir embora. O barco já deve ter chegado a Kawaihae e passaremos os próximos dias embarcando gado. *Aloha au ia'oe*.

Os alunos de Mari ouviram as palavras de despedida de Adam e não esconderam seu entusiasmo infantil. Já montado, ele sorriu, compartilhando o segredo com as crianças. Com um aceno final, desapareceu na estrada em direção à costa.

Mari tentou repetir as palavras em havaiano e lembrou-se que já as ouvira antes. A mesma garotinha que tinha conversado com Adam puxou sua saia, mas Mari custou a afastar os olhos da estrada.

— *Aloha au ia'oe* — a menininha repetia sorridente. — Foi isso que o Sr. Foster disse!

— Você sabe o que significam essas palavras em inglês? — perguntou Mari, falando devagar e com clareza.

— Sim, sim! — A menina cobriu a boca, procurando controlar o riso. — Quer dizer... Eu te amo.

“Eu te amo...”

Adam dissera que a amava! Uma sensação arrebatadora a invadiu, mas Mari procurou controlar-se a fim de continuar a aula. Reunindo as crianças, levou-as para a sala improvisada e tentou manter a serenidade.

Mas todos os sons do universo se resumiam às palavras que seu coração sonhara em ouvir. Adam a amava!

À tarde, quando Mari voltou à fazenda, encontrou um dos vaqueiros à sua espera.

— O Sr. Webster quer falar com a senhorita. Ele está no escritório.

Mari estava cansada e queria refugiar-se em seu quarto para pensar no encontro com Adam. Entretanto, surpreendeu-se com a presença do pai em casa tão cedo. Russell costumava sair com Stuart de madrugada e os dois só voltavam pouco antes do jantar. Essa rotina lhe permitia fugir da convivência com um hóspede que a desagradava.

A casa estava em silêncio e ela chegou ao fundo do corredor, onde ficava o escritório, sem encontrar ninguém. O pai ergueu os olhos dos papéis e sorriu ao vê-la à porta.

— Sente-se, Mari, Como foi seu primeiro dia de professora? — perguntou ele, mais carinhoso do que de costume.

Com um sorriso, Mari fez um relato de seu dia, omitindo a visita de Adam. Ainda não podia partilhar sua felicidade com ninguém!

— Eu também tenho novidades, Mari.

Algo no tom de voz de Russell provocou uma sensação de alarme em Mari.

— Como você sabe, Stuart Morgan prolongou a visita para tratarmos de negócios. Estávamos pensando em plantar cana nas terras mais baixas da fazenda. — Ele fez uma pausa e acendeu um cigarro, com ar pensativo. — Infelizmente, não será possível e não poderemos nos tornar sócios. Mas eu o considero um ótimo rapaz e com um grande futuro. Dei-lhe permissão para que a cortejasse.

— O quê? — Mari levantou-se de um salto. — Como pôde tomar essa atitude absurda? Devia ter me consultado antes!

Uma raiva incontável apossou-se de Mari. O avô se julgara no direito de impor-lhe um marido e agora o pai queria decidir com quem ela devia se casar! Evidentemente, Russell se orgulhava de sua escolha! Ela havia pressentido o perigo, mas fechara os olhos, procurando não ver uma realidade que a perturbava.

— Calma, Marianne — respondeu ele, igualmente irritado. — Você precisa cuidar de seu futuro e já está mais do que na hora de encontrar um

noivo respeitável e pensar em casamento. Eu...

— O senhor não tem o direito de tomar essa decisão por mim! — Mari o enfrentou, com fúria. — Preste bem atenção, pai... jamais me casarei com Stuart Morgan! Contrariando o seu julgamento, eu o considero um oportunista e não confio nele. Também não o amo e só aceitarei um casamento por amor. Se não for possível... prefiro ficar solteira.

— Basta! — Russell levantou-se. — Sou seu pai e posso tomar essa decisão. Stuart seria um ótimo marido, tem dinheiro, é bem relacionado e possivelmente virá a ser o dono de uma grande propriedade em nossa ilha. Talvez se torne um fazendeiro mais próspero do que os Foster. Não aja com tanta precipitação, Mari. Não existe nenhum outro pretendente à sua altura por aqui.

— Existe um e eu já o encontrei! — revelou ela, incapaz de se conter.

— Droga! Não me diga que se apaixonou por Adam Foster! Espero que não tenha cometido essa insensatez!

Mari virou a cabeça para evitar que seus olhos a traíssem. Precisava enfrentar o pai sem envolver Adam na discussão, mas já era tarde demais. Russell percebera sua reação.

— Eu sabia! — Ele bateu o punho na mesa, enfurecido. — Como foi se envolver em uma situação tão desastrosa, menina? Adam tem sangue havaiano e nunca desobedecerá os costumes nativos. Ele se casará com Jane porque sua família a escolheu. Então a rejeitará e você fará o que com sua vida? Responda!

— Não é bem assim...

— Ora, não se iluda, criança tola! Adam não dará um passo contra a vontade da família dele. Esses havaianos são muito unidos e respeitam religiosamente as tradições. — Russell aproximou-se da filha com uma expressão desconfiada. — Você não... isto é, você ainda não...

— Como ousa fazer uma sugestão tão ofensiva? — Mari mal controlava o choro. — Adam é um homem honrado!

— Ah, sim! Muito honrado! Só que homem algum se lembra da honra quando está cego pelo desejo. Você é o fruto proibido, Mari. Depois de saborear o gosto do pecado, ele a abandonará.

— Não é verdade! — exclamou ela, indignada e com lágrimas deslizando pelo rosto.

Mari sentia-se perdida. Adam a desejava e confessara que a amava às crianças da escola. Entretanto ele nunca declarara nem mesmo sua amizade diante de outras pessoas e também não tinha dado nenhuma demonstração

de interesse em público.

Precisava esclarecer imediatamente sua situação com ele. Se continuasse sem nenhum compromisso sério, o pai voltaria a insistir para que namorasse com Stuart. E, se fosse forçada a aceitá-lo como noivo, teria de abandonar a fazenda para sempre.

E para onde poderia ir? Dominada por um desespero crescente, Mari correu para a porta, procurando não ouvir as palavras do pai. Ele nunca se incomodara com seus sentimentos antes, portanto não daria a menor importância às suas opiniões agora.

— Você vai ter de conversar com Stuart! — o pai gritou. — Talvez até acabe gostando dele e resolva lhe dar uma nova chance.

Enfurecida com essas palavras autoritárias, ela saiu da sala batendo a porta e correu para o quarto. Mais tarde, quando a chamaram para o jantar, pretextou uma dor de cabeça para não comparecer à refeição. Não tinha a menor condição de enfrentar Russell ou Stuart.

Precisava ir a Kawaihae com urgência! Precisava ver Adam para que juntos tomassem uma decisão sobre o futuro. Talvez o resultado desse encontro não a agradasse. Nenhum homem gostava de ser pressionado mas, de um modo ou de outro, a situação entre eles seria esclarecida.

A manhã estava radiosa e até as montanhas perdiam sua aparência ameaçadora sob o sol matinal. Mari se detivera numa pequena elevação do terreno, próxima ao acampamento dos vaqueiros da fazenda Foster que embarcavam o gado. Um grupo de crianças do vilarejo brincava animadamente perto do mar e, enquanto os observava, tentou ordenar seus pensamentos e pensar no que diria a Adam.

Com o canto dos olhos, ela percebeu um movimento estranho perto do porto de embarque. Um touro disparava na direção de um garotinho que se afastara do grupo. Mari não perdeu tempo pensando no que deveria fazer. Incitando seu cavalo, avançou a toda velocidade pelo terreno acidentado, no esforço desesperado de alcançar a criança antes do animal bravio.

Sem pressentir o perigo, o garotinho continuava olhando os outros como se hesitasse participar das brincadeiras. Um dos meninos maiores ergueu o rosto e, ao avistar o boi que se aproximava, gritou para alertar os amigos. Todos correram, tentando sair do caminho, mas o pequeno era mais vagaroso e não conseguia acompanhar os mais velhos.

Mari curvou-se bem sobre o pescoço do animal para agarrar o garoto quando passasse por ele. O chapéu voou de sua cabeça e os cabelos voaram ao vento, como uma nuvem prateada. Ela não poderia saber que, naquele

momento, os nativos acreditavam estar vendo *Pele*, a deusa do fogo.

Embora o garoto corresse desesperadamente, procurando desviar-se das pedras e dos pés de cactos, o touro continuava a ganhar terreno. Mari ouviu os gritos dos *paniolos*, ouviu seu nome sendo chamado mas não se deteve. Não havia tempo a perder, precisava alcançar o menino ou ele seria pisoteado pelo animal em disparada.

Quando finalmente o alcançou, Mari agarrou-o pela cintura e firmou o corpinho frágil ao encontro de sua perna, contra o flanco do cavalo.

O menino esperneava, procurando agarrar-se à sela, agora com mais medo de cair do cavalo do que do touro que os perseguia. Lutando para manter o equilíbrio, Mari não conseguia segurar as rédeas e a criança ao mesmo tempo. Sentia que ele escorregava e seu braço começava a tremer, já sem forças para sustentá-lo por muito tempo. Mas, se o soltasse, ele seria pisoteado pelo cavalo ou pelo boi. Ou talvez por ambos...

Mari tentou agarrá-lo pela camisa, mas o tecido rasgou e o menino escorregou ainda mais. Subitamente, percebeu que não poderia salvá-lo e que a queda seria fatal. Com um movimento brusco, ela soltou os pés dos estribos e saltou do cavalo, caindo por baixo da criança. Ao rolar sobre a relva, sentiu o chão tremer enquanto o touro passava a poucos centímetros de distância.

Durante alguns segundos, ela não conseguiu se mover. Continuava abraçada ao menino e sentiu um grande alívio quando ele começou a chorar. Estava tão fraca que não ousava levantar-se. Então, ao erguer o corpo, avistou o boi parado a poucos metros. O animal batia os cascos no chão, erguendo nuvens de poeira, e mantinha os chifres baixos, com os olhos fixos em Mari e no menino. Aterrorizada, viu o momento em que ele disparou novamente na direção deles.

Não haveria tempo de fugir! Mari ergueu-se e levantou o garoto, vendo seu rosto sujo e molhado de lágrimas. Ele devia ter quatro ou cinco anos, era muito cedo para morrer! Precisaria ter muita calma para permanecer na frente do touro e só se desviar no último instante. Talvez escapassem da primeira investida do animal... e só Deus sabia o que viria depois!

Subitamente, um vaqueiro surgiu na praia, como por um passe de mágica. O laço cortou o ar, derrubando o animal que tombou em meio a uma nuvem de poeira. O vaqueiro arrastou-o durante vários metros, até diminuir sua fúria e depois, saltando do cavalo, amarrou as patas do touro.

O vaqueiro que acabava de subjugar o animal enfurecido tirou o chapéu e ergueu o rosto, sujo de suor e poeira. O coração de Mari parou por um momento, de alegria e alívio. Era Adam.

Mas, quando seus olhares se cruzaram, ela estremeceu. Os ardentes olhos castanhos que sempre refletiam desejo agora a fitavam com fúria. Por que estaria com raiva dela?

— Muito bem, Mari. Percebo que você jamais se livrará do mau hábito... de cair do cavalo! Desta vez não torceu o tornozelo?

— Não... acho que não me machuquei, só estou um pouco abalada — disse ela, trêmula.

Pela expressão angustiada de Adam, ela teve a impressão de que o choque dele fora maior do que o seu. Ainda confusa e incapaz de entender tanta frieza, perdeu a paciência com a atitude distante desse homem que reprimia as emoções diante de outras pessoas. Indignada, abraçou com mais força o menino que continuava a tremer fortemente.

— Você me culpa pelo que aconteceu? — perguntou ela, sem disfarçar a incredulidade.

— Ora, não seja boba. — A expressão do rosto dele abrandou-se. — Só a culpo por querer ser um vaqueiro quando não passa de uma moça impulsiva, sempre criando confusões.

Então, apesar de amá-la, Adam continuava desaprovando-a. Ela acariciou com o olhar os lábios que a criticavam e recordou o toque sensual da boca máscula, reviveu o ardor de suas línguas que se encontravam em beijos apaixonados. Enrubescendo, decidiu não tocar no assunto que a levara a procurá-lo na praia.

— Se eu não criasse confusões, este garotinho poderia estar morto! — respondeu desafiadoramente. — Teria sido melhor assim?

Eles apenas se entreolharam em silêncio porque os outros vaqueiros começavam a rodeá-los e o pai do menino se aproximava, aflito e com lágrimas nos olhos.

— Meu filho! Meu filho! — Ele não escondia a emoção, permitindo que as lágrimas de alívio e felicidade corressem livremente por seu rosto. — Você, filha de Russell Webster, salvou meu filho! Estamos muito agradecidos... Terá para sempre a gratidão de toda a minha família.

O pai do menino era um homem alto e corpulento, um descendente dos antigos polinésios mas que não se envergonhava de externar suas emoções. Falava com o suave sotaque de seu idioma nativo e num tom cheio de reverência.

— De hoje em diante, concedo a você o *mana* da minha família — declarou ele, com grande dignidade.

O grupo que se formara à volta deles tinha permanecido em silêncio até

esse momento. No entanto, ao ouvirem a solene declaração, deixaram escapar murmúrios de surpresa. Mari agradeceu com um gesto, compreendendo que acabara de receber uma grande homenagem. Sabia que, segundo a crença havaiana, o *mana* era um poder sobrenatural que dominava toda a natureza.

— É uma grande honra — disse Adam, confirmando a importância do fato. — Você acaba de salvar a vida do filho do grande chefe.

Os havaianos se aproximaram de Mari, falando o idioma nativo. Alguns tocaram em seus cabelos, que brilhavam ao sol apesar da poeira.

— *Akua wahine* — repetiam em coro, sorrindo.

O grande chefe abraçou o filho e agradeceu a Mari mais uma vez, com uma mesura. Quando ele se afastou, todos o seguiram.

— O que significa *akua wahine* — ela perguntou a Adam quando foram pegar os cavalos.

Ele hesitou, escolhendo cuidadosamente as palavras. Então a fitou, com um sorriso irresistível.

— Significa deusa. Significa que você pode realmente vir a ser uma havaiana, mesmo sendo uma desmiolada que às vezes quase me mata de susto.

— Eu quase o mato de susto? — Ela sorriu encantada, fingindo inocência.

Mas enquanto ele a ajudava a montar, sua alegria foi destruída.

— Não pode mais usar essa roupa de homem e nem sair para cavalgar sozinha, Mari Webster. Trate de se comportar como uma mulher, não como um vaqueiro!

As palavras autoritárias e a atitude dominadora de Adam reavivaram a irritação de Mari. Ele não tinha o direito de lhe dar ordens!

— Caso ainda não tenha notado, eu sou uma mulher! Mas vou agir como um *paniolo* sempre que sentir vontade. Você não tem o direito de proibir! Você não é... nem mesmo meu namorado!

Ela percebeu que seu tom de voz transformava o desabafo num lamento e sentiu-se mortificada. Lembrou-se do rosto de Stuart, do motivo de sua ida a Kawaihae e, sem dizer mais nada, esporeou o cavalo que disparou a galope.

As lágrimas toldavam-lhe a visão e, só alguns minutos depois, Mari percebeu que o cavalo não mais obedecia a seu comando. O animal parecia voar sobre o terreno acidentado. A cidade ficou para trás e desapareceu atrás das dunas enquanto se afastavam cada vez mais da estrada que levava ao planalto e à fazenda.

Então, Mari avistou o templo do deus da guerra, com sua estrutura de

pedras vulcânicas brilhando ao sol. O cavalo, que não obedecia aos seus comandos, corria na direção do monumento proibido.

Seria um presságio funesto? Ela procurou não se entregar à histeria nem ao desespero. Muitos seres humanos tinham morrido naquele altar de pedras escuras. Iria ser mais uma vítima?

Adam a seguira, mas não conseguiria alcançá-la em tempo. Chegaria tarde demais para salvá-la. Tarde demais para tudo...

CAPÍTULO XIV

Inesperadamente, o animal mudou de direção. Ao passar pela pequena angra em frente ao templo, o cavalo se desviou, enveredando pela praia de areias brancas para entrar no mar. As ondas fortes o forçaram a diminuir a velocidade e Mari pôde jogar-se na água. No primeiro instante, ela submergiu completamente, mas seu instinto de sobrevivência a impeliu a lutar. Segundos depois, conseguiu vir à tona para respirar.

Com água pela cintura, ela esforçou-se para alcançar a praia. Estava atordoada, as pernas pesavam, mas continuou a se arrastar até a sombra de um coqueiro. Deitando-se sobre a areia cálida, tentou lutar contra uma paralisante fraqueza e controlar o tremor do corpo.

O ritmo hipnótico das ondas começava a acalmá-la quando um ruído diferente rompeu a paz da praia deserta. Ao abrir os olhos, avistou Adam cavalgando em sua direção. Mari conseguiu erguer mais o corpo, mas continuava atordoada. Percebeu vagamente que ele amarrara o cavalo à sombra de um outro coqueiro, mas não ousava desviar os olhos dele. Ainda estaria com muita raiva? Por que não se aproximava mais? Apesar do sol do meio-dia aquecer a areia, recomeçou a tremer convulsivamente. Só então deu-se conta de que continuava com a roupa molhada colada ao corpo.

— Você é decididamente a mulher mais imprevisível e mais obstinada da face da Terra — declarou Adam com sarcasmo. — Pelo menos, admita que tem muita sorte de estar viva, sentada à sombra de um coqueiro! Podia ter morrido, sabia?

Apesar de continuar falando baixo, a voz de Adam era ameaçadora, lembrando a Mari o sussurro do vento que precede a tempestade.

Mari não baixou os olhos, enfrentando-o com o que restava de seu orgulho. Erguendo o queixo, fez apenas um gesto para que ele a deixasse em paz. Não suportaria mais uma discussão naquele dia. Estava sem forças até para se levantar e certamente ele ainda a culpava.

— Eu só queria salvar o menino do touro. Qualquer pessoa teria agido assim — tentou explicar, mas a voz não passava de um murmúrio.

— Por Deus, Mari! Não percebe que arriscou sua vida? Adam ajoelhou-se ao lado dela, abraçando-a. Incapaz de resistir à profunda sensação de bem estar, Mari encostou a cabeça no peito amplo e reconfortante.

— Agora vamos tirar essas roupas ensopadas — disse ele, ainda em voz baixa. — Vou estendê-las ao sol e logo estarão secas.

— Tirar minhas roupas? — Mari protestou fracamente. — Eu não acho...

— Não seja tão teimosa, Mari Webster! — exclamou Adam, começando a tirar as botas dela.

— Você não pode... não deve e... eu não quero! Adam a observou por alguns instantes. Então foi até o cavalo e pegou uma manta.

— Você precisa tirar essas roupas molhadas, Mari. Ainda está em choque e a primeira providência a tomar é aquecer o corpo para acalmar os tremores. Não estou tentando seduzi-la, se é isso o que a preocupa.

Ela concordou, reconhecendo que Adam estava certo. Sentia o corpo gelado e os tremores lhe roubavam todo auto controle.

— Eu mesma tiro a roupa. — Ela desviou o olhar, envergonhada. — Fique de costas para que eu me sinta mais à vontade.

Reprimindo um sorriso, ele fez uma medida exagerada e virou-se de costas. Mari despiu-se com o máximo de rapidez possível, com medo que Adam se virasse e a visse nua. Depois enrolou-se na manta, amarrando-a acima do busto.

Seu recato foi em vão. Ao virar-se, Adam admirou-a em silêncio, com um olhar carregado de desejo. A manta fina moldava as curvas do corpo de Mari e realçava a nudez em lugar de disfarçá-la. Ela sabia que ninguém viria até a enseada escondida entre as rochas e enrubesceu ao pensar na intimidade perigosa daquela situação.

Mais uma vez, Adam a surpreendeu. Soltando a sela do cavalo, colocou-a à sombra dos coqueiros.

— Quero que você descanse um pouco antes de voltarmos — declarou em um tom que não admitia recusa. — Use minha sela para repousar a cabeça.

A brisa vinda do mar despenteava os cabelos de Mari. Ela tentou afastar as mechas que roçavam seu rosto e o movimento gracioso de seu braço fascinou Adam. Era um gesto quase infantil e, ao mesmo tempo, de uma mulher de beleza comparável a da deusa Pele.

Ele percebeu que Mari hesitava, atemorizada com o ímpeto da paixão latente entre ambos. Na verdade, apenas conseguia controlar o próprio desejo porque ela ainda estava em choque.

Aos poucos, o tremor diminuiu e um rosado ainda tímido coloriu as faces de Mari. Ele nunca sentira tanto medo em toda a sua vida como no instante em que a vira em pé diante do touro, tentando proteger o menino.

Além de linda, era corajosa e... irresistível! Entretanto, precisava encontrar forças pois não podia tomar em seus braços o corpo sensual que o enlouquecia de desejo.

Adam sabia que ela tentaria controlar as próprias emoções, resistindo até o último momento. No entanto, a batalha contra o desejo já estava perdida. Mari se entregaria à paixão se ele também fraquejasse. E seria covardia de sua parte aproveitar-se da situação que a punha tão vulnerável.

— Quer que eu descanse aqui? — Ela apontou a sela.

Por que Adam ficava sempre mais tenso em vez de se tranquilizar? Talvez estivesse tomando o tempo dele, impedindo-o de voltar ao trabalho.

— Já estou me sentindo bem mais forte. Sei que precisa ir embora e voltar ao trabalho. Pode pegar sua sela. — Ela riu nervosamente. — Só ficarei com sua manta enquanto espero que minhas roupas sequem.

Ele a segurou pelo braço e a mão roçou seu seio sob a manta. Mari tentou disfarçar que esperava por uma carícia mas o olhar de Adam desvendava todos os seus pensamentos.

— Acho que vou aceitar seu conselho e descansar um pouco antes de voltar — concordou ela, vencida pelo silêncio obstinado de Adam.

— Descanse sua cabeça na sela e a manta a protegerá da areia.

Mari obedeceu, lutando contra emoções conflitantes. Sentia-se aliviada porque ele se afastara para estender as roupas molhadas sobre os arbustos, embaraçada com a situação de perturbadora intimidade e, ao mesmo tempo, ressentida por ele agir de forma tão distante e desinteressada. Afinal, Adam tinha dito que a amava, a beijara apaixonadamente!

Virando a cabeça para não vê-lo, Mari reparou que a maré tinha subido. Enrolando-se sob a manta, sentiu uma profunda letargia e o sono veio chegando com o marulhar das ondas, com o sussurro da brisa e o canto melodioso dos pássaros. Os sons da natureza enchiam o ar embalando-a suavemente. Ao adormecer, ela sentiu-se no paraíso... um paraíso que incluía Adam.

Mari abriu os olhos, assustada. Um som que destoava da harmonia da natureza a despertara e, ao olhar ao redor, viu que os cavalos continuavam à sombra dos coqueiros, pastando tranquilamente. Suas roupas pareciam secas. Por quanto tempo teria dormido?

Então avistou Adam, saindo das ondas, a pele bronzeada brilhando ao sol. Eles se entreolharam, conscientes de sua nudez em uma praia paradisíaca e deserta. Nenhum dos dois queria continuar lutando contra o desejo que os consumia.

Adam parou diante dela, os olhos mergulhando nos dela cheios de paixão e urgência. Ele esperara muito por aquele momento.

Devagar, Adam ajoelhou-se ao lado de Mari. Com gestos lentos e sensuais, ele soltou a manta que a protegia de seu olhar ansioso e permaneceu imóvel, saboreando ainda o prazer de admirar os seios que pediam carícias.

Mari sentia-se cativa do encanto que ele exercia sobre ela. Porém, um resquício de lucidez a impedia de abandonar-se completamente. Desejava Adam mas o mistério do sexo só devia ser desvendado na noite de núpcias.

— Meu amor — Adam murmurou com voz rouca. — Finalmente você será minha.

Uma gaivota mergulhou no oceano e seu grito ecoou como um lamento acima do sussurrar da brisa e do bater ritmado das ondas. O sol, começando a baixar, dourava as águas, vestindo o mundo com seu brilho precioso. Mas a voz de Adam, muito baixa, sobrepujava os sons da natureza e suas palavras criavam uma barreira entre eles e a realidade, isolando-os no paraíso.

Não existia ninguém mais no universo, apenas os dois. O primeiro homem e a primeira mulher a descobrirem a força do amor nas areias, cálidas de uma praia deserta.

Os lábios se entreabriram, deixando escapar um suspiro de prazer. Mari não sabia como esconder a paixão que a impelia a arquear o corpo, ansiando por um contato ainda mais íntimo. As mãos de Adam cobriram seus seios, provocando sensações delirantes e desconhecidas. Um doce calor se irradiava dos dedos que percorriam com avidez todas as suas curvas, buscando os recantos mais secretos de sua intimidade.

Mari reconheceu que não resistiria àquele convite. Perdera-se em ondas de prazer e não recusaria nada a Adam. Com um gemido que revelava o desejo de se entregar, ela encostou-se no corpo moreno e abandonou-se à paixão. Retribuiu o beijo apaixonado sabendo que não havia mais volta. Seu coração batia num ritmo primitivo, ecoando com a mesma intensidade que o do homem que a deitava sobre a areia.

Sentindo que Mari já não resistia ao desejo, Adam também deixou escapar um gemido. Antes mesmo de seus corpos se unirem, eles haviam se tornado um único ser; mas era preciso conter a urgência de seu ardor. Queria saborear o êxtase daquele momento, prolongá-lo até que ambos enlouquecessem de paixão.

Adam admirou o corpo perfeito da mulher a seu lado. Frágil e ao mesmo tempo sensual, Mari prometia prazer e delírio. Os longos cabelos, sedosos e

brilhantes como prata polida, emolduravam o rosto delicado e de traços virginais. Com um gemido abafado, ele a atraiu com força, sentindo os seios macios contra o peito.

— Espere, Adam. — Mari segurou as mãos dele, interrompendo as carícias. — Eu... nós precisamos conversar... antes...

— Minha adorada *wahine* — murmurou ele baixinho, reconhecendo o medo no olhar de Mari. — O que pode ser mais importante do que nosso amor?

Ela fechou os olhos, fugindo dos olhos que expunham emoções intensas e roubavam suas defesas. Sentia-se mal por tocar no assunto que a forçara a procurá-lo, logo depois da discussão com o pai. Mas precisava perguntar sobre Jane enquanto ainda lhe restava algum controle sobre sua própria vontade. Não podia entregar-se a Adam se ele pertencesse a outra mulher.

Ele passou os dedos suavemente pelas pálpebras fechadas e percorreu o suave contorno do rosto enquanto Mari procurava manter-se imóvel, pensando apenas na pergunta que devia fazer. Depois ele acariciou o pescoço e deslizou os dedos até os seios.

— Seu coração bate em mim — Adam disse baixinho —, e o meu por você.

As mãos que acariciavam os seios excitaram os mamilos, levando Mari a desejá-lo mais que nunca. Ele a beijou de leve, como se temesse assustá-la com tanta paixão. Ávido de prazer, abraçou-a mais possessivamente e seus corpos se amoldaram. Respiravam no mesmo ritmo, como se fossem um único ser.

— Vamos deixar as perguntas para mais tarde... — murmurou ele, incapaz de se conter.

Ao pressentir que Adam não poderia mais controlar a paixão, Mari desviou o rosto. Precisava se concentrar ou não teria coragem para prosseguir.

— Meu pai tem certeza de que você se casará com Jane — disse ela, francamente. — Ele quer que eu aceite Stuart Morgan como meu pretendente.

Ela tornou a fitá-lo, tentando se exprimir apenas com um olhar. Não poderia entregar-se, por mais que o desejasse, se ele estivesse comprometido com Jane.

— Eu a amo, Mari. Só amo você — declarou ele, após um longo silêncio. — Nunca me casarei com Jane porque não a amo.

— Mas a sua família e a dela têm laços de ligação muito fortes. Papai me disse que os casamentos havaianos são combinados pelos pais dos noivos.

Mari estremeceu enquanto aguardava a resposta de Adam. Era difícil tocar nesse assunto quando desejava apenas entregar-se ao seu amor. O corpo clamava para que esquecesse as palavras e deixasse a paixão se consumir até o êxtase.

— Não vou enganá-la, Mari. Nossas famílias realmente insistem que eu e Jane nos casemos, mas não concordo com essa idéia. Só posso lhe dizer que não amo Jane e não pretendo me casar com ela. — Pela primeira vez, Adam desviou o olhar.

— Mas preciso sair dessa situação aos poucos, por causa de minha mãe.

— Jane o ama?

— Você está com ciúmes? — Adam olhou-a, sorrindo maliciosamente.

— Apenas responda à minha pergunta, Adam. Ela o ama?

— Mari sentiu-se enrubescer porém insistiu. Não suportaria o peso da própria consciência se se entregasse a um homem proibido.

— Claro que não. Jane apenas concorda com a escolha da família, que se baseia em interesses financeiros e posição social.

— Então por que toda a ilha comenta o possível casamento entre vocês dois?

— Falam por falar. É um problema cultural, não de malícia intencional.

— Adam suspirou e sorriu. — Você está com ciúmes... Admita, Mari, que estamos apaixonados...

Ela concordou suavemente com um gesto de cabeça, mas não respondeu. Adam voltara a acariciar seus seios, fazendo-a gemer de prazer. Depois as mãos baixaram para o ventre e tocaram seu sexo. Fechando os olhos, Mari se entregou aos beijos apaixonados e às carícias voluptuosas que experimentava pela primeira vez. Abraçava-o, sentindo que ambos eram consumidos pelo mesmo desejo.

— Como eu te quero, bela Mari... minha deusa Pele... Quando Adam finalmente a penetrou, Mari sentiu uma dor

passageira que logo foi suplantada por um desejo urgente. A paixão se tornava incontável, tão selvagem quanto a natureza primitiva daquela ilha mágica.

Perdendo a noção do tempo e do espaço, ela esqueceu-se das palavras do pai, da existência de Stuart e de Jane. Queria que aquele momento se perpetuasse para saborear a doce e dolorosa sensação que crescia em seu íntimo.

E então, quando a glória do abandono chegou ao clímax, Mari ouviu sua voz unir-se a de Adam, coroando o momento do êxtase. Os dois continuaram

abraçados enquanto o tempo recomeçava a passar e o mundo ganhava forma ao redor deles. Subitamente, Adam afastou-se e Mari sentiu uma profunda sensação de abandono.

— Vem vindo alguém — exclamou ele, sobressaltado.

— Quem? Por que viriam até esta enseada deserta? — Mari também se ergueu ouvindo ao longe o tropel de muitos cavalos sobre as pedras.

— Depressa! — Adam levantou-se e foi pegar as roupas. — Seja quem for, não deve nos ver assim.

Eles se vestiram em segundos e já estavam segurando as rédeas dos cavalos quando os *paniols* de Adam apareceram.

Um dos homens explicou que tinham ficado preocupados porque ele não voltara. Acharam que poderia ter havido um acidente.

Mari admirou a calma de Adam ao explicar o que havia acontecido. Ele afirmou que a aconselhara a descansar um pouco, antes da viagem de volta. Todos concordaram e, juntos, começaram a viagem de volta.

No alto do pequeno morro, Mari virou-se para trás a fim de olhar, ainda uma vez, o templo do deus da guerra, o lugar em que entregara sua virgindade a Adam. Não conteve um suspiro, inconformada com a chegada dos vaqueiros. Eles tinham interrompido seus deliciosos momentos de amor, encerrando aquele dia maravilhoso que guardaria para sempre na memória.

Adam parou ao lado dela e estendeu-lhe a mão.

— Vamos conversar muito em breve, *wahine*. Então poderemos decidir o que fazer.

Ela concordou, sentindo nova onda de amor por Adam. Só depois de se separarem, Mari lembrou-se que não tinham falado em casamento.

Ah! Eles teriam tempo para falar sobre a união de suas vidas para sempre. Não havia pressa. A inebriante sensação de ser amada a manteria feliz até que se reencontrassem para se entregarem novamente à paixão.

CAPÍTULO XV

— Foi muito difícil conseguir se casar com uma mulher havaiana, Ev?

Mari finalmente criara coragem de abordar o assunto com Ev uma semana depois, enquanto jogavam xadrez na sala, como de costume.

— Quer dizer... a família dela não colocou obstáculos ou tentou impedi-la de se unir a um *haole*.

— No início, tivemos que enfrentar muita oposição. — Ele olhou-a pensativo e hesitante. — Mas quando viram o quanto nos amávamos, resolveram nos aceitar. Foi mais fácil porque a família de minha mulher não era muito importante, apesar do parentesco com a casa real.

Ela desviou o olhar para que Ev não percebesse o quanto estava preocupada com Adam. Mas não resistira à curiosidade e o interrogara porque ele tinha enfrentado uma situação muito parecida com a dela naquele momento.

— E se ela fosse de uma família importante? — insistiu Mari, esperando a vez de jogar.

— Tudo seria diferente. — Ele segurou a mão de Mari sobre a mesa, compreendendo a situação. — Digamos que seria muito mais difícil para uma pessoa como Adam casar-se fora da tradição familiar. Foi exatamente o que a mãe dele fez, quando se casou com o pai, e todos sabem que ela se culpa pela morte prematura do marido.

— Mas por quê? É natural que sofra pela perda do Sr. Foster. Culpar-se pela morte dele é insensatez.

— Os havaianos continuam muito presos às velhas crenças dos primeiros polinésios que chegaram às ilhas, há centenas de anos. E só Deus sabe por quanto tempo permanecerão assim. Os mitos antigos estão enraizados demais e se misturam à realidade. Chegam a influenciar todas as decisões que eles tomam.

— E a mãe de Adam acha que seu casamento contra a vontade da família provocou o castigo de algum deus?

— É exatamente o que a Sra. Foster pensa, Mari.

— Mas o acidente do Sr. Foster ocorreu muitos anos depois do casamento!

Mari não percebeu que sua expressão preocupada a traía. Estava

revelando a Ev a profundidade de seu envolvimento com o rapaz havaiano. Ele, que já havia desconfiado, agora tinha a confirmação de suas suspeitas.

— Adam acredita que essa fase de maior sofrimento deve findar e então ela compreenderá que a morte do marido não tem nenhuma ligação com os antigos tabus — explicou Mari, como se também tentasse convencer-se.

— Talvez sim, talvez não. — Ele tentou preveni-la. — Não se magoe inutilmente, minha querida menina... não deixe que seus sentimentos fiquem muito profundos por alguém que talvez nunca possa retribuí-los.

Ev amava aquela moça como se fosse sua filha e admirava profundamente seu caráter. A mãe dela devia ter sido uma mulher maravilhosa porque Russell, seu amigo de tantos anos, não possuía certas qualidades de Mari.

Sem achar uma resposta, ela moveu uma peça no tabuleiro. Ev ergueu as sobrancelhas e deu xeque-mate, ganhando o jogo. Quando Mari afastou a cadeira e anunciou que ia dormir, Russell e Stuart entraram na sala.

Pouco depois, Agnes chegou com a bandeja de café. Stuart, que tinha partido uma semana antes, voltara naquela tarde. No dia seguinte, haveria uma grande festa na fazenda Foster e o pai o convidara a acompanhá-los.

— Você perdeu? — perguntou Stuart, detendo-se ao lado de Mari.

— Ninguém vence Ev nesse jogo. Ele é o melhor jogador de xadrez da ilha.

Agnes entregou-lhe uma xícara de café e ela não podia dar uma desculpa e ir logo para o quarto sem demonstrar uma péssima educação. Estava aborrecida porque Stuart ia acompanhá-la à festa, mas procurou disfarçar sua contrariedade. Seu pai estimava o rapaz e os dois continuavam estudando a possibilidade de plantar um canavial na fazenda.

Apesar de Stuart ser aparentemente tão respeitável, Mari continuava desconfiada e não conseguia sentir simpatia por ele. No entanto, Agnes e o pai insistiam em que aceitasse os convites dele e não escondiam que o consideravam um bom partido.

No dia seguinte à ida ao templo, Adam tinha aparecido para convidá-los. Mari compreendeu que era um meio de estreitarem as relações até o momento em que ele se sentisse livre para declarar seus sentimentos e para cortejá-la abertamente.

Adam não tivera intenção de incluir Stuart no convite, mas o encontrou no momento em que partia da fazenda e foi obrigado a estender sua hospitalidade ao californiano.

Mari suspeitava que o pai tivesse ficado muito satisfeito com a ida de

Stuart à festa para “protegê-la” de Adam. Russell nunca mais mencionara a discussão, mas Mari sabia que ele não aprovava o havaiano, convicto de que o rapaz seguiria a vontade da família.

Mari tinha esperanças de que Adam pudesse anunciar o noivado deles brevemente, pondo fim às artimanhas do pai para casá-la com o rico californiano.

— O que acontece, exatamente, nessas festas? Só consegui saber que é uma reunião anual de *paniols* — perguntou Stuart, forçando Mari a participar da conversa.

Sentada em uma poltrona junto à lareira, ela tomava o café, esperando a primeira oportunidade para dar uma desculpa e fugir para o quarto. Mas quando o pai começou a explicar a festa à Stuart, Mari se interessou pelo assunto.

— Os Foster convidam todos os fazendeiros e seus vaqueiros para um dia de competições e festa — explicou ele, sem esconder sua admiração pela boa vontade dos vizinhos.

— Eles organizam corridas de cavalos e concursos de laços — completou Ev. — Depois que anoitece, acendem tochas e todos comem churrasco de porco ao ar livre, no estilo havaiano. As mesas são tão fartas que é impossível experimentar todas as iguarias.

Quando Ev anunciou que ia se deitar, Mari levantou-se depressa para levar a bandeja até a cozinha, para que Agnes não tivesse mais trabalho. Estava feliz porque teria uma desculpa para sair da sala e terminar os últimos preparativos para o passeio do dia seguinte.

— Por favor, permita-me ajudá-la. — Levantando-se, Stuart tirou a bandeja das mãos dela. — Eu a levarei para você.

Mari não teve outra escolha e conduziu-o até a cozinha. Ao olhar para trás, flagrou o pai e Agnes trocando olhares de satisfação, enquanto Ev mantinha uma expressão estranha, como se também não aprovasse Stuart.

Quando chegaram à cozinha, Mari lavou as xícaras para não dar trabalho a Kee na manhã seguinte. Stuart pegou um pano de prato para enxugá-las, aumentando sua contrariedade.

Que homem intrometido! Mari se irritava profundamente com as atitudes de Stuart que era amável demais, solícito demais. Continuaría sendo tão amável depois de conseguir o que queria? E o que ele realmente desejava?

Ela estava tão distraída em seus pensamentos que se assustou quando Stuart a segurou pelos ombros.

— Não podemos ser amigos, Mari? — disse ele, com um sorriso tenso.

— Somos amigos, Stuart. Mas não podemos ser amigos íntimos porque mal nos conhecemos...

Com muito esforço, Mari conseguiu manter uma postura de serenidade. Sua única vontade era pedir a Stuart que tirasse as mãos dela.

— E Adam? Ele é um amigo íntimo? — perguntou Stuart, tentando parecer desinteressado.

— Minhas amizades não lhe dizem respeito, Stuart Morgan!

Imóvel e calado, ele a fitava como um predador espreitando a presa. Enfurecida, ela deu-lhe as costas e, terminando o trabalho rapidamente, saiu da cozinha. Stuart segurou-a junto à porta.

— Adam não é para você, Mari. Ele vai se casar com Jane como você vai casar comigo.

Ela voltou-se, finalmente perdendo o controle sobre a raiva.

— Não sei qual é o seu jogo, Stuart Morgan. Também ignoro como tem conseguido iludir meu pai, que costuma ser muito esperto para julgar as pessoas. Mas posso lhe garantir que você jamais será meu marido!

Stuart permaneceu na cozinha e seu rosto refletia a determinação de quem sabe o que quer. Era mais do que evidente que Mari estava apaixonada pelo maldito havaiano. Ele sempre a achara linda, mas a raiva a transformava na virgem intocável que defende sua pureza. Estava irresistivelmente sedutora. Pela primeira vez, desde que a conhecera, sentiu um desejo carnal de possuí-la. Até aquele momento, a desejara por outras razões; agora ansiava por seu corpo. E pretendia conquistá-la a qualquer custo.

Eles partiram muito cedo para a fazenda dos Foster e o nervosismo de Mari aumentava à medida que se aproximavam. Embora não fossem nem dez horas da manhã, já havia muita gente espalhada pela propriedade, preparando as competições. Onde estaria Adam? E Jane? Também viria à festa?

— Os Foster fazem tudo em grande escala — comentou Stuart, friamente.

No banco da frente, o pai dirigia a parelha de cavalos, com Agnes a seu lado, no banco dianteiro. Ev tinha ficado em casa porque ainda não se sentia bem para uma viagem longa.

— Sempre fizeram, pelo menos desde que eu vim morar na ilha. O velho Foster gostava de reunir todo mundo — comentou Russell enquanto parava a charrete em frente ao terraço.

Mari suspirou aliviada. Finalmente a viagem tinha acabado! Sentira-se constrangida com a proximidade excessiva de Stuart ao seu lado no banco de

trás da charrete. Ele agia como se nada tivesse acontecido entre os dois na noite anterior.

Tão logo pararam, Adam veio de dentro da casa e, depois de ajudar Agnes a descer, estendeu-lhe a mão. Ele estava vestido como o verdadeiro *paniolo*, com uma camisa estampada de flores e uma faixa de cor viva na cintura. Além da proteção de couro sobre a calça, usava grandes esporas nas botas. Mari nunca o achara tão bonito como naquele dia e alegrou-se de ter passado tantas horas ajustando seu vestido cor de rosa para que moldasse melhor o busto e a cintura fina.

Ela sorriu, percebendo que estava sendo admirada. O sorriso sensual nos lábios de Adam refletia um desejo intenso e > Mari e lembrou-se de seus beijos apaixonados. Por alguns instantes, eles se esqueceram que havia um mundo ao seu redor e que as pessoas poderiam notar seu enlevo.

Com o canto do olho, Mari viu que Stuart se aproximava, parando a seu lado. Mas sua atenção se desviou para a mãe de Adam que vinha recebê-los.

A Sra. Foster estava com a expressão serena, olhando pensativamente para Mari e Adam. Seu porte demonstrava a linhagem real e estava vestida com as roupas tradicionais havaianas, em um longo vestido estampado, colares de flores e o cabelo liso solto e bem penteado.

— *Aloha*. — Ela sorriu, colocando um colar de flores em Mari. — Hoje você vai usar o *lei* porque estamos seguindo os costumes havaianos. Espero que goste desse enfeite natural e aprecie essa festa que é uma expressão de nossa cultura.

— Eu me interesso muito pelos costumes havaianos — respondeu Mari, aliviada por o pai fazer uma medida correta e Agnes a cumprimentar amavelmente.

Dois *paniolos* pegaram as sacolas que eles haviam trazido e desapareceram no interior da casa.

— Por favor, entrem — convidou a mãe de Adam. — Sei que gostariam de descansar um pouco e se refrescar. Eu lhes mostrarei onde ficam seus quartos. Sigam-me, por favor.

— Vou esperá-la aqui — cochichou Adam a Mari. — Vou mostrar-lhe toda a fazenda para que você veja se eu valho a pena como pretendente. Quero saber se me aprova, minha querida puritana de New Bedford.

Mari apenas sorriu, sabendo que a Sra. Foster os observava. Sentia que a mãe de Adam gostava dela, porém duvidava que aprovasse a amizade do filho com uma *haole*. Adam era, sem dúvida, o chefe da família e dirigia a fazenda. Todos acatavam suas ordens, inclusive a mãe. Mas concordaria ela

até o ponto de aceitá-la como nora?

Enquanto seguia os outros para dentro da casa, Mari quase perdeu a calma. Stuart segurara seu braço, afastando-a de Adam como se tivesse o direito de dirigir seus passos. Já bastava o problema de seu relacionamento com a Sra. Foster e não estava disposta a receber as atenções de um homem que a desagradava apenas para não contrariar o pai.

O esforço para disfarçar a irritação acabaria por deixá-la exausta e, tão logo surgisse uma oportunidade, se afastaria o mais possível de seu grupo. Afinal, só queria ficar a sós com Adam. Com um sorriso enlevado, pensou no rosto adorado e esqueceu-se da existência de outras pessoas no mundo. Estava perdidamente apaixonada!

O andar superior era tão bem decorado quanto as salas. Quando indicaram seu quarto, uma graciosa havaiana abriu a porta no fim do corredor e parou à sua espera.

— A vista é maravilhosa! — exclamou ela, ao olhar pela janela e avistar toda a ilha a seus pés.

— É verdade — a Sra. Foster, que acabava de entrar, concordou alegremente. — Nunca me canso de apreciar a vista das montanhas e do mar. Ninguém imagina que estamos tão no alto, até ver esta paisagem.

— Este deve ser o melhor quarto da casa... A senhora não precisava... — Mari calou-se ao perceber que a Sra. Foster erguia a mão.

— Meu filho faz questão que você fique exatamente neste quarto, querida.

Embora a Sra. Foster fosse amável, Mari sentiu que voltava a tensão entre elas.

— Oh, eu agradeço muito — respondeu ela, um pouco sem jeito, mas satisfeita por Adam começar a demonstrar suas intenções.

— Por favor, fique à vontade e avise se precisar de algo. Adam quer que você se sinta em casa. — A Sra. Foster encaminhou-se para a porta.

— Por que me desaprova, Sra. Foster?

A voz de Mari ecoou no amplo quarto finamente mobiliado em estilo Frances, com cortinas e colcha de cetim verde claro. A Sra. Foster olhou-a com uma expressão contrariada.

— Eu não a desaprovo, querida. Ao contrário, acho-a uma jovem de rara beleza e grande coragem. Na verdade, eu a admiro muito. — Ela hesitou durante algum tempo, procurando escolher bem as palavras. — Você seria a companheira perfeita para meu filho. Só por um motivo muito importante não poderá ser minha nora.

— E qual é esse motivo? — Mari arriscou-se a perguntar, mesmo sabendo a resposta.

— Você não é havaiana — respondeu a Sra. Foster, pouco antes de sair do quarto, fechando silenciosamente a porta.

Desanimada, Mari sentou-se na cama, esquecida do lindo panorama.

Após algum tempo, Mari desceu para encontrar Adam e os outros convidados. Depois que Adam mostrou-lhe toda a fazenda, foram juntos assistir a programação do dia: as corridas de cavalos, o concurso de laçar touros e de cavalgar animais selvagens.

Stuart mantinha-se sempre por perto, ignorado por Mari. Ela não se preocupava com o que ele poderia pensar de seu comportamento. Depois do que tinha conversado com a Sra. Foster, sentiu-se feliz por saber que Jane e os pais não tinham deixado a costa Kona.

Após o churrasco, servido com vários outros pratos quentes, a mesa foi refeita com pratos frios e frutas. Ao entardecer, as tochas iluminaram o amplo espaço onde todos tinham se reunido. Quando as moças com suas saias de palha começaram a dançar hula ao som dos tambores, ela percebeu que finalmente conseguira um momento a sós com Adam. Embora não soubesse como nem quando, se desvencilhara do insistente Stuart!

— Eu te amo demais, minha deusa Pele — sussurrou ele, ao abraçá-la à sombra de um arbusto florido. — Logo poderemos anunciar nosso noivado a toda ilha.

Mari acreditava na sinceridade de Adam, porém não subestimava a força das influências externas: a mãe, as obrigações com a fazenda, os costumes centenários dos havaianos. Ele teria coragem de cumprir sua promessa? Subitamente, ela foi envolvida por um pânico irracional.

— Adam — Mari precisava de coragem para falar e inspirou profundamente — , a sua mãe...

— Ela a admira muito — interrompeu Adam, tenso. — Não se preocupe com nada, querida. Nós fomos feitos um para o outro e nada nem ninguém poderá mudar o nosso destino.

Antes que ela pudesse responder e explicar o que temia, Stuart surgiu entre os arbustos.

— Ah! Encontrei vocês — disse ele, demonstrando sua contrariedade. — Seu pai está à sua procura, Mari.

Ela abriu a boca mas decidiu guardar sua raiva para um momento mais propício. Sentia vontade de mandar Stuart para o inferno. Estava cansada de sua perseguição! Contudo, seria melhor reclamar diretamente com o pai.

Faria isso na primeira oportunidade.

— Nós já íamos voltar para a festa — respondeu Adam, esforçando-se para evitar uma discussão com um convidado.

Mari lutava para afastar um pressentimento que insistia em perturbar-lhe a paz de espírito. Sempre que conseguia ficar a sós com Adam, alguém surgia, interrompendo-os. Seria a mão do destino? Poderia significar que jamais se uniriam?

Aquele pensamento a atormentou durante o resto da estadia na fazenda Foster e, quando iniciaram a viagem de volta, a passagem pela antiga região dos reis apenas aumentou seu medo. Pairava no ar uma estranha tensão, como se a terra estivesse aguardando a próxima catástrofe.

Ela só se alegrou ao pensar que no dia seguinte daria aula às crianças. Os alunos lhe devolveriam a serenidade.

CAPÍTULO XVI

— Você realmente gosta de crianças — Adam comentou duas semanas depois da festa, enquanto observava Mari no horário de recreio da escola. — Acho que vai ser uma boa mãe... — Calou-se com a aproximação dos alunos mas Mari captou o conteúdo secreto das palavras dele. Sorriu, os olhos brilhando de prazer. Sempre desejara ter seus próprios filhos.

Encostado na grade que cercava o jardim da escola, Adam não conseguia disfarçar a tensão. Precisava esforçar-se para não tomar Mari nos braços e amá-la intensamente.

Ela percebia o desejo de Adam e ansiava pelo momento em que pudessem se amar sem medo. Se ao menos ele conseguisse fazer a mãe mudar logo de opinião! Por que as diferenças culturais não eram logo superadas? A Sra. Foster teria de concordar. Afinal, também não se casara com um *haole*.

Mari não desconhecia os comentários que corriam pela ilha, desde a festa dos Foster. Adam passara a visitá-la na escola nos dias em que dava aulas e Agnes já lhe contara que todos falavam dos dois.

Ela sabia que Adam a amava e um dia se casariam apesar de todos duvidarem. Precisavam resolver rapidamente essa situação delicada. Queria freqüentar o palácio ao lado dele, sentar-se com ele na carruagem e ser chamada de Sra. Adam Foster.

— Sim, eu adoro crianças — respondeu Mari, afinal. — Elas aceitam e confiam nas pessoas, qualidades que perdem ao ficarem adultas.

Olhando os alunos que cantavam e brincavam despreocupadamente, ela reviu sua infância na Nova Inglaterra. Não tivera a mesma liberdade dos meninos havaianos porque, no ambiente em que crescera, brincadeiras e riso em excesso eram considerados pecado. Não, ela não educaria seus filhos com severidade puritana!

Distraída em seus pensamentos, só percebeu que Adam se movera quando o viu bem perto.

— Não fique tão triste, minha querida puritana de New Bedford. Como já lhe disse, falarei com mamãe e com a família de Jane. Só vou me casar com a mulher que eu escolher.

Adam hesitou um pouco, sem saber se devia aumentar a expectativa de

Mari, mas a alegria do rosto dela o impeliu a continuar.

— Já escrevi ao rei afirmando o mesmo. Ele está passando este mês no palácio e, ao informá-lo de minhas intenções, cumpri a minha obrigação pois minha mãe é parente dele. Ela ainda está em Kailua-Kona mas, depois que voltar e tivermos uma conversa séria, pretendo falar com o seu pai sobre minhas intenções.

— Sua mãe já sabe? Ela concordará?

— Minha mãe é uma mulher suave e delicada. — Ele endireitou o corpo, novamente tenso. — Ela ainda não consegue pensar com muita clareza sobre este assunto porque continua sofrendo demais com a perda de papai. Sente-se confusa, culpa-se por sua morte. Ainda acredita que os antigos deuses o levaram porque ela se casou com um *haole*, contra a vontade da família.

— E você, Adam? — perguntou ela, ansiando por uma resposta que a tranqüilizasse. — Também acredita nos velhos mitos da sua terra?

— Às vezes é difícil não acreditar — disse ele, olhando o Mauna Kea, que encobria o Mauna Loa mais ao sul. — Quando há uma erupção ou a terra é sacudida por um terremoto, sinto a força dos deuses antigos, como acontece com todos na ilha. Principalmente depois que os *kahuna* fazem sacrifícios a Pele e a devastação acaba de repente, poupando inúmeros vilarejos e milhares de vidas.

— As últimas erupções mataram muita gente e destruíram muitas propriedades — protestou Mari, sentindo-se ameaçada pelo que ele dizia.

Se Adam também acreditasse que a mãe tinha razão... Se sentisse medo de desafiar a cólera divina ao se casar com uma *haole*...

— Eu não tenho medo de me casar com você, Mari — respondeu Adam e sorriu, o bom humor restaurado. — A não ser que você seja a própria deusa Pele disfarçada. A lenda diz que ela é uma amante exigente e nenhum mortal é capaz de saciá-la. Alguns de seus amantes se consumiram em chamas.

Mari percebeu, pelo olhar ardente de Adam, que ele a revia nua sobre a manta, como naquela tarde em que se entregara a seu amor. Uma nudez que só os olhos dele tinham visto, só suas mãos tinham tocado, despertando o calor da paixão. Mãos que acariciavam os seios, enrijeciam os mamilos e deixavam o corpo todo ardendo de desejo.

A respiração de Adam se alterou e Mari sabia que ele a tomaria nos braços se estivessem a sós. Perdidos em seu enlevo, não perceberam quando um aluno pequeno se aproximou.

— Srta. Webster? — a vizinha infantil do menino quebrou o encanto.

Mari olhou o rostinho adorável e abraçou o garoto. Quando o grande

chefe tinha chegado com o filho, anunciando que seria seu aluno, ela se sentira feliz e honrada. Afinal, tinha salvado sua vida e criara-se um elo indissolúvel entre eles.

— Não posso acreditar — exclamou Adam. — O grande chefe trouxe seu filho para a escola? Ele concedeu-lhe uma honra de valor inestimável, Mari!

— Eu sei e fiquei muito feliz. Já fui aceita por vários havaianos mas... não por todos. O grande chefe foi muito educado e tornou a repetir que também possuo o *mana* de sua família. Ele achou que seria bom o pequeno Peni estudar comigo.

— Você é uma mulher surpreendente! — Adam a fitava, com incredulidade. — Está sacudindo esta ilha a tal ponto que nós nunca mais voltaremos a ser os mesmos. E preciso lhe dizer que estou muito feliz porque resolveu ser professora e desistiu de cavalgar com os vaqueiros.

— Pois eu não concordo — respondeu ela, ainda não refeita do mal estar que as críticas sobre esse assunto lhe provocaram.

Mari ainda se revoltava com a mentalidade tacanha das pessoas que não aceitavam a sua participação nos trabalhos da fazenda. E Adam também a reprovava, criando um conflito entre os dois. Preocupada com a opinião dele, decidiu não mencionar que continuava ajudando em algumas tarefas porque Ev ainda não estava completamente curado.

Mas Adam começou a rir ante a reação ofendida. Muito em breve, poderia decidir o que ela devia fazer ou não. Manteria sua esposa tão ocupada com os bebês que não sobraria tempo de pensar em cavalgadas. Só lhe permitiria cavalgar quando saíssem juntos, talvez para um longo passeio ao templo do deus da guerra, onde reviveriam a paixão do primeiro dia.

Pensando num futuro de amor, ele se despediu, beijando a ponta do nariz de Mari, que estava rodeada pelas crianças. Depois de montar no cavalo, acenou e jogou mais um beijo.

Os dois sabiam que, na hora do jantar, a ilha toda estaria comentando o encontro deles. Ótimo! Assim ninguém duvidaria que Mari Webster pertencia a Adam Foster!

Nos dois dias que se seguiram, Mari não teve tempo de pensar em Adam, a não ser quando ia se deitar. Mas estava sempre tão cansada que logo adormecia com um sorriso nos lábios. Voltara a ajudar os *paniolos* porque Ev continuava em repouso, fraco demais para montar. Passara a se encarregar do serviço de escritório para Russell, porém não agüentava a monotonia.

O trabalho de Mari ao lado dos vaqueiros tinha uma grande vantagem: não precisava receber Stuart, nem dar-lhe atenção! Ele continuava a visitar a

fazenda com excessiva freqüência e muitas vezes ficava para jantar.

Naquele dia, como de costume, ela foi encontrar-se com Ev na sala, após o dia de trabalho no campo.

— Sente-se, menina. — Ele indicou a poltrona, olhando-a por cima dos óculos. — Seu pai está conferindo algumas contas, no escritório, — e Agnes foi ajudar Kee, na cozinha. Acho que o jantar logo será servido. Ainda bem, porque estou morrendo de fome!

Mari animou-se com a boa aparência de Ev. Ele recuperara o colorido saudável, após semanas de palidez preocupante. Então percebeu que sua chegada o forçara a interromper a leitura de uma carta.

— Por favor, continue lendo sua carta, Ev. É tão bom sentar aqui...

— Está muito cansada?

— É um cansaço agradável. Eu adoro sair pelos campos, aspirar o cheiro do mar, o perfume das flores silvestres, sentindo a presença forte das montanhas. São elas que governam toda a ilha.

— Também já se sente parte destas ilhas, não é? — Ele sorriu aprovadoramente. — Foi o que aconteceu com todos nós, os *haoles*. Chegamos para ficar algum tempo apenas e não conseguimos mais partir. Mas... você não se incomoda mesmo que eu continue a ler? É uma carta de Kilia e estou ansioso para saber das novidades dos recém-casados.

— Leia, Ev. Não faça cerimônia.

Arrumando os óculos, ele começou a leitura da longa carta. Mari olhou pela janela aberta, por onde se infiltrava a brisa vespertina. A distância, depois do declive das montanhas, ela avistava o mar. O sol se punha no horizonte, cobrindo o céu com todas as nuances de rosa. Virando a cabeça, ela admirou a majestade do Mauna Kea, com o topo ainda iluminado pela claridade do dia, em contraste com a escuridão que já invadira as terras mais baixas.

Naquele momento, o Caminho dos Reis devia estar encoberto pelas sombras. Os Caminhantes da Noite talvez vagassem pela escuridão com suas tochas acesas, procurando algum viajante solitário que ousasse cruzar seu território.

Ela estremeceu, apesar do calor. Depois de tanto andar pelos campos sozinha e de ouvir as conversas dos *paniols*, ela sentia que os mistérios daquela terra primitiva a dominavam.

Inevitavelmente, lembrou-se do dia em que chegara com Adam e cruzara, pela primeira vez, aquela região de exotismo e magia. Bastara sair do barco que a trouxera para sentir o fascínio da natureza indomada. Muitas

vezes, ao atravessar o vale silencioso ou se aproximar da beira de um rochedo, o eco do vento trazia os cantos pagãos do passado.

Mari estava perdida em seus pensamentos e assustou-se ao ver que Ev a observava com expressão séria.

— Está pensando no encontro dos vaqueiros no outono? Ouvi dizer que as disputas são muito violentas, quando se discutem os limites de terras, e que existe uma idéia nova para controlar os insetos sem matar o capim. Os *paniols* estão até fazendo apostas sobre os resultados da reunião. — Ela riu, lembrando-se da conversa que tivera com um vaqueiro. — Um deles apostou meio mês de salário como a fazenda Foster não vai concordar com as cercas para o gado.

— Não é isso, Mari — respondeu ele, sem sorrir.

Ela não teve dúvidas de que Ev estava preocupado com um assunto mais sério. Ouvira-o conversar com o pai sobre a separação do gado em grupos. Os melhores animais seriam usados na reprodução, a fim de apurar a raça e alcançar melhores preços.

— Sei que está preocupado com o projeto de melhorar o gado. Acho que a construção das cercas e a plantação dos novos pastos dará lucro com o tempo. — Vendo que Ev continuava com a mesma expressão, ela insistiu: — Papai concordou com seu plano, não é?

Desgostosa, ela pensou no pai, às vezes tão teimoso, que quase sempre tinha uma opinião contrária à do sócio, embora Ev costumasse ter razão.

— Nós concordamos sobre esse projeto. Não é isso que me preocupa, Mari.

— Sente-se bem, Ev? Você não está com dores no peito, não é?

— Estou muito bem. — Ele fez um gesto, chamando-a para sentar-se na cadeira ao lado. — Venha cá, menina. Preciso dar-lhe uma notícia. Gostaria de não ter que falar nisso...

Mari aproximou-se dele, pressentindo uma comunicação penosa. Mas a voz de Kee os interrompeu, avisando que servira o jantar. Ela e Ev se reuniram ao resto da família e estavam sentando-se à mesa quando ouviram o tropel de um cavalo que se aproximava a galope.

— Vem vindo alguém — disse Russell, inquieto. — Espero que não sejam más notícias.

Mari levantou-se com os outros, ouvindo o animal aproximar-se. Um momento depois, Stuart apareceu na porta.

— Trouxe alguma notícia grave? — Russell perguntou, preocupado. Você veio correndo tanto que imaginei uma tragédia.

Mari perturbou-se com o olhar intenso que Stuart lhe lançou. Ele estava com expressão ansiosa e não continha a satisfação.

— Eu estava a caminho da costa, mas achei que devia parar aqui para dar-lhes a notícia. Acho que vai interessar a todos, porque são vizinhos de Foster.

Ela assustou-se, certa de que algo grave acontecera com Adam. Percebeu que Ev se aproximava dela, como se quisesse protegê-la. Então Stuart contou a novidade.

— O rei anunciou que Adam está noivo de Jane.

Mari sentiu o mundo girar ao seu redor e lutou para não perder os sentidos. Não podia ser verdade! Adam teria lhe contado! Ele não mentiria, não faria tantas promessas, não a deixaria acreditar que podiam ter um futuro juntos...

— Não é verdade! — exclamou ela, descontrolada. — Você está mentindo!

— Sinto muito, Mari. — Embora fingisse ter pena dela, Stuart não conseguia encobrir a satisfação. — Só espero que Adam não a tenha enganado, inventando uma história diferente para você.

Completamente desnorteada, Mari não sabia como agir. Aproximando-se, Ev amparou-a pela cintura.

— Sinto muito mas é verdade, minha menina — murmurou ele, enquanto todos a observavam, admirados por vê-la tão chocada. — Foi o que Kilia escreveu na carta e eu pretendia contar-lhe antes do jantar.

Russell procurou consolá-la, mas Mari não o ouvia. Endireitando os ombros, caminhou até a porta, com uma expressão altiva no rosto muito pálido.

— Estou um pouco cansada — conseguiu dizer. — Desculpem-me mas não terminarei de jantar.

Ela subiu a escada mantendo o controle, apesar do medo que sentira de cair em soluços diante de todos. Amaldiçoou Stuart pela pressa maldosa de destruir seu mundo, em fazer todos os seus sonhos ruírem. Depois amaldiçoou Adam, que a decepcionara e traíra.

— Oh, meu Deus! Como Adam pôde fazer isso comigo, sabendo que eu o amo tanto? — murmurou ela na solidão abençoada do quarto.

As palavras sussurradas liberaram as lágrimas. Após horas de pranto convulsivo, uma nova resolução foi tomando forma e devolveu-lhe a coragem. Se aquela notícia era verdadeira, ela faria Adam sofrer muito pelo que perdera... e nunca mais voltaria a ter!

CAPÍTULO XVII

Russell entrou no quarto da filha e, abraçando-a, começou a afagar-lhe os cabelos com a mão rude. Se Mari não estivesse tão abalada, teria se surpreendido com o inesperado carinho do pai. Ela tentou falar mas, impedida pelo desespero, apenas encostou a cabeça no peito dele e continuou chorando.

— Não chore, Mari — repetia Russell, baixinho. — Adam Foster não merece suas lágrimas. Diabos, ele não a merece!

— Deve ter havido um engano — ela conseguiu dizer entre soluços. — Adam me ama, eu sei que ele me ama.

O pai ajudou-a a recostar-se na cama e puxou uma cadeira, sentando-se à sua frente. Segurou as mãos trêmulas da filha e, embora os olhos refletissem raiva, sua voz era suave.

— Por que você acredita nisso? Ele a comprometeu, Mari? — Russell voltou a ser o homem severo que ela conhecera ao chegar no. Havaí. — Se ele lhe fez mal, eu juro que...

— Não, não aconteceu nada...

Mari afastou o cabelo do rosto, tentando, em vão, conter as lágrimas. Ela não confiava em Stuart e não teria acreditado na notícia se a carta de Kilia não confirmasse as palavras dele. A amiga seria incapaz de mentir.

No entanto, podia haver um engano. Confiava em Adam. Por que ele mentiria a respeito de seus sentimentos ou diria que estava resolvendo com a mãe os planos para o casamento se não fosse verdade?

Então lembrou-se que a Sra. Foster tinha ido para Kailua-Kona. Talvez o rei não tivesse entendido a situação e a comunicação prematura tivesse sido um terrível engano. Talvez Adam nem soubesse de nada.

Sim! Só podia ser isso! Mais calma, Mari conseguiu controlar os soluços e finalmente foi capaz de falar.

— Eu tentei lhe contar a verdade no dia de nossa discussão, papai. Eu amo Adam... ele é o único homem que vou amar na vida. — Hesitou, sentindo que as lágrimas estavam prestes a retornar. — E sei que Adam me ama... ele me confessou seu amor. Nós... nós não fizemos nada de que eu possa me envergonhar. Planejamos nos casar, depois que ele convencer a mãe mudar de idéia.

Russell sofria ao ver a palidez da filha, tão idêntico ao da moça irlandesa que ele havia amado com a paixão da juventude. Compreendia os sentimentos de Mari por ter perdido Adam porque também sofreria ao perder sua esposa adorada. Continuavam vivos em sua memória os infindáveis dias e noites de agonia, quando acreditava que não conseguiria viver sem a mulher que representava a sua vida.

Agora sentia-se culpado pelo sofrimento de Mari. Ele a deixara, tão menina ainda, aos cuidados da avó, obcecado demais com seu próprio sofrimento para se preocupar se o padrasto tirânico iria educá-la com mão de ferro.

Ele só cometera erros como pai, mas ainda havia tempo para se redimir. Não permitiria que Adam Foster a destruísse! Mari era sua filha, uma jovem de fibra, corajosa e suficiente para atravessar o mundo até encontrá-lo. Precisava garantir seu futuro, lutar para que ela não tivesse uma vida de amargura. Agradecia a Deus por Mari não ter perdido sua virgindade. Sua filha não estava tão presa a Adam quanto imaginava porque ainda não descobrira a paixão dos sentidos. Logo se esqueceria desse amor romântico. Era a única saída porque aquele maldito havaiano, tão preso às tradições de seu povo, jamais teria a liberdade de se casar com uma *haole*.

Quando a dor passasse e ela já não sentisse tanto a perda de Adam, acabaria por aceitar a corte de Stuart. Russell estava convencido de que Stuart Morgan era o marido ideal para Mari.

Agnes apareceu inesperadamente à porta do quarto com o jantar em uma bandeja e um sorriso meigo nos lábios. — Estou interrompendo?

Russell levantou-se para ir ao encontro da esposa. A filha estava se recuperando e talvez o ideal fosse deixar as duas mulheres sozinhas para conversarem com mais intimidade. Agnes saberia consolar Mari.

— Não, de modo algum — respondeu ele, nitidamente aliviado. — Você está bem agora, filha?

— Não se preocupe comigo, papai. Já decidi o que tenho de fazer.

— Ótimo! Eu sabia que a minha Mari se recuperaria depressa!

Enquanto Agnes preparava seu prato, Mari permaneceu em silêncio, pensativa. O pai interpretara erroneamente suas palavras, acreditando que ela aceitaria o noivado de Adam com outra. Agora admitia que não seria possível chegar a qualquer conclusão sem conversar com Adam, portanto iria procurá-lo no dia seguinte. Tudo podia não passar de um engano.

Quando se desfizesse esse mal-entendido, Mari pretendia lançar um ultimato a Adam. Não podiam mais adiar o momento de anunciar o noivado

deles!

— Sinto muito, Mari. Não queria que você passasse por esse sofrimento — disse Agnes. — Deduzi que você preferiria não descer e, para livrá-la da presença de todos, trouxe seu jantar. Não sei o que aconteceu com Stuart! Ele não teve nenhuma consideração ao transmitir a notícia e não costuma ser tão sem tato.

Mari sempre se surpreendia com a ingenuidade da madrasta. Discordava de Agnes, suspeitava que Stuart tirara a máscara, mostrando quem realmente era. Sentira tanto prazer em lhe dar a notícia que se esquecera de representar seu papel de bom rapaz diante de toda família.

— Stuart sabia muito bem o que estava fazendo — respondeu ela, com mais energia na voz. — Foi proposital.

— Oh, não! — Agnes protestou. — Stuart não seria tão mau! Acho que ele não se deu conta de que ficaríamos profundamente chocados com a notícia.

Mari não se preocupou em responder. Agnes nunca pensava mal de ninguém e, além disso, gostava de Stuart.

— Agora coma um pouco, Mari. — Agnes franziu o cenho. — Você tem de trabalhar no campo amanhã e precisa de toda a sua energia.

Depois que Agnes saiu, nitidamente perturbada com a situação, Mari prometeu a si mesma que ninguém a veria infeliz, nunca mais! Afastou a comida, pensando que no dia seguinte teria muito tempo para se alimentar. Primeiro falaria com Adam... Sabia que nada tinha mudado. Ele ainda a amava e logo poderiam anunciar o noivado.

— Você não precisa ir para o campo esta manhã — disse Ev quando ela desceu para o café. — Os homens já saíram com seu pai.

Mari desviou os olhos, percebendo que Ev continuava preocupado com ela. Gostaria de tranquilizá-lo, mas ainda não devia falar sobre Adam. Tinha passado a noite toda acordada, tentando ordenar seus pensamentos. Adam a amava, porém as superstições dos havaianos tornavam seu noivado com Jane um fato bem possível. Então, levantara-se muito antes do amanhecer, disposta a procurá-lo para ouvir a verdade de seus próprios lábios. Não estava realmente em condições de acompanhar os homens no trabalho do campo.

Aproximando-se da janela, Mari observou as montanhas do lado leste. A claridade da manhã anunciava mais um dia maravilhoso.

— E Stuart? Também foi para o campo com papai? — ela perguntou secamente, certa de que não suportaria encontrá-lo naquela manhã.

— Ele saiu bem cedo para cuidar do canavial. Seu pai o aconselhou a se afastar durante algum tempo e eu concordei — informou Ev, sem disfarçar um certo desprezo.

Mari suspeitava que Ev também não confiava em Stuart. Entretanto, era obrigada a admitir que ele nunca fizera nada errado que justificasse essa antipatia gratuita. Não podia se esquecer do dia da tempestade, quando perdera o controle dos cavalos e ele salvara a ela e a madrasta da morte certa. Talvez fosse uma injustiça julgá-lo tão mal.

Mari pensou em ajudar Ev no escritório, a fim de se ocupar até a hora de sair para procurar Adam. Preferia não entrar na cozinha porque Agnes estava servindo o café para Seth e provavelmente iria falar sobre o assunto do noivado do vizinho. Recomeçaria a dar conselhos que ela não queria ouvir, mesmo sendo bem intencionados. Antes que pudesse tomar uma decisão, ouviu um cavalo chegando em galope rápido e correu de volta à janela.

— É Adam! — exclamou descontrolada. Pressentindo que Mari estava atordoadá demais para agir,

Ev aproximou-se.

— Fale com ele, Mari. Vá encontrá-lo. Lembre-se que você não tem nada de que se envergonhar. Não fez nada de errado portanto, enfrente-o tranqüilamente e deixe que Adam se explique. A responsabilidade é dele, não sua. — Ev abraçou-a enquanto falava, procurando transmitir confiança com sua demonstração de carinho.

Ela sorriu, feliz por ter a seu lado um amigo tão solícito e carinhoso. Ev a amava como a filha que nunca tivera. Mesmo naquela situação, procurava animá-la, incitando-a a demonstrar a coragem de sempre.

Mari beijou o rosto enrugado do velho amigo e endireitou o corpo. Ela abriu a porta no momento em que Adam ia bater e os dois permaneceram imóveis e em silêncio.

Adam observou o rosto de Mari, reconhecendo a dúvida em seus olhos castanhos. Sentia-se tenso, como se estivesse se preparando para enfrentar a maior batalha de sua vida.

— Você já ouviu... — murmurou ele, num fio de voz.

Ela apenas concordou com um gesto. Apática, deixou-se conduzir e os dois atravessaram o jardim até se afastarem da casa. Uma brisa suave ondulava a relva alta e amarelada pelas semanas de muito calor. Finalmente, Adam parou à sombra de uma velha árvore e puxou Mari para mais perto.

Sem coragem para fitá-lo, Mari observava a paisagem, o sol brilhante iluminando às terras baixas e dissipando o pouco de névoa que restara da

noite. A alguns quilômetros, bem aos pés deles, o oceano Pacífico parecia um espelho azul, refletindo o céu sem nuvens. O dia estava perfeito, como tantos outros na ilha. Dias tão lindos que lembravam o paraíso... porém não naquela manhã.

— O que você soube? — perguntou ele, sem revelar nenhuma emoção na voz.

— Que o rei anunciou seu noivado com Jane.

A voz de Mari estava trêmula pelo esforço de reprimir seus sentimentos. Rapidamente ela contou a notícia que Stuart tinha lhe dado e a confirmação fornecida pela carta de Kilia. Quando terminou de falar, os dois deixaram o olhar se perder no horizonte, em completo silêncio.

Incapaz de agüentar a tensão por mais tempo, Mari fez a pergunta que a atormentara desde a chegada de Stuart, na tarde anterior.

— Então... Você vai se casar com Jane?

Ele olhou-a cheio de paixão e, incapaz de se conter, abraçou-a impetuosamente.

— Eu te amo, Mari. Não conseguiria amar outra mulher — disse ele, apoderando-se dos lábios dela.

Os corpos se uniram, submissos ao amor. Mari esqueceu-se da existência de Jane e dos motivos da presença de Adam na fazenda de seu pai. Ele acariciava suas costas, cobria seu rosto de beijos e voltava sedento aos lábios, como se temesse perdê-la se a soltasse.

— Oh, Mari — ele gemeu. — Eu a desejo muito... não posso perdê-la, minha querida deusa.

À menção da deusa, Mari estremeceu, voltando à realidade. Eram as superstições antigas que a impediam de unir-se a Adam. Precisava desvencilhar-se dos braços dele, antes de perder toda a resistência e entregar-se a uma atração irresistível.

— Você não respondeu minha pergunta, Adam — insistiu ela, com voz trêmula. — Vai se casar com Jane?

Ele olhou-a durante um longo momento, procurando as palavras certas para se explicar.

— Não quero me casar com ela — respondeu finalmente. As palavras caíram entre eles formando uma barreira invisível que crescia e os separava, transformando-os subitamente em dois estranhos.

— Você quer dizer que pode vir a se casar com Jane? Sabia o tempo todo que ia ficar noivo em breve... mesmo quando fez amor comigo? — Ela sentia-se presa em um terrível pesadelo.

— Não, Mari. Não! — Adam tentou aproximar-se. Com os olhos cheios de lágrimas, ela se afastou. — Eu nunca a enganaria e juro-lhe que não tive qualquer participação nessa trama. Minha mãe combinou tudo contra a minha vontade, sem me avisar. Você sabia que ela sempre foi contra o meu casamento com uma *haole*.

— Mas por que... por que ela agiu com tanta crueldade?

— Mari ainda nutria uma leve esperança de que Adam não tivesse tomado parte na decisão.

— Ela é havaiana, Mari. Acredita que assim será melhor para nós dois. Na verdade, ela gosta mais de você do que Jane — Adam ergueu a voz, desesperado por fazê-la entender.

— Sei que parece loucura, mas minha mãe não abre mão de seguir as tradições e escolher um casamento para mim. Acha que ficarei em maior segurança ao lado de uma moça havaiana porque eu estaria provocando os deuses se me casasse com uma *haole*. Está aterrorizada com o que pode acontecer comigo e sou a lembrança viva do único homem que ela amou.

— Mas seu pai era um estrangeiro e ela o aceitou por marido!

— Exatamente por isso está disposta a lutar contra nosso casamento — respondeu ele, exausto e desanimado. — Como já lhe disse, minha mãe se culpa pela morte prematura de meu pai. Casaram-se contra a vontade da família dela e mamãe ficou obcecada com a idéia de que a vida do marido lhe foi tirada como castigo por sua desobediência.

— Mas é uma loucura obrigar o filho a obedecer às crenças dela! — Mari exclamou. — Você não acredita nessa tolice, não é?

— Minha única certeza é que minha mãe ainda não aceitou a perda de papai e continua sofrendo muito. Não se esqueça de certos fatos inexplicáveis ocorridos na ilha que só reforçam as velhas crenças...

— Está falando dos sacrifícios a Pele?

— Sim. E também de outros acontecimentos estranhos, como as luzes misteriosas que são vistas às vezes nas montanhas. Os *kahunas* dizem que são as tochas dos Caminhantes da Noite.

A frustração de Mari aumentou. Não conseguia acreditar que aquelas crenças pagas estivessem influenciando tanto seu futuro.

— Se você sabe que sua mãe só está sob o domínio da dor e do medo, pode se recusar a aceitar o noivado e avisar o rei que foi um engano.

— Não é tão fácil assim, Mari. — Ele sacudiu a cabeça, desalentado. — Minha mãe sabia de todas as dificuldades em romper um compromisso, quando foi procurar o rei. Se eu recusar o noivado agora, será uma desonra

para Jane e para todos os seus parentes, até para os mais distantes. E a minha família ficará no ostracismo, não será mais convidada a freqüentar a corte. Ninguém pode se opor a um edito real. A minha recusa em cumprir o acordo, significaria o fim da fazenda... e de todo o trabalho de meu pai. As terras nos foram doadas pela família real como um presente a minha mãe, que tem o mesmo sangue.

— Mas eles não desaprovavam o casamento com seu pai?

— É verdade. Entretanto, depois de alguns anos, ele provou que era um homem digno e a família real o aceitou, apesar de ser um *haole*. — Adam aproximou-se e a abraçou novamente, antes que Mari tivesse tempo de se afastar. — Tudo é muito simples e também extremamente complicado. Só posso lhe dizer que pretendo resolver essa situação, mas de uma maneira que não magoe ninguém. Infelizmente, não será uma solução rápida.

— E eu? — perguntou Mari irritada. — Devo sufocar meus sentimentos enquanto você se preocupa em não magoar Jane?

Ela se afastou, evitando um novo beijo. Afinal, Adam estava noivo de outra e não tinha coragem de desfazer a farsa imediatamente. A mãe dele sofria mas aproveitava essa desculpa para manipular o filho que se acomodava e não reagia.

— Pensei que você fosse entender, Mari — ele disse num tom frio. — Achei que valeria a pena esperar um pouco para podermos ter um futuro juntos.

— E eu achei que você me daria valor, que me consideraria digna de qualquer sacrifício! Pensei que me amasse o suficiente para me desejar para sempre a seu lado — respondeu Mari, sem desviar os olhos dele. — Diga que não está de acordo com esse noivado, Adam. Antes que seja tarde demais!

Ele baixou os olhos constrangido por Mari o considerar um homem sem coragem.

Ela percebeu que Adam sentia-se insultado, mas estava muito irritada e desapontada para mudar de atitude.

— E por quanto tempo acha que devo esperar?

Mari lembrou-se de Jane entrando no palácio de braço dado com Adam. Recordou-se também de Agnes e do pai tentando lhe explicar que era impossível um compromisso com um homem de sangue havaiano. Eles estavam certos, reconhecendo o que ela não queria aceitar. A mãe de Adam e o rei nunca o deixariam casar-se com uma estrangeira.

— Pode me dizer quando chegará o dia? Quando você não terá medo de dizer ao mundo que me ama? — insistiu ela, à beira do descontrole total.

Adam estava espantado. Como ela podia pensar que não estava em primeiro lugar? Amava-a muito mas Mari precisava entender que a situação não era tão simples como pensava. Não podia simplesmente abandonar os costumes de seu povo, deixar que a mãe arcasse com a responsabilidade de seus atos, inclusive a possível perda das terras da fazenda.

Ele não tinha dúvidas de que conseguiria resolver os problemas. Só precisava de tempo. Um dia, se casaria com Mari recebendo as bênçãos da mãe e do rei. Estava prestes a explicar seu plano quando ela o interrompeu.

— Você é um covarde, Adam Foster! — disse ela tão indignada que não conseguia mais raciocinar.

Subitamente, Mari percebeu que tinha ido longe demais. . Adam parou diante dela, lembrando a imagem dos antigos deuses polinésios, um deus talhado em pedra fria. Incapaz de enfrentar os olhos negros e penetrantes, ela virou-se e correu pelo caminho. Como a natureza podia continuar tão calma quando todo o seu mundo ruía à sua volta?

Ela imaginou que Adam fosse segui-la e tomá-la nos braços para fazerem as pazes. Diria que reconhecia o erro e iria imediatamente procurar a mãe e o rei, declarando suas intenções... como lhe prometera semanas atrás.

Então, sentiu que estava sozinha. Ao voltar-se, viu que Adam tinha partido e, profundamente chocada, sentou-se sobre um tronco.

Depois de um longo tempo, admitiu que Adam não ia voltar. Ouvindo o canto alegre dos pássaros, ela pensou nos velhos tabus proibindo os *haoles* de viverem nas terras que, no passado, haviam pertencido aos reis polinésios. Quase chegava a sentir a presença de Pele ao seu lado e acreditou que a deusa se opusera à sua união com um havaiano.

Mari levantou-se subitamente, assustada com seu descontrole emocional. Só podia estar enlouquecendo! Sentiu a terra tremer sob seus pés como se quisesse preveni-la do perigo de insistir num casamento proibido. Voltou a pensar na deusa do fogo e, estremecendo, tentou controlar sua imaginação.

Quando Mari chegou à cavalaria já estava com os olhos secos. Escolheu o animal mais temperamental para montar.

O cavalo relutou para aceitar a sela, mas logo reconheceu a autoridade dela e, segundos depois, atravessava os campos em .livre galope.

Mari sentia os cabelos voando ao vento, sem saber que alguém a observava do terraço, comparando-a à deusa Pele.

Ev sabia que nada estava bem. Vira Adam se afastar a galope e agora Mari também partia, incitando o cavalo a correr como o vento. Infelizmente, imaginava o que devia ter acontecido entre os dois jovens.

Mari era mais uma vítima das velhas crenças e Ev não se conformava com a situação. A sua corajosa menina merecia um futuro melhor.

CAPÍTULO XVIII

Durante os dias seguintes, Mari procurou se ocupar ao máximo para não ter tempo de sofrer. Saía com os *paniols* de madrugada e voltava pouco antes do jantar, indo para a cama tão logo terminava a refeição. Quando se deitava estava tão exausta que adormecia ao pousar a cabeça sobre o travesseiro. Infelizmente, ela não conseguira se livrar dos sonhos que a atormentavam.

Então chegou uma carta de Kilia, convidando-a para o primeiro jantar que o casal iria oferecer. A amiga a prevenia que Stuart também tinha sido convidado.

Mari tinha acabado de chegar com os vaqueiros quando encontrou Ev na varanda, esperando-a para entregar-lhe a carta. Ele não se afastou de Mari, que se sentara em uma das cadeiras de vime, como se temesse alguma má notícia de Kilia.

— Está tudo bem? — perguntou Ev finalmente, sentando-se perto dela.

— Ah, sim — Mari respondeu apressadamente, ao perceber o nervosismo de Ev. — Kilia está muito feliz e convidou-me para o primeiro jantar que vai oferecer.

— É uma boa oportunidade para se distrair, Mari. Você precisa descansar um pouco de tanto trabalho e esquecer sua decepção. Vai aceitar, não é?

— Não sei ainda, Ev. — Ela não escondia o cansaço e a melancolia. — Talvez eu vá.

Apesar da vontade de estar com Kilia, ela hesitava, com medo de encontrar-se com Adam. A sensação de perda provocava-lhe uma incontrolável vontade de chorar. Como suportaria viver sem Adam?

— Adam não irá, menina — murmurou Ev, adivinhando os pensamentos de Mari. — Ouvi dizer que ele passa os dias cavalgando e só desce do cavalo quando anoitece, como você. É realmente uma pena quando duas pessoas que se amam não podem ficar juntas.

Ev reconhecia que estava interferindo, mas alguém precisava ajudar aquela garota tão meiga e corajosa. Infelizmente, ele tinha absoluta certeza de que Adam nunca se casaria com Mari. As crenças pagas e os tabus destruiriam a felicidade de dois jovens que se amavam e tinham sido feitos um para o outro!

Ele ficava irritado só ao pensar no noivado de Adam com uma moça do tipo de Jane. Embora ela fosse havaiana, só se preocupava com futilidades e nunca seria uma boa esposa de fazendeiro.

Ao ouvir as palavras do amigo, Mari baixou os olhos e examinou a carta em suas mãos, com medo de cair em lágrimas.

— Nós poderíamos estar juntos se Adam tivesse coragem de enfrentar a mãe e comunicar-lhe que se casaria comigo, sem se curvar diante dessas tradições absurdas, Ev.

— Não é tão fácil assim, Mari. Você não está em New Bedford. No Havaí, os velhos costumes ainda dominam as pessoas, ditando as escolhas. Adam pretendia anunciar que se casaria com você, mas a mãe previu o que ia acontecer e tentou impedir o que considerava um desastre.

Ele hesitou, procurando encontrar as palavras certas para esclarecer uma situação que Mari ainda não conseguira compreender.

— Quando o rei proclama um decreto, as suas palavras são lei. Ao contrariar a vontade real, perde-se tudo o que foi recebido por direito de nascimento. No caso de Adam, significa abrir mão do que o pai construiu e deixou em suas mãos para ser cuidado como uma preciosa herança.

— Foi o que Adam me disse mas... você acha que ele vai obedecer e se casar com uma mulher que não ama?

— Não sei, querida. Tudo pode acontecer. Adam não costuma desistir de seus objetivos mas foi a mãe dele quem criou esta maldita situação, embora tivesse a melhor das intenções.

Se ele for contra a vontade do rei e perder suas terras, ela também ficará sem nada e a pobre mulher já sofreu muito com a morte do marido.

Ev abriu os braços, num gesto de profundo desânimo, como se os fatos estivessem muito além da compreensão.

— A Sra. Foster, mais do que ninguém, devia compreender o amor do filho por uma *haole*. Ela também se apaixonou por um estrangeiro...

— E é exatamente por isso que ela não quer que Adam se case com uma forasteira — Mari exclamou, sem conter a frustração. — A Sra. Foster acredita que a morte do marido foi uma punição por ter desobedecido aos velhos tabus.

— Eu sei — respondeu Ev, suavemente. — E todos sabem disso, Mari. Procure entender... a Sra. Foster é a mulher mais bondosa e corajosa que já conheci. Mas o temor nascido do sofrimento é mais forte do que seu lado racional. Ela tem horror de pensar que o filho, como o pai, pode provocar a ira de algum antigo deus pagão e enfrentar sua vingança.

— Mas é apenas uma superstição!

— Em parte...

Ev não disfarçava sua indecisão, demonstrando que não tinha tanta certeza a respeito das crenças. Vivera tempo demais nas ilhas para saber que aconteciam fatos que escapavam a uma explicação racional.

Ela levantou-se, angustiada com aquela conversa. Precisava de tempo. O amor por Adam iria desaparecer aos poucos. Enquanto não o esquecia, tinha de se concentrar no trabalho, afastando as lembranças dolorosas.

— Amanhã eu pretendo sair com os vaqueiros, Mari. Você não precisa ir para o campo durante algum tempo.

— Ora! Você ainda não está completamente curado!

— Estou sim, Mari. Tenho ficado em casa porque achei que minha companhia a ajudaria a se distrair. — Mas agora que Kilia a convidou para ir a Kailua-Kona, precisará de tempo livre para se preparar para a viagem.

— Eu estava pensando em recusar, Ev.

— Não faça isso, menina. Será bom conversar com Kilia, ela é uma moça de sua idade e você pode confiar nela. Talvez minha sobrinha possa lhe explicar melhor a situação porque foi criada no mesmo ambiente que Adam.

— Mas Stuart foi convidado... — protestou Mari já sem muita convicção. Talvez Kilia realmente pudesse ajudar, pois também era parente do rei.

— Não se preocupe com Stuart. Você não está apaixonada por ele, portanto aproveite uma boa companhia. E talvez Adam fique com ciúmes e descubra um meio de romper o noivado.

— Vou falar com papai. — Mari foi até a porta. — Mas eu preciso dar minha aula uma vez por semana.

— Isso também não será problema — Ev atalhou, antes que ela inventasse outro motivo para ficar em casa. — Você pode reorganizar seu horário.

— Está bem! Eu vou. — Ela sorriu para o amigo. — Se Agnes e papai concordarem, é claro.

— Espere, querida. Por favor, compreenda que Adam não é um covarde, está bem?

Ela hesitou em admitir aquela verdade diante de Ev. Em seu íntimo, sabia que Adam não era covarde mas esse fato a deixava ainda mais desesperada e sem esperanças. Se um homem corajoso, que enfrenta os problemas de frente, não conseguira alterar a situação, nada poderia mudá-la!

O medo tornou a apertar seu coração e ela reviu o rosto de Adam, no

momento em que o chamara de covarde. Ofendera-o de modo imperdoável e esperava não tê-lo perdido para sempre. No entanto, também não se esqueceria jamais que fora preterida. Ele preferira uma outra mulher. Por que sempre era abandonada?

— Mas é claro que você vai! >— Russell declarou depois do jantar. — Um dos *paniols* poderá levá-la.

— Estou preocupada com a escola — Mari comentou, ainda indecisa. Tinha medo de encontrar Jane, ou a Sra. Foster, sem falar em Adam. — O reverendo Henry decidiu manter as aulas durante todo o verão para que as crianças se habituem e continuem a freqüentá-las no outono.

Tudo pode ser resolvido — insistiu Russell, impaciente. — Amanhã cedo, você mandará um bilhete aceitando o convite.

— Precisa ir, Mari — disse Agnes. — Stuart também vai e você terá uma chance de conhecê-lo melhor.

Mari desviou o rosto para esconder sua contrariedade. Ficou então a observar Seth, que brincava no chão com alguns blocos de madeira. O garotinho mantinha-se sempre tão quieto que todos esqueciam sua presença, a não ser quando chorava de medo. Nesse momento, reparou que Russell também observava o filho com expressão revoltada.

Então, Russell levantou-se abruptamente, chamando Ev ao escritório para cuidarem da contabilidade do dia. Ao contrário do sócio, sempre gentil, seu pai só se mostrava amável quando tinha algum interesse. Sem dúvida, ele estava ainda mais ríspido naquela noite e parecia bastante preocupado.

— Seu pai às vezes é um tanto rude — Agnes comentou, constrangida com a atitude do marido.

— Não se preocupe com isso — Mari confortou-a, irritada com o pai. Ele era insensível aos sentimentos dos outros e freqüentemente magoava Agnes.

— Mas a culpa é minha — a madrastra murmurou, quase em lágrimas.

— Que absurdo, Agnes! É claro que não tem culpa pelas atitudes de papai. Você não fez nada de errado!

— Mas eu fiz, Mari — ela respondeu com voz trêmula e os olhos rasos de água. — Contei a ele que não estava grávida.

— E você pensou que estivesse?

— Sim. Eu não devia ter me precipitado, mas fiquei tão feliz que não pude me conter! Não esperei para me certificar e depois descobri que era um alarme falso. O pobre Russell ficou tão desesperado.

— Oh, Agnes, eu sinto muito. Não sabia... Agnes não resistiu e caiu no choro.

— Mamãe! Mamãe! Você está doente? — Seth abraçou-a, apavorado.

— Mamãe está bem, meu filho.

Mais tranqüilo, ele voltou a brincar com os blocos e Agnes suspirou, ainda sorrindo com o rosto molhado de lágrimas.

— Eu devia ter dominado melhor as minhas emoções. Por favor, desculpe a minha falta de controle, Mari.

Abraçando a madrastra, Mari se identificou com o sofrimento dela. A pobre Agnes só podia estar chocada e magoada com as atitudes do homem que tanto amava.

— Você ficará grávida quando menos esperar, querida.

Nesse momento, Mari percebeu que escapara de um destino trágico. Apesar de terem se amado apenas uma vez, ela poderia estar carregando um filho de Adam. Chegara a desejar essa possibilidade, sem pensar nas possíveis conseqüências. Mas seu ciclo se iniciara e agora reconhecia que fora poupada de uma situação insustentável.

Algun tempo depois, ela saiu para a escuridão da varanda, ansiosa pelo isolamento. A lua crescente refletia sua luz prateada sobre o oceano. A noite estava mais escura que o normal, mas as estrelas brilhavam no céu como brilhantes puríssimos. Ficou admirando o firmamento durante um longo tempo, atenta aos ruídos noturnos. O suave murmúrio do vento atravessava a ilha e acariciava os vales e as montanhas vulcânicas, imersas nos mistérios do passado.

Já era quase madrugada quando Mari entrou em casa. Talvez conseguisse dormir uma ou duas horas antes de iniciar seu exaustivo dia de trabalho.

Mari partiu com o vaqueiro para Kailua-Kona e chegaram quando o sol se punha, colorindo o céu com faixas vermelhas e rosadas.

Kilia correu para recebê-la e Mari jogou-se nos braços da amiga, sempre tão efusiva. As duas caminharam sem pressa até a pequena casa de hóspedes que ficava perto da praia, no jardim da residência dos pais, trocando confidências.

— Nós vamos ficar aqui até setembro e então iremos para Honolulu — disse Kilia, explicando que o marido era um funcionário da corte e só ficava na ilha durante as férias de verão.

— Então você vai morar mais tempo em Honolulu? — perguntou Mari.

A amiga concordou e conduziu Mari para a sala de refeições onde fora servido um jantar frio.

— Eu já jantei. — Kilia indicou-lhe a cadeira com um gesto. — E Makini,

isto é, Martin, ainda está no palácio.

Mari lavou as mãos na pequena bacia com água morna e serviu-se de frios, queijo e algumas frutas. Enquanto comia, ficou ouvindo Kilia falar sobre a felicidade de seu casamento e sobre o projeto de logo ter o primeiro de muitos filhos.

Subitamente, a fome de Mari desapareceu. Lembrou-se da família que sonhara ter com Adam e sentiu que as lágrimas afluíam em seus olhos.

— O que há, Mari? — perguntou Kilia, preocupada. — Você está doente?

— Não... só estava pensando em algo — ela tentou disfarçar. — Mas prefiro não pensar...

— Em Adam, não é? — Kilia se aproximou, conflagrada. Incapaz de responder, Mari apenas a olhou, lutando para conter as lágrimas.

— Como você sabe? — murmurou finalmente.

— Eu percebi. Também estava apaixonada e reconheci em você os mesmos sintomas. — Ela afagou a mão que Mari repousara sobre a mesa. — Mas fique tranqüila, ninguém mais sabe.

Mari tinha tomado a resolução de não tocar no nome de Adam e nem pensar nele, mas acabou contando a história toda a Kilia. Quando terminou, a amiga olhou-a, pensativa.

— Tio Ev tem razão, Mari. Adam estava procurando resolver tudo da melhor maneira para todos, especialmente para a mãe. Então o rei anunciou o noivado, pegando-o de surpresa — disse Kilia, franzindo o cenho. — E apostado que Jane tem algo a ver com a rapidez do anúncio!

— Ela não é sua amiga? — Mari surpreendeu-se com a evidente censura de Kilia.

— Bem, nós nos conhecemos desde meninas. Frequentamos a mesma escola em Honolulu. — Após uma ligeira hesitação Kilia decidiu revelar seus verdadeiros sentimentos. — Nossos pais são muito amigos, mas eu nunca fui tão ligada a Jane.

Ela é mimada e egoísta demais, só pensa em si própria. Vivia discutindo com os pais porque eles queriam seu casamento com Adam e ela não. Então você apareceu e todos perceberam que ele estava muito interessado.

— Então ela sabe de tudo?

— Ela apenas desconfiou mas agora quer Adam, mesmo detestando a vida da fazenda. Jane seria uma péssima esposa para ele. — Kilia sacudiu a cabeça, desgostosa. — É uma garota fútil que só pensa nas festas de Honolulu. Seus amigos, também ricos e egoístas, só se preocupam com prazeres. Entretanto, casando-se com um Foster, ela passaria a ter a posição e

o poder que tanto deseja.

— Mas o rei...

— Continua preso às velhas tradições. — E como tomou uma resolução nesse assunto, sua vontade é irrevogável. — Kilia baixou a voz: — Martin me contou que Adam foi procurar o rei, mas saiu da audiência muito irritado.

Mari levantou-se da mesa, sem o menor apetite. Pelas janelas abertas, ouvia o fragor das ondas quebrando no muro de pedra no ritmo tão imutável quanto o próprio tempo. Por alguns instantes, pensou na fragilidade de seu amor por Adam diante das estúpidas restrições que as pessoas criavam para acabar com sua felicidade.

Quando Kilia subiu com ela até o quarto, conversando sobre o jantar e a festa do dia seguinte, sua atenção estava dividida. Apesar do esforço da amiga para distraí-la, continuava ouvindo o ruído das ondas e sabia que o mar continuaria a seguir as marés pela eternidade... por séculos depois que ela, Adam e todos os outros tivessem deixado de existir. Então... por que não podiam ser felizes agora? A vida era tão breve!

A festa de Kilia e Martin foi um grande sucesso e Mari se divertiu conversando com dois casais que estavam visitando a ilha, vindos de Honolulu. Stuart, com um terno branco que acentuava o rosto queimado e os dentes brancos, estava muito atraente, encantando a todos com histórias sobre seu tempo de estudante na costa leste americana.

Stuart não economizou elogios a Mari, admirando-a com olhos cheios de desejo. Ela, porém, só pensava em Adam, lembrando sua figura máscula e seu sorriso sensual.

— Posso vê-la amanhã? — Stuart perguntou quando se despediu.

Mari concordou, ainda em dúvida se tinha feito bem ao aceitar seu convite para um passeio na tarde seguinte. Mas depois de se deitar, convenceu-se que tomara a atitude correta. Stuart tinha sido muito amável durante a noite toda e talvez Agnes e o pai estivessem certos. Talvez ela não tivesse prestado a atenção devida no encantador californiano porque estava tão cegamente apaixonada por Adam que não enxergava mais ninguém no mundo.

Mais tranqüila, adormeceu e só acordou quando os pássaros cantaram perto da janela anunciando um novo dia. Depois de tomar o café da manhã com Kilia, voltou ao quarto para arrumar-se e escolheu o vestido branco que havia usado ao chegar ao Havaí, quando fora com o capitão Sloan até o porto... e vira Adam pela primeira vez.

Olhando sua imagem no espelho, Mari sorriu tristemente. Ela parecia

igual mas não era mais a mesma jovem ingênua e romântica. Apaixonara-se por um homem moreno e com a sedução perigosa de um corsário. E o perdera. Contendo as lágrimas, pegou a bolsa e correu para as escadas. Chegou ao vestibulo no momento em que Stuart subia a escada do terraço.

Depois de se despedirem de Kilia, eles caminharam até a praça da igreja Mokuaukua, no centro da cidade. Pela primeira vez, conversavam alegremente sobre fatos da infância de cada um. Deram uma volta para observar as vitrines das lojas e depois descansaram durante algum tempo em um banco da igreja vazia. Mais tarde, passearam pela praia em frente ao palácio onde fizeram um piquenique. Finalmente, sentaram-se à sombra das palmeiras para observar o movimento da cidade.

Stuart estava muito satisfeito porque conseguira controlar-se e enfim ganhara a confiança de Mari. Pretendia aproveitar aquela chance e afastar definitivamente a lembrança do maldito Foster! Não invejava Adam pelo noivado com Jane, apesar de antes ter chegado a pensar nela como um ótimo partido. Os pais da rica havaiana não o haviam considerado à altura da filha pela qual se interessara apenas porque através dela poderia reequilibrar sua fortuna abalada.

Conhecedor das mulheres, Stuart não se enganava a respeito de Jane. Ela era uma moça perigosa, capaz de se auto destruir e de acabar com quem que estivesse ligado a sua vida. Seria muito melhor casar-se com Marianne Webster!

Precisava de uma ajuda financeira, porque a plantação de cana não dera o lucro esperado. Então conversara com Jane, na festa do casamento de Kilia, e a informara sobre a intimidade crescente entre Mari e Adam. Suspeitava que ela tivesse influenciado a Sra. Foster a procurar o rei, após a partida do filho para a fazenda.

— Você disse a Martin que logo irá à Califórnia, não é? — Mari perguntou, tirando-o das divagações.

Ele sorriu, tentando não mostrar o quanto a pergunta o contrariava. Gostaria de não fazer aquela viagem, mas era importante para seu futuro. Precisava levantar algum dinheiro para manter o canavial até casar-se com Mari. Então ficaria livre para sempre de problemas financeiros. Sabia que Russell não deixaria de dar um dote considerável a sua única filha.

— Eu preciso ir — disse ele, por fim. — Mas é uma viagem de negócios e pretendo voltar imediatamente, no mesmo navio.

Mari não fez outras perguntas porque notou que ele estava ansioso. O que o obrigaria a fazer uma viagem tão longa para ficar apenas dois dias nos

Estados Unidos?

No caminho da volta, quando estavam passando pelo palácio, um homem desceu os degraus, tão preocupado que quase esbarrou neles. Ao erguer os olhos, Mari viu-se diante de Adam.

Durante alguns segundos, os três permaneceram imóveis e em silêncio. Mari sentiu que enrubescia sob o olhar de Adam. Tenso e alerta, ele desviou a atenção para Stuart que, por sua vez, adotou uma atitude possessiva e segurou-a pelo braço.

Adam encarou-o irritado, numa disputa silenciosa pela mesma mulher. Mas quando falou, sua voz soou muito tranqüila.

— Você está linda hoje, Mari — comentou Adam, voltando a admirá-la.
— Já não a vi antes com esse vestido?

Mari assentiu, tentando controlar a emoção. Então ele se lembrara do primeiro encontro nas docas, em Honolulu! Os olhos negros que a devoravam tinham um brilho saudoso, como se revisse aquele momento do passado.

Mas havia algo mais no olhar de Adam. Ciúmes por julgá-la interessada em Stuart? O rosto másculo estava sério e contraído demonstrando sua reprovação e seu profundo desapontamento.

— Meus parabéns — Stuart interrompeu o enlevo dos dois, procurando entrar no assunto que o interessava. — Ouvi dizer que ficou noivo de Jane. Já marcaram a data do casamento?

Suas palavras tiveram o efeito de um jato de água fria em Mari. Consciente de que Adam não mais lhe pertencia, baixou os olhos para disfarçar a angústia.

— Ainda não — Adam respondeu irado. — Portanto, não fique tão esperançoso, *haole*.

— Ei, espere... — Stuart começou a falar mas Adam, depois de cumprimentar Mari apenas com um gesto de cabeça, afastou-se deles.

Após alguns passos, Adam parou, lançando um último olhar a Mari. Desejava contar-lhe que tinha persuadido o rei a reconsiderar o pedido da mãe mas ele lhe pedira que não divulgasse o conteúdo de sua conversa durante alguns meses, fazendo-o prometer que continuaria a se comportar como noivo de Jane, em obediência às velhas tradições. A frustração e o medo de perder Mari quase o impediam de raciocinar, porém conseguiu controlar-se e manter a voz calma.

— Precisamos conversar, mas não agora. Muito em breve — murmurou e desapareceu na esquina sem esperar resposta.

Apesar de terrivelmente contrariada, Mari conseguiu aparentar calma até chegar à casa de Kilia. Ao se despedirem, Stuart prometeu que logo a visitaria na fazenda. Mari notou que ele demonstrara uma indisfarçável satisfação depois do encontro com Adam, no entanto estava tensa demais para se preocupar com esse assunto.

Mari sentiu um grande alívio quando o tempo passou e ela pôde finalmente tomar a charrete para retornar à fazenda. Quando chegou, estava tão cansada que só pensava em tomar um banho e deitar-se. Mas não conseguiu fazer isso.

Agnes correu desesperadamente ao seu encontro, assim que a viu.

— Ev teve um ataque do coração! — a madrastra avisou com lágrimas nos olhos. — Acho que está morrendo!

CAPÍTULO XIX

Mari passou a noite toda ao lado de Ev, esquecida do cansaço da viagem e dos problemas pessoais. Tentava animá-lo, murmurando que era muito amado por Kilia, por ela e por todos os Webster e repetindo em quanto precisavam dele na fazenda. Durante a longa vigília, ele estendeu-lhe a mão uma vez, mostrando que a ouvia e que estava lutando pela vida.

Depois de examiná-lo, o médico avisou que fora feito o possível e a morte ou a recuperação de Ev estavam nas mãos de Deus. Se o velho vaqueiro conseguisse enfrentar a crise daquela noite, poderia se salvar. Mari ofereceu-se para cuidar dele e mantinha-se atenta a sua respiração, procurando estimulá-lo a viver. Russell freqüentemente espiava da porta e ela admitiu que o pai temia pela vida do sócio e amigo.

Pela manhã, Ev estava com a respiração mais normal e abriu os olhos. Ao vê-la, sorriu debilmente e adormeceu. Felizmente, a crise havia passado! Deixando Agnes em seu lugar, Mari foi descansar um pouco. A exaustão levou-a a dormir toda a tarde, despertando quando já estavam preparando o jantar.

— Ev está bem melhor — Agnes informou quando ela entrou na cozinha pouco depois. — No momento, dorme como um anjo. Russell saiu um pouco para conversar com os vaqueiros que chegaram do campo e voltará na hora do jantar. Hoje vamos comer na cozinha..para poupar trabalho.

Kee estava ocupado no fogão e ela punha a mesa. Parou de repente, hesitando em falar.

— Ah, ia me esquecendo... — Ela lançou a Mari um olhar inquieto. — Adam esteve aqui mas não quis que a acordássemos. Ele queria falar com você, como tinha prometido, e quando soube da doença de Ev e de sua vigília ao lado do doente, avisou que voltará dentro de poucos dias. Disse que deseja esclarecer o desentendimento entre vocês.

Uma chaleira começou a silvar e, ao longe, ouviu-se o rumor surdo de um trovão. Através da janela, avistava-se o céu coberto de nuvens pesadas que se aproximavam das montanhas. Seth, que estava brincando no canto da cozinha, ergueu os olhos amedrontado, pressentindo a tempestade muito próxima.

Os *paniols* já haviam chegado do campo e, parados ao lado das

cavaliças, conversavam animadamente enquanto tratavam dos cavalos. Mari ouviu a voz do pai, acima das outras, pois já subia as escadas da varanda. Ao afastar-se da janela, Mari percebeu que a madrastra ainda esperava uma resposta sua.

— Mari — prosseguiu Agnes, perturbada com o silêncio da enteada. — Espero que não esteja alimentando esperanças friteis. Não se iluda pensando que Adam acabará encontrando algum modo de ficar livre para se casar com você.

Embora constrangida, Agnes sentia-se no dever de alertar a enteada sobre a impossibilidade de vencer as arraigadas superstições dos havaianos.

— Vivi nesta ilha a vida inteira, Mari. Conheço os costumes daqui e sei que Adam nunca se libertará. A não ser que repudie sua herança e renegue todas suas crenças.

— Mas ele é apenas meio havaiano, estudou fora e... — ela calou-se, vendo que o pai acabava de entrar.

Agnes também não insistiu no assunto para evitar que Russell tivesse mais uma preocupação, além da doença de Ev. Disfarçadamente, avisou a enteada que não comentaria a visita do vizinho. Mari concordou, aliviada por livrar-se de uma discussão com o pai.

A família estava mais silenciosa naquela noite. A preocupação com Ev, que ainda não se encontrava fora de perigo, afligia o coração de todos. Além disso, a tempestade elétrica que terminou com uma chuva violenta, era de afetar os nervos de qualquer um. Mari foi passar algum tempo ao lado de Ev e quando o pai chegou para substituí-la ao lado do amigo, trocaram algumas palavras no corredor.

— Papai, quero sair amanhã com os vaqueiros, no lugar de Ev.

— Você é uma boa filha. — Ele pousou a mão no ombro de Mari e sorriu.

— Ainda tenho esperanças de gerar um filho com metade de sua coragem e energia.

Aquelas palavras, que ouvia desde sua chegada, sempre causavam-lhe uma profunda depressão. O pai jamais mudaria! Por não ser homem, nunca seria incluída nos planos de Russell. Também não se encaixava nos planos de Adam, porque não era havaiana. Não existiria um lugar para ela em parte alguma?

Suspirando, voltou ao quarto de Ev para desejar-lhe boa noite. Para sua surpresa, encontrou-o acordado e forte o suficiente para sorrir quando ela curvou-se para beijá-lo.

— Eu voltarei mais tarde — sussurrou-lhe, também sorrindo.

— E eu a amo, minha menina. — Ele segurou sua mão. — Amo-a como se fosse minha própria filha. E agradeço a ajuda que tem nos dado na fazenda. Nenhum homem teria ajudado tanto.

As palavras finais foram ditas muito baixinho, com grande esforço e Russell, um pouco mais distante, não as ouviu. Em seguida, Ev fechou os olhos, exausto, pegando logo no sono.

Mari deixou Russell tomando conta do amigo e decidiu aproveitar para escrever a Kilia, contando-lhe sobre a doença de Ev. Precisava deixar a carta pronta, antes de partir para o campo.

Ela saiu com os *paniols* de madrugada, quando a névoa da manhã ainda se espalhava sobre os vales e montanhas, encobrindo o pico do Mauna Kea. Mari adorava o cheiro familiar do couro da sela e sentia prazer em ouvir o habitual tropel dos cavalos a caminho dos campos onde o gado Hereford, com seu pêlo ruivo, pastava tranqüilamente. Naquele dia os vaqueiros deviam laçar parte do gado e separá-lo em um grande curral de onde seriam levados ao embarque no porto. Cabia a Mari a tarefa de contar o número de cabeças e ajudar os homens a evitarem um desastroso estouro da boiada.

A manhã passou lentamente. Quando os homens pararam o trabalho para o descanso do almoço, Mari cavalgou até um rochedo para ficar sozinha. Os dias continuavam quentes, mas a brisa fresca e algumas rajadas mais fortes já anunciavam a mudança de estação. Ela lembrou-se que logo estariam em setembro e, apesar do outono não causar grandes mudanças no clima, haveria chuvas freqüentes.

Mari amarrou o cavalo e sentou-se à sombra de uma árvore para comer os biscoitos que trouxera para seu almoço. Então, encostando a cabeça no tronco rugoso, fechou os olhos para descansar, pensando em tudo que acontecera, desde sua chegada às ilhas, e nas incertezas de seu futuro.

Nunca seria a herdeira da fazenda, nem mesmo do menor pedaço de terra. Embora a aceitassem e talvez até a amassem, o pai e Agnes esperavam que ela partisse depois do casamento. Provavelmente imaginavam que ela se casaria logo, no máximo dentro de um ano. E eles aprovavam um namoro com Stuart.

Mari suspirou, desanimada. Todos só pensavam sobre o dia em que ela deixaria de ser uma carga, uma obrigação penosa. A única pessoa que realmente a amara tinha sido a mãe, que morrera antes de poder criá-la.

E se ela nunca se casasse? Teria de partir da fazenda. Para onde iria, não tinha a menor idéia. Como viveria? Em sua ingenuidade, acreditara que sua vida seria muito diferente quando reencontrasse o pai; agora reconhecia seu

engano.

Com um sorriso triste, voltou a olhar o Mauna Kea e seu irmão, o Mauna Loa. A cruel Pele que vivia entre os picos cobertos de neblina decididamente não gostava de *haoles* e os considerava intrusos em sua terra. A deusa a desaprovava e por isso Adam não poderia se casar com ela. A cólera divina seria uma maldição que iria pairar sempre sobre a família Webster?

A única resposta foi o silêncio a sua volta.

Mari voltou para junto dos *paniols* e o trabalho da tarde foi igual ao da manhã. Ao voltarem, ela tomou um banho rápido e, depois do jantar, foi fazer companhia a Ev. O velho vaqueiro já estava bem melhor e ansioso por ouvir tudo o que acontecera durante a jornada no campo.

Os dias se repetiam, exaustivos e sem novidades. Ao fim de uma semana, Ev estava com aparência muito melhor e a caminho da cura. No entanto, se passariam meses até que ele pudesse reassumir suas funções em campo aberto.

Adam tinha vindo por duas vezes à fazenda, sempre quando Mari estava nos campos. Ficara nitidamente aborrecido ao saber que ela voltara a trabalhar com os vaqueiros e que ia continuar até Ev se recuperar.

— Ele disse que você não deve se misturar aos *paniols* — comentou Agnes, após a segunda visita de Adam. — Insistiu que todos estão fazendo comentários desagradáveis porque você passa o dia todo entre os vaqueiros e... eu concordo com ele, Mari. Uma moça fina não pode se comportar dessa forma. Até papai se aborrece com o fato de uma das suas professoras usar calça comprida e fazer o trabalho de um homem.

Mari surpreendeu-se quando soube que o reverendo Henry tinha visitado Ev e se encontrara por acaso com Adam. Ela e Agnes estavam sozinhas na sala porque Seth já tinha ido dormir, Ev também e o pai estava no escritório. Assim, tinham mais liberdade para conversarem.

— Seu pai não quer mais que eu seja professora? — Mari perguntou, temendo ter de abandonar o convívio das crianças.

— Oh, não. Ele compreende que você precisa ajudar Russell, até encontrarmos alguém para ficar no lugar de Ev. Mas espera que seu pai contrate logo um ajudante. — Agnes hesitou antes de prosseguir: — Você não pode perder seu bom nome, Mari. Seria terrível se um homem... como Stuart, por exemplo, deixasse de namorá-la porque sua reputação foi destruída pelos mexericos da sociedade.

Mari ficou furiosa mas conseguiu controlar-se antes de responder. Sabia que Agnes estava apenas tentando ajudar mas o maldito Adam não tinha o

direito de interferir em sua vida! Se estivesse presente em alguma de suas visitas teria lhe dito pessoalmente tudo o que pensava, sem perder tempo em rodeios ou em escolher palavras educadas!

Adam pertencia a Jane! E ousava criticá-la como se a situação não tivesse mudado? O que ele esperava? Que o aguardasse sem saber por quanto tempo, com a vaga esperança de que, algum dia, a situação se resolvesse?

À medida que o tempo passava, Mari reconhecia a inutilidade de lutar contra as tradições. Continuava profundamente amargurada e só lhe restara uma saída: manter-se ocupada com o trabalho e com as crianças, rezando para que o tempo abrandasse a dor de amar um homem sem forças para lutar por ela e por seu amor.

— Eu compreendo o problema mas vejo nenhum modo de evitar esses mexericos. — Ela se levantou, farta de escutar conselhos. — Acho mais importante ajudar Ev do que me preocupar com a opinião alheia. E de qualquer forma, eu nunca pude me igualar a Jane, não é verdade?

— É Stuart!

Alegre, Agnes apontou o cavaleiro se aproximando da casa. Mari acabava de sair do quarto de Ev, que aproveitava para dormir depois do almoço. Era domingo mas ninguém tinha ido à Igreja. Da cozinha chegava o aroma apetitoso do jantar que Kee preparava, com pratos especiais. Stuart chegava a tempo de saboreá-los.

Russell e Seth foram encontrá-lo, enquanto Agnes e Mari esperavam na varanda onde todos haviam se reunido para tomar um refresco, no final da tarde.

Quando os homens se aproximaram, Mari notou o bronzeado de Stuart, o terno claro que moldava com elegância o corpo esbelto, e sua simpatia ao cumprimentá-las. Ele era, sem dúvida, um homem muito atraente!

— Ouvi dizer que tem andado muito ocupada, Mari — brincou Stuart, encantado com a beleza daquela jovem arredia.

Enquanto Russell explicava o que tinha acontecido com Ev, Mari foi até o quarto para ver como o amigo estava passando. Ao retornar, encontrou os dois homens discutindo negócios. Falaram da fazenda, do canavial e voltaram a discutir a possibilidade de plantar cana nas terras dos Webster. Agora ela via Stuart com outros olhos, compreendendo a boa impressão causada em Agnes e em seu pai.

No entanto, ela ainda pressentia algo vagamente suspeito que a impedia de confiar em Stuart. Tentou convencer-se de que se tratava de uma desconfiança absurda e procurou ser gentil durante o jantar.

— Eu preciso ir à Califórnia — anunciou Stuart, depois que todos foram para a sala, tomar café. — Não posso mais adiar essa viagem e devo embarcar logo.

— Você vai deixar as ilhas? — perguntou Russell, surpreso.

— Não, de modo algum. — Stuart deu uma risada alegre. — Preciso apenas resolver um assunto financeiro para poder me estabelecer definitivamente aqui.

— E vai ficar fora muito tempo?

— Pretendo voltar no mesmo navio pois não levarei mais do que uns dois dias para resolver tudo. Não quero perder tempo, a minha vida agora é nas ilhas.

Enquanto falava, ele encarou Mari com um olhar tão transparente que a deixou constrangida. Agnes e Russell se entreolharam satisfeitos, mas ela sentiu-se à beira do pânico. Tentou encontrar uma desculpa para se ausentar. Temia que Stuart declarasse seus sentimentos porque ainda não estava preparada para essa situação.

Mas ele a surpreendeu novamente ao pedir a Russell que lhes desse licença para passearem no jardim alegando a necessidade de discutir um assunto pessoal. O pai concordou de imediato e Agnes sorriu. Mari não teve escolha e foi obrigada a acompanhá-lo. Subitamente, teve uma estranha certeza de que Stuart havia preparado a cena toda!

Apesar da aparente amabilidade de Stuart, Mari sentia-se pouco à vontade. Não pretendia aceitar nenhum compromisso e nem mesmo dar-lhe uma resposta esperançosa a respeito do futuro

— Eu ficarei ausente por algumas semanas — disse Stuart ao chegarem ao limite extremo do jardim. — Mas pretendo me estabelecer aqui, quando retornar, e o canavial será minha residência permanente.

Apesar de aparentar calma, Mari reparou que uma veia pulsava furiosamente na têmpora de Stuart.

— Quero me casar, ter uma família e cuidar de meus negócios — prosseguiu ele, cautelosamente.

Mari compreendia o desejo de Stuart em se unir a uma mulher amorosa e iniciar uma família naquela ilha paradisíaca. Também sentia esses mesmos anseios e, embora sabendo que jamais o aceitaria como marido, compreendia sua solidão.

Stuart notou que ela mudara de expressão e alegrou-se ao receber um olhar de simpatia. Por sorte, prestara atenção nos comentários de Russell sobre os motivos que haviam levado Mari ao Havaí e agora sabia quais eram

os pontos fracos dessa jovem tão difícil de seduzir.

— Ainda não posso pedir sua mão, Mari. Só tomarei essa atitude na volta, quando tiver certeza de que meu futuro financeiro está assegurado. — Aproximando-se mais, ele prosseguiu: — SÓ então farei a pergunta mais importante de minha vida e espero ouvir seu sim como resposta.

Antes de Mari se recuperar do susto causado pela declaração de Stuart, ele a tomou nos braços, beijando-a com avidez.

Ela lutava para soltar-se de seus braços, mas não tinha forças para afastar os braços que a prendiam em um círculo de ferro. Os lábios de Stuart se apossavam dos seus com uma intimidade que a repugnava. Enquanto tentava se libertar, percebeu que alguém se aproximava, a cavalo.

O cavaleiro parou abruptamente quando os viu. Controlou o animal apenas por instinto porque não afastava os olhos dos dois.

— Adam! — ela murmurou quando conseguiu afastar o rosto. — É Adam!

Virando a cabeça, Stuart olhou para o homem a cavalo e depois viu a expressão chocada de Mari.

— Que tal darmos a ele um belo espetáculo? — disse em tom provocador.

Horrorizada demais para falar, Mari lutou para desvencilhar-se, mas não tinha forças para competir com Stuart. Ele estreitou-a novamente nos braços e tornou a beijá-la com ímpeto. Quando finalmente a soltou, Adam tinha desaparecido.

— Você fez de propósito! — exclamou Mari, enfurecida. — Agora ele vai pensar...

— Que você estava vibrando com o meu beijo — Stuart completou suas palavras. — Que desejava ser beijada...

— Mas não é verdade. Eu não queria!

— Eu queria, minha querida Mari — declarou ele, calmamente. — E não tenho culpa se Foster chegou no momento errado. Não planejei nada, não sabia que ele ia aparecer.

Mari saiu correndo pela estrada, mas só encontrou uma nuvem de poeira no ar, obscurecendo sua visão. Adam tinha vindo conversar, como prometera, e algo em seu íntimo a avisava que ele não mais voltaria.

Stuart a alcançou, antes de ela chegar em casa, mas Mari passou pela sala sem falar com ninguém. Encaminhou-se diretamente ao quarto de Ev, onde se sentia mais segura. Ao cruzar o corredor, ouviu Stuart explicar ao pai e a Agnes que ela ia pensar seriamente sobre um compromisso definitivo

durante a sua ausência e que voltariam a conversar quando ele chegasse da Califórnia.

Mari entrou no quarto, fechando a porta com todo cuidado para não acordar o amigo. Ainda ouvia as amabilidades do pai com o homem que a forçara a se submeter a um beijo ofensivo, que enganava a todos com uma falsa aparência gentil e que dera a Adam uma impressão inteiramente equivocada.

Ela permaneceu no escuro do quarto de Ev, abalada demais até para chorar. Talvez, por culpa de um destino cruel, nunca viesse a ser a esposa de Adam. Mas preferia viver solitária a se contentar com uma segunda escolha. Jamais se casaria com um homem que não amasse!

CAPÍTULO XX

Setembro chegou, trazendo dias mais frescos. Pela manhã, a névoa cobria as montanhas e os planaltos com uma fina camada de prata. À medida que entrava o outono, freqüentes pancadas de chuva mantinham a umidade da terra.

Mari tentara aproximar-se de Adam muitas vezes durante as últimas semanas, ansiosa por explicar a ele que não tinha qualquer interesse em Stuart. No entanto, ele sempre encontrava um modo de evitá-la e, ofendida em seu orgulho, profundamente magoada, Mari desistiu de procurar encontrá-lo.

Repetia a si mesma que Adam continuava noivo de Jane e não estava em posição de criticá-la por estar buscando a companhia de Stuart.

A ilha estava estranhamente silenciosa na manhã em que Mari resolveu dar um passeio a cavalo sozinha. A sensação de paz era profunda e ela admitiu que os dias de trabalho tinham lhe feito muito bem. Finalmente conseguia analisar os sentimentos que nutria por Adam com maior lucidez.

Russell não mentira ao afirmar que Adam jamais iria contrariar os desejos da família. No início, aquela verdade havia dilacerado seu coração. Com o passar do tempo, começou a encarar a vida de um modo mais duro e a prosseguir, erguendo o queixo e disfarçando para que ninguém percebesse sua dor. Não havia outra escolha!

Mas quando se lembrava dos momentos em que estivera nos braços dele, quando se beijaram com paixão, ainda perdia o controle sobre suas emoções e... sobre a cólera. Como Adam ousara possuí-la, prometendo um futuro de amor e felicidade enquanto permitia que a mãe falasse ao rei sobre seu noivado com Jane?

Ainda seria necessário esperar muito até se esquecer completamente de Adam. Naquele manhã, ela vira um grupo de vaqueiros da fazenda Foster e mudara seu caminho para não encontrá-los. Precisava evitar um encontro com Adam porque não sabia qual seria sua própria reação.

Ao alcançar as planícies vulcânicas, Mari parou o cavalo à beira de um barranco e olhou melhor a terra ao seu redor. Os vaqueiros estavam ocupados reunindo o gado recuperado na semana anterior e ela se dirigira às áreas cobertas de lava para descobrir se ainda havia algumas cabeças

perdidas desde o grande terremoto. Várias vacas tinham sido avistadas com bezerros e Russell queria reuni-las ao rebanho. Enquanto observava a terra árida, notou que algo se movia entre as árvores retorcidas e as pedras.

Ela aprumou-se na sela, sentindo a pressão do rifle ao encontro de sua perna. O pai insistira em lhe dar a arma e a ensinara a usá-la, temendo o encontro com algum touro bravio ou com as matilhas de cães selvagens que atacavam o gado nas áreas mais distantes.

O sol já se erguera no céu e o calor aumentava. Mari baixou a aba na testa e incitou o cavalo a avançar em trote rápido pelo declive onde acreditara ter avistado um novilho. Ao aproximar-se, ela viu a vaca com o bezerro e estranhou que eles não se mexessem.

Infelizmente, Mari só compreendeu tarde demais o motivo da estranha imobilidade. Os dois animais estavam cercados por uma matilha de cães selvagens que, surgindo de trás da capoeira, começavam a rodear seu cavalo.

Ela estremeceu de pavor. O cavalo, nervoso, sacudia a cabeça e procurava se desviar. Mari procurou conservar a calma a fim de encontrar um modo de escapar daqueles cães que mais pareciam lobos ferozes. Por um momento, pensou em disparar com o cavalo e fugir, mas olhou para trás e viu que sua retirada fora cortada e a tentativa de vencê-los através da velocidade apenas precipitaria o ataque.

A vaca e o novilho estavam encostados a uma parede de pedra e Mari concluiu que era a melhor posição para se defender. Vagarosamente, levou o cavalo para junto dos outros dois animais, sem afastar os olhos dos cachorros. Então notou um enorme cão branco que devia ser o líder da matilha pois todos o seguiam.

Segurando a rédea com uma das mãos, Mari tirou rapidamente o rifle do coldre com a outra. Como tinha apenas duas balas no tambor, ela pegou mais balas no bolso da sela e guardou no bolso. Nunca tinha pensado que algum dia fosse usar aquela arma maldita!

Apesar de apavorada, Mari ainda conseguia raciocinar. Retirando os pés dos estribos, depositou a arma sobre a parede de pedras e depois saltou, equilibrando-se com dificuldade. Quando recuperou a firmeza, atirou no cachorro branco que estava prestes a saltar sobre o novilho.

O tiro desencadeou um pesadelo infernal. Os latidos eram ensurdecadores, o cavalo corcoveou e a vaca começou a andar em círculos em volta do bezerro para protegê-lo. Dois cães saltaram no muro, mas não conseguiram subir. Então Mari puxou o gatilho novamente e atingiu o cachorro branco.

O animal caiu e o latido se transformou em uivos de dor enquanto o pêlo empoeirado se cobria de sangue. Ela atirou novamente e a bala feriu o cachorro que tentava abocanhar as patas do cavalo. Depois, rapidamente, pegou mais duas balas no bolso e enfiou na câmara da arma. Suas mãos tremiam e a bala ricocheteou numa pedra, atingindo um pé de cacto. Tornou a carregar o rifle e dessa vez disparou a esmo mas feriu o cão que tentava subir na parede de pedra.

Mari estava atordoada com tanto barulho e não sabia o que ia fazer quando as balas acabassem. Sentia um terror crescente enquanto tornava a carregar a arma com mais duas preciosas balas. Perdera o chapéu e sentia o corpo molhado de suor. Rezava para os cães desistirem do ataque e fugirem, mas ficou ainda mais apavorada quando um dos maiores derrubou o novilho. A mão tremia quando fez a mira e conseguiu ferir o animal que fugiu para dentro da capoeira.

Quando enfiou a mão no bolso, Mari entrou em pânico. Restavam apenas quatro balas e teria de reservá-las para defender sua própria vida. Era apenas uma questão de tempo, porque os cachorros acabariam conseguindo alcançá-la no alto das pedras. Com esforço, tirou a jaqueta de couro para usá-la como um chicote, seu último recurso para quando a munição acabasse.

Nesse momento, o cavalo disparou para a capoeira, procurando escapar da matilha e Mari, desnorreada pelo pânico, não percebeu que vários cães tinham caído ao chão, feridos, nem que os ruídos ensurdecedores eram os estampidos de outros rifles. Então, ela viu que os cachorros fugiam e soube que a ajuda chegara.

Mari deitou-se sobre as pedras, sem forças para se manter em pé. O primeiro cavaleiro que reconheceu foi o pai, seguido por um bando de *paniolas*. Depois ouviu outro tropel e viu um grupo de vaqueiros da fazenda Foster, liderados por Adam.

Os homens se chocaram com a cena que encontraram. A vaca estava com uma pata sangrando, o bezerro continuava caído no chão e Mari permanecia imóvel sobre a parede de pedras, com uma expressão de profundo pavor.

Russell, com expressão grave e sem dizer uma palavra, chegou com o cavalo até Mari, ajudando-a a descer. Ela sentiu que as pernas tremiam, mas forçou-se a ficar em pé. Contudo, sentia ondas de tontura e, de um momento para o outro, quase não via nada e os sons ficavam muito distantes.

— O novilho está muito mal — disse um dos homens e as palavras chegavam de longe. — É melhor acabar logo com ele para não sofrer.

— Não! Não! — Mari gritou. — Eu cuido dele. Por favor, não atirem, não

o matem depois de termos lutado tanto...

Todos a olharam como se ela tivesse perdido o juízo, mas Mari não desistia de salvar a vida do bezerrinho.

— Meu Deus! — Adam correu para junto dela e fitou Russell com uma expressão de fúria. — Agora está satisfeito, Webster? A sua filha podia ter morrido! E por quê? Porque você está mais interessado em se aproveitar da ajuda dela do que em aconselhá-la a não se matar fazendo o trabalho de um vaqueiro!

Mari via apenas uma mancha negra diante dos olhos mas não podia tolerar a acusação de Adam que não tinha direito algum de criticá-la. Ele não a queria como esposa, desejava-a apenas para fazer amor, não para se casar. Reunindo as forças que restavam, ela o afastou.

— Você não tem esse direito, Adam Foster — disse com voz fraca. — Não tem o direito de me condenar, ou de condenar meu pai.

Ela ainda tinha muito a dizer mas a mancha negra foi crescendo e encobriu totalmente a visão. Ela ouvia as próprias palavras como se soassem muito longe. Subitamente, não sabia mais se estava falando ou apenas pensando.

— Eu não sou sua *wahine*... porque você nunca me amou realmente. Eu amei você e...

E então Mari desmaiou pela primeira vez na vida.

Quando ela recobrou a consciência e abriu os olhos, viu os olhares consternados dos homens à volta. Adam e Russell estavam ajoelhados, um de cada lado. Ao lutar para sentar-se, percebeu que alguém a carregara porque estava mais afastada das pedras.

Então, lembrando-se do que estava pensando antes de desmaiar, Mari enrubesceu. Teria falado em voz alta? A sua mente continuava confusa mas as forças começavam a voltar. Notou que Adam e o pai não disfarçavam seu alívio.

— Está ferida? — Adam perguntou baixinho, procurando evitar que ela se movimentasse.

Mari sacudiu a cabeça, um pouco constrangida. Não conseguia acreditar que tivesse desmaiado como as mulheres frágeis que sempre desprezara. Enfrentara os cães furiosos apesar do pavor e, depois, na presença dos homens, demonstrara uma fraqueza ridícula, desmaiando de susto!

— Agora estou bem — disse com voz sumida.

— Vou mandar um dos homens buscar a minha carroça — Adam declarou com autoridade e fez um sinal a um dos *paniols*. — Não está longe

daqui e pode levar Mari de volta.

— Boa idéia — Russell concordou, levantando-se.

— Não! — ela exclamou, com raiva de Adam. — Já disse que agora estou bem.

Para provar que dizia a verdade, levantou-se sozinha e avistou o *paniolo* que já se distanciava.

— Você disse que queria salvar o bezerro, portanto precisa de uma carroça. — Adam a olhava fixamente como se quisesse lhe transmitir uma mensagem que não podia ser dita em voz alta.

— Mas...

— E já que seu cavalo deve estar perto de casa, você pode ir com o bezerro na carroça — disse Russell, mostrando que daquela vez concordava com Adam.

A carroça chegou rapidamente e, embora não demonstrasse, Mari sentiu-se profundamente aliviada porque ainda estava com tonturas. Os vaqueiros seguiam a carroça a uma certa distância e quando Mari olhou para trás viu que Adam conversava seriamente com Russell. Provavelmente estavam falando sobre ela!

Só ficou tranqüila quando Adam tocou a aba do chapéu num gesto de despedida e voltou ao trabalho acompanhado por seus homens. Russell fez o mesmo depois de repetir que ela devia descansar quando chegasse em casa.

Mari seguiu em silêncio até a fazenda e, quando desceu da carroça, sentindo-se suja e empoeirada, lembrou-se, inexplicavelmente, de Stuart Morgan.

Já não sentia mais raiva dele pois, antes de embarcar, Stuart viera à fazenda para pedir-lhe perdão pela liberdade que havia tomado. Parecia tão sincero que Mari aceitou as desculpas, aliviada com sua partida. A medida que o tempo passava e diminuía a esperança de um casamento com Adam, ela começava a cogitar a possibilidade de escolher um outro marido.

Não imediatamente mas, no futuro, recomeçaria a vida porque ainda desejava ter uma família grande num lugar onde pudesse criar raízes, como sempre sonhara.

— Vou diminuir suas horas de trabalho no campo, Mari — declarou Russell quando se encontrou com a filha, pela manhã, na cavalaria.

— Por quê? — ela protestou, apesar da expressão resoluta do pai. — Eu ainda não está bem e não pode agüentar o dia todo numa sela. Talvez nunca mais consiga.

— O trabalho é muito perigoso para você e decidi contratar um homem

para esse serviço — ele declarou, surpreendendo-a com a mudança da atitude.

Então, Russell se preocupava com ela? Mari tinha sérias dúvidas a esse respeito, porém não pretendia descobrir naquele momento. Agora precisava defender sua liberdade de sair para o campo com os *paniolos* pois detestava serviços domésticos.

— Nada mudou desde a época em que cheguei à ilha e comecei a trabalhar no campo — argumentou.

— Mudou, sim! — exclamou Russell. — Primeiro você nos deu aquele susto, na noite da erupção. Depois houve o incidente com o touro bravio, e agora foram os cães selvagens. Nas três vezes você poderia ter morrido.

— Mas os vaqueiros enfrentam esses mesmos perigos todos os dias. É...

— É um trabalho para homens — ele completou.

— O senhor fala como Adam! — Mari acusou-o, frustrada e furiosa, pensando na conversa dos dois depois do ataque dos cães.

— Você ainda pode ficar junto da cerca, contando os animais. Também pode fazer tarefas que não envolvam tanto perigo. Além disso, continuará ocupada com suas aulas, Mari.

Compreendendo que não adiantava discutir, Mari ficou na varanda vendo os homens partirem.

À tarde, ela daria sua aula semanal e só sentiria a mudança no dia seguinte. Quando entrou na cozinha para tomar um café com biscoitos, encontrou Ev terminando a refeição matinal, com ótimo aspecto. Estava passando muito bem, mas ainda precisava ter cuidado com a saúde.

— Hoje vai trabalhar no escritório? — ela perguntou num tom animado para não aborrecê-lo com seus próprios problemas.

— Porei tudo em dia com umas duas horas de trabalho. A contabilidade sempre exige muita atenção.

— Talvez eu possa ajudar.

Mari adorava as longas conversas a respeito de todos os assuntos da fazenda, quando aprendia em horas o que Ev tinha levado a vida toda para descobrir. Apreciava, em especial, os planos para o futuro e achava que seu pai ganharia muito se conversasse mais com o sócio. Ev tinha explicado detalhadamente todo o plano para separar o gado a fim de apurar a raça, o projeto de controle de insetos nos pastos e um modo mais eficiente de engordar o gado antes de embarcá-lo para o mercado.

— Recebi outra carta de Kilia — Ev informou com um sorriso feliz, sentando-se ao lado de Mari. — É uma sobrinha amorosa que vive

preocupada com o velho tio.

— Ela já foi para Honolulu? — Mari sabia que o casal costumava passar o inverno na capital, embora Kilia pretendesse voltar ocasionalmente à Kona para visitar Ev.

— Kilia está em Honolulu há uma semana. Ela conta que Stuart voltou da Califórnia e tem freqüentado as mesmas festas que Jane.

Mari ergueu os olhos da xícara, surpresa com a notícia. Certamente todos os homens eram imprevisíveis! Não pôde evitar o ciúme. Imaginara que ele iria vê-la tão logo desembarcasse.

Compreendia que Ev não tivera intenção de magoá-la, dando-lhe aquela notícia. Mas como amigo, queria preveni-la contra novos sofrimentos.

— Aqueles dois deviam se casar — ele comentou secamente. — Formariam um belo par, são farinha do mesmo saco.

Mari arregalou os olhos, admirada com a franqueza de Ev. Quando tentou esclarecer esse assunto que a interessava muito, ele desviou o rumo da conversa.

— Você já ouviu falar na reunião de fazendeiros que acontecerá no próximo domingo?

— Sim, papai avisou Agnes que pretende comparecer.

— E eu também. Já posso andar de charrete e quero ir a essa reunião. Gostaria que fosse comigo, Mari.

— Eu? Na reunião dos fazendeiros?

— Exatamente. Você entende dos problemas da terra tão bem quanto nós. Quero que nos represente diante dos outros proprietários.

— Imagine! o que papai irá dizer?

— Nada — Ev ergueu a mão para impedir qualquer protesto. — Afinal, sou dono da metade desta propriedade e tenho o direito de impor minha vontade. E eu quero que você vá comigo.

— Eu... eu adoraria! — Mari exclamou animada, apesar de temerosa.

Conversaram mais alguns minutos sobre o assunto mas Mari teve de sair rapidamente para não chegar atrasada à escola. Ev permaneceu na varanda enquanto ela ia pegar o cavalo, com os olhos brilhando de alegria e animada como não a via há muitos dias.

Serviu-se de mais uma xícara de café. Estava prestes a surpreender todos e já se divertia por antecipação!

Mari entrou no armazém principal de Waimea, acompanhada por Ev e pelo pai. Os fazendeiros estavam reunidos na ampla sala enfumaçada e, como era de se prever, ela chamou a atenção de todos. Escolhera um vestido severo

mas que acentuava sua silhueta esguia e prendera os cabelos num coque gracioso, realçando as ondas naturais. Sabia que Adam também compareceria à reunião e queria fasciná-lo com sua beleza.

Havia poucas esposas presentes e a maioria dos olhares a seguiu até o banco no fundo da sala. Mari sentou-se entre Ev e o pai, procurando não olhar para Adam que estava encostado à parede da esquerda.

Mas bastara um único olhar para sentir o magnetismo dele, para sentir-se afetada por sua masculinidade quase agressiva. A camisa branca acentuava o tom dourado da pele e as roupas informais revelavam seu corpo musculoso e de proporções perfeitas.

Seus olhares se encontraram por uma fração de segundo e Adam inclinou a cabeça em silenciosa saudação. Enfurecida, Mari admitiu que ele percebera seu interesse!

Desconcertada, ela desviou os olhos, fingindo não ter visto o cumprimento. Como sempre, Adam demonstrava uma autoconfiança que a exasperava. Por que sempre se sentia tão descontrolada diante desse homem? Ele era um corsário! Um pagão!

E quantas vezes essa mesma reação de revolta a jogara nos braços dele? Com toda sua determinação, Mari procurou concentrar-se na reunião que se iniciava.

O assunto principal do encontro era o direito ao uso da água. O segundo em importância se referia à construção de cercas em terras utilizadas por todos, mas que na maioria dos casos pertenciam aos Foster. Adam foi generoso nas concessões que beneficiariam a toda comunidade mas não concordava com as cercas porque impediriam o acesso à água para muitos de seus próprios rebanhos. Aparentemente ele era respeitado por todos porque sempre mantinha a palavra.

Infelizmente, não a mantivera com Mari! Ele tinha fama de nunca recuar na última hora, mesmo quando se envolvia em problemas sem grande importância. Então por que a desertara sem luta? Ainda não conseguia aceitar que um homem tão corajoso para enfrentar qualquer desafio fosse capaz de se curvar, respeitando convenções sociais ultrapassadas.

Mari só se consolava ao pensar que, pelo menos, ele nunca visitava Jane. Ainda estaria tentando, discretamente e em segredo, resolver a situação que os mantinha separados?

Suspirando, afastou aquela esperança vã. Não devia se iludir ou se magoaria muito mais!

Uma discussão acalorada tirou Mari de suas divagações.

Como estavam sentados no fundo do salão, eles foram os últimos a usar da palavra. Russell terminara de falar, demonstrando a necessidade de cercar a área selvagem montanhosa onde ele, e muitos outros, perdiam anualmente uma grande quantidade de cabeças de gado, além de relembrar a todos que cada animal perdido representava um grande prejuízo. Quando ele sentou-se, houve um murmúrio geral de aprovação.

Depois foi a vez de Ev usar a palavra, mas ele desculpou-se, explicando que estivera doente e ainda não se sentia com forças para enfrentar uma discussão. Para surpresa geral, anunciou que Mari falaria em seu lugar.

Durante longos segundos, ela permaneceu imóvel, paralisada de medo diante da atenção dos participantes da reunião que esperavam por sua fala. Entretanto, ao admitir que não lhe restava outra saída a não ser enfrentar o desafio, esforçou-se para recuperar a calma e expor suas idéias com clareza.

— Basta repetir o que nós dois temos discutido nas últimas semanas — Ev murmurou.

Ela levantou-se para falar, virando o rosto para não encontrar o olhar de Adam.

Aos poucos, Mari entusiasmou-se com o assunto e, depois de repetir os argumentos do pai, aprofundou-se mais no assunto. Mencionou que a cerca poderia manter os touros selvagens afastados das casas e das crianças, o que despertou murmúrios de aprovação na audiência. Depois lembrou que também ajudariam a controlar a formação de raças mais apuradas, pois os grupos melhores seriam separados. Finalmente Mari sentou-se, embaraçada com os aplausos. Teria ido longe demais? Talvez os homens se ressentissem por uma mulher intrometer-se em “seus assuntos”...

Mas quando a reunião terminou, todos a elogiaram pessoalmente. Ev não escondia sua satisfação e até Russell, que a princípio desaprovava a decisão do sócio em levar Mari à reunião, sorria ao receber os cumprimentos pela filha. Só Adam permaneceu distante, embora com um sorriso nos lábios. Não parecia preocupado por Mari ter discordado dele e influenciado os demais fazendeiros a mudar de opinião.

Aquela mulher, bela, leal e corajosa, era o que ele mais desejava no mundo.

O sorriso morreu em seus lábios diante da possibilidade de perdê-la. Precisava resolver a situação absurda que os mantinha distante. E, para tanto, estava disposto a desafiar o próprio rei! Chegara a hora de entrar em ação. Tinha sido paciente demais.

CAPÍTULO XXI

A carta de Stuart chegou em um barco que viera de Honolulu e Russell entregou-a a Mari na hora do jantar. O pai e Agnes não disfarçavam a ansiedade e ela foi obrigada a abri-la imediatamente. Sentira um desagradável pressentimento ao recebê-la e a leitura confirmou seu medo.

— Quando ele volta? — Agnes perguntou, enquanto servia o jantar.

— Ele estará aqui no fim de semana.

— Foi só o que ele disse? — o pai a olhava atentamente. Ela guardou a carta no envelope, conservando os olhos baixos para fugir dos olhares curiosos.

— É claro que não. Ele comentou as festas que tem freqüentado em Honolulu e...

— Ele voltou a falar em casamento?

— Você sabe sobre isso? — Mari olhou o pai, perplexa.

— Stuart conversou comigo antes da partida — explicou Russell. — Contou seus planos e disse que tinha aplicado todos os seus recursos na plantação porque decidira se estabelecer na ilha. Comentou também que queria se casar.

— Ele a pediu em casamento, querida? — Agnes não conteve a curiosidade.

Mari deu de ombros e olhou pela janela, fixando o olhar nos grandes pingos de chuva que escorriam pela vidraça, parecendo lágrimas. Ela mesma estava a ponto de chorar, confusa e apreensiva.

— Ele pediu, Mari? — Agnes insistiu, sem notar a perturbação da enteada. — Ah, se ele pediu você é uma moça de sorte! Stuart é um homem tão fino...

— Sim, ele tocou nesse assunto. — Muito pálida, ela virou-se, disposta a enfrentá-los. — Disse que me procuraria quando voltasse para discutirmos a possibilidade de um futuro juntos.

— Quem? — perguntou Ev, entrando na sala a tempo de ouvi-la. — Do que vocês estão falando? Parece tão preocupada, menina!

— Pois não devia estar — Agnes explicou. — Stuart a pediu em casamento e virá dentro de alguns dias para saber a resposta de Mari.

A chuva caía com mais força e o vento se infiltrava pelas frestas das

portas e das janelas mas todos permaneciam em silêncio, aguardando a resposta de Mari. Ela não culpava Agnes porque sabia o quanto a madrastra gostava de Stuart. Como era muito ingênua, não percebia a farsa de seu comportamento.

Seria mesmo uma farsa? Mari estava completamente confusa. Talvez não gostasse de Stuart porque já estava apaixonada por Adam e não acreditava que nenhum homem se comparasse a ele.

— Stuart tem ótimas possibilidades — argumentou Russell, procurando animar a filha. — É um homem rico e bem relacionado que pode beneficiar a todos nós, Mari.

Ele insistia porque, apesar de ter mudado de idéia a respeito de Adam, ainda achava que a filha nunca poderia casar-se com ele.

— Então você já sabia disso? — perguntou Ev.

— Bem, sim — ele hesitou, consciente da reprovação de Ev. — Conversamos antes de Stuart embarcar para a Califórnia. Ele agiu com muita sensatez ao falar comigo antes de se declarar a Mari.

— E o que você sente a respeito disso, Mari? — perguntou Ev, ainda sem definir sua opinião.

— Eu quase não conheço Stuart. E certamente não estou apaixonada por ele.

Mari sabia que Ev seria seu único apoio. Agnes e o pai estariam realmente preocupados com seus sentimentos? Ou queriam apenas que ela encontrasse um marido e saísse de casa? Afinal, não era fácil aceitar uma filha adulta que surgira quando menos esperavam!

— Amor! — Levantando-se, Russell aproximou-se da lareira para avivar o fogo. Então expôs sua argumentação: — Você tem de cuidar de sua segurança futura, Mari. Stuart pode lhe oferecer uma vida de luxo e, além disso, é um homem fino e bem educado. Seria uma oportunidade excelente.

Ela permaneceu em silêncio porque não estava disposta a aceitar um casamento de conveniência. Talvez precisasse sair da fazenda... mas para onde poderia ir sem dinheiro?

Furiosa com as palavras do pai, amassou o envelope entre os dedos procurando controlar as emoções. Russell deixara bem claro que ela era apenas uma filha e portanto não herdaria nenhuma parcela de terra, um direito reservado aos filhos homens.

— Espere um pouco, Russell — Ev interferiu, irritado. — Mari não precisa aceitar o primeiro pretendente que aparecer, a não ser que o queira por marido.

Russell tirou o cachimbo para responder, mas Mari interferiu a fim de evitar uma discussão entre os sócios.

— De qualquer modo, eu não vou tomar a decisão hoje à noite. Podemos discutir esse assunto qualquer outro dia, talvez depois da visita de Stuart.

Ela lançou um olhar de gratidão e um sorriso a Ev, saindo da sala apressadamente. A chuva estava bem mais fraca e, depois de se agasalhar com um xale, Mari sentou-se na varanda. O vento soprava forte, carregando as nuvens e abrindo caminho para que a lua cobrisse vales e montanhas com sua luz prateada.

Onde estaria Adam neste momento? Admiraria a lua brilhando sobre o Mauna Loa e sentiria o perfume da terra depois da chuva? Agasalhando-se melhor, Mari entrou em casa na ponta dos pés. Não pretendia sofrer por antecipação e ainda havia tempo de sobra para se preocupar com o pedido de Stuart Morgan.

No dia seguinte, Mari dispensou as poucas crianças que haviam comparecido à aula antes do final da manhã. A maioria dos alunos permanecera em casa em respeito à morte de um grande chefe. Como ela não queria passar a tarde ouvindo as perguntas de Agnes sobre Stuart, decidiu fazer um longo passeio até a costa. Embora o outono já tivesse chegado, o sol continuava quente.

Depois de trocar o vestido por suas roupas de montaria e trancar a escola, Mari iniciou a longa descida até a costa. Quando chegou à trilha que saía da estrada principal e levava ao templo do deus da guerra, teve uma súbita inspiração e decidiu nadar. Ao alcançar um grande rochedo, parou antes de se despir para ver se havia alguém. Apenas alguns velhos havaianos ainda apareciam em Puukohola Heiau para orar e o lugar estava quase sempre deserto. Então percebeu um movimento.

Um cavaleiro solitário galopava pela areia, à beira do mar. Por que Adam estaria naquela praia?

Seu primeiro instinto foi de galopar ao encontro dele e atirar-se em seus braços novamente. Por um momento, Mari voltava a ser a jovem idealista que havia chegado ao Havaí com a esperança de se estabelecer para sempre, criar raízes naquele solo fértil e formar uma família grande e amorosa; a mesma moça que se apaixonara por um havaiano acreditando ainda na força do verdadeiro amor.

Adam não percebeu que estava sendo observado e seguiu seu caminho até desaparecer da visão de Mari.

Os primeiros dias que passara na ilha vieram-lhe à mente. O Mauna Loa

e o Kilauea entrando em erupção ao mesmo tempo, dando a impressão de que a ilha ia ser destruída. Apesar de assustada e com a cabeça cheia de histórias sobre o ódio que a deusa Pele nutria pelos *haoles*, nunca sentira o vazio no estômago, a sensação de pânico, até perder Adam.

Ela conduziu o cavalo para a praia e depois de amarrá-lo, olhou para as ruínas sobre a pequena elevação. Era impossível não pensar nos antigos rituais e nos sacrifícios oferecidos ao vingador deus da guerra, diante daquele altar agora abandonado.

Despindo-se rapidamente, Mari caminhou até a beira da água e mergulhou nas ondas. Apesar da baixa temperatura do mar, sentiu-se imediatamente renovada. Seu corpo movia-se em um ritmo perfeito e a água acariciava sua pele. Subitamente, ela começou a rir, imaginando o choque do pai e de Agnes se soubessem que nadava nua no oceano. Sem sombra de dúvida, o polido Stuart também a desaprovava!

— Que droga! — resmungou, parando de nadar. — Por que pensar em Stuart e estragar meu dia?

Mari tentou, em vão, não pensar nesse problema. Como poderia se casar com um homem que não amasse? Mas se o recusasse, talvez precisasse ir embora da fazenda. Ou, se concordassem em continuar hospedando-a, acabaria se transformando numa velha solteirona.

Ah, os malditos tabus! Talvez os Webster tivessem mesmo sido amaldiçoados por ocuparem terras que haviam pertencido aos antigos reis polinésios. Todas as esperanças do pai sobre o futuro da fazenda se concentravam em Seth e o pobre garoto seria muito infeliz nesse papel. Agnes queria dar mais filhos a Russell, mas não conseguia engravidar. Ev tinha perdido a saúde e Mari o homem que amava. Procurando afastar os pensamentos tristes, ela continuou boiando de costas enquanto admirava as formações de nuvens no céu azul.

Subitamente, ela percebeu que o sol baixava no horizonte. Teria de enfrentar parte do caminho no escuro, justamente ao passar pelo velho Caminho dos Reis, onde eram vistos os Caminhantes da Noite com suas tochas. Mesmo não acreditando em fantasmas e guerreiros antigos, essas lendas a enervavam, principalmente quando cavalgava sozinha.

Mari nadou vigorosamente para a praia e quando os pés chegaram a tocar a areia do fundo estava exausta. Quando ela saiu das ondas sentindo o corpo gelado, avistou um homem ao lado de seu cavalo.

Jamais deixaria de reconhecer aquela silhueta máscula, mesmo a distância. Adam tinha voltado!

Sua primeira reação foi de pânico, sentindo-se vulnerável em sua nudez. Mas, aos poucos, a raiva suplantou o embaraço. Com que direito ele ousava invadir sua privacidade, desrespeitando sua modéstia e seus sentimentos? Erguendo o queixo, caminhou até as roupas, como se estivesse sozinha na praia. Sabia que Adam não tirava os olhos de seu corpo coberto por minúsculas gotas de água que brilhavam ao sol, de seus cabelos longos, cobrindo-a de mechas prateadas.

Quando percebeu que Adam vinha em sua direção, procurou andar mais depressa e por fim correu para onde escondera as roupas. Conseguiu apenas vestir a camisa. Ele estava perto demais e, sem saber para onde fugir, começou a recuar na direção das ruínas do templo.

— Pare, Mari! — ele gritou. — Não continue... eu só quero falar com você.

Mas Mari já não o ouvia. Embora tivesse pavor de se aproximar das velhas ruínas, sentia mais medo de Adam do que dos antigos tabus. Os deuses haviam presenciado seus momentos de paixão sob os coqueiros mas já não temia a vingança divina. O que mais poderiam lhe fazer, depois de terem destruído todas as suas chances de ser feliz?

Alcançando a base do templo, Mari parou para respirar mas, ao virar-se para trás, avistou Adam muito perto. Reunindo suas derradeiras forças, começou a escalar as plataformas de pedra gasta. Quando alcançou o topo, descobriu, desesperada, que não poderia descer pelo outro lado. Estava realmente acuada!

Então Adam surgiu na plataforma mais elevada, alto e assustador como seus ancestrais polinésios. Ele pertencia à raça de homens que sacrificavam seres humanos a deuses insaciáveis.

Seu olhar intenso percorreu vagorosamente o corpo de Mari, fixando-se nas pernas bem feitas e nos seios que arfavam sob a camisa. Instintivamente, ela cruzou os braços sobre o peito, reconhecendo que a atração de sempre se mesclava ao medo do perigo.

O vento soprava sobre a plataforma de pedra, provocando estranhos ruídos. Só então, Mari notou a altura da construção que permitia uma ampla visão do oceano e da pequena baía. O primeiro rei havaiano tinha erguido o templo ao deus da guerra em um local inatingível aos seus inimigos.

E naquele mesmo local, quase cem anos antes, Kamehameha matara um rival para conservar seu reino e o oferecera em sacrifício. O pânico retornou quando viu Adam, tão distante e ameaçador. Sentia que haviam se afastado da realidade, como se aquela plataforma do deus da guerra pertencesse a um

passado distante. Por imprudência sua, tinham voltado no tempo e agora estavam presos em um sortilégio sinistro.

Adam olhava a mulher assustada à sua frente, reconhecendo a deusa Pele. Quisera impedir Mari de alcançar o templo, mas ela fora rápida demais. Ambos estavam agora sobre o solo sagrado, proibido aos estrangeiros. Apesar de não acreditar nas velhas superstições, sentia algo estranho naquele local.

Precisava levá-la de volta à praia, mas não confiava em si mesmo. Não conseguia afastar os olhos das curvas sensuais do corpo de Mari, reveladas pela camisa molhada que cobria apenas até o início das coxas e aderida aos seios e à cintura fina. Ela estava nua sob o fino algodão e, ao ver os mamilos rijos sob o tecido aderente, sentiu um violento desejo. E os olhos brilhantes confirmavam que a ânsia era mútua.

Lendo a expressão no rosto de Adam, Mari estremeceu, reconhecendo que o queria com incontrolável paixão. Queria ouvir novamente as palavras de amor no melodioso idioma havaiano, sentir as carícias que despertavam a sua volúpia e se entregar às sensações proibidas mas delirantes. Nos braços de Adam, ela se completava como mulher.

Passou nervosamente as mãos pela camisa molhada, tentando cobrir-se mais apropriadamente. Então, com a rapidez de uma pantera, ele cruzou a plataforma e tomou-a nos braços.

— Não, Adam...

Ela tentou protestar, ainda com raiva, mas o desejo nos olhos de Adam era tão intenso que as palavras de recusa morreram em seus lábios.

Mari não resistiu mais à ânsia de só sentir protegida pelos braços de Adam e de iniciar uma viagem ao mundo do prazer. Eles se fitaram, revelando a paixão reprimida por tanto tempo prestes a explodir.

— Eu a desejo tanto, minha *wahine* — murmurou ele, antes de beijá-la possessivamente.

— Não, eu... eu não posso...

Inquieta, Mari tentava fugir dos lábios que devassavam seus segredos. Se beijassem Adam, ele saberia que ainda estava perdidamente apaixonada.

— Por que não, amor? — perguntou ele, apertando-a mais firmemente ao encontro do peito. — Por que não pode?

Ela tentou responder mas a boca de Adam se apoderou da sua e a língua provocante despertou sensações embriagadoras. Mari não reconheceu o próprio gemido de prazer que escapou de seus lábios nem a ânsia com que seus braços agora o envolviam.

— Não podemos deter a força de nossos desejos, minha querida puritana de New Bedford. Este é o templo dos sacrifícios e talvez seja o lugar adequado para nós.

— Oh, Adam, não é certo... — Mari não pôde protestar pois os lábios dele calaram suas palavras.

As pedras do chão ainda guardavam o calor do sol que agora coloria o céu em todos os tons de rosa. Mari não reagiu quando Adam a deitou sobre a superfície irregular, aceitando se submeter à paixão que os impedia de raciocinar.

Ele a acariciava, redescobrando as curvas que guardara na memória. Quando seus dedos trêmulos começaram a desabo-toar a camisa, Mari estremeceu.

— Adam, Adam... Não é direito, nós não podemos... Sentindo seu momento de dúvida, ele tornou a beijá-la. Enquanto pressionava docemente os lábios de Mari, tirou a camisa molhada, derrubando suas últimas defesas. Em instantes, ela estava deitada sobre as pedras gastas, inteiramente nua, os olhos castanhos misteriosos, cheios de confiança e amor, refletindo a luz do sol poente.

— Você é minha, Mari. Sempre foi — ele murmurou beijando-lhe os seios e buscando os mamilos rijos, ansiosos por carícias.

— Adam!

Agora Mari já não queria mais fugir de um desejo intenso demais. Ela se esquecera de tudo que não fosse a consumação de uma paixão incontável.

Adam tirou rapidamente a roupa e Mari procurou ajudá-lo com as mãos trêmulas. Depois ele deitou-se a seu lado e pegou a mão que o afagava, descansando-a sobre o próprio ventre.

— Oh, Adam — ela murmurou baixinho depois de molhar os lábios, sem conseguir dizer mais nada. Deu apenas um longo suspiro.

— Tudo está bem, meu amor. — Ele sorriu suavemente, incapaz de externar os próprios sentimentos.

Seu corpo se arqueava sob o dele, submetendo-se, moldando-se e buscando a intimidade total. Adam pressentiu que chegara o momento de possuí-la e, com um movimento rápido, afastou os joelhos dela. Durante um longo momento, os dois permaneceram imóveis, antegozando a união completa.

Mari não sentia mais o temor do primeiro encontro; o medo do desconhecido já não existia. Quando Adam a penetrou, ela se entregou sem reservas à volúpia, acompanhando-o passo a passo na escalada da paixão.

Eles se moviam juntos, num ritmo-primitivo e pagão, em busca do clímax: Então, ela ouviu seu grito de prazer ecoar sobre o murmúrio das ondas na praia distante.

Os dois permaneceram em silêncio e Mari descansava a cabeça no ombro de Adam, os cabelos espalhados pelas pedras como fios de seda. Então, ele tornou a abraçá-la, os olhos negros carregados de infinita ternura.

— Eu te amo, Mari — disse baixinho e as palavras ecoaram entre as ruínas do templo. — E você me pertence... para sempre.

— Para sempre — ela concordou, com um doce sorriso e olhos brilhantes.

Subitamente, Mari percebia detalhes fascinantes no rosto do homem amado. Havia minúsculos reflexos dourados nos olhos negros, o cabelo brilhava como ônix à luz do sol e os traços másculos refletiam uma inesperada serenidade. Ela o amava desesperadamente e não podia perdê-lo de novo!

As pedras sob seus corpos ficavam mais fria e o sol, quase tocando o horizonte longínquo, tingia de púrpura o céu que se preparava para receber a noite. Mas Mari ainda não sentia vontade de se mover. Queria permanecer para sempre nos braços de Adam...

— Precisamos voltar, amor — ele sussurrou com os lábios colados em seu rosto.

Ela sacudiu a cabeça, temendo o fim daqueles deliciosos momentos de união. De repente, lembrou-se do noivado de Adam e voltaram todos os velhos temores.

— Adam... eu... isto é, nós... — ela criou coragem, sabendo que a pergunta era necessária. — E Jane?

A serenidade desapareceu do rosto de Adam e Mari, inexplicavelmente, sentiu que o céu escurecera de um instante para o outro. A noite chegaria logo para encobrir seu mundo com as trevas do abandono.

Ela sentou-se, ignorando a própria nudez.

— Eu realmente pertenço a você, Adam? — A voz traía todas suas dúvidas e temores. — É verdade que estaremos sempre juntos?

Ele também se sentou e as duas silhuetas se recortaram contra o céu de um colorido vibrante. Estavam sozinhos, ouvindo apenas o eco do vento nas pedras, um som dolente que lembrava os cantos pagãos outrora entoados naquele lugar de rituais sagrados.

— É uma promessa, Mari — ele respondeu, sério. — Nunca me casarei com Jane. Eu estava de partida para falar com o rei em Kailua-Kona quando

decidi nadar um pouco, antes de iniciar a viagem. Pretendo visitá-lo para discutirmos juntos sobre essa farsa do meu noivado. Quero que ele anule essa ordem. Já falei com minha mãe sobre isso e censurei-a por ter tomado uma decisão que me pertencia. Apesar de ter feito o que achava melhor para mim, ela não pensou em todas as implicações de seu ato. Mas agora eu resolverei tudo, por bem ou por mal.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer o que eu já disse — ele declarou em um tom inesperadamente duro. — Você é minha, Mari Webster. Já foi sacrificada no altar do deus da guerra e agora nunca mais permitirei que me deixe por outro homem.

Mari sentiu-se novamente confiante. Adam não estava mentindo e, embora tivessem se amado em um local proibido, nada mudaria. O amor os protegeria das crenças pagas.

Mas, quando voltaram ao lugar em que os cavalos tinham ficado e Mari tornou a se vestir, observou o templo recortado contra o céu no início da noite. Ela estremeceu, inexplicavelmente aliviada por afastar-se das ruínas e da pequena enseada.

Ao chegarem à estrada principal, virou-se para dizer adeus a Adam. Seus caminhos eram em direções opostas e chegara o momento da despedida.

Adam sorriu, seus dentes alvos brilhando no escuro.

— Pensa que eu a deixaria cavalgar sozinha pelo Caminho dos Reis?

— Mas você vai para o outro lado...

— Só depois de entregá-la a seu pai.

O ar ia ficando mais frio à medida que eles atingiam altitudes mais elevadas e Mari vestiu o poncho de lã que trazia na sela. A lua crescente surgiu acima do Mauna Loa e estava meio encoberta pelas nuvens quando eles cruzaram a porteira da fazenda. Os dois se entreolharam, ainda enlevados pelo amor que haviam compartilhado.

— Você não quer passar a noite conosco? Pode ficar no quarto de hóspedes.

— Não. Eu quero partir imediatamente. Acamparei no caminho e prosseguirei a viagem de madrugada. Estou ansioso por resolver tudo o mais cedo possível... especialmente agora, Mari.

— Eu te amo, Adam. Mais do que a minha própria vida. Ele prendeu a respiração, emocionado com a declaração de Mari que subitamente descobria a força daquelas palavras tão simples. Nesse momento, Russell apareceu na varanda.

— Por Deus, Mari! — exclamou ele, nitidamente nervoso. — Onde você esteve até agora? Já estávamos prontos para sair à sua procura, mas não sabíamos por onde começar!

Mari explicou rapidamente que tinha encontrado Adam depois de um passeio pela praia e, como era muito tarde, ele se oferecera para acompanhá-la de volta à fazenda.

Russell os encarou com um olhar de suspeita. Finalmente, acreditando na honestidade da filha, agradeceu o favor a Adam.

— Mari está sempre se envolvendo em situações perigosas. Fico muito feliz que tenha resolvido acompanhá-la.

Adam despediu-se e partiu. Mari queria permanecer na varanda, até que ele desaparecesse na curva da estrada mas o pai, segurando-a firmemente pelo braço, levou-a para dentro de casa.

CAPÍTULO XXII

— Eu vou ter um bebê!

A voz de Agnes transmitia uma intensa euforia ao contar a Mari que finalmente conseguira engravidar. As duas estavam sozinhas na cozinha e o rosto corado e os olhos brilhantes da madrastra a deixavam extremamente bonita. A felicidade podia modificar tanto a aparência de uma pessoa! Instantes depois, Russell chegou com Seth à cozinha e abraçou a esposa, numa rara demonstração de afeto.

— Você já soube da boa notícia, não é? Vamos ter um filho, Mari.

— Meus parabéns.

Realmente, seu pai nunca mudaria! Não lhe passava pela cabeça que poderia ter mais uma filha.

— Eu vou ter um irmãozinho — Seth declarou, orgulhoso da atenção que o pai lhe dedicava.

— Ou talvez uma irmãzinha — Mari atalhou, sorrindo para o menino. — As meninas também são muito boazinhas.

— Não, papai diz que é um irmão — o menino retrucou com determinação.

— É isso mesmo, meu filho. — Russell afagou o rosto do filho e, parando à porta de saída, olhou para Mari. — É melhor você levar um impermeável para a escola. Pode haver uma tempestade hoje à tarde.

— Eu já coloquei um na sacola de minha sela — ela respondeu. — Mas o céu está cinzento e fechado há uma semana e a tempestade nunca vem.

Russell sacudiu a cabeça e Mari, observando-o com mais atenção, reparou que havia mais fios brancos no cabelo loiro e as rugas estavam mais pronunciadas. Subitamente, admitiu que o pai se preocupava com ela. Saiu para procurá-la no dia do ataque dos cães e não controlara a cólera ao pensar que Adam a iludira com promessas falsas.

— Acho que a chuva está para chegar — ele respondeu depois de uma pausa. — Alguns dos velhos havaianos começaram a repetir a previsão dos *kahunas* sobre um grande vento que logo soprará sobre a ilha.

— Mas esses *kahunas* não costumam ser excessivamente supersticiosos, vendo sinais místicos nos fatos mais insignificantes?

Ela não escondia a crescente apreensão. Mesmo não acreditando nos

deuses pagãos, sabia que exerciam uma poderosa influência e dirigiam a vida do povo, a exemplo da mãe de Adam. Todos os temiam, mesmo que não fossem reais. E surpreendia-se por ouvir o pai repetindo as previsões dos *kahunas*, porque ele normalmente caçoava de grande parte das tradições havaianas.

— Alguns *kahunas* realmente são supersticiosos demais, mas outros são muito práticos e realistas. Eu confio nas previsões que fazem sobre o clima. Eles geralmente acertam.

— Até meu pai concorda com isso — Agnes confirmou.

— Não pensei que o senhor acreditasse nesses mitos, papai.

Inquieta, Mari resolveu tomar mais uma xícara de café. Estaria também começando a acreditar nessas tolices? Já sentira a presença do passado ao cavalgar sozinha pelas terras dos antigos polinésios e relutava em desobedecer a certos tabus.

Entretanto, não desafiara a maior de todas as proibições ao entrar no templo do deus da guerra? E amar Adam, não era outro tabu? Ao recordar-se daqueles momentos de paixão, as preocupações voltaram. Não recebera notícias dele, desde aquela noite. Em vão tentava não pensar no assunto para que as dúvidas não voltassem a atormentá-la.

E se Adam tivesse mentido? E se apenas desejasse seu corpo sem a querer para esposa? Não! Ela precisava confiar, acreditar na promessa feito após uma tarde inesquecível.

— Em todo caso, tome cuidado se houver uma tempestade — o pai disse, finalmente saindo da cozinha.

Pouco depois, Mari partiu para a escola pensativa. Tinha se alegrado com a notícia de que Agnes estava esperando um filho e imaginou se um dia teria filhos de Adam. Depois de terem se amado, ela ficara preocupada, com medo de estar grávida. Mas alguns dias depois descobrira novamente que não estava.

No fundo, Mari se entristecera. Talvez fosse um presságio, um sinal de que não pertencia a Adam, como imaginava, e nunca poderiam se unir. Que tolice! Será que perdera totalmente o controle sobre suas fantasias, desde que pusera os pés naquelas ilhas misteriosas?

O sol brilhava, secando as árvores molhadas e a estrada lamacenta, quando ela deu a aula por encerrada. O contato com as crianças era revigorante e Mari partiu de volta à fazenda, novamente entusiasmada. Então, após a última curva da estrada, avistou a casa e o cavalo de Stuart parado perto da varanda.

Suspirando, Mari conseguiu entrar na cavalaria sem ser vista pelo pai ou pelo rapaz. Saiu sorrateiramente pelos fundos a fim de chegar em casa despercebida. Queria tomar um banho, trocar de roupa e ganhar tempo até o encontro com os dois homens.

Depois de banhar-se e escolher um vestido azul de musselina com mangas compridas e um decote severo, sentiu-se mais calma e pronta para ouvir a proposta de casamento de Stuart. Sentada diante do espelho, examinou o rosto pálido. Dispensou o ruivo a fim de ficar com uma aparência ainda mais séria e altiva. Talvez a aparência austera desencorajasse Stuart.

Como podia se casar com um homem que não amava, se pertencia a Adam?

Ela saiu do quarto mas, ao ouvir vozes na sala, hesitou no alto da escada. Quando finalmente desceu, encontrou várias pessoas reunidas na sala. O pai, ao lado de Agnes, aparentemente acabava de anunciar que iam ter mais um filho. Stuart estava sentado perto da lareira e Ev, ao lado da sobrinha, no sofá em frente. Kilia foi a primeira a perceber que Mari havia chegado e foi abraçar a amiga.

— Kilia! — Mari exclamou. — Eu não sabia que você vinha nos visitar.

— Eu estava chegando de Honolulu e, quando o barco parou em Kawaihae, um casal a bordo tomou uma carruagem para visitar uma fazenda próxima. Resolvi descer com eles e fazer uma visita. Pegarei o próximo barco para Kailua-Kona dentro de poucos dias.

— Que surpresa maravilhosa! — Mari comentou feliz. A companhia de Kilia dava-lhe um novo ânimo e talvez a

ajudasse a ver a situação sob uma nova perspectiva. E, quem sabe, ela lhe daria alguma notícia de Adam.

— Como vai, Mari? — Stuart aproximou-se logo que ela acabou de cumprimentar a amiga. — Você está com ótima aparência.

Mari reparou que Agnes e o pai se entreolhavam sorridentes e até Kilia sorria. Sem dúvida, todos apostava no noivado.

— Obrigada — ela respondeu com educação mas friamente.

Ele começou a discorrer sobre a viagem de navio à Califórnia. Mari sorria ou inclinava a cabeça nos momentos apropriados, mas sentia renascer a costumeira e inexplicável desconfiança. Reparou que Ev não participava da conversa, como se também não apreciasse Stuart.

O sol já começava a baixar no horizonte e o relógio do vestibulo bateu quatro vezes. Kilia, que já estava com a bagagem no quarto de hóspedes, pediu licença para descansar um pouco antes do jantar.

— Você me acompanha? — disse a Mari para que pudessem conversar a sós. Stuart, porém, não deixou a situação escapar de seu controle.

— Eu também preciso ir — anunciou. Virando-se para Mari, prosseguiu: — Mas antes eu gostaria de falar com você.

— Acho que também vou me deitar um pouco antes do jantar — disse Ev e piscou para Mari ao sair da sala.

Agnes e Russell saíram em seguida e Mari ficou a sós com Stuart. Agora não poderia mais fugir e teria de enfrentar a situação.

— Sente-se — ele pediu, sorrindo.

Mari sentou-se numa poltrona e Stuart teve de se acomodar sozinho no sofá. Depois de alguns segundos, ele foi obrigado a entrar no assunto.

— Recebeu minha carta?

Ela assentiu e Stuart franziu ligeiramente o cenho. Percebendo que não receberia nenhuma ajuda por parte de Mari, ele entrou diretamente no assunto com uma ponta de irritação.

— Eu a pedi em casamento, lembra-se? Já pensou sobre o assunto?

Ela fitava as mãos que repousavam no colo, esforçando-se para não crispá-las. Mari não podia imaginar que seu vestido severo e o coque simples a tornavam ainda mais atraente aos olhos de Stuart. Tinha consciência apenas da atenção que ele prestava a seu menor gesto ou expressão.

— Sim, eu pensei no assunto — ela respondeu, alegrando-se ao ver que a voz soava firme.

Em uma fração de segundo, Mari pensou na falta de notícias de Adam, no motivo de seu silêncio, em Stuart e no desejo do pai de vê-la casada com ele. Subitamente, sentiu-se presa em uma armadilha.

— Eu falei com seu pai mais cedo, logo que cheguei — ele começou a dizer impaciente, mas Mari o interrompeu.

— Não acha que devia ter falado primeiro comigo, Stuart? Afinal, foi a mim que você pediu em casamento, não a meu pai. — Ela reparou que ele tentava disfarçar uma reação de surpresa e de raiva. — Sou eu que devo lhe perguntar sobre suas perspectivas financeiras... caso me decida considerar sua proposta.

— O que você quer saber? — Ele empertigou-se no sofá, procurando esconder a irritação crescente. — Tenho uma plantação e pretendo viver lá permanentemente, como expliquei a seu pai.

— Não em Honolulu? Você não vai sentir falta das festas?

Mari não conseguira se conter. Pelo que ouvira naquela tarde, Stuart

tinha comparecido a várias outras festas em Honolulu, depois que voltara da Califórnia.

— Você também tem negócios em Honolulu? Durante um instante ele a encarou, espantado, como se fosse um assunto que pretendia manter em sigilo. Mas a reação foi tão rápida que Mari ficou em dúvida. Stuart explicou que gostava de festas quando tinha tempo de freqüentá-las e que não tinha nenhum negócio, além da plantação. Comentou que aplicara mal o dinheiro em vários investimentos infelizes e perdera parte de sua fortuna, mas pretendia refazê-la com a produção de açúcar.

— E com o dote que seu pai me prometeu, poderei expandir a plantação e me estabelecer nas ilhas.

Mari sentiu um súbito arrepio e não conseguiu controlar-se, erguendo-se com os olhos brilhando de raiva.

— Então é por isso que quer se casar comigo, Stuart? Por causa do meu dote?

Ele também se levantou e ela foi obrigada a admitir que a acusação o deixara sinceramente ultrajado.

— É claro que não! Eu quero me casar com você porque acredito que será a esposa perfeita para mim.

— Você me ama?

— Pelo amor de Deus! — ele explodiu, incapaz de controlar-se por mais tempo. — Que pergunta mais estúpida!

Ela olhou-o por mais um instante e correu para a porta. Mas Stuart a alcançou a tempo, segurando-a pelo braço. Enquanto trocavam um longo olhar, Mari acreditou que se precipitara ao julgá-lo tão mal. Talvez estivesse provocando uma discussão desnecessária para evitar a recusa que desagradaria tanto ao pai e a Agnes. Tinha esperanças de que ele retirasse a proposta.

— Vou lhe dar mais tempo, Mari — ele disse com voz suave, procurando afastar as suspeitas que ela ainda poderia ter. — Pense melhor e eu voltarei a vê-la dentro de alguns dias.

Stuart saiu da sala e Mari o ouviu conversando com o pai, antes de partir. Desorientada, voltou a sentar-se na mesma poltrona.

Estaria realmente enganada? O amor por Adam a cegaria de tal forma que a impedia de ver o lado bom de um outro homem? Mesmo sabendo que jamais se casaria com Stuart, poderia estar enganada a respeito dele?

E, se não era capaz de julgar Stuart, não estaria também se enganando ao julgar Adam?

Ninguém perguntou nada sobre a conversa de Mari com Stuart e apesar de olhá-la com curiosidade, Russell manteve-se em silêncio durante o jantar. Mais tarde ele foi trabalhar no escritório e Agnes subiu com Seth para acomodá-lo e deitar-se. Ev, Kilia e Mari tomaram café e ficaram conversando sobre a recente estadia em Honolulu.

— Você não se incomoda se eu for dormir mais cedo? — Kilia perguntou algum tempo depois. — Viajei o dia todo e estou com tanto sono que meus olhos estão fechando.

— Também vou me deitar — disse Ev. — Mas antes preciso ver algumas contas com Russell.

Ele deu um beijo no rosto de cada uma e saiu da sala com um sorriso excepcionalmente alegre. Mari subiu a escada com Kilia e desejou-lhe boa noite.

— Eu precisava falar com você, Mari — Kilia disse à porta do quarto. — Acho melhor que saiba por uma amiga... Adam está em Honolulu, foi ver Jane. Todos estão comentando que o casamento acontecerá muito em breve. Sinto muito, querida.

O sorriso de Mari morreu em seus lábios e Kilia ficou chocada com a expressão de dor da amiga.

— Kilia, por favor, vá se deitar. Você deve estar muito cansada.

Mari queria ficar só. Voltou para a sala às escuras com apenas um pensamento em mente. Adam a enganara mais uma vez! A voz do pai soou muito perto mas ela só o ouviu na segunda vez.

— Sim? — ela respondeu, admirada por conseguir falar com calma. — O senhor quer falar comigo?

— Queria conversar um pouco.

Ele parou à porta, nitidamente de bom humor. Talvez fosse por causa do filho que estava chegando.

Ela o seguiu até o escritório, sem nenhum interesse pelo que o pai tinha a dizer. Sentou-se e esperou que Russell começasse a falar..,

— Eu só queria lhe dizer... que tenho muito orgulho de ser seu pai, Mari. Você é a melhor filha que um homem pode desejar — disse ele sorrindo. — Não é fácil ser obrigado a admitir, mas preciso desabafar.

Ele fez outra pausa, dessa vez mais longa, preocupado com as palavras que devia usar.

— Eu quero me desculpar — prosseguiu afinal — por não ter sido um pai como você merecia. Cometi um erro terrível, deixando-a em New Bedford.

— Eu compreendo, papai — respondeu Mari, ao notar a hesitação dele.
— Você fez o melhor que podia em uma situação difícil.

Ele concordou, satisfeito com a compreensão da filha. Então falou sobre sua própria infância, sobre o pai verdadeiro que nunca conhecera e sobre o padrasto que só o desaprovava e nunca o amara como um filho.

— Cresci obedecendo um padrasto que criticava todos os meus atos e só favorecia o próprio filho, meu meio irmão. Tentei demonstrar meu valor mas, quando percebi que nunca conseguiria, fugi de casa. Mais tarde, quando casei com sua mãe, eles me deserdaram e fiquei admirado que tivessem concordado em cuidar de você.

Ele ficou perdido em suas reminiscências e não notou que a expressão de Mari se alterara ao se lembrar desse dia. Seu pai nunca avaliaria o sofrimento que infligira à filha e agora queria seu perdão. Mas também compreendia a tristeza que ele sentira com a morte da mãe.

— Eu o perdôo, papai — Mari disse finalmente, apesar de não concordar com seu julgamento sobre o que era certo ou errado.

Russell levantou-se com expressão de alívio, demonstrando o quanto estivera atormentado pelo sentimento de culpa.

— Ah, Mari, acho que ainda sinto uma inexplicável necessidade de provar o meu valor ao velho Webster. — Ele fitava a filha com um olhar melancólico. — Ainda quero mostrar que ele estava enganado a meu respeito. Nunca superei a sensação de ser marginalizado por minha família e, às vezes, volto a me sentir rejeitado.

Imediatamente, Mari sentiu pena do pai, reconhecendo que também era uma vítima daquela família sem amor... como ela mesma.

Exausta e ansiosa por refugiar-se no quarto, Mari levantou-se. O pai estava lhe dizendo agora o que ela tanto desejara ouvir quando chegara ao Havaí. Mas estava muito deprimida com a perda de Adam.

— Obrigada por me contar, papai — disse, formal. — É bom saber que se preocupa com meus sentimentos.

Mari despediu-se do pai, percebendo que ele se sentia muito aliviado depois da confissão. Quando chegou à porta da sala, encontrou Ev e, a julgar por sua expressão, ele tinha ouvido a conversa e a compreendia melhor que Russell.

— Eu já fiz aqueles cálculos, Russell — disse Ev. — Mas as contas podem ficar para depois porque tenho algo muito mais importante a dizer. Tomei essa decisão há vários meses e chegou a hora de lhes revelar...

Mari e o pai permaneceram em silêncio, sem imaginar qual seria a

misteriosa resolução de Ev.

— Já fiz meu testamento — disse Ev, com o máximo vagar para aumentar o suspense. — Mari é minha única herdeira.

CAPÍTULO XXIII

— É tarde demais, Adam! Você não pode fazer isso comigo!

Enfurecida, Jane encarava o homem que ia ser seu marido.

Não estava apaixonada por Adam, mas jamais desistiria de casar-se com ele, como suas famílias haviam combinado.

Adam Foster era o melhor partido das ilhas, além de ser o mais atraente de todos os homens solteiros. Juntos, eles se tornariam o casal mais influente do Havaí. Depois do casamento, Jane pretendia instalar-se numa ampla residência em Honolulu e contratar um administrador para a fazenda, onde a mãe dele também deveria ficar.

— Posso e vou — anunciou Adam, friamente.

Ele permanecia imóvel, junto da lareira, na luxuosa mansão dos pais de Jane em Honolulu.

— Expliquei tudo ao rei. Disse-lhe que o noivado devia ser anulado porque minha mãe resolveu tudo sem falar comigo e contra a minha vontade.

Jane estava nervosa demais para sentar e tinha parado perto da janela, tentando recuperar o controle de suas emoções antes de encarar Adam. Subitamente virou-se de frente para ele, com o rosto rubro de raiva.

— É por causa de Mari Webster, não é? — exclamou ela, furiosa. — Prefere se casar com uma *haole*.

— Você se esquece que também sou meio *haole* — ele respondeu sem alterar a voz. — De qualquer maneira, meu possível relacionamento com Mari não é um assunto que possa lhe interessar.

Ele se preparara para manter a calma e não se irritar, mas desde sua chegada, Jane o provocara com insinuações iradas e comentários venenosos. Adam a conhecia desde menina e nunca se iludira com a feminilidade e a beleza daquela jovem. Os pais a haviam mimado em excesso, satisfazendo-lhe todos os caprichos. O resultado fora o egoísmo e uma total falta de consideração pelos outros.

— Mas eu sou a maior interessada, meu caro Adam! Como vou me apresentar perante meus amigos? Como meus pais enfrentarão essa desonra? — Franzindo o cenho, ela continuou com uma expressão de ódio: — Proíbo-o de fazer isso, Adam. O rei jamais permitirá e você tem muito a perder se contrariar a vontade real.

Jane julgou ter descoberto o argumento certo para controlar Adam e ficou mais calma. Ele, porém, apenas sacudiu a cabeça e suspirou com

resignação.

Antes de procurar o rei, Adam conversara com a mãe que demonstrara um profundo remorso, como se finalmente tivesse se conscientizado da enormidade de seu ato. Ele se despedira garantindo que sempre a respeitaria mas só se casaria com a mulher que amava ou preferia ficar solteiro.

— Eu o impedirei de tomar essa atitude inaceitável! — exclamou Jane, ao perceber que não conseguia demovê-lo. — Provocarei um escândalo! Direi a todos que você me seduziu e agora quer me abandonar! Já contei a Stuart como Mari tentou nos separar e...

— Você não tinha o direito de falar de Mari com Stuart — interrompeu ele, irritado.

— E ainda tem coragem de me dizer que não está apaixonado por ela? Que não pretende se casar com essa mulher, depois de me humilhar diante de toda a sociedade?

— Não adianta insistir, Jane — disse ele, já cansado daquela discussão. — Eu sei o que está em jogo e o quanto posso perder. Garanto-lhe que estou preparado para enfrentar o pior.

Adam pegou o chapéu que deixara sobre o sofá e encaminhou-se para a porta.

— Você não pode ir embora! — ela gritou. Eu não permito! Mas Adam não se deteve. Não tinha mais nada a dizer.

Apressando o passo, saiu da casa de Jane, em direção às docas. Estava ansioso para voltar à ilha Grande... mal podia esperar pelo encontro com Mari!

Admitia que demorara demais para resolver a situação, mas perdera muito tempo tentando convencer a mãe a aceitar os seus planos de futuro. Ela finalmente concordara, no último minuto!

Quando Adam chegou ao porto, levou um choque ao avistar o barco que desaparecia no horizonte.

— Droga! — exclamou ele, em voz alta. — Perdi o barco!

— É que eles partiram antes da hora, senhor. O capitão queria chegar logo a Kawaihae para conseguir voltar, antes da tempestade — explicou um carregador, apontando a massa sinistra de nuvens negras no horizonte. — Ele sempre sabe quando a tormenta vai chegar, diz que sente o cheiro.

Frustrado, Adam sentou-se à beira do cais. Teria de esperar alguns dias até conseguir um outro barco para Kawaihae.

— Antes tarde do que nunca — disse ele, suspirando. Afinal, um ou dois dias não deviam fazer diferença para quem já havia esperado tanto tempo.

Mas como estava ansioso por contar a Mari que poderiam casar-se o mais depressa possível! E, se o rei não aprovasse a união, eles iriam viver nos Estados Unidos.

O choque causado pelo espantoso testamento de Ev foi diminuindo com o passar dos dias. Russell finalmente compreendeu que o sócio não mudaria de idéia e teve de se conformar. Mari suspeitava que o pai tentara influenciar o amigo para manter, pelo menos, o controle total sobre a fazenda, além do poder de tomar as decisões finais.

Entretanto, Ev era extremamente teimoso e não cedeu. Mari continuou em sua nova posição, a de uma herdeira com todos os direitos de controle sobre sua parte na fazenda.

Naquela tarde, ao despedir-se das crianças no fim da aula, ela foi abraçada por todos alunos que se afastavam, acenando-lhe adeus. Todos adoravam a loira professora *haole* que ensinava inglês e geografia mundial.

Quando eles desapareceram de vista, Mari suspirou e voltou à classe para trocar seu vestido pela roupa de vaqueiro a fim de cavalgar para casa.

O clima era típico de novembro. Pela manhã, havia muita névoa e uma garoa constante, mas à tarde o tempo clareava e, felizmente, já não se falava mais sobre possíveis tempestades. Livre dessa ameaça, Mari resolvera organizar um passeio com os alunos até Kawaihae, na semana seguinte. Eles passariam o dia todo fora. As crianças seriam levadas à fazenda, de onde partiriam para a praia na carroça do *paniolo* que ia semanalmente esperar o barco e recolher as encomendas e a correspondência. Ela pretendia aproveitar aquela oportunidade para ensinar palavras novas às crianças que almoçariam na praia, voltando só no início da tarde.

Talvez Mari estivesse ainda mais animada com o passeio programado do que as próprias crianças. Sentia falta do mar e do perfume acre do oceano que a lembrava sempre de sua viagem com no barco de capitão Sloan. Naqueles dias, ela tinha tantas esperanças sobre o futuro!

Mas, ao iniciar o caminho de volta ao rancho, ela admitiu que estava mais segura do que nunca. Ao nomeá-la sua herdeira, Ev lhe dera um presente de valor inestimável. Embora a certeza de que seu futuro estava assegurado não diminuísse a dor da rejeição de Adam, pelo menos, poderia continuar vivendo no Havaí e em suas próprias terras.

Estranhamente, as únicas pessoas que tinham dado a Mari a sensação de segurança haviam sido Ev e o capitão Sloan. Fora traída pelos dois homens em que confiara: seu pai e Adam...

Como sempre, ao pensar em Adam, o desespero voltava. Olhando para o

horizonte, tentou, sem sucesso, vencer a depressão e a vergonha. Entregara-se de corpo e alma, oferecera-lhe toda a paixão que existia em seu íntimo e lhe dera seu coração. Ele tinha jurado que nunca se casaria com Jane e correria para os braços dela em Honolulu.

Mari vinha se esforçando para não admitir a verdade mas sabia que, enquanto não fosse realista, não recomeçaria a viver. Seu pai lhe dissera que nenhum homem se lembrava da honra quando estava cego pelo desejo e Adam não fora uma exceção. Ele a enganara com promessas falsas porque desejava possuí-la, mesmo sabendo que pertencia a outra e jamais romperia o compromisso.

Se ao menos Kilia ainda estivesse na fazenda! Ela seria uma companhia estimulante, que a ajudaria a reagir e a enfrentar melhor a traição de Adam. A amiga soubera do testamento de Ev desde o começo e apoiara o tio em sua escolha. Mas o amoroso velho não se esquecera da sobrinha favorita e incluía uma cláusula no documento, garantindo a Kilia uma porcentagem nos lucros.

Ao descer do cavalo, perto da estrebaria, Mari se deteve ao ver que Juan se aproximava.

— Pode deixar que eu cuido do cavalo, dona Mari — disse o capataz, segurando as rédeas do animal.

Mari agradeceu, admitindo que estava realmente muito cansada. Mas, ao dar os primeiros passos em direção à casa, ele a chamou.

— Nós todos, os *paniols* da fazenda Webster, estamos muito contentes por saber que a senhorita será nossa patroa no futuro.

Então a notícia já se espalhara? Mari sempre se surpreendia com a rapidez com que todos ficavam sabendo de tudo, até dos detalhes mais confidenciais, numa ilha onde as distâncias eram grandes e a comunicação difícil.

Ela correu para casa pois não podia perder tempo com conversas sobre o futuro. Naquela noite Stuart viria jantar e queria estar com a melhor aparência possível para lhe dizer tudo o que pretendia!

Até Kee tinha se esmerado no preparo da refeição, certamente porque Agnes o avisara que aquele jantar seria uma ocasião especial. Ela e Russell não escondiam a ansiedade, esperando que, a qualquer momento, Mari aceitasse o pedido de casamento de Stuart e o noivado fosse oficializado.

Mari também suspeitava que o pai ainda tivesse esperanças de conservar toda a fazenda. Provavelmente ele acreditava que Ev voltaria a alterar o testamento, caso ela ficasse noiva de Stuart, pois o velho amigo demonstrara

não gostar do rapaz. Sonhando com o nascimento de inúmeros filhos homens, Russell queria impedir a divisão das terras, evitando que caíssem em outras mãos, mesmo sendo as da própria filha.

Com uma vestida de seda azul marinho e os cabelos soltos, Mari reuniu-se aos outros na sala de jantar. Ev foi o primeiro a se retirar, logo após o café. Russell e Stuart permaneceram na sala para tomar um conhaque.

Stuart não tirava os olhos de Mari, que se sentara em uma poltrona perto da lareira acesa. Após alguns minutos, ela começou a sentir-se constrangida com aquela insistência. Finalmente, Agnes sussurrou algo no ouvido de Russell e os dois se desculparam, deixando os dois jovens a sós.

Era o momento que ela tanto temia, mas queria resolver tudo de uma vez por todas!

— Você está linda — murmurou ele, sentando-se diante de Mari.

— Obrigada.

Ela sabia que o cumprimento era sincero, mas continuava a desconfiar de Stuart. Havia algo estranho em seu comportamento que a desagradava profundamente. Nunca conseguira ultrapassar essa má impressão e suas suspeitas cresciam em vez de diminuir.

— É o momento adequado para as congratulações, não? — ele disse em seguida.

Por um momento, Mari pensou que Stuart estivesse se antecipando em relação a um compromisso entre os dois. Então percebeu que ele estava se referindo ao testamento de Ev e admirou-se. Aquele idiota não imaginava qual seria a sua reação ao comentário que acabava de fazer? Já não demonstrara seu desprezo quando tinham falado sobre o dote?

Sem disfarçar a raiva, ela o encarou. Sua ambição por dinheiro e poder superava o desejo por ela ou por qualquer mulher!

— Por quê? — perguntou Mari, com ar inocente.

Ele irritou-se, percebendo, tarde demais, que devia ter ficado de boca fechada.

— Todos sabem que você é a herdeira de Ev.

— Todos?

Stuart levantou-se subitamente e, segurando-a pelos braços, levantou-a da cadeira.

— Não vamos perder tempo com detalhes sem importância, querida — disse ele, abraçando-a.

— Por favor, não me toque! Admito que você tenha razão, pois precisamos discutir sua proposta mas...

A repulsa de Mari quase descontrolou Stuart. Aquela infeliz estava com mania de grandeza só porque já se considerava proprietária de metade de uma fazenda! Ele tentou se acalmar, convencendo-se de que a forçaria a entrar na linha, após o casamento. Quando fosse sua esposa aprenderia a se curvar a sua vontade e obedeceria de cabeça baixa!

— Acho que o Natal é uma boa época para o nosso casamento porque...

— Ele não terminou de falar diante da expressão de desdém e incredulidade no rosto de Mari.

— Stuart, sinto muito mas você chegou a uma conclusão errada. — Mari hesitou ao perceber que os olhos dele brilhavam de ódio. — Eu não o amo e nunca me casarei com ninguém sem amor.

Um silêncio pesado desceu sobre a sala. Instintivamente, Mari deu um passo atrás.

— Amor! Com os diabos! Quem está falando de amor? — Subitamente desconfiado, ele a fitou com ódio. — Você ainda está apaixonada por Adam, não é?

Antes que Mari pudesse responder, Stuart avançou sobre ela e agarrou-a pelos pulsos.

— Não perca o seu tempo nem o meu negando a verdade. Jane me contou tudo!

— Solte-me! — Mari lutava para se desvencilhar das mãos que a apertavam com violência.

— Você terá de se casar comigo! — Ele lançou-lhe um olhar alucinado. — Ou se arrependerá de me recusar...

— Como ousa me ameaçar? — Incapaz de controlar a raiva e as palavras, Mari prosseguiu: — Eu não aceitaria o seu pedido de casamento nem mesmo se você fosse o último homem sobre a terra! Você é um verme desprezível!

Antes que Mari pudesse prever sua reação, Stuart beijou-a com selvageria, provocando nela uma incontrolável repulsa.

— Solte-me! Ou gritarei por socorro!

Dando uma gargalhada cruel, Stuart apertou-a mais e forçou-a a entreabrir os lábios. Perdera completamente o controle e Mari não sabia o que teria acontecido se Ev não retornasse à sala naquele exato momento.

— Solte-a, miserável! — berrou Ev, indignado. — Eu imaginei que isso fosse acontecer e resolvi ficar por perto. E não me enganei!

Stuart virou-se e viu Ev, com uma arma na mão e a expressão decidida de quem não hesitaria em usá-la.

— Eu disse para soltar a moça! — O cano da arma subiu alguns

centímetros. — A não ser que queira levar um tiro.

Recuando um passo, Stuart soltou Mari. Seu rosto era uma máscara do ódio e ele examinava Ev como se avaliasse suas chances de sobrepujar um homem armado.

Nesse momento Russell chegou à porta da sala e bastou-lhe um olhar para entender o que havia acontecido.

— Saia daqui, Stuart — ordenou friamente, os olhos ameaçadores. — Eu cometi um desastroso erro de avaliação — a seu respeito e não quero que volte a pôr os pés nesta casa, nem que chegue perto de minha filha.

De imediato, Stuart reconheceu que arruinara todas as suas chances de se casar com uma rica herdeira. Enfurecido, deu livre vazão à fúria enquanto cruzava a sala e se dirigia para o corredor.

— Você ainda vai ouvir falar de mim, Mari Webster! Vai pagar muito caro por sua recusa! Você e todos desta maldita fazenda Webster se arrependerão de terem me conhecido e desafiado!

Agnes ouviu o barulho da porta batendo com violência e desceu para ver o que tinha acontecido. Com muito esforço, conseguiu impedir que Russell o perseguisse para tomar satisfações. Todos ficaram em silêncio, ouvindo o tropel do cavalo de Stuart na escuridão.

Mari estava profundamente embaraçada e prestes a romper em, lágrimas mas, ao mesmo tempo, feliz por Ev e o pai terem vindo em seu socorro. Pela primeira vez, Russell dava-lhe razão em vez de ficar do lado de Stuart.

— Obrigada, Ev — murmurou, quase sem voz. — E o senhor também, papai... gostei...

Mari não controlou mais o pranto que aumentou diante da inesperada ternura de Russell.

— Agora vá para a cama, Mari — disse ele, conduzindo-a até a escada. — Amanhã cedo, estará mais calma e poderemos conversar. Você precisa dormir e não pensar mais nesse assunto.

Concordando com um sorriso trêmulo, Mari correu para o quarto. Quando fechou a porta, sua vontade de chorar desapareceu, como por encanto. O alívio que sentira por se livrar de Stuart se transformava em uma tímida esperança. Talvez, na manhã seguinte, tudo estaria bem de novo em sua vida.

— Deus do céu! Era só o que faltava!

Ev não controlou a indignação ao ler a carta de Kilia, que acabara de chegar pelo correio. Seu espanto foi tão grande que os óculos escorregaram pelo nariz.

— O que aconteceu? — Mari ergueu os olhos das contas que estava fazendo, surpresa com a veemência do velho amigo.

— Maldito Stuart Morgan! Aquele patife está espalhando calúnias por toda a ilha!

Saindo de trás da escrivaninha, Mari pousou o braço no ombro de Ev. Ele não podia irritar-se tanto.

— Nós já esperávamos uma reação desse tipo, Ev — disse com suavidade. — Não adianta se irritar nem perder a calma porque não podemos impedir que Stuart abra a boca.

— E não é tudo! — Ev continuava lendo a carta. — O maldito está dizendo que Adam rompeu o noivado com Jane por sua causa.

— O quê? — Mari o interrompeu, sentindo o coração disparar e o mundo girar ao seu redor

— É isso mesmo, querida. — Ele sorriu com ar conspira-dor. — Kilia diz que apenas está repetindo os últimos boatos... bastante fortes e freqüentes!

Mari sentia vontade de pular e cantar de alegria. Afinal, Adam não mentira! Realmente ia anular o noivado com Jane! Mas antes que ela tivesse tempo de fazer qualquer comentário, Ev prosseguiu.

— Há mais novidades, Mari. E infelizmente não são agradáveis. — O rosto de Ev refletia preocupação.

— Então me diga toda a verdade, Ev — pediu ela, preparando-se para o pior.

— A Sra. Foster não desistiu e todos estão dizendo que a mãe de Adam e o rei se uniram para forçá-lo a se casar com Jane. Dizem que Adam está desrespeitando as antigas tradições e ofendendo a autoridade real com sua atitude de revolta.

Mari sentou-se novamente, sem enxergar mais os números no papel à sua frente.

— Por favor, não me poupe, Ev. Eu preciso saber de tudo.

— Uma baleeira parou no porto de Honolulu para se abastecer e o marido de Kilia ficou sabendo mais notícias.

— Que notícias?

— “Correm boatos de que Stuart será preso” — Ev passou a ler a carta em voz alta. — “Aparentemente, ele enganou alguns investidores na Califórnia, convencendo-os a aplicar uma fortuna naquela droga de canavial que nunca dará lucro algum.”

— Não é de admirar que Stuart tivesse tanto interesse no meu dote!

Mari estava tão perturbada com as novidades que não conseguia mais

prestar atenção nas contas. Quando Ev decidiu encerrar o trabalho daquele dia, ela concordou sem argumentar. Faltava pouco para a hora do jantar e, apanhando um xale, foi admirar o belo entardecer.

Ao passar perto dos *paniolas*, teve a impressão de que eles evitavam fitá-la. Claro! Um dos vaqueiros trouxera a carta do barco... onde devia ter ouvido os boatos.

Eles sabiam de tudo e estavam com medo dos antigos tabus... Não ignoravam que ela estivesse envolvida em todo esse escândalo e certamente a julgavam responsável por ele!

Os vaqueiros entraram rapidamente na cavalaria como se quisessem evitar qualquer contato e Mari. Sentindo-se derrotada, ela voltou para casa.

Precisava lutar contra a depressão ou acabaria permitindo que meros boatos destruíssem suas esperanças. Afinal, não passavam de comentários sem fundamento.

CAPÍTULO XXIV

Mari só percebeu a enorme distância que haviam percorrido quando avistou os rochedos do fim da praia. Ela se distraíra ensinando às crianças o nome de tudo o que encontravam na areia e haviam se afastado muito do ponto de encontro.

Oito alunos tinham chegado bem cedo à fazenda para o tão esperado dia de passeio. O velho *paniolo* que iria buscar a correspondência deixara o grupo a alguns quilômetros ao sul de Kawaihae e voltaria para buscá-los no final da tarde.

Na hora do almoço, ela havia colocado uma toalha sobre a relva com o piquenique que Kee arrumara em um cesto de vime. As crianças tinham repetido alegremente o nome dos alimentos em inglês e havaiano enquanto saboreavam os petiscos preparados pelo cozinheiro dos Webster.

Ela e as crianças tinham recomeçado a caminhar pela praia logo após a refeição e, entusiasmados demais para se dar conta da distância, haviam chegado a uma barreira de rochas intransponíveis.

Então, Mari olhou para trás e se conscientizou da gravidade da situação.

A manhã fora clara com apenas uma tênue faixa de névoa obscurecendo o horizonte. O vento começara a soprar na hora do almoço mas Mari não se preocupara porque sempre havia uma brisa mais forte, vinda do mar. Com a atenção voltada para as conchas encontradas na areia, nem ela nem as crianças haviam percebido que uma enorme massa de nuvens cinzentas avançava pelo céu e, em breve, cobriria o sol de meio dia. No interior da ilha, o pico do Mauna Loa ainda recebia os raios solares... mas por muito pouco tempo!

As nuvens pesadas e baixas moviam-se com uma velocidade assustadora, impulsionadas por um vento ameaçadoramente forte. Em segundos, o dia perdeu a luminosidade, tão típica do Havaí, assumindo a coloração quase púrpura do crepúsculo e indicando que a tempestade não tardaria.

A força do vento aumentava a cada instante, jogando as ondas ao encontro dos rochedos e os relâmpagos começavam a iluminar o horizonte, seguidos por trovões ensurdecedores. O único abrigo ao longo da praia era o grupo de palmeiras onde ainda estava a cesta do piquenique.

— Vamos, crianças. Já é hora de voltar.

Mari tentara não alarmá-los mas a súbita ausência do sol já tinha chamado a atenção de todos para a tempestade e ninguém disfarçava o medo.

— *Auwe* — o filho do chefe havaiano estava nitidamente apavorado. — É o Grande Vento!

Mari forçou-se a não perder a calma. Se entrasse em pânico, não teria condições de ajudar as crianças. Mas as histórias que ouvira sobre o furacão, o Grande Vento, voltavam à sua mente. As pessoas mais velhas ainda se lembravam de ondas gigantescas levadas pelo vendaval que haviam varrido a ilha, destruindo tudo em seu caminho. O vento tinha sido tão forte que arrancava árvores e derrubava casas.

Rapidamente, ela agrupou todas as crianças e começaram a voltar para o outro extremo da praia. Logo passaram a correr. Bastara um outro olhar ao horizonte para confirmar suas suspeitas: em questão de minutos, eles estariam no meio de um furacão.

Se a tempestade os alcançasse enquanto ainda estavam na praia, eles seriam varridos pelas águas. Mari apressava as crianças, ignorando os protestos. Sentia-se responsável por todos e tinha de encontrar um lugar seguro para abrigá-los. O vento quase os impedia de se manterem em pé e só prosseguiram levadas pelo medo.

Quando chegaram ao local do piquenique, Mari viu que o vento espalhara tudo que haviam deixado sobre a areia. Os coqueiros se dobravam e suas palmas tocavam o chão. Deixando para trás a cesta e os agasalhos, ela conduziu as crianças pela subida entre os rochedos em direção à estrada e procurou o local onde deviam esperar a carroça.

O veículo se materializou diante dos olhos de Mari de um momento para o outro mas, enquanto ela ainda corria pela ladeira íngreme, o velho *paniolo* começou a soltar os animais.

— Por Deus! O que está fazendo?

Desesperada, Mari percebeu que o som de sua voz era levado pelo vento. As ondas quebravam com um fragor como ela nunca ouvira.

— Não! — gritou ela mais horrorizada ao ver que o vaqueiro batia nas ancas dos animais. — Nós temos de fugir na carroça!

O *paniolo* já vira o grupo se aproximando e correu para encontrá-los. Mari ouvia os sons de suas palavras mas não compreendia o sentido. Apavoradas, as crianças choravam, porque sabiam que o pior ainda estava por vir.

Uma trilha estreita na encosta da colina levava até os rochedos e, no

meio do caminho, havia uma espécie de caverna cavada na superfície da rocha. Algumas pedras protegiam a entrada dessa abertura e talvez lhes servisse de abrigo. O velho vaqueiro, que corraera ao encontro dela, confirmou sua decisão.

— É um *'ino'ino* — gritou ele, contra o vento. — É a grande tempestade! Precisamos nos proteger entre as rochas! Rápido!

Mari olhou o mar e estremeceu de terror. As ondas se erguiam com uma violência fatal e as águas já haviam coberto toda a praia. Se tivesse parado para reunir os pertences espalhados pelo vento, estariam todos mortos!

Ela afastou os cabelos que caíam sobre o rosto e, sabendo que o vaqueiro não a ouviria, apontou a abertura no rochedo. Tentou falar, mas o *paniolo* não entendia as palavras levadas pelo vendaval. Os dois começaram a conduzir as crianças pela encosta da colina e em seus rostinhos molhados de lágrimas caíam os primeiros pingos de chuva.

Ao chegarem à caverna, ela teve de erguer cada aluno até a altura da abertura estreita. Depois de levantar uma a uma com toda a rapidez possível, conseguiu entrar pelo vão entre as pedras com a ajuda do *paniolo*. Então estendeu-lhe a mão e o pequeno grupo se aglomerou junto à parede mais protegida da gruta.

Embora uma abertura permitisse a entrada da chuva, a caverna formava um escudo contra o vendaval. Estavam protegidos, principalmente, do lado em que o vento soprava com maior violência. Mari e o vaqueiro agiram em silêncio e fizeram as crianças se sentarem encostadas à parede de pedra, bem juntas umas às outras, onde uma ligeira saliência no alto da rocha também dava alguma proteção contra a chuva. Só então os dois se sentaram diante deles para protegê-los melhor.

A violência da tempestade ultrapassava tudo o que Mari tinha imaginado. Nem as piores que ela enfrentara no navio, a caminho do Havaí, haviam sido tão assustadoras. O assobio do vento entre os rochedos era ensurdecedor!

Sem aquele abrigo providencial, eles teriam sido varridos pelo vendaval. Ainda assim, Mari temia que a fúria do vento os arrancasse dali porque sentia os cabelos e as roupas sendo puxadas do corpo. Em poucos minutos, ela e o velho estavam encharcados pela chuva forte e tremiam de frio. As crianças, mais protegidas, continuavam abraçadas e com os olhos fechados.

O tempo se transformou em um vácuo, sem começo e nem fim... Não havia nada no mundo além do rugir da tempestade. Quando Mari percebeu que a água escorrendo por seu rosto era salgada, foi tomada por um novo

pavor. A força do vento poderia levar o mar até o alto dos rochedos? Um olhar ao *paniolo* confirmou que ele sentia o mesmo receio.

Tão rapidamente quanto começara, a tempestade passou e a caverna foi invadida por um estranho silêncio. Durante alguns segundos ninguém falou e todos se entreolhavam inquietos.

— Precisamos sair daqui imediatamente! — Mari exclamou erguendo-se.
— A tempestade pode começar de novo.

— *A'ole* — o velho vaqueiro ordenou, fazendo um gesto para contê-la. — Não! Isto é apenas *maka*, o olho do Grande Vento.

— Como? — Mari não compreendia.

— Só enfrentamos a metade do furacão!

Levantando-se cautelosamente, ele espiou pela fresta na rocha. Depois chamou-a com um gesto, indicando que as crianças deviam permanecer onde estavam.

Ao olhar para fora, Mari não conteve uma exclamação de susto. Havia um espaço de imobilidade sinistra sobre a praia mas, ao redor do centro da tormenta, o vento agitava as ondas e turbilhonava as nuvens negras.

— Eu não compreendo... — ela começou a dizer.

— Estamos no centro da tempestade — ele explicou. — Logo o vento retornará. Volte para junto das crianças.

Mas Mari não se movia, incapaz de acreditar em seus próprios olhos. A praia onde haviam passeado pela manhã desaparecera sob o mar! A água chegava quase até a altura dos rochedos e, se subisse ainda mais com a volta do furacão, inundaria o refúgio!

— Ela não vai chegar até aqui — o vaqueiro falou em voz baixa para que as crianças não ouvissem. — E quando a tempestade acabar, iremos a pé até a fazenda. Kawaihae fica muito longe e certamente o seu pai mandará alguns *paniolos* a nossa procura, assim que o tempo melhorar.

Ela concordou com um aceno e voltou ao lugar, sabendo que não podia alarmar ainda mais as crianças. Todas estavam muito quietas, nervosas demais até para falar.

A tempestade voltou subitamente e mais assustadora. Os minutos não passavam, longos como a eternidade, e Mari sentiu que fazia uma viagem no tempo. Viu-se, ainda menina em New Bedford, rebelando-se contra os avós. Reviveu a viagem com o capitão Sloan através do cabo Horn e sua chegada ao Havaí, onde conhecera Adam.

Adam... Ela se apaixonara perdidamente e talvez nunca chegasse a saber se também fora amada. Algum dia teriam conseguido se casar. As horas

passaram, a noite chegou e a agonia continuava, interminável. Mari perdera as esperanças de sair dali com vida.

Apesar do mundo todo se resumir ao barulho ensurdecedor do vento e do mar, Mari ficou estranhamente sonolenta e pensou na deusa Pele. Talvez tivesse provocado a fúria da deusa e estivesse novamente em perigo porque havia desobedecido os antigos tabus. Então, ela foi vencida pela exaustão física e adormeceu.

O *paniolo* sacudiu Mari delicadamente para acordá-la e ela lutou para erguer o corpo, sentindo agulhadas de dor nas pernas anestesiadas pelo frio. Batia tanto os dentes que não conseguia falar mas pôde perceber que a tempestade tinha diminuído. O vento já não era tão forte e a chuva caía num ritmo mais regular.

— Acho que devemos subir até o alto do rochedo — o vaqueiro murmurou. — Apesar do vento ter diminuído, a água está subindo.

Mari concordou e procurou levantar-se, lutando para reativar a circulação das pernas. Não podia entregar-se, deixando que os meninos corressem perigo de vida. Todos já haviam levantado, demonstrando a mesma coragem que ela admirara desde o início. Tinham a bravura indômita de seus ancestrais polinésios.

Embora sentisse pavor de abandonar a segurança da caverna, Mari sabia que precisavam atingir um terreno mais elevado. A chuva praticamente terminara e a lua começava a surgir entre as nuvens. O *paniolo* subiu até a pequena abertura e ela foi lhe entregando as crianças, uma a uma.

Quando ia entregar o último menino e finalmente subir, aconteceram dois fatos simultâneos. Ouviu-se um grito vindo do alto do rochedo e a água começou a entrar na caverna.

Logo os pés de Mari foram cobertos e o nível da água não parava de se elevar. Ela ergueu o último menino acima de sua própria cabeça, pedindo ajuda ao vaqueiro. O velho tinha virado o rosto um momento para chamar os homens que chegavam para socorrê-los e, ao voltar-se, ficou apavorado.

Já no topo de rochedo, as crianças perceberam que o nível da água subia perigosamente e começaram a gritar. Nesse momento, um homem começou a descer pelo caminho a fim de socorrer Mari e a criança.

Depois de ajudar o vaqueiro a pegar a última criança, ele subiu pela abertura da fresta. Segurando Mari com firmeza, ergueu-a acima do nível da água, que já chegava à altura dos joelhos. Ela conseguiu passar pela fresta com muita dificuldade porque suas pernas não obedeciam. Exausta, deixou o rosto pousar sobre a jaqueta de couro de seu salvador.

Naquele momento a lua saiu inteiramente por detrás das nuvens, iluminando o rosto tenso do homem com quem ela acabava de sonhar... Era Adam.

— Oh, Mari — exclamou ele em tom de reprovação, mas com a voz entrecortada pelo medo. — O que vou fazer com você?

Sem se preocupar com a presença dos outros vaqueiros, ele prendeu-a nos braços, beijando-a apaixonadamente.

— Adam, Adam... você veio! — ela sussurrava, num fio de voz.

— Nada teria me impedido de vir — disse mais aliviado. — Foi uma sorte eu ter encontrado um barco para sair de Honolulu um pouco antes da tempestade.

Então Adam tirou a jaqueta de couro e agasalhou-a bem. Depois deu rápidas instruções aos seus vaqueiros.

Na parte mais alta da estrada havia uma carroça, trazida por outros vaqueiros da fazenda Foster e, depois de acomodar todas as crianças, Adam carregou Mari até a proteção de uma rocha e lhe entregou uma camisa.

— Tire a roupa — ordenou.

Ela arregalou os olhos, perplexa. Então, ao perceber a intenção de Adam, ergueu o rosto indignada.

— Não! Eu não vou me despir!

— Não discuta, Mari! Tire a roupa imediatamente! Ela, porém, não se movia, tremendo de frio e indignação.

Adam perdeu a paciência e tirou a jaqueta de couro que tinha colocado sobre os ombros dela pouco antes.

— Você tem de tirar essa roupa molhada agora mesmo — ordenou ele.

— Se ficar se preocupando com um pudor ridículo, poderá apanhar uma febre forte e até morrer.

— Mas... mas eu não posso... não na sua frente — ela balbuciou, umedecendo os lábios nervosamente.

Adam a tomou nos braços e beijou suavemente o rosto pálido de Mari.

— Eu já a vi nua, já conheço cada curva de seu corpo, amor. — ele prosseguiu num tom ainda mais acariciante. — E quero que você viva, minha *wahine*... para que eu possa me fascinar novamente com a sua nudez.

Mari não resistiu mais e ele começou rapidamente a despi-la com mãos ágeis. Depois de ajudá-la a cobrir-se com a camisa, tornou a agasalhá-la com a jaqueta de couro. Abraçados, os dois retornaram até a carroça.

Adam ajudou-a a subir e a manteve em seus braços durante a viagem de volta à fazenda. Ainda enfrentaram rajadas de vento que obrigavam a carroça

a parar mas Mari, aninhada nos braços de seu amor, sentia-se em completa segurança.

— Eu te amo, Mari — murmurava ele, para que ninguém mais o ouvisse.

— Juro que nunca mais permitirei que você corra tanto perigo. Nunca mais!

Ela se aninhava nos braços de Adam, feliz demais para responder.

— Você é minha *wahine*... e logo será minha esposa. Mari desejou que aquela viagem nunca mais terminasse.

Quando chegaram à fazenda, Adam pegou Mari no colo, carregando-a até a casa, apesar de seus protestos de que estava em condições de andar. Os pais das crianças os esperavam, pois tinham deixado seus lares para formar um grupo de socorro que seria liderado por Russell tão logo a tempestade amainasse.

Adam levou Mari diretamente para o quarto e tirou a jaqueta de couro para deitá-la na cama. Apesar de continuar tremendo como se nunca mais fosse sentir calor, ela se divertiu com a expressão de espanto de Agnes. A madrastra não conseguira disfarçar a surpresa ao ver que a enteada estava usando apenas uma camisa de homem sobre o corpo.

Percebendo que Adam não pretendia sair do quarto de Mari, dando ordens para que trouxessem água quente e uma tina de banho, Agnes resolveu tomar conta da situação.

— Compreendo a sua preocupação mas pode deixar que eu cuidarei de tudo, Sr. Foster. É melhor esperar na sala... com os outros homens.

Agnes sorriu para amenizar a rispidez de suas palavras e demonstrar que aceitava a preocupação dele com a mulher que amava.

Nesse momento, Russell entrou no quarto e observou a cena. Ele compreendia o significado da presença de Adam e o fitou com um olhar de agradecimento. Depois sentou-se ao lado de Mari e a abraçou, imaginando o horror que ela enfrentara durante as últimas horas.

Ele também sofrerá naquelas horas de angústia, pensando que a filha poderia estar morta. Através do sofrimento, descobrira o quanto amava a filha. Durante o longo período de espera até a tempestade amainar, tinha refletido sobre o passado, admitindo os erros que cometera com ela. Agora estava determinado a agir de forma diferente.

— Beba um pouco, Mari — ele disse com uma inesperada suavidade, estendendo um copo de uísque. — É bom para ajudá-la a se aquecer.

Ela hesitou e, ao dar o primeiro gole, sentiu que o líquido queimava sua garganta.

— Beba tudo — insistiu Russell.

Ainda trêmula, Mari segurou o copo com as duas mãos e engoliu em um só trago, engasgando e tossindo.

Russell levantou-se e trocou algumas palavras com Adam em voz baixa. Em seguida, os dois saíram, prometendo voltar depois que ela tomasse o banho e se deitasse.

O uísque começou a fazer efeito quase imediatamente e Mari sentiu o corpo mais quente e menos letárgico. Quando deitou-se, depois do banho bem quente, sentiu as pálpebras pesarem mas lembrou-se dos alunos e ergueu-se, quase dormindo, para perguntar como estavam.

— Eles estão muito bem — Agnes respondeu baixinho. — Armamos camas para todos na sala de visitas e na de jantar. Só partirão amanhã, com os pais, quando o dia clarear.

— E a fazenda? O furacão causou muitos danos?

— Ainda não sabemos. Os homens sairão amanhã cedo para ver se o gado se espalhou ou não. Geralmente, conseguimos nos defender muito bem desse tipo de tempestade. — Ela fez uma pausa e arrumou melhor os cobertores. — Agora, não se preocupe com mais nada, querida.

Cedendo à sonolência, Mari fechou os olhos e ouviu Agnes sair. Ela não percebeu que não ficara sozinha no quarto até sentir um beijo suave nos lábios. Entreabriu os olhos novamente e viu os olhos negros e brilhantes do homem que tanto amava.

Adam sentou-se em uma cadeira ao lado da cama e, embora tivesse tomado banho e trocado de roupa, seu rosto continuava pálido e abatido.

— Eu estou bem agora, Adam — murmurou ela vagarosamente, por causa do cansaço e do uísque. — E... eu também te amo... muito.

Ele sorriu, incapaz de conter a felicidade que o invadia. Mari nunca estivera tão linda como naquele instante: os cabelos loiros brilhavam como fios de prata à luz do lampião, o rosto delicado recuperava a cor e os longos cílios sombreavam os olhos castanhos que o fitavam com amor. Sem uma palavra, tornou a beijá-la e dessa vez seus lábios selaram a promessa de que ficariam juntos para sempre.

Embora mais fracas, as chuvas continuaram a cair por vários dias mas Mari sentia-se muito bem. A fazenda Webster, como a maioria das propriedades da região, não sofrerá muitos danos, tendo que recuperar apenas algumas cercas e telhados destruídos pelo furacão. Adam a visitava diariamente e passava horas conversando com Russell. A velha rivalidade entre vizinhos fora esquecida e ele era um convidado sempre bem recebido.

Adam e Mari começaram a fazer planos para o casamento e, ao

comunicarem sua decisão à família, surpreenderam-se porque ninguém se espantou com a notícia. Tudo parecia perfeito mas a futura noiva ainda tinha duas preocupações que lhe tiravam o sono: o medo da reação do rei ao casamento e a atitude da mãe de Adam.

Uma tarde, a Sra. Foster foi à fazenda. Agnes levou a visita até a sala e desculpou-se, sabendo que as duas precisavam conversar a sós. Mari estava finalmente diante da única pessoa que ainda poderia ser um obstáculo ao seu casamento.

A visitante hesitava, como se não soubesse por onde começar. Kee entrou com a bandeja do chá e tornou a sair, fechando a porta. Mari serviu uma xícara e entregou-a à mãe de Adam.

— Estou muito contente com sua vinda — disse Mari para quebrar o silêncio penoso e deixar a mulher mais à vontade.

A Sra. Foster sorriu timidamente e, depois de tomar um gole do chá, pousou a xícara sobre a mesinha.

— Mari, eu vim para lhe dar as boas vindas em minha família. E... não sei bem o que dizer...

Mari foi sentar-se ao lado dela no sofá, dando-lhe a mão.

— Eu imagino o quanto é difícil, portanto permita que eu lhe diga algo, o mais importante de tudo... Eu amo Adam e sempre o amarei. Acho que serei uma boa esposa para ele.

A Sra. Foster abraçou-a emocionada, com lágrimas nos olhos.

— Eu sei, minha querida. Sempre soube. Por favor, perdoe a minha intromissão indesculpável. Procurei me redimir porque amo demais o meu filho.

— Então, a senhora quer dizer que...

— Sim — a Sra. Foster prosseguiu. — Antes do furacão, quando Adam ainda estava em Honolulu, eu conversei com o rei e lhe implorei que desconsiderasse o meu pedido anterior de anunciar o noivado de meu filho com Jane.

— Não se preocupa mais com suas crenças? Com os antigos tabus?

— Já não consigo acreditar que o meu marido tenha morrido porque eu desobedeci um velho tabu — ela disse com os olhos brilhando de lágrimas contidas. — Mesmo apesar de acontecerem fatos estranhos em nossas ilhas que sempre são atribuídos aos antigos deuses. Especialmente a Pele. Por falar nisso, você já soube dos últimos boatos, Mari?

Mari apenas sacudiu a cabeça, intrigada com a mudança na expressão da mãe de Adam que subitamente a tratava como se fossem cúmplices.

— Correm boatos sobre a sua semelhança com Pele. Claro que os ilhéus já haviam ficado muito felizes quando você salvou as crianças. Depois ouviram o que o rei declarou ao anular o noivado de Jane e Adam e as palavras dele causaram impressão.

— O que ele disse? Eu não soube.

A Sra. Foster fez uma pausa para dar maior ênfase às palavras e Mari admirou seu instinto teatral.

— O rei disse que Pele, muito mais poderosa do que qualquer furacão, tinha protegido você e as crianças. Ele já sabia que você havia salvado o filho do grande chefe. E considera a proteção da deusa um sinal claro de que agora você é uma verdadeira havaiana e pode, portanto, ser uma boa esposa para Adam.

— E qual é a sua opinião, Sra. Foster? — Mari perguntou num fio de voz.

— A senhora concorda com o rei?

As duas se entreolharam durante vários segundos.

— Eu concordo plenamente, Mari. Não existe nenhuma outra mulher tão perfeita para meu filho e acho que, no fundo, sempre soube disso.

Mari não controlou mais o pranto e a Sra. Foster abraçou-a ternamente, também com lágrimas deslizando pelo rosto pálido.

Depois de acenar para a Sra. Foster da varanda, Mari correu para contar as novidades a Agnes. Em seguida, foi preparar-se para receber o homem que amara desde o primeiro olhar. Queria estar linda para receber Adam, que viria jantar com eles. Nesta noite, marcariam a data do casamento. Já não havia nenhum obstáculo que os impedisse de se unirem para sempre.

Naquela manhã radiosa, quando Mari parou diante do espelho para examinar cada detalhe de sua aparência, sentia-se plenamente feliz. Enfim começaria a construir seu próprio mundo.

O longo vestido de cetim creme moldava seu corpo esguio e as delicadas rendas em torno do decote singelo acentuavam a beleza de seu rosto etéreo. Ela deixara os cabelos soltos, caindo como um manto prateado sobre seus ombros delicados, como sabia que Adam mais gostava. O véu translúcido estava preso por uma tiara de flores tropicais que o reverendo Henry e a esposa haviam colhido do outro lado da ilha.

— Você está linda, minha querida — Agnes exclamou, também muito elegante em um vestido de veludo verde. — É a noiva mais maravilhosa que já se casou em nossa ilha.

— Obrigada — murmurou Mari, emocionada.

Ela ainda não conseguia acreditar que, dentro de poucos instantes, se

tornaria a esposa de Adam. Logo seria a mulher dele e faria parte da ilha que dera a volta ao mundo para encontrar.

Por um momento, seus olhos perderam o brilho de felicidade enquanto pensava nos avós. Tinha escrito uma carta contando-lhes que encontrara o pai, mas nunca recebera uma resposta. Então lembrou-se do capitão Sloan e desejou que ele estivesse presente para partilhar sua felicidade. As memórias foram se somando rapidamente: o primeiro encontro com Adam, a erupção dos vulcões, Stuart e suas pretensões. Naquele momento, ele estava a caminho da Califórnia, prestes a enfrentar a lei e os investidores a quem pretendia pagar com o dote de Mari.

As lembranças continuavam a surgir como se naquele momento de antecipação, quando estava no limiar de uma nova vida, ela quisesse se reconciliar com o passado e reviver os momentos felizes. Recordou o bondoso Ev, afirmando que ela continuaria a ser sua herdeira, apesar de estar se casando com o maior proprietário de terras das ilhas; o pai, expressando todo o seu orgulho pela filha e demonstrando, finalmente, seu amor; Agnes, tão feliz porque poderia dar mais um filho ao homem amado. Nesse momento, Russell abriu a porta e parou no umbral para, admirar a noiva. Ele aproximou-se da esposa e deu-lhe um beijo amoroso que provocou um rubor de prazer no rosto delicado de Agnes. O pequeno Seth estava logo atrás do pai e correu para beijar a irmã.

— Eu amo você, Mari — declarou o garotinho, com um ar importante, porque iria segurar a cauda do vestido quando o pai conduzisse a noiva até a sala.

Então, impulsivamente, Russell também beijou a filha.

— Muitas felicidades, querida — murmurou ele, comovido. — Nenhum pai se sente mais orgulhoso do que eu, filha.

— Já está na hora e preciso descer — disse Agnes com uma risada alegre. — Afinal, se eu não tocar o cravo, a cerimônia não pode começar!

Instantes depois, soavam as primeiras notas da marcha nupcial.

— Você está pronta? — o pai ofereceu o braço a Mari. Os dois começaram a descer os degraus lentamente e Seth,

mais atrás, erguia a ponta da cauda. Nesse momento, a enormidade do caminho percorrido até aquela sala em uma ilha tropical ficou muito clara na mente de Mari. Ela partira de New Bedford há uma eternidade...

Adam não tirava os olhos da noiva que cruzava a sala decorada para a cerimônia. Ela também o fitava, lendo as promessas de um futuro de felicidade no brilho apaixonado daquele olhar que a enfeitiçara desde o

primeiro encontro.

Quando o reverendo Henry declarou-os marido e mulher, a sensação de felicidade foi tão profunda que chegou a roubar a respiração de Mari. Adam aproximou os lábios e o beijo selou a tão sonhada realização de um grande amor.

— Agora você é minha — ele sussurrou quando afastou ligeiramente os lábios. Mas não resistiu e voltou a beijá-la, sob aplausos dos convidados.

— Sou sua, amor — ela concordou suavemente. — Para sempre.

Mari reconhecia que o destino fora magnânimo. O reverendo Henry os abençoara em nome da religião no entanto ela sabia que até a deusa Pele estava contente. Se realmente existissem os deuses que pareciam continuar habitando aquela ilha do paraíso...

Eles se beijaram novamente, conscientes de que jamais se separariam enquanto vivessem. Começavam agora a tornar realidade o sonho de unirem suas vidas e suas forças para criarem um verdadeiro império rural nas ilhas do Havaí.

Ao unir-se a Adam, ela finalmente encontrara seu destino. Juntos, criariam raízes que se prenderiam nas rochas vulcânicas, aprofundando-se no solo da nova terra de Mari.

Daquele momento em diante nada mais poderia derrotá-la. Adam estava a seu lado.

